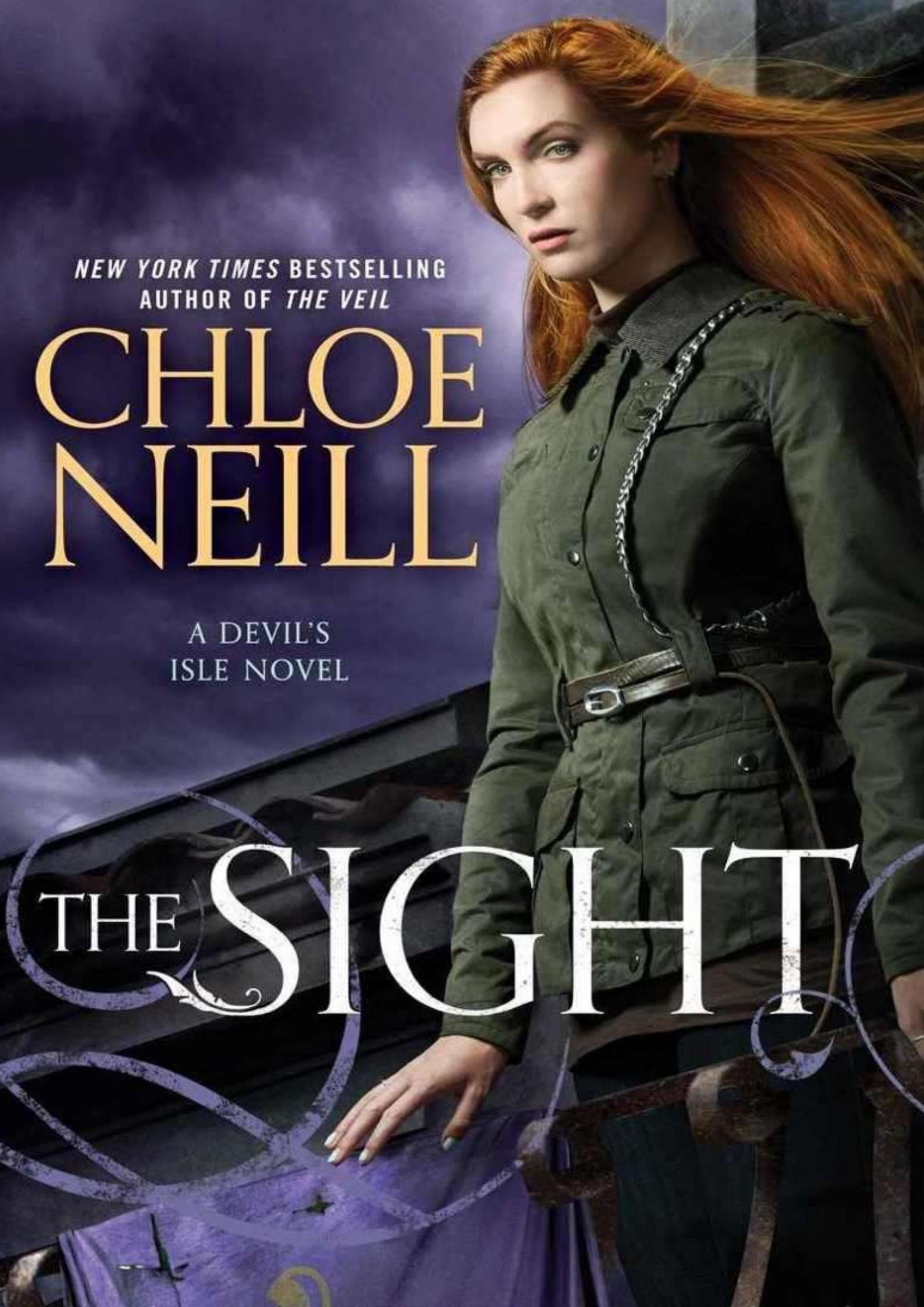


The background of the cover features a woman with long, flowing red hair, wearing a dark green military-style jacket with a silver chain strap and a brown belt. She is looking over her shoulder towards the viewer. The setting appears to be a dark, possibly industrial or historical, environment with a cloudy sky. The title 'THE SIGHT' is written in a large, white, serif font, with 'THE' in a smaller size. The author's name 'CHLOE NEILL' is in a large, gold, serif font. Above it, the text 'NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF THE VEIL' is in a smaller, white, sans-serif font. The overall mood is mysterious and dramatic.

NEW YORK TIMES BESTSELLING
AUTHOR OF *THE VEIL*

CHLOE
NEILL

A DEVIL'S
ISLE NOVEL

THE SIGHT



THE SIGHT

A DEVIL'S ISLE NOVEL

CHLOE NEILL

A guerra Paranormal que engoliu Nova Orleans há sete anos acabou. Mas a batalha pela cidade está apenas começando...

Claire Connolly é uma Sensitiva, infectada com magia quando o Véu que dividia a humanidade do Outro Mundo caiu. Magia pode facilmente consumir e destruir um Sensitivo, e se o segredo de Claire for descoberto, ela ficará presa no distrito murado da Ilha do Diabo, juntamente com todos os outros paranormais que restarem na cidade.

O caçador de recompensas, Liam Quinn, descobriu o segredo de Claire, mas recusou-se a entregá-la. Juntos, eles salvaram Nova Orleans do ressurgimento da magia que quase a destruiu. Mas agora um culto perigoso está em ascensão, e serão necessários tanto Claire e Liam – e aliados mágicos dentro das imponentes muralhas da Ilha do Diabo – para derrotar a ameaça oculta antes que a magia corrompa os dois...



Capítulo 01

Nova Orleans, Louisiana

Final de novembro

Nós estávamos em uma caminhonete que viu muitos quilômetros – mais de trezentos mil, de acordo com o odômetro. As janelas estavam abertas para o calor, umidade e sol, tudo isso forte, mesmo no início da manhã. Mas isso era Nova Orleans para você.

Prendi meu cabelo vermelho e amarrei até o coque estar seguro, então encostei minha cabeça na porta. Até a brisa quente era melhor do que nada. A caminhonete balançando embaixo de nós, a cidade quase silenciosa ao nosso redor, meus olhos se fecharam.

— Você vai cair no sono?

Olhei para o homem no banco do motorista. Liam Quinn era alto e magro, com músculos duros e definidos. Seu cabelo era escuro e curto, e combinava com a barba ao longo de sua mandíbula. Seus olhos eram azul-claros, com cílios escuros e grossos o suficiente para deixar um fashionista com ciúmes.

Ele era inegavelmente bonito, sexy e fora dos limites.

E eu estava ficando louca por falta de sono. Poderia ter tirado uma soneca de dez minutos. Ou um cochilo de quatro horas. Mas como eu ainda tinha algo a provar, me endireitei, piscando forte para forçar os olhos a focarem. — Não. Totalmente acordada, com olhos na estrada e checando sobre meus ombros.

Ele parecia divertido. — Você está apenas balbuciando. Caçadores de recompensas não dormem no trabalho.

— Eu sou uma caçadora de recompensas em treinamento — aponteí.
— E eu não estava dormindo. Estava... Silenciosamente preparando o interrogatório.

Liam era o verdadeiro caçador de recompensas, e passamos horas procurando em Lower Ninth Ward por um espectro, um humano infectado por magia. Não o encontramos, o que foi um mau resultado para todos. A Contenção não ficaria feliz, e o espectro ainda estava à solta, ainda uma ameaça para a população e para ele.

— Você fez bem esta noite. Não conseguimos um ótimo resultado, mas você fez bem. — Ele fez uma pausa. — E eu ainda estou pensando naquele futebol.

Assenti. — Sim. Eu ainda estou pensando nos cartões de beisebol. — Não encontramos o espectro em nenhuma das casas abandonadas em que procuramos, mas havíamos encontrado um antigo apartamento de solteiro com uma caverna para homem e muitas recordações esportivas.

— Eu sei que o proprietário pode voltar — disse, deixando meus dedos surfarem ao vento do lado de fora da caminhonete. — É improvável, mas é possível. É só que alguém realmente amou aqueles cartões e eles estão ficando mais mofados a cada dia.

Liam sorriu um pouco. — E você quer colocá-los na loja.

A *loja* era Royal Mercantile, minha loja no French Quarter. Ou o que sobrou depois da guerra com os Paranormais. Eles vieram através do Véu, a barreira separando o mundo deles do nosso, e espalharam destruição e caos no sul. Nova Orleans foi o ponto zero.

— Para exibição e segurança — disse. — Não para venda. — Olhei para ele, seus músculos esticados sob a camisa de manga curta, mãos fortes no volante. — Você gosta de esportes?

Ele levantou uma sobrancelha. — Eu gosto de esportes? Você parece uma mulher que nunca disse essa palavra antes.

— Meu pai não se importava com sportsball¹.

— Você sabe que isso não está certo.

¹ Expressão usada para depreciar ou por quem não gosta ou entende de esportes que envolvem bola.

— Sim — admiti. — Mas gosto do som disso. — Olhei para ele, o corpo longo e esguio com peito e braços poderosos. — Eu diria quarterback, possivelmente receptor. Talvez arremessador, talvez atacante em um sportsball. — Não era difícil imaginá-lo se preparando para uma disputa.

Ele balançou a cabeça, mas um canto de sua boca ainda estava curvado em um sorriso. — Eu joguei sportsball no ensino médio. Atacante.

— Acertei em cheio.

— E você? — perguntou ele.

— Pratiquei corrida por um par de anos no ensino médio, até que percebi que eu realmente não gostava de correr.

— Você corre muito agora — disse ele, virando para North Claiborne.

— Isso é porque estou perseguindo algo. Se houvesse Paranormais e espectros me perseguindo na escola, eu teria me esforçado mais.

Quando a caminhonete começou a desacelerar, eu olhei para cima. A rua estava vazia; o nosso era o único veículo. — Se ficarmos sem gasolina, você tem que me levar de volta ao Quarter.

Liam apenas balançou a cabeça. — Olhe — disse ele, apontando para o lado da estrada.

Um outdoor em frente a uma oficina de automóveis foi coberto com uma tinta amarela que queimava os olhos. MORTE AOS PARANORMAIS foi pintado em enormes letras vermelhas.

— Desci esta rua ontem — disse Liam, olhando para o sol enquanto se inclinava para olhar pela janela, sua colônia permanecendo levemente atrás dele quando se endireitou novamente. — Isso não estava lá.

— É novo — disse, apontando para os baldes, pincéis e latas de tinta spray que cobriam o estacionamento em torno do poste.

— Eu achava que você não vendia essas coisas. Sabe quem comprou?

Sacudi a cabeça. — Os suprimentos não vieram da minha loja. A única tinta que eu tenho é branca, e não tenho tinta spray.

— Os pincéis?

Balancei a cabeça novamente. Quem quer que tenha pintado o outdoor usara rolos de espuma para pintar as letras grandes. — Apenas pincéis de cerdas. Eles não são da Royal Mercantile.

Os suprimentos poderiam ter vindo de qualquer lugar – e de qualquer um com uma opinião formada. A guerra com os Paranormais havia começado há sete anos e terminado um ano depois, mas o outdoor mostrava que a animosidade não desaparecera completamente.

— Devemos contar a Gunnar — falei, pensando em um dos meus amigos mais íntimos e o segundo no comando da Contenção, a divisão do Comando Combatente Paranormal que gerenciava tudo na antiga zona de guerra, incluindo a Ilha do Diabo, a prisão onde os Paranormais estavam encarcerados – ou deveriam estar. Havia Paras que conseguiram fugir da prisão e fugitivos humanos recentemente infectados por magia que ainda não foram capturados. É por isso que caçadores de recompensas como Liam tinham emprego.

Com o olhar ainda cauteloso, Liam prosseguiu, levando-nos para mais perto das imponentes muralhas da Ilha do Diabo, as quais cercavam o bairro de Marigny. — Diga a Malachi e os outros também. Eles deveriam saber que alguém está sendo agressivo.

Malachi era um anjo e um amigo, e um membro da Delta, um grupo de humanos e Paras dedicados a mudar a visão sobre os Paranormais. A existência deles provava que nem todos os Paranormais eram inimigos, assim como o outdoor mostrava que nem todos os humanos eram aliados.

A parte complicada era dizer a diferença.

* * *

Era uma manhã de sábado no French Quarter, e não havia uma única pessoa à vista. Minha loja – o primeiro andar de uma casa de três andares na Royal Street – era um dos prédios sortudos que não foram destruídos, embora vendêssemos muito mais MREs e água engarrafada atualmente do que aparadores antigos.

Liam parou em frente à loja. Nossa bandeira da vitória – uma flor de lis dourada em um campo de púrpura – agitou na brisa da sacada do segundo andar.

Saí da caminhonete e entrei no calor que já era opressivo às oito da manhã, depois me inclinei para olhar pela janela aberta. — Você quer entrar para tomar um chá gelado?

— Sim — disse Liam sem hesitar, e desligou a caminhonete, me seguindo até a porta. Peguei um pedaço de papel e uma folha caída no limiar de azulejos e destranquei a porta.

Antecipando um dia quente, deixei a loja fechada. Encontrei um pequeno ar condicionado em um bazar algumas semanas atrás e consegui fazê-lo funcionar. A energia permaneceu ligada por tempo suficiente para esfriar o ar em alguns graus, afastando um pouco da umidade.

— Oh, isso é bom — disse Liam, parando dentro da porta com os olhos fechados, cílios negros contra as bochechas e as mãos em seus quadris estreitos.

Desejo, quente e forte como fogo, queimou meu peito.

Eu era uma Sensitiva, um dos poucos humanos expostos a magia que desenvolveu poderes mágicos como resultado. Isso significava que eu poderia me tornar um espectro, quase espectro, aparentemente um fantasma. Liam deveria caçar pessoas como eu, para trancá-las em segurança na Ilha do Diabo. Em vez disso, ele me apresentou a pessoas que estavam convencidas de que eu poderia controlar minha magia, que se tornar um espectro não era inevitável.

Mas isso estava sempre entre nós, a possibilidade da magia me dominar e ele ser forçado a me capturar. Ele acreditava que isso seria cruel e injusto para mim. E apesar da química entre nós, não era uma lacuna que ele conseguiu superar. Então me esforcei para ignorar o calor, a conexão. Isso envolveu muito esforço consciente da minha parte. E mesmo assim, eu não era muito boa nisso.

Virei a placa de FECHADA para ABERTA, forcei-me a colocar espaço entre nós, a atravessar a sala, passando por caixas de fita adesiva e sacos de feijão vermelho Camellia até a pequena cozinha. Abri o refrigerador, deixei o ar gelar minhas bochechas em chamas e, em seguida, retirei o jarro de chá gelado. Poderia ter servido uma bebida mais forte, mas isso teria que esperar.

Servi dois copos, encontrei Liam parado na ponta do balcão, onde espalhei os cacos de um relógio de cuco pendurado na loja. Eu me acomodei no banquinho atrás do balcão e deslizei o chá para ele.

— Novo projeto? — perguntou ele.

Olhei para as pilhas que eu já havia separado de fragmentos de madeira e metal, as figuras da Chapeuzinho Vermelho e do lobo, que saíam na frente do relógio. — Este é o relógio que os amigos do Agente Broussard destruíram. Foi um presente do meu pai, então vou consertá-lo.

— Você sabe como montar um relógio? — perguntou ele, parecendo impressionado.

Eu sorri. — Com tempo e paciência suficientes, você pode consertar qualquer coisa. Estou ignorando os mecanismos por agora... As engrenagens são muito pequenas. Vou consertar o revestimento primeiro.

O sino na porta soou quando dois agentes da Contenção entraram vestindo sua roupa escura. Não respirei até que eles ofereceram curtos acenos, indo para os enlatados. Eu ainda esperava a merda bater no ventilador novamente.

— Você quer ajudar? — perguntei a Liam, oferecendo um tubo de cola de madeira.

Ele franziu a testa para os pedaços. — Não sei se este é o meu talento ideal.

Bufando, eu coloquei a cola em um pequeno prato e passei uma escova nele. — E qual seria o seu talento?

— Cortar lenha — disse ele, enquanto eu colocava cola nas costas de uma lasca de madeira. — Trocar o óleo. Lutar contra saqueadores.

— Não preciso cortar madeira, e não tenho carro. Os saqueadores são mais propensos. É bom saber que você está preparado para isso.

Liam soltou um som sarcástico, depois olhou para a parede de relógios que ainda funcionava. — Eu deveria voltar para a Ilha do Diabo, dizer bom dia para Eleanor.

A avó de Liam morava na Ilha do Diabo, mas por escolha dela. Apenas alguns sabiam que ela podia ver a magia, o resultado do golpe de uma arma mágica durante a guerra.

A porta se abriu e meus outros dois amigos mais próximos entraram. Tadj Dupree acenou um olá enquanto entrava na loja. Ela usava uma calça cargo escura, uma blusa fluida e enormes brincos de aros de ouro e prata que brilhavam contra sua pele escura.

Gunnar Landreau era alto e militarmente apto, com cabelos escuros e ondulados, pele clara e um sorriso malandro. Ele usava uma farda escura da Contenção, mas estava muito decididamente do nosso lado. Seja qual for o *lado* que aquilo era.

— Vocês dois quase combinam hoje — disse eu, apontando para o uniforme enquanto eles se aproximavam. — Puxando uma coisa de Cagney e Lacey? Ou Abbott e Costello?

— As roupas deles combinavam? — perguntou Liam, com a cabeça inclinada.

— Não — disse Gunnar secamente. — Essas são as únicas duplas que ela conhece. Você sabia que ela não tinha uma televisão enquanto crescia?

— Criança desprovida — disse Liam, olhando para mim pensativamente. — Embora isso explique o *sportsball*.

Tadji bufou, colocou sua bolsa carteiro no balcão com um baque.

— Nós tínhamos uma televisão — corrigi. — Apenas não assistíamos com muita frequência. — Fiz um gesto para a bolsa de Tadj. — O que você tem nessa coisa?

Os agentes da Contenção se aproximaram do balcão com uma braçada de água e MREs, então eu abaixei o pincel e caminhei até a caixa de metal e o bloco de recibos para lidar com as compras.

— Minhas anotações — disse ela. — Estou esperando escrever alguns dos meus esboços hoje. — Tadj estava trabalhando em linguística. — E ouvi um boato de que há uma cafeteria em Tremé.

Ficamos todos parados, olhando para ela.

— Há um café em Nova Orleans? — perguntou um dos agentes, com esperança nos olhos.

— Esse é o rumor — disse Tadj. — Uma mulher montou um pequeno café em sua sala de estar, vendendo muffins e café. Vou dar uma olhada.

— E repassar a informação — pedi, colocando as compras dos agentes em uma sacola e oferecendo o troco. Fechei o caixa novamente e olhei para ela. — Tipo, Folgers, ou o quê? — O café era relativamente raro na Zona — um luxo de alto preço.

Os olhos de Tajji brilhavam. — Não sei. Mas eu vou descobrir.

Quando os agentes da Contenção saíram, eu olhei para Gunnar. — E o que está na sua agenda?

— Manter a Zona funcionando sem problemas, como sempre. — Ele olhou para Liam. — Você encontrou aquele espectro no Lower Ninth?

— Nós não encontramos — disse Liam, e Gunnar olhou para mim especulativamente.

— Nós? — perguntou ele. — Você foi com ele?

— Caçadora de recompensas em formação — disse eu, oferecendo-lhe uma saudação. — Ainda dá uma boa cobertura. — E me dá a chance de ter certeza de que quaisquer espectros levados para a Ilha do Diabo foram tratados da melhor forma possível. Devíamos muito a eles, pelo menos.

— Nenhum sinal do espectro — repetiu Liam —, mas encontramos outra coisa. Um outdoor gigante em Claiborne. *Morte aos Paranormais* pintado nele.

— Adorável — disse Gunnar. — Terei alguém para dar uma olhada.

— Quem tem tanto tempo livre em suas mãos? — perguntou Tadjji.

— Há muitas pessoas por aí com desilusões sobre Paranormais — disse Gunnar. — Muitas pessoas que acreditam em conspirações, ou que pensam que o governo lhes devia algo depois da guerra.

Para ser justo com essas pessoas, o governo sabia sobre o Véu. Mas não sabia quem estava esperando por nós do outro lado.

Falando de humanos furiosos, vozes altas começaram a encher o ar com o que soava como cantoria.

— O que é isso? — perguntei, olhando para a porta.

— Manifestantes? — perguntou Liam com uma carranca.

— Poderia ser — disse Gunnar. Liam, Tadjji e eu o seguimos para fora, depois viramos a esquina e descemos na Conti.

Cerca de uma dúzia de homens e mulheres, a maioria com seus vinte ou trinta anos, alguns um pouco mais velhos, outros mais jovens, estendiam-se pela Bourbon Street. Todos usavam tecidos caseiros, túnicas pesadas e vestidos volumosos e disformes.

Seus braços estavam unidos, e eles cantavam enquanto andavam, suas vozes entrelaçadas em uma estranha e complexa harmonia. Não reconheci a música, mas soava como um hino, com letras sobre a morte e o Calvário. Se fosse um tempo diferente, eles poderiam ter sido congregantes caminhando para uma igreja rural. Mas não vi muitos frequentadores de igreja carregando cartazes amarelos brilhantes com LIMPAR A ZONA OU MORRER TENTANDO em tinta vermelha.

Liderando o grupo, havia um homem de pele clara, cabelos escuros, constituição mediana e barba pesada. Ele era flanqueado por duas mulheres – uma clara, outra escura, mas ambas com olhos escuros que olhavam para o French Quarter com óbvio desdém.

Não era a primeira vez que havia manifestantes no Quarter; houve muitos durante e depois da guerra, quando era popular reclamar sobre como a guerra estava sendo travada ou como ela foi vencida. Mas a guerra terminara há seis anos e, como Sensitiva, eu não estava sentindo simpatia pelo movimento anti-magia.

Liam se mexeu, movendo um passo protetor para perto de mim enquanto observava o grupo com os olhos estreitados.

A expressão de Gunnar estava fria e vazia. Essa era uma habilidade particular dele – aquele olhar fixo que mostrava autoridade e dizia que não aceitaria nada de ninguém.

O homem da frente olhou em nossa direção, parou e ergueu as mãos. Como uma orquestra seguindo um maestro dirigindo sua sinfonia, os manifestantes pararam atrás dele e o silêncio se instalou.

Ele andou na nossa direção. Ele usava um sorriso fácil, mas havia algo muito frio atrás de seus olhos escuros e profundos.

— Bom dia — disse ele, em uma voz sem um sotaque de Louisiana. — Podemos falar com vocês sobre a Zona?

Gunnar não perdeu tempo. — Você tem uma autorização?

Os olhos do homem piscaram com irritação, mas seu sorriso não mudou. — Não concordo com a noção de que os cidadãos deste país precisam de permissão para exercer seus direitos de Primeira Emenda.

Gunnar nem sequer piscou.

— É claro — disse o homem —, nós também respeitamos as leis humanas. É só que acreditamos que essas leis devem ser aplicadas à sua conclusão lógica. — O homem puxou um pedaço de papel dobrado de seu bolso e ofereceu a Gunnar.

— Alguma lei em particular? — perguntou Gunnar.

— O ato mágico — disse o homem. — Toda magia é ilegal. E toda a magia deve ser removida do nosso mundo... Por qualquer meio necessário.



Capítulo 02

Na verdade, era a Lei MIGECC – Medida para a Ilegalidade do Glamour e do Encantamento nas Comunidades de Conflito. Mas ele estava certo sobre seu efeito.

Com os olhos estreitos, Gunnar olhou para o homem por um momento – como se estivesse memorizando as linhas e sombras de seu rosto – antes de desviar o olhar para o papel em sua mão. Gunnar revisou o documento e devolveu ao homem. — Obrigado, senhor...

— Eu sou Ezekiel. — Ele gesticulou para os homens e mulheres atrás dele. — Somos propagandistas e transmitimos nossa mensagem pela Zona.

Gunnar deu um olhar suspeito aos cartazes. — Qual é?

— Trazer clareza. Compartilhar a verdade. — Ezekiel examinou os rostos daqueles que se reuniram em torno de nós para verificar a comoção. — Os Paranormais destruíram nosso mundo, nosso estilo de vida. Eles agora estão encarcerados, mas as coisas melhoraram? Não. Dizem que a Zona não pode ser salva, o solo não pode ser tratado, só pode ser substituído, que a magia agora faz parte do nosso mundo. Mas ninguém nos diz a verdade... Que o mundo está poluído pela presença dos Paranormais, manchado pela obscenidade de sua existência.

O olhar de Liam se moveu dos manifestantes e cartazes para o rosto de Ezekiel. — O outdoor perto do Lower Ninth... É o seu?

O sorriso de Ezekiel era arrepiante. — Isso depende de qual você está se referindo. Temos muitos homens na Zona.

— E como... — perguntou Gunnar, apontando para um cartaz —, você e seus aliados pretendem *limpar* a Zona?

— Removendo toda a magia do mundo.

— E discutir com humanos no French Quarter é como você fará isso?
— perguntou Gunnar. — Isso não parece produtivo.

— Falou como um porta-voz da Contenção. Você tem um interesse financeiro em mantê-los em nosso mundo.

— Tenho um interesse ético em tratar adequadamente os prisioneiros de guerra e mantê-los seguros longe dos humanos. O que você prefere que façamos? Alinhá-los e atirar neles?

O olhar de Ezekiel ficou gélido. O ódio nele enviou um arrepio na minha espinha. — O Ato Mágico exige a erradicação da magia.

Ele não parecia se importar que nem todos os Paranormais eram iguais – que eles não entraram no nosso mundo de bom grado, ou lutaram de boa vontade na guerra.

— Ato de classe — murmurou Liam, e começou a se afastar.

Os olhos de Ezekiel brilharam de raiva. — Você prefere não fazer nada? Prefere esperar e ver nossa cultura se evaporar?

— Não vejo a cultura de ninguém se evaporando. — Liam se virou, gesticulando para as pessoas que se reuniram atrás de nós – alguns agentes, alguns clientes. — Essas pessoas estão trabalhando para ganhar a vida na Zona, para manter Nova Orleans viva.

— E isso nem sempre é fácil, não é? — Ezekiel olhou acusadoramente para Gunnar. — A Contenção nos diz que todos os monstros estão na Ilha do Diabo, mas isso também é mentira. Monstros vagam por esta terra. Espectros matam inocentes. — Ezekiel estreitou seu olhar para Liam. — Eu conheço seu rosto.

Liam estava perto o suficiente para que eu pudesse sentir seu corpo enrijecer com a súbita raiva. — Você não sabe nada sobre mim.

— Oh, mas eu acho que sim. — O sorriso de Ezekiel foi presunçoso. — Eu sei que sua irmã foi morta por monstros. — Isso era verdade. Muito arrogante ou estúpido para entender o risco que estava correndo, Ezekiel deu um passo à frente, ansioso por insistir. Seus olhos procuraram o rosto de Liam como se procurando por uma fraqueza. — Eu sei que eles encontraram-na quebrada e machucada. Sei que ela foi rasgada e despedaçada por suas garras, por seus corpos envenenados. E mesmo assim você mora na Ilha do

Diabo, entre os nossos inimigos? Isso não parece uma maneira de honrar a memória dela. Parece que você se deita com eles.

— Você vai querer dar um passo atrás — disse Liam.

Ezekiel o ignorou, seus olhos brilhando com propósito. Os outros manifestantes entraram em formação atrás dele. — Eu não estou aqui para deixar você ou qualquer outra pessoa confortável. Estou aqui para testemunhar, para proteger os remanescentes.

— Nós não precisamos proteger-nos — rosnou Liam.

— Aposto que a opinião da sua irmã seria diferente. Se ela ainda estivesse viva, claro. Pena que não podemos perguntar a ela.

Antes que qualquer um de nós pudesse se mexer, os dedos de Liam estavam enredados na camisa de Ezekiel e ele levou Ezekiel até os dedos dos pés. Os olhos de Liam, vibrantemente azuis, brilhavam com fogo. — Diga-me de novo o que você acha que minha irmã faria. Minha irmã, que era inocente, e foi morta porque idiotas como você se recusam a reconhecer as complexidades do mundo real.

O olhar de Ezekiel saltou de um lado ao outro em Liam. — Eles mataram um dos seus e você ainda os protege. Por quê? Sua irmã não foi motivo suficiente para você reconhecer a verdade?

Onde os olhos de Liam mostravam fúria nascida da dor, Ezekiel mostrou satisfação. Ele estava tentando fazer um ponto, e sem se importar com aqueles que ele machucava nesse processo. E, embora isso significasse uma prisão imediata, eu queria espremer a magia do ar e torcer o pescoço dele com ela.

— Claire. — Tadjì deve ter visto a intenção em meus olhos. Sua voz era baixa, seus dedos firmes no meu braço, sacudindo-me de volta para a rua, para a multidão, para o fato de que monitores mágicos – armados e prontos – seriam acionados se eu bagunçasse o cabelo de Ezekiel.

Eu me forcei a relaxar. Este não era o momento nem o lugar para minha grande revelação mágica.

O sorriso de Ezekiel ficou mais amplo, mais satisfeito. — Você vai me bater, Sr. Quinn, porque eu digo a verdade? Porque você está desconfortável em admitir que contribuiu para a morte da sua irmã?

Ezekiel ainda estava sob o controle de Liam, com suor na testa, mas seus olhos totalmente calmos. Ele conseguiu exatamente o que ele queria – chamar atenção para seu ponto particular de crítica.

— Minha irmã foi assassinada — disse Liam, cada músculo tenso e pronto para a ação, um guerreiro pronto para atacar o inimigo que avançava. — Você gostaria de sentir um pouco da dor dela?

— Isso é uma ameaça? — perguntou Ezekiel. — E na frente de um agente da Contenção. A magia fez de você um bárbaro?

— A idiotice me fez um bárbaro — disse Liam, mostrando os dentes.

— Liam — disse eu baixinho, chamando-o, assim como Tadjì me chamara.

Por razões muito simples e complicadas para pensar, isso pareceu ser suficiente.

Liam abriu as mãos, então Ezekiel voltou ao chão, tropeçando antes que seus seguidores conseguissem ajudá-lo a recuperar o equilíbrio.

— Você nega a verdade! — disse Ezekiel, levantando as mãos para conduzir seus manifestantes a outra rodada de cânticos. Desta vez, dei um passo à frente.

— Você acha que isso te ajuda a provar algum tipo de ponto? Usando a tragédia da família, a morte de uma mulher jovem para chamar atenção? Volte para o buraco de onde você saiu.

Antes que Ezekiel pudesse responder, Gunnar deu um passo à frente. — Se você quiser protestar, vá protestar. Não incomode mais os moradores, ou terá uma visão próxima e pessoal do Cabildo.

O queixo de Ezekiel se apertou. — Outro descrente — disse ele, em seguida, olhou para aqueles que se reuniram para assistir. — O dia do julgamento chegará. Um novo Éden está planejado para o nosso mundo, e aqueles que estão no caminho dele serão postos de lado. Será nosso despertar. Nós somos Reveillon, e veremos isso acontecer.

Os olhos de Ezekiel esfriaram e seu sorriso era tão frio quanto. Se ele acreditasse na condenação – e eu estava certa disso – ele há muito tempo decidiu que estava do lado certo.

Ele voltou para frente de sua fileira e começou a marcha novamente.

Quando colocaram dois blocos entre nós, eu me virei para procurar Liam, para oferecer o conforto que eu pudesse. Mas ele já havia partido.

* * *

Gunnar foi até o Cabildo para informar sobre o outdoor e os manifestantes. Eu saí e encontrei Liam sentado em um banco de ferro forjado no pequeno pátio de tijolos atrás do Royal Mercantile.

O prédio estava marcado pela guerra, o pátio marcado pelos pombos que costumávamos usar para enviar mensagens para o Delta.

Liam ergueu a cabeça ao som dos meus passos, seus olhos azuis sombreados. Ofereci uma garrafa de água. — Você está bem?

Ele assentiu, pegou a garrafa, virando-a na palma da mão. — Não gosto da minha família sendo usada como arma na guerra de outra pessoa.

— Um movimento totalmente idiota — concordei, e sentei ao lado de Liam enquanto ele destampava a garrafa de água e tomava um gole.

— E chamando-se de *Reveillon* — disse ele, com nojo colorindo sua voz. — Isso é um tapa em New Orleans. Nas nossas tradições.

Reveillon era um jantar de fim de ano servido em Nova Orleans, uma tradição com raízes francesas e cajun que durava a noite toda e até o início da manhã. A palavra significava *despertar*.

Eu assenti. — Eles estão tentando reinventar a cidade. Destruir o que resta e construir alguma nova imagem. Eles são perigosos.

— Sim — disse Liam. — Eu imagino que eles sejam. — Ele virou a garrafa novamente. — Tomei a decisão de ficar em algum lugar na Zona. Para manter nossa conexão com este lugar. Com quem nós éramos. Lar doce lar e tudo aquilo. Se eu não tivesse...

— Juntamente com o resto da sua família, você fez uma escolha, a de ficar. Para dar outra chance a Nova Orleans. Não conheci Gracie. Mas pelas fotos que vi dela... Ela parecia uma pessoa muito feliz. Ela não parecia infeliz. Não parecia se sentir fora do lugar, ou como se não pertencesse aqui.

— Às vezes, coisas horríveis acontecem, e não é culpa de ninguém. Às vezes elas são apenas horríveis. O mundo continua girando; nós apenas tentamos ficar de pé.

Deixei minha cabeça cair contra o tijolo e olhei para o céu azul, as enormes nuvens brancas. Liam inclinou a cabeça também, e nós observamos o céu juntos, em silêncio.

Por um momento, houve paz.

E então o mundo se despedaçou, a terra tremendo com explosões que sacudiram as janelas.

Liam agarrou meu braço e ainda o segurava quando o mundo se acalmou novamente. E por um momento, tudo ficou perfeitamente, horivelmente silencioso.

Corremos para a rua, encontramos Tadjì vendo a fumaça subir da Ilha do Diabo. Sirenes de ataque aéreo começaram a soar.

— Merda — disse Liam, e olhou para mim. — Eu estou indo.

Olhei para Tadjì.

— Vá — disse ela. — Eu ficarei aqui na loja, cuidarei das coisas enquanto você vê o que aconteceu. — A certeza sombria em seu rosto dizia que ela sabia e aceitara o que poderia acontecer se corrêssemos em direção ao som de problemas.

Ela estendeu a mão e apertou a minha mão. — Tenha cuidado, Claire. Magicamente e de outra forma.

Eu prometi que teria e parti.

* * *

Nós não éramos os únicos indo em direção à Ilha do Diabo. Não restavam muitos civis no Quarter, mas o antigo Marriott era um quartel da Contenção, e eles também estavam correndo.

A Ilha do Diabo era uma prisão e parecia uma. Muros altos de concreto com torres de guarda em cada canto, a frente marcada por um enorme portão de ferro forjado que dava para o River Road e um ponto de inspeção. Aquele

portão era agora dedos retorcidos de metal chamuscado, uma garra monstruosa criada pela explosão que o atingiu.

Parei de repente, com os braços empurrados pelas pessoas passando por mim e olhei fixamente.

Havia fumaça, estilhaços, escombros – e pior – em todos os lugares. Havia cartazes de protesto no chão – alguns ainda queimando, alguns chamuscados nas bordas. As pessoas gritavam, agentes corriam e gritavam ordens, perseguindo Paranormais que viram a oportunidade e correram para o portão.

— Reveillon bombardeou o portão — disse Gunnar, cada palavra colorida de admiração, choque e fúria.

— As túnicas deles — disse Liam. — Elas eram volumosas. Alguns deles deveriam ter usado explosivos sob a túnica... Coletes ou algo assim. Jesus. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Jesus.

Silenciosamente, Gunnar avançou para a Ilha do Diabo, para as lascas remanescentes da guarita, endurecendo enquanto se agachava ao lado do agente que estava lá, meio dentro e meio fora do que restava da guarita, com o rosto e o cabelo sangrando. Gunnar checkou o pulso e olhou para cima.

— Preciso de um médico aqui! — gritou ele, então gesticulou para um grupo de agentes com uma maca.

Desviei meu olhar e olhei para Liam. — Sua... Sua avó — disse eu. Eleanor Arsenault vivia a apenas alguns quarteirões de distância.

Seus olhos queimaram com preocupação quando ele considerou, mas olhando ao redor, ele balançou a cabeça. — As explosões do ataque foram contidas, e não há razão para pensar que ela tenha sido um alvo. Farei o que puder aqui, então, eu a verificarei. — Ele olhou para mim. — Você poderia voltar para a loja.

Ele não deu uma ordem ou fez uma pergunta. Foi uma sugestão moderada, na melhor das hipóteses, e uma que eu apreciei. Mas eu não poderia simplesmente ir embora, por mais horrível que fosse. Olhei em volta em busca de algo para fazer, para ajudar de alguma forma.

Havia uma clínica dentro da prisão, onde Sensitivos e Espectros eram mantidos – continuariam a ser mantidos até que a Contenção permitisse que

os Sensitivos manejassem sua magia e evitassem se tornar espectros em primeiro lugar.

Lizzie, uma das enfermeiras da clínica, estava ajoelhada ao lado de uma mulher ensanguentada, cuja roupa de seda branca a entregava.

Faixas de fogo se moviam sob a pele de Lizzie e ardiam em suas íris laranja-avermelhadas. Ela era um Paranormal com um relacionamento íntimo com a chama. E apesar de a mulher que ela tratava querer Lizzie e aqueles como ela erradicados da terra, ela ainda ajudava. Isso era algo que Reveillon não entenderia – ou não admitiria.

Enquanto eu a observava trabalhar, as lembranças da guerra vieram à tona. O corpo inchado com a morte que eu vi flutuando rio abaixo. Um soldado morto por fogo amigo, seus companheiros ajoelhados ao lado dele, seus rostos horrorizados. Um homem, pele queimada da chama de uma besta mágica, cujas asas ainda assolavam o céu acima de nós. Suas asas eram quase negras e pareciam, ossos, veias e tendões esculpidos em couro. O ar cheirava a fumaça e carne queimada que azedava o estômago.

Engoli em seco. — Vou ver se posso ajudar Lizzie — disse eu. — Preciso fazer alguma coisa. Se voltar para a loja, eu vou... — eu teria memórias. Pensaria nisso. E eu não queria pensar nisso.

Balancei a cabeça. — Preciso fazer alguma coisa — disse novamente.

Sua testa franziu sobre os preocupados olhos escuros, o que enviou calor através do meu peito. — Você vai tomar cuidado?

Assenti.

Liam me observou por um momento, em seguida, colocou uma mão atrás da minha cabeça, certificando-se que eu encontrasse seus olhos. — Se você precisar de uma pausa, me encontre. Eu te levarei.

Assenti novamente. Eu não tinha as palavras para mais nada.

* * *

Lizzie já havia se mudado para seu próximo paciente – um agente da Contenção com pele escura e cabelo raspado – quando a alcancei. Seus olhos estavam fechados, uma ferida sangrenta e irritada em seu ombro.

— Eu poderia ajudar.

Lizzie olhou para mim, e demorou um momento para que o reconhecimento surgisse em seus olhos. Quando isso aconteceu, ela me avaliou. — Você pode lidar com isso?

— Eu estava aqui durante a guerra, a Segunda Batalha. — Cada palavra da minha boca soava estranha. — Ajudei alguns. E posso seguir instruções.

Ela considerou por um momento. Assentindo, levantou o queixo e gesticulou para as suas mãos, que exerciam pressão sobre um pacote de bandagens cobrindo uma ferida aberta no ombro do homem.

— Os médicos civis ainda não estão aqui. Pressão aqui — instruiu, e quando deslizei para o lado e substituí as mãos dela pelas minhas, eu senti o sangue do oficial – quente e pulsante – por baixo dos meus dedos.

— Eu poderia cauterizar com a ponta do dedo — disse Lizzie, com o fogo dançando em seu pescoço quando ela tirou um par de luvas, pegou outra e se moveu para a perna dele. — Mas eles considerariam isso um crime.

Lizzie puxou um chumaço de gaze de um bolso de sua túnica e envolveu-o em torno da coxa, bem acima do joelho, onde a força da explosão havia rasgado outro corte.

— Aqui! — gritou ela para um homem e uma mulher que dirigiam um pequeno veículo utilitário com uma maca estabilizadora presa às costas.

— Levem-no à clínica — disse ela enquanto seguiam suas ordens e começaram a levá-lo para longe. O único hospital civil em funcionamento em Nova Orleans ficava no lado norte da cidade – longe demais para ser útil agora.

A pele em minhas mãos parecia enrijecida e olhei para baixo. Sangue – o sangue dele – secou nas palmas das minhas mãos, manchando minhas unhas.

— Eu esperava não precisar estar nessa posição — disse ela, empurrando o cabelo listrado do rosto. — Que não teria que fingir minha lealdade.

— Para os humanos? — perguntei.

— Para os idiotas que se recusam a aceitar a realidade. — Ela olhou em volta. — Alguma coisa está começando.

— Alguma coisa está começando — concordei.

Teríamos que esperar que terminasse rapidamente.



Capítulo 03

Nós trabalhamos por horas.

Seis anos de paz enfraqueceram minha capacidade de lidar com a morte e sangue, apagaram a sensibilidade que foi necessária todos esses anos atrás. Mas lidar novamente com sangue e horror me deixou rapidamente entorpecida com a visão e o cheiro disso.

Sem contar com os manifestantes, quatro pessoas foram mortas, outras doze feridas. Os que estavam mais próximos do portão receberam o impacto das explosões. Dois dos mortos eram agentes da Contenção que não faziam nada mais do que aparecer no trabalho. Os outros dois eram Paranormais. O domingo na Ilha do Diabo não era diferente do domingo do lado de fora, e as famílias estavam reunidas na longa faixa verde que alcançava o portão da prisão, aproveitando o ar fresco, talvez fingindo estar em algum outro lugar.

A Contenção removeu os mortos e ajudamos a mover os feridos. Mas o chão ainda estava cheio de detritos e evidências de carnificina. A unidade forense da Contenção estava procurando evidências, embora parecesse bastante óbvio quem provocara o estrago.

A Contenção contou quinze manifestantes que caminharam pela Bourbon Street. E quando chegaram à Ilha do Diabo, eles foram para a guerra. A Contenção acreditava que sete deles foram mortos, ou porque carregavam os explosivos ou foram fatalmente feridos nas explosões. No caos, a Contenção não prendeu nenhum deles, e acreditava que três escaparam para o Quarter. Isso deixava cinco desaparecidos... E ainda na Ilha do Diabo.

Observei Lizzie tirar um par de luvas de látex e jogá-las no chão. Ela destampou uma garrafa de água e despejou sobre as mãos para limpar o pó das luvas.

— Lutava assim no Outro mundo? — perguntei.

Ela secou as mãos em um local limpo no tecido de suas calças, então tomou um gole.

— A vida no Outro mundo era muito estruturada — disse ela. — A sociedade era nivelada, regulamentada e hierárquica. Era estável, pacífico, refinado, ordenado. Mas não flexível.

Os Paranormais invadiram nosso mundo, com armaduras e armas douradas, muitos vestidos para a batalha em tecidos brilhantes e fluidos com toques trançados. Alguns montavam cavalos através do Véu, e eles estavam revestidos com couro, armados e com armaduras douradas. Não era difícil imaginar que o resto da sociedade deles era ordenada e refinada também.

— O Consularis era rigoroso — disse eu.

Ela assentiu. — Houve guerra em nosso mundo por muito, muito tempo. Nossa Idade das Trevas... Quando o Outro mundo era liderado por senhores da guerra, e civis eram bucha de canhão. O Consularis mudou isso. Eles trouxeram a paz, e trouxeram regras.

O que a Corte do Amanhecer aparentemente não gostava, já que eles rasgaram o Véu em busca de uma terra nova para governar, trazendo com eles Paranormais do Consularis, magicamente recrutados, para servir como soldados. Quando a guerra acabou, os humanos reuniram a Corte e Consularis na Ilha do Diabo. Poucos humanos sabiam a verdade. Eu acabei de saber, e vivi em Nova Orleans a vida toda.

— É por isso que a Corte se rebelou.

Ela assentiu com a cabeça. — Os líderes da Corte acreditavam que eles tinham direito a mais do que suas posições permitiam. Mais posses, mais respeito.

Gritos rasgaram o ar atrás de nós. Nós olhamos para trás, e observamos enquanto três agentes da Contenção arrastavam um Paranormal soluçando para dentro das paredes. Ela era pequena, sua pele brilhantemente carmesim. Pequenas asas iridescentes tremulavam de pânico nas suas costas. Eles puxaram os braços dela para trás e havia manchas de sangue em seu rosto, seus joelhos. Provavelmente, onde ela caíra enquanto lutava.

Observei eles levá-la embora, sentindo-me igualmente culpada e impotente. Olhei para Lizzie. — Você poderia ter fugido hoje em vez de ajudar. Tentado sair para o interior da baía. É onde os Paranormais fugitivos geralmente se escondem para evitar a Contenção.

Ela balançou a cabeça. — Jurei para mim mesma que quando chegasse a hora de sair, eu sairia daqui com a cabeça erguida. Eu não fugiria, não seria carregada e não seria arrastada. Nenhuma caçada, nenhuma busca canina. — Sua voz suavizou enquanto assistia a luta da Paranormal contra os agentes. — Ela quase conseguiu. Agora estará no radar deles.

Lizzie se virou, sombras escuras sob os olhos. Eu sabia que não havia nada que eu pudesse dizer, então tentei pensar em algo que pudesse fazer. — O que posso fazer para ajudar você e a clínica?

Ela olhou para mim por um longo minuto, brasas queimando em seus olhos, como se as chamas estivessem cansadas e foram resfriadas de seus esforços no campo de batalha. — Você pode obter suprimentos?

A pergunta me surpreendeu, embora não devesse. Por que eu ficaria surpresa que uma clínica para os paranormais tivesse necessidades? Contenção não estava ajudando? Não havia apoio público para esse tipo de gasto.

— O que você precisa?

— Sal — disse ela sem hesitação. — Sal marinho, se você conseguir. É um antisséptico para a maioria dos Paras. Eu só consigo sal de mesa da Contenção, e não é muito.

Assenti. — O que mais?

— Cravo, tomilho, lavanda. Qualquer um ou todos esses.

— Eles são medicinais também?

Ela sorriu. — Eles são, e tomilho é bom para sopa de tartaruga. Tartaruga aparece em nosso cardápio de alimentos com regularidade. E você consegue algumas balas? Pirulitos, ou como você os chama? Algo parecido? Moses costumava pegá-los para mim, mas...

Moses foi o primeiro Para que eu conheci na Ilha do Diabo. Ele era baixo e tinha uma grande atitude, e totalmente salvou minha bunda. Ele possuía sua própria oficina, um pequeno prédio cheio de aparelhos eletrônicos

descartados. Mas isso foi antes dele explodi-lo para manter seu equipamento longe das mãos da Contenção e do encarregado da defesa que trabalhou para ela. Não havia muitos que soubessem que ele sobrevivera ao fogo; eu acho que ele estava gostando do subterfúgio.

— Sim. Balas duras são mais fáceis do que o chocolate. Elas não derretem tão facilmente.

Lizzie assentiu. — Isso seria bom. Espectros gostam delas.

A declaração, que foi tão sincera e simples, me fez perguntar. — O quê?

— Elas têm um efeito calmante. Talvez seja o açúcar, talvez por ter algo para se concentrar, algo agradável. Seja qual for o motivo, elas funcionam. Eu gostaria de receber mais.

Balancei a cabeça. — Vou colocá-las no meu próximo pedido.

Ela levantou as sobrancelhas. — É tão fácil? Você fará isso porque eu te pedi?

— Eu farei isso porque eu posso, e porque é o mínimo que eu posso fazer. E farei isso porque algum dia eu poderei acabar na clínica, e é importante que você se importe. É importante que você ajude as pessoas quando seria realmente fácil machucá-las.

Ela olhou para mim, avaliando. — Você está em uma posição única, Claire. Você tem amigos com habilidades que estão dispostos a ensiná-la a garantir que você permaneça no caminho certo. Para garantir que não se torne um espectro. A maioria não tem tanta sorte. A maioria não conhece nada melhor, e outros só querem usá-lo, para se sentir bem.

Balancei a cabeça. — Estou trabalhando no equilíbrio.

— Bom — disse ela. — Porque eu gosto de você. Você tem percepção e parece que você tem algum bom senso. Mas me faça um favor?

— Claro. O quê?

— Fique assim. Mantenha-se equilibrada e fique fora daqui.

Eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance.

Com Lizzie partindo, e Gunnar e Liam ajudando, eu encontrei um lugar fora do caminho e observei como a Contenção e seus contratados trabalhavam para colocar a prisão de volta aos trilhos.

Os estilhaços foram marcados, fotografados e ensacados. O portão danificado foi medido e avaliado, e os empreiteiros começaram o trabalho de cortar estilhaços e elos quebrados, soldando em substituições temporárias. O governo podia mover-se rapidamente quando queria.

A quinze metros de distância, atrás da barricada improvisada que a Contenção erguera com uma cerca de arame farpado, estavam os cautelosos Paranormais que assistiam à limpeza. Eu não duvidava que houvesse alguns agentes da Contenção que simpatizavam, pelo menos um pouco, com Reveillon, e que acreditavam que o mundo estaria melhor sem Paranormais. Eu esperava que os Paras não sofressem devido as crenças deles.

— Quando o dique quebra, ele quebra.

Eu olhei para trás e encontrei Gunnar ao meu lado. Seu cabelo estava arrepiado em fileiras, onde passava seus dedos por ele, e havia marcas de areia e sujeira em suas roupas e rosto. Ele parecia fisicamente cansado e ainda muito chateado.

Ele me ofereceu uma garrafa de água. Agradei-lhe com um aceno de cabeça, abri a tampa e bebi profundamente.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou administrando — disse ele, mas soava como um homem à beira de não conseguir. — Reveillon reivindicou o crédito oficialmente. Eles dizem que querem limpar a Zona, mas pretendem limpá-la assim. Cada Para é o mesmo para eles, e todos devem ser varridos da face da terra. Prometeram continuar destruindo quaisquer vestígios de magia deixados em Nova Orleans... E os *sistemas que os sustentam*.

— Contenção — imaginei, e ele assentiu. — Quem fez a alegação?

— Ezekiel, pelo que eu entendi.

— Então ele não estava usando os explosivos. Eu acho que isso não me surpreende.

— A mim também não. — Os olhos de Gunnar escureceram. — Eles têm sua missão, e eu, por Deus, tenho a minha. — Seus olhos seguiram os

agentes que levavam alguém em uma maca, um lençol escuro sobre o corpo. — Cada pedacinho disso foi intencional. Uma guerra que eles estão determinados a travar contra as vidas que nós construímos.

— Ezekiel mencionou Liam — disse eu, enjoada ao me lembrar da nossa interação na rua. — Falou da irmã dele e acha que ele os apoia.

Gunnar olhou para mim com simpatia em sua expressão, e falou: — Isso não significa que ele seja um alvo.

Isso não *necessariamente* significa isso, eu pensei, mas poderia.

— Qualquer ansiedade em seus olhos e eu acho que você é um basset hound².

— Não é ansiedade. É... — suspirei. — Bem. É ansiedade. Mas chamá-lo do que é não me faz sentir melhor.

— Desculpe — disse ele, e passou a mão pelo cabelo, o que aprofundou os sulcos. — Essa foi uma tentativa frustrada de aliviar o clima.

— Não sei se é possível — disse eu, olhando para a mulher esbelta com olhos amendoados que nos olhava do outro lado da cerca.

Seu cabelo claro caía em torno de seu rosto estreito e igualmente claro, que era marcado por linhas carmesim que coloriam sua pele do nariz ao queixo, e marcavam os dedos que estavam firmemente amarrados na corrente.

Ela era uma Seelie Paranormal, um membro da Corte, e uma mulher que eu vi na Ilha do Diabo anteriormente. A mitologia humana disse que as fadas Seelie, como muitos outros paranormais, eram em sua maioria *boas*.

A mitologia humana estava errada.

Ela encontrou meu olhar com um olhar de ódio autêntico. Ela tinha o porte de uma rainha, mas em vez de se sentar em um trono, ela definhava em um bairro devastado pela guerra, atrás de uma cerca com os seus inimigos.

E ainda, a dez metros dali, outro Para passou o que parecia ser um pedaço de pão para o agente da Contenção de aparência exausta do outro lado da cerca, que deu uma mordida, e agradeceu-lhe com um aceno de cabeça.

A Seelie pegou a ação e balançou a cabeça em desgosto.

² Ele faz uma comparação com a raça de cachorro basset hound que tem olhos bem marcantes.

Dois mundos, jogados juntos na prisão. Provavelmente não era o resultado que a Corte previra, e certamente não era o que eles queriam.

Gunnar pegou a direção do meu olhar, observou a Seelie virar, seu longo vestido girando ao redor enquanto ela se movia e desaparecia na multidão.

— Você acha que Reveillon se importaria com a diferença entre Consularis e Corte?

— Não sei por que eles iriam — disse Gunnar. — Com base na mão que eles mostraram até agora, tudo é preto e branco para eles. Consularis e Corte, ambos são mágicos, isso faz deles o inimigo.

Ele suspirou.

— Você parece cansado.

— Estou exausto. Por que não te encontro na loja mais tarde? Nós podemos conversar. — Ele esfregou as têmporas. — Talvez eu possa encontrar uma garrafa de bebida no Cabildo nesse meio tempo.

— Eu não diria não a bebida — disse eu.

— O que diabos você está fazendo aqui?

E o sentimento pró-bebida ficou mais forte. Ambos nos viramos para encontrar Jack Broussard. Um agente de Contenção. Foi Broussard quem disse que meu pai era um sensitivo, e ele destruiu a loja para encontrar provas de que eu estava hospedando reuniões ilegais de Sensitivos. Ele estava errado e não sabia a verdade sobre mim, mas isso pouco importava. Como Reveillon, ele já havia decidido quem eram os bandidos – e Liam e eu caímos nessa categoria.

Broussard era um homem alto, de cabelos castanhos e olhos verdes. Não era uma cara sem atrativos, exceto pelo fato de que era geralmente afetado pela raiva e irritação. Ou talvez apenas sobrecarregado pelo chip gigante no ombro.

— Não que precisemos explicar alguma coisa a você — disse Gunnar —, mas estamos ajudando com a reação. Nós estávamos no Quarter e ouvimos a explosão.

O olhar de Broussard, que se acendeu com raiva, permaneceu em mim. — Você realmente acha que ela deveria estar aqui? Na Ilha do Diabo?

— *Ela* pode falar por ela — disse Gunnar. — Mas desde que você está perguntando para mim, sim. Ela tem um passe, e ela fez seu serviço hoje trabalhando para ajudar. Ao contrário de alguns de nós — acrescentou, com um olhar desdenhoso para as roupas limpas de Broussard.

— Eu estava fora da cidade.

— E agora você está aqui — disse Gunnar. — Se você quer trabalhar, fale com o Smith. — Ele gesticulou em direção a um homem com pele escura e uma prancheta branca. — Ele está distribuindo tarefas.

— Você não é meu superior.

— E você não é o meu, nem estou interessado em perder tempo discutindo com você. Se você está aqui para ajudar, ajude. Se você está aqui para causar problemas, faça um favor a nós dois e salve a papelada: volte para o quartel e fique fora do caminho.

Broussard se aproximou de Gunnar. Eles poderiam ter trombado os peitos se Broussard tivesse sido idiota para começar algo.

— Sabe de uma coisa, Landreau? Um dia desses, você será derrubado do seu cavalo. Você perderá todo esse prestígio social, esses privilégios especiais, e será tratado como o resto de nós.

— Você é um idiota Broussard, se acha que tenho o meu trabalho por causa do meu nome. Eu sou bom no que faço. Muito bom. Por que você não faz um favor a todos e recua? Tem sido um dia infernal, e perdemos boas pessoas.

— Por causa dos Paranormais — cuspiu Broussard.

Gunnar revirou os ombros como um homem se preparando para a batalha. — Jesus, você não vai parar, não é? Você não pode ver que isso foi causado por seres humanos? Você não pode ver que isso não tem nada a ver com a magia, mas com idiotice? E não consegue enxergar além de seus próprios preconceitos idiotas... Seus próprios problemas, que são uma legião... E simplesmente começar a trabalhar? Este não é o momento nem o lugar para sua política míope.

— Senhores.

Um homem em uniforme de camuflagem – alto, forte e loiro, com olhos cor de bom Bourbon – deu um passo à frente. Eu conhecia muitos agentes da Contenção do Quarter; e nunca vi esse homem.

A irritação chamejou nos olhos de Gunnar novamente. O homem parecia totalmente relaxado, mesmo enquanto se posicionava para impedi-los de se estapearem.

— Este é um momento e um lugar muito ruim para agir como adolescentes — disse ele.

— Eu não poderia concordar mais — disse Gunnar. — Eu estava sugerindo ao agente Broussard que havia várias maneiras de contribuir para os esforços de limpeza, e ele deveria selecionar uma delas ou voltar para o quartel.

— Acho que é uma boa ideia — disse o homem. — Ainda há muito trabalho a ser feito antes que a luz se apague. Agente Broussard, se você não pode encontrar algo para fazer, eu tenho relatórios que você poderia reunir.

O rosto de Broussard ficou vermelho de raiva quando olhou entre os homens. — Isso está em suas cabeças. Isso, e o pior que vier. Está em vocês.

Ele se afastou na direção de um grupo de agentes de Contenção uniformizados.

— John — disse Gunnar —, esta é Claire Connolly. Claire, John Reece. Ele está com o exército. Está investigando a Contenção à luz da Batalha Memorial.

Um ex-encarregado da defesa queria abrir o Véu em Talisheek, onde o Véu havia sido rasgado e um memorial foi erguido. Conseguimos mantê-lo fechado, mas foi preciso magia e esforço – e eu inadvertidamente dividi a terra tentando canalizar a enorme quantidade de energia em jogo.

Imaginei que os chefes de John haviam perdido um pouco de fé na Contenção e em seus contratados. E assumi que era o que colocara a irritação nos olhos de Gunnar.

— Não investigando — disse Reece. — Revendo. — Ele olhou para mim. — Você possui o Royal Mercantile.

— Sim.

— E qual é a história dele? — Reece apontou para Broussard.

Demorou um momento para Gunnar responder. Difícil escolher em qual demônio confiar, imaginei. — Ele é ambicioso e míope. Existem três tipos de pessoas no mundo. Aqueles que acreditam que os humanos estão sempre certos. Aqueles que acreditam que Paranormais estão sempre certos. E aqueles que conhecem a verdade.

— E o Sr. Broussard leva o seu *sempre* um pouco literal demais? — perguntou Reece.

Gunnar assentiu.

Reece ergueu o olhar para o portão. — Não diferente de nossos inimigos do lado de fora.

— Nós estávamos simplesmente fazendo uma observação. A lealdade cega é perigosa, independentemente do lado.

Reece assentiu. — A limpeza foi relativamente bem organizada, considerando todas as coisas.

— Nós temos tudo sob controle — disse Gunnar bruscamente. — Sinta-se livre para levar isso até Washington.

Reece olhou para ele, o olhar ainda frio. — Eu irei e mais. Não vi o Comandante ao redor.

Gunnar, que respeitava seu chefe, conseguiu manter seu tom firme. — Ele está monitorando do Cabildo até que as coisas estejam claras aqui. É mais seguro para ele lá, e é melhor para Contenção, para a Zona, para estabilidade, se ele estiver seguro.

Reece assentiu, como se estivesse processando as informações, gravando para mais tarde. — Nesse caso, eu deixarei você voltar para garantir a segurança dele.

Ele acenou para mim, então Gunnar, que se eriçou quando o soldado se afastou. Embora ele pudesse ter gostado de Reece, tê-lo respeitado, ele não parecia confiar nele.

De sua parte, Reece não andou em direção a Broussard ou a outros grupos de agentes de Contenção e funcionários da Ilha do Diabo. Em vez disso, ele entrou na Ilha do Diabo na direção da clínica. Talvez para visitar os feridos, verificar seus cuidados. Talvez para ver o quanto o resto da Ilha do Diabo – o resto de Nova Orleans – estava protegido deles.

— Ele pareceu ser bom — disse eu, enquanto Gunnar o observava se afastar, os olhos entreabertos, a expressão fechada com concentração. — Nem perto de ser um idiota como Broussard, de qualquer maneira.

— Sim, mas ele não precisa ser. — Ele olhou para mim. — Ele tem poder, autoridade e autonomia. Broussard quer essas coisas, então cria suas próprias visões de conspiração. — Gunnar suspirou. — Como se essa porra de manifestantes não fosse suficiente para mantê-lo ocupado.

— Talvez ter um novo inimigo... Alguém humano, não Paranormal, seria realmente bom para Broussard.

— Sempre otimista — disse Gunnar, depois deu um beijo na minha bochecha. — E porque eu também sou um, voltarei ao combate. Tenha cuidado.

Assenti. — Cuide-se — disse eu, e vi meu melhor amigo ir embora. Porque, às vezes, essa era a única boa opção.

Capítulo 04

Liam me encontrou na cerca, ajudando a distribuir garrafas de água para os Paras que observavam o trabalho de manutenção. Ele parecia tão sujo e cansado quanto o resto de nós, e a sombria resignação estava em seu rosto.

Passei-lhe uma garrafa de água. — Você está bem?

Ele bebeu profundamente e limpou a sujeira da testa. — Passei pela guerra porque disse a mim mesmo que a guerra era apenas temporária. Poderia durar muito tempo, mas terminaria eventualmente. Essa é a natureza da história humana. Mas isso? Isso é desanimador.

— Sim — disse eu.

Ele balançou a cabeça. — Meu avô Quinn tinha 64 anos quando romperam o Véu. Ele se recusou a deixar a Zona ou se mudar para a cidade, para ficar perto da família, assistência médica. Liam pegou um canto do rótulo da garrafa de água e tirou uma tira. — Foi para a cabana dos Quinn na Bayou Teche e ficou lá. Ele era um pescador, e praguejava como um marinheiro. — Ele sorriu. — Ele dizia que era um marinheiro que foi criado duramente, o que era verdade. Você se lembra de um mês antes da Segunda Batalha, quando todos diziam que Nova Orleans seria atingida?

Eu assenti. Houve mais sirenes de ataques aéreos, mais evacuações, mais estoque de água e baterias. — Gavin e eu fomos para Bayou Teche, fizemos mais uma tentativa de tirá-lo da Zona. Não queria que ele estivesse na cidade – não se as coisas estivessem prestes a dar errado. Mas também não queríamos que ele ficasse completamente isolado, o que teria acontecido se Nova Orleans caísse.

— O que aconteceu?

Liam puxou outra tira de papel da garrafa e ela flutuou até o chão como confete. — Ele disse que a hora dele estava chegando, e que a guerra não iria

tirá-lo de casa enquanto isso. Gavin e eu estávamos preparados para uma briga – com argumentos, com razões pelas quais ele deveria partir. Mas ele estava em paz com isso, e essa era a única coisa com a qual não poderíamos discutir.

— Então o que você fez?

— Ficamos à noite, assistimos o sol se pôr. Ele adorava cozinhar, fazia frango fricassê. Nós comemos na varanda dos fundos, observamos tartarugas em cepos de ciprestes, pelicanos flutuando sobre a água, bebendo uma cerveja muito boa e bem gelada.

— Ele morreu? — perguntei, depois de um momento de silêncio.

Liam assentiu. — Três semanas depois. Logo antes da batalha, como se viu. Nós ainda possuímos essa propriedade, apesar de eu não ir lá há alguns anos. — Ele sacudiu a melancolia. — Eu acho que o ponto da história é que às vezes você só tem que encontrar o seu lugar, sua casa, e aceitar o que está acontecendo.

Ele olhou para mim, olhando para a minha verdade, e senti a resposta da minha alma tremer. — E como você está, Claire Connolly?

— Estou aguentando. Eu ajudei Lizzie, conversei com Gunnar. Lizzie pediu alguns suprimentos. Eu disse a ela que poderia consegui-los.

— Bom — disse ele. — Embora eu não esteja certo de que uma fada de fogo e uma ruiva trabalhando juntas será bom para o resto de nós.

Todos precisavam de um humor mais leve, ao que parece, até Liam.

Fiz um gesto para a cerca. — Também assisti uma Seelie nos dar um olhar malvado.

— Essa mulher é muito boa no mal olhado. E ela não é a única. — Ele gesticulou para um homem do outro lado da cerca, comendo o que pareciam pistaches enquanto dois Paras falavam animadamente ao lado dele.

Ele era um homem grande. Grande, com ombros largos e uma pança que se estendia por baixo de sua túnica de cores brilhantes e calças combinando. Ele tinha um rosto largo e redondo, e olhos negros como breu, sua pele era um verde oliva. Brilhantes chifres negros como os de Moisés, mas os dele eram mais longos, subindo alguns centímetros acima da cabeça.

— Quem é esse?

— Esse, Claire, é Salomom.

Salomon era o autoproclamado padrinho Paranormal da Ilha do Diabo. Eu ainda não o conheci, mas sabia que ele não era fã de Liam. Seus bandidos nos haviam parado antes. Então, novamente, Liam tinha ido a ele antes, quando Eleanor precisava de proteção.

— Ele se parece com Moses.

— Eles são primos.

Isso me parou de repente. — Você está brincando?

— Ambos Consularis, embora em lados diferentes naquela cerca particular.

À primeira vista, Solomon parecia entediado com a comoção, a atividade da Contenção, enquanto quebrava uma noz após a outra, deixando as cascas cair no chão. Mas havia algo muito perspicaz nos olhos dele. Algo cauteloso e focado. E quando seu olhar pousou em nós, continha um pouco do olhar desdenhoso que eu vira antes.

Dei-lhe um curto aceno, o que colocou seus seguidores em um discurso que eu provavelmente estava feliz por não poder ouvir.

— Melhor não antagonizar ele.

Eu olhei para Liam. — Eu deveria ter medo dele?

Não me consolou que Liam levou um momento para responder. — Não. Mas tenha cuidado. Como você viu, ele geralmente se mistura. Mas o ego dele é grande, e ele está cercado por puxa-sacos que pensam que ele é o bilhete para fora da Ilha do Diabo.

Eu me perguntei se hoje, se essa nova ameaça, mudaria a atitude dele também. Talvez tenhamos nos tornado complacentes, muito acostumados com o status quo, com a cadeia de comando.

Liam terminou a água em sua garrafa agora nua, jogou-a na caixa reservada para reciclagem e olhou para o relógio. — São quase cinco horas. Acho que acabamos por aqui, pelo menos por enquanto. A Contenção cuidará da análise forense. — Ele olhou para mim. — Está tudo bem para você ainda ficar longe da loja? Quer dizer, eu não sei quais são seus lucros...

Honestamente, nem pensei na loja. Tadjì poderia ter colocado o sinal de FECHADO na janela, impedido qualquer um que quisesse comprar coisas até que eu voltasse.

— Ninguém faz muito lucro na Zona — disse eu. — Duvido que haja muitas pessoas fazendo compras agora. A maioria está trancada em suas casas ou fora do portão, tentando descobrir o que aconteceu.

Liam assentiu. — Você acha que Tadjì ficará de olho nas coisas um pouco mais?

— Provavelmente. Por quê?

— Ainda não fui até a Eleanor. Você quer dar um passeio?

Quando acenei com a cabeça, nós caminhamos para o local na cerca temporária onde os guardas permitiam que os agentes passassem, e fomos liberados para entrar. Eu não tinha meu passe comigo, mas os guardas me viram trabalhando, ajudando com os feridos. Eles decidiram que eu não era um grande risco.

Marigny foi fortemente danificado durante a guerra. Algumas das casas e cabanas crioulas sobreviveram, e alguns dos espaços vazios foram preenchidos por prédios governamentais baratos. Junto com as paredes de concreto, monitores mágicos, guardas e rede elétrica suspensa, eles fizeram com que o bairro parecesse a prisão que era.

Era uma curta caminhada até as casas geminadas onde Liam e Eleanor moravam. Ele tinha a casa de dois andares isolada à direita. O prédio dela ficava à esquerda, cercado por um muro baixo e por uma sacada.

— Talvez você devesse pensar em ficar na casa da Eleanor por um tempo — falei. — Só para garantir que vocês estão seguros.

Liam olhou para mim quando entramos na calçada para a casa. — Ambos?

— Ela tem magia, o que faz dela um alvo em potencial. E Ezekiel sabia quem era você.

— Ele não sabe sobre Eleanor — disse Liam quando chegamos à varanda da frente, e ele colocou uma chave na fechadura de latão.

Ela não morava na Ilha do Diabo porque os outros sabiam que ela tinha magia, mas porque ela queria estar perto daqueles como ela. E porque Liam a queria perto.

— Prefiro que Ezekiel venha atrás de mim. Eu agradeceria, e não apenas porque ele não estaria usando as pessoas, matando-as, como o covarde que aparentemente é. — Liam abriu a porta e entrou, trancando-a novamente.

A porta se abriu em um corredor central, com quartos à esquerda e à direita. O primeiro andar estava vazio, os pisos de madeira velhos e nus, as paredes marcadas pela fumaça e os buracos da batalha. A casa deveria ser uma casa de família quando a Ilha do Diabo ainda era o Marigny. Até onde eu vi, o único cômodo que era usado e ocupado agora, era o de Eleanor, que ficava no topo das escadas. Deveria ter uma cozinha, já que ela gostava de cozinhar, mas eu ainda não vi.

A casa estava silenciosa, mas eu me preparei para a atenção do cão amarelo muito feliz de Eleanor, Foster. Mas depois de um momento, ainda não havia sinal ou som do labrador.

— Quem está aí? — perguntou uma voz desconhecida, com um sotaque britânico muito ruim, e que eu não reconheci.

Liam olhou para mim. — Liam e Claire.

— Quem é Liam e Claire?

Liam revirou os olhos. — Isso é uma piada de tock tock?

A voz fez uma pausa, o orador aparentemente confuso. — Não?

— Você sabe quem somos, Pike — disse Liam, com as mãos nos quadris. — Apenas saia daí e diga oi para Claire.

A voz era profunda, grave e masculina, e eu esperava um homem muito grande, com ombros largos e um peito que ressoasse o som.

Eu não esperava o homem pequeno e magro que entrou na sala. Sua pele era pálida, seu cabelo preto como carvão, seus olhos do mesmo tom. Seus cabelos eram lisos e caíam sobre os ombros, mas não escondiam os topos pontiagudos de suas orelhas de elfish. Pike não estava aqui da última vez que visitei a casa de Eleanor na Ilha do Diabo. Eu imaginei que Liam havia aumentado a segurança de modo particular na Ilha do Diabo.

— Claire, este é Pike — disse Liam, estendendo a mão. — Pike, Claire Connolly, fornecedora do Royal Mercantile.

— Então — disse Pike, pondo as mãos nos quadris. — Esta é Claire, a Sensitiva.

— Em carne e osso — disse eu.

Os olhos de Pike se estreitaram, desconfiados. — Mmm-hmm. Ela passou por algum tipo de liberação de segurança?

Levantei minhas sobrancelhas. — Tenho certeza que a Contenção fez sua devida diligência. Sou amiga do conselheiro-chefe do Comandante e administro a maior loja do Quarter, onde muitos agentes compram. Além disso, Liam pode garantir por mim.

— Liam é um encenqueiro — disse Pike com total seriedade, mas não pude evitar um sorriso.

— Não tenho dúvidas.

Pike estreitou seu olhar. — Se ele é um encenqueiro e você é amiga dele, você também pode ser uma encenqueira. Um movimento em falso — avisou ele, apontando o dedo para mim —, e você está fora daqui.

— Considero-me devidamente avisada.

— Bem, você foi.

Assenti. — Então estamos na mesma página.

— Fico feliz em ouvir isso.

O som de trote canino emergiu do outro cômodo, passos rápidos até a porta, depois parou quando um cachorro amarelo enfiou a cabeça pela porta, investigando.

Liam se agachou. — Venha aqui, rapaz.

Com a cauda balançando como se pudesse voar, Foster se jogou em nossa direção e se sentou aos pés de Liam – ou mais precisamente, *nos* pés de Liam – para aceitar seus afagos obrigatórios.

Eu não teria me considerado uma pessoa de cachorro, mas quando Foster se aproximou, instintivamente me ajoelhei e passei meus braços ao redor dele. Ele choramingou uma vez, empurrando seu focinho macio contra o meu rosto.

— Sim — disse eu, coçando um ponto debaixo de seu colarinho. — Hoje realmente foi difícil.

Enquanto eu coçava, sua perna de trás se contraiu no chão com prazer incontrolável. Sua felicidade me fez sentir melhor sobre o dia inteiro. Quando ofereceu uma sacudida de corpo inteiro e caminhou até Pike, eu me levantei.

— Foster parece gostar de você — disse Pike, tentando arranhar as costas de Foster, mas fazendo um trabalho realmente esquisito. Seus dedos longos e pontiagudos agitavam o pelo do cachorro, como se Foster fosse um piano a ser tocado em vez de um cachorro a ser acariciado. Talvez não houvesse cachorros no Outro mundo? Para seu crédito, Foster sentou placidamente e suportou.

— É uma técnica e tanto que você tem aí — falei.

— Eu gosto de animais — disse Pike, aquela voz profundamente grave, um estranho contraste com sua pequena forma.

— Pike, nós vamos ver Eleanor. Mantenha as coisas seguras aqui embaixo.

Pike nos ofereceu uma saudação nítida enquanto nos dirigíamos para as escadas.

— Eu acho que você tem um novo guarda de segurança — sussurrei.
— Pike é amigo seu ou da Eleanor?

— Ele é amigo de um amigo — disse Liam cauteloso.

— Ele parece ser um cara muito interessante.

— Alguns Paras se ajustam ao nosso mundo mais rápido do que outros. Eu acho que Pike ainda está trabalhando nisso. Mas ele é tão leal como eles vêm.

— Isso é algo — disse eu.

O patamar do segundo andar levou a várias portas fechadas e uma aberta, para a qual nos dirigimos. Este era o quarto de Eleanor, cheio da decoração que estava ausente no resto da casa. As paredes continham dezenas de quadros em molduras douradas, o chão estava coberto por finos tapetes sobrepostos e antiguidades lindas – provavelmente as poucas coisas recuperadas da antiga mansão dos Arsenaults – espalhadas pelo quarto.

A adorável Eleanor estava sentada a uma mesa redonda perto de uma janela do outro lado da sala. Ela usava uma camisa de mangas compridas de um tecido de seda e o tom cinza destacava sua pele e cabelo prateado curto. Seus olhos, azuis como os do seu neto, estavam sem visão, pelo menos para o mundo real. Mas ela podia ver magia, o caleidoscópio de cores refletidas em todos pela magia.

Era bom ver Eleanor. Mas era ainda melhor ver o homem que se sentava à sua frente na mesa, aquele que provavelmente trouxera Pike para a vida de Eleanor e Liam.

Ele tinha provavelmente um metro de altura, pele pálida e pequenos chifres pretos saindo da cabeça. Eu o chamaria de demônio, mas essa era uma palavra humana que eu tinha quase certeza de que não capturaria o que ele realmente era. E desde que ele salvou minha bunda antes, não poderia ter sido menos relevante.

— Demorou bastante — disse Moses.

Eu sorri, realmente e verdadeiramente, pela primeira vez em horas.

Eu não o vi por semanas. Aparentemente, ele passara mais tempo com Eleanor, o que me fez sentir melhor. Segurança em números, talvez.

Moses saltou para o chão em pernas curtas e ligeiramente tortas, em seguida, caminhou na nossa direção com seu gingado. Quando nos alcançou, ele me olhou de cima a baixo, depois para Liam.

— Vocês parecem inteiros o suficiente — disse ele, depois olhou para Eleanor. — Eles parecem inteiros o suficiente. — Sua voz era um tom mais alto, como se ele pensasse que o volume era necessário por causa da cegueira dela.

Mas Eleanor apenas sorriu para ele. — Obrigada, Moses.

Ele balançou a cabeça em reconhecimento, um movimento que ela certamente não podia ver.

— Vocês estão bem? — perguntou ela para confirmar, sobrancelhas levantadas em esperança.

— Estamos bem — disse Liam. — Você ouviu o que aconteceu?

— Ouvi, senti, cheirei a fumaça — disse ela. — O capitão do quartirão veio, mas não disse nada.

— Babaca — murmurou Moses, voltando para a cadeira em frente a Eleanor e saltando nela.

— Então podemos começar bem do início.

Liam me ofereceu a outra cadeira livre, mas eu recusei, sentando no chão antes que ele pudesse argumentar.

— Eu estou mais suja do que você — disse eu. — Não quero estragar a almofada. Por favor, vá em frente.

Liam se sentou na cadeira. Ele e Moses eram fisicamente diferentes, mas havia algo neles – chame de espíritos ou almas – que era semelhante. Ambos estavam no lado do bem.

— Eles se chamam Reveillon — disse Liam. — Eles acreditam que a magia é a raiz de todo o mal, então toda magia, todos os Paras, a Contenção, tudo, tem que ser eliminado para trazer a Zona de volta à vida. Para trazer um *despertar*. Eles acham que matar os Paranormais restantes dará início a uma Nova Orleans melhor.

— Eles disseram tudo isso no bombardeio? — perguntou Eleanor.

— Eles estavam protestando na Bourbon antes de chegarem ao portão. Vieram até mim com bobagens sobre Gracie.

— Oh, Liam — disse Eleanor calmamente, e pegou a mão dele, apertando-a.

— Eles não têm limites — disse eu.

Liam assentiu. — Eles são liderados por um homem chamado Ezekiel. Poderia ser tanto culto à personalidade quanto religião. Eu não gosto disso. A falta de respeito pela vida, isso domina todos eles e impede de pensar nas consequências.

Ele sentou-se na cadeira e passou os dedos pelo cabelo. — Sou um caçador de recompensas. Eu vejo que há uma ironia em dizer isso...

— Bobagem — disse Eleanor, afastando a ideia. — Isso é um absurdo, e você sabe disso. Você sabe a diferença entre o que é certo e o que é bom. Você sabe o que significa ser Paranormal neste mundo, e escolhe suas recompensas com muito cuidado.

Enquanto os olhos de Liam se arregalaram com a ferocidade em sua voz, Eleanor – claramente não havia acabado – fez um som agudo e apontou

um dedo magro para ele. — Eu sei que você não aceita todas as recompensas. As recompensas são assunto de conversa na Ilha do Diabo. Quem foi trazido, quem os Paras acreditam que ainda está lá fora. Nós sabemos quem você traz... E sabemos quem você não traz. — Ela apontou seu olhar em minha direção. — Devo salientar.

— E obrigada por isso — disse eu, sorrindo para ele.

Eleanor sorriu com aprovação. — Mas tudo isso, meus queridos, não é nem aqui nem lá, apenas uma questão sobre a qual eu sou Sensitiva. Não fique entre eu e meus netos. — Ela se acomodou na cadeira novamente e sua expressão ficou séria. — Você está dizendo que este não será o único ato de violência.

Liam olhou para ela diretamente. — Eles tinham explosivos suficientes para atravessar o portão, abrir uma cratera no chão e matar pessoas em um raio de trinta metros. E tiveram tempo e recursos suficientes para fazer tudo isso e convencer outros de que a morte... Deles e de outros, valia a pena. Que a causa vale a pena morrer. Eles não vão parar até que estejam satisfeitos.

— Algum dia eles estarão? — perguntei.

— Talvez não — disse Liam —, no mínimo, há mais destruição por vir. — Ele se inclinou, uniu as mãos na mesa e olhou para sua avó. — Eu acho que pode ser hora de você deixar a Ilha do Diabo.

— Não. — A resposta de Eleanor foi rápida e não admitiu nenhum argumento. — Absolutamente não.

— É perigoso aqui — insistiu Liam. — E agora com Reveillon...

— É perigoso para *todos* — terminou Eleanor. — Tanto quanto eu aprecio a sua preocupação, este é o lugar onde eu pertenço. — Ela olhou para Moses. — Eu sou mágica, assim como todos os outros Paras, espectros e Sensitivos aqui.

Moses assentiu. — Claro que você é. — Ficou claro que ele falava isso como um elogio.

— Além disso, não há razão para pensar que eu sou mais um alvo do que qualquer outra pessoa.

— Todo mundo é um alvo — insistiu Liam.

— E você vai tirar todos os outros?

Essa pergunta pairava no ar, manchada de culpa.

— Não — disse Liam —, não tenho esse poder.

— Então eu fico onde pertenço. — Eleanor cruzou seus braços magros e apertou a mandíbula. Havia uma determinação em seus olhos que desmentia sua idade, sua aparente delicadeza.

Liam inspirou e expirou por um momento, encarando sua formidável avó. Duas gerações, testando suas vontades um contra o outro.

— Tudo bem — disse Liam, sentando-se novamente. — Mas não gosto disso.

Eleanor sorriu. — Você não precisa, querido.

— Cabeça-dura — murmurou ele.

— Droga, isso é certo — disse ela, erguendo o queixo. — Não sou nenhuma louca.

— Eu certamente nunca iria acusá-la disso.

— Talvez pudéssemos encontrar outro caminho — disse eu. — Mostrar ao Reveillon sobre como eles estão errados. — Olhei para Moses. — Livrar-se dos Paranormais... Mesmo que eles voltassem através do Véu novamente, não mudaria nada, não é? Não limparia o solo, por exemplo?

Moses esfregou um dos seus chifres. — Não. Magia não pertence a este mundo; eu não acho que ninguém iria discutir com isso. Mas se a magia vem do Véu ou dos Paras, já está lá fora. Matar-nos não mudará nada. Agora, se esses idiotas do Reveillon fossem espertos, eles conversariam com Paras sobre consertar o solo, a rede elétrica. Tornando as áreas danificadas utilizáveis novamente.

Minhas sobrancelhas levantaram. — Paras sabem como fazer isso?

Moses encolheu os ombros. — Não sei se alguém tentou. Eu acho que você teria que usar magia para consertar a magia, e isso não é algo que a Contenção queira falar.

Considerando, Liam recostou-se. — Eles também não falam sobre tratar Paras como aliados temporários, mesmo contra um grupo com um arsenal.

— Temos amigos na Contenção — apontei. — Talvez eles pudessem usar sua influência, tentar envolver a Delta. — Afinal, Delta foi crucial para

manter o Véu fechado na Batalha Memorial. E me dando esperança de que se tornar um espectro não fosse uma inevitabilidade.

Moses bufou. — Red, eu sei que só recentemente você foi doutrinada para a igreja da verdadeira verdade do caralho, mas para fazer isso, eles teriam que admitir que Paras não são todos inimigos, e a Ilha do Diabo é fundamentalmente injusta. Eles não farão isso.

— Mais cedo ou mais tarde — disse eu —, eles terão que fazer isso. Isso é apenas história. Reinos não duram para sempre. Pessoas mudam, atitudes mudam. Talvez possamos acelerar esse processo.

Liam olhou para mim. — Você está soando muito otimista.

— Temos uma prisão cheia de Paras que não deveriam estar lá, uma cortina mágica que poderia se rasgar a qualquer hora, e um grupo de humanos que acha que a maneira de consertar a Zona é matar todos e tudo mais. — Eu olhei para Liam. — É quase certo que vai piorar antes de melhorar, então podemos muito bem esperar que o melhor chegue aqui, mais cedo do que mais tarde.

Os olhos de Moses se estreitaram. — Pode ter havido lógica nisso, mas se há, foi enterrada profundamente, bem fundo.

Liam sorriu para mim. — Isso é uma ruiva para você.

* * *

— Não seja tão estranha — disse Moses, quando nos despedimos. Ele olhou para mim com os olhos verdes brilhantes. — Mas também não seja morta por idiotas xenófobos.

— Vou tentar não fazer as duas coisas — prometi.

— Você provavelmente deveria mandar um pombo — disse Liam quando descemos as escadas. — Diga a Delta o que aconteceu e o que pode acontecer. Como você disse, provavelmente vai piorar antes de melhorar.

Na Zona, as coisas pareciam funcionar dessa maneira.



Capítulo 05

Eu esperava entrar na Royal Mercantile, achar a loja escura e vazia, Tadjí atrás da mesa lendo um livro, esperando impacientemente que eu voltasse.

Em vez disso, ela estava na frente de um balcão que agora estava cheio de displays e prateleiras de produtos. Com sua bela caligrafia, ela fez lindos cartazes que agora pendiam do teto e apontavam para diferentes áreas da loja. E essa não era a única diferença. Os negócios sempre foram estáveis; os clientes me conheciam e não havia muitas opções. Mas mesmo quando o sol se punha, quando a maioria dos residentes de NOLA voltava para casa, havia uma dúzia de pessoas circulando pela loja, carregando cestas de vime para guardar suas mercadorias – cestas que reconheci da sala de armazenamento.

Na meia dúzia de horas em que estivemos fora, ela transformou Royal Mercantile em um estabelecimento de varejo movimentado.

— Droga — disse Liam calmamente quando o badalar do sino na porta anunciou nossa chegada. — Mesmo Mos ficaria impressionado com isso.

Eu tinha certeza que Liam estava certo. Claramente eu não estava dando crédito financeiro capitalista a minha melhor amiga. Então, por que havia um aperto de raiva na minha barriga, irritação com o grande número de pessoas na loja, e raiva por ela rearranjar – e melhor do que eu?

Tadjí levantou a cabeça ao ouvir o som dos sinos e disse alguma coisa a um cliente no balcão, depois correu em volta para chegar até nós.

— Graças a Deus — disse ela, olhando para nós. — Eu estava frenética. Vocês estão bem?

— Estamos bem — disse Liam quando não respondi.

— Tenho recebido relatórios de pessoas sobre o que aconteceu. — Seus olhos escureceram com raiva. — Era Reveillon, não era?

— É assim que parece — disse Liam —, mas a Contenção ainda está investigando. Levará um tempo para juntar tudo.

— Sua avó? — perguntou Tadjì.

— Ela está bem. Obrigado por perguntar.

Tadjì assentiu, desviou o olhar para mim e eu pude sentir sua ansiedade, o que só me deixou mais irritada.

— Espero que você não se importe — disse ela, acenando com a mão na loja. — Eu estava ansiosa e precisava de algo para fazer, e isso foi a coisa menos destrutiva que eu poderia pensar. — Ela olhou em volta. — Tentei pensar como um cliente, e eu acho que levei tudo a um nível. — Ela olhou para mim, seus olhos brilhando com entusiasmo. — Eu também tenho mais algumas ideias.

— Uh-huh — foi tudo que eu disse.

Ela franziu a testa para mim, o entusiasmo mudando para preocupação. — Você está bem?

Eu não estava. De repente eu estava com um comichão de irritação, com raiva, e não tinha ideia do porquê. E considerando o que eu acabara de enfrentar, isso me fez sentir ridícula e mesquinha.

Ela colocou a mão no meu braço. — Se eu ultrapassei, posso tirar tudo e deixar como antes. Não é grande coisa.

— Não é grande coisa — menti, porque não sabia por que era um grande negócio. Eu não conseguia processar isso.

A única coisa que consegui pensar foi em sair, tentar descobrir o que diabos estava acontecendo na minha cabeça.

— Eu preciso subir — disse eu, e sem esperar por uma resposta, subi para o segundo andar, como uma criança que pegou a bola e saiu correndo.

* * *

A sala de armazenamento no segundo andar do Royal Mercantile era um labirinto de antiguidades e móveis. Tentei organizá-lo rudemente em departamentos, mas esse esforço fracassara quando eu quase fui morta por

uma placa de posto de gasolina e descobri – em um ponto enferrujado – que eu tinha magia.

Caminhei pelo labirinto até a parede de janelas que davam para a Royal Street, afastei as cortinas de seda e olhei para a escuridão que caía. E então tentei descobrir exatamente por que eu estava irritada com a minha melhor amiga.

Liam me deixou pensar por quinze minutos antes que os pisos de madeira sinalizassem sua entrada. A escuridão caíra completamente, e não pensei em acender a luz. Ele fez isso, e eu pisquei com o choque disso.

Ele me encontrou em uma cadeira de balanço de carvalho na frente das janelas, o chão rangendo debaixo de mim.

— Este é um filme de terror esperando para acontecer, querida... Você está sentada no escuro em uma cadeira de balanço, fazendo aquele som.

O silêncio se estendeu entre nós. — Você quer conversar? — perguntou.

— Não sei — disse eu honestamente.

— O bombardeio, ou o que ela fez na loja?

— Ambos, eu acho. — Suspirei, não inteiramente certa de que queria despir minha alma. Mas eu sabia que teria que fazer isso mais cedo ou mais tarde, porque eu teria que me desculpar com Tadj. Talvez se falasse sobre isso, eu entenderia. Eu me compreenderia.

— Antes da guerra — comecei —, eu tinha esse plano para a minha vida. Tinha boas notas, e isso era importante naquela época. Eu iria para Tulane, moraria em um dormitório, seria uma estudante universitária irresponsável. Ficaria bêbada nas festas, encontraria um garoto e faria tudo o que se espera.

— E então a guerra chegou — disse Liam.

— E então a guerra veio — concordei. — Suspirei e me levantei, sentindo-me repentinamente ansiosa e um pouco presa. Talvez tenha sido assim que sempre me senti.

— Papai começou a vender provisões — continuei —, comecei a transportar mais antiguidades até aqui, comecei a passar mais tempo na loja. Nesse ponto, era perigoso ficar sozinha em casa. Melhor estar aqui com ele,

mesmo que o Quarter fosse um alvo maior. Então eu fiquei aqui a maior parte do tempo e trabalhei. Eu não tive muita escolha, e não senti que deveria reclamar sobre a escolha que eu tinha. — Olhei para baixo, e peguei uma mancha de sujeira no meu jeans com uma unha do polegar. — Eu estava viva, estava segura e tinha um jeito de ganhar a vida. Isso era raro na Zona.

— Por que não ir embora quando seu pai morreu?

Olhei para ele. — Porque eu sou o último dos Connollys. Se meu pai estivesse vivo, ele teria ficado aqui para sempre. Talvez eu tivesse filhos, e um deles poderia ter assumido. Ainda poderia, eu acho. Mas enquanto isso, eu não poderia deixar isso simplesmente desaparecer. Caminhei até as janelas e apontei para o prédio verde claro do outro lado da rua.

— Aquela é a Prentiss Building. Construída em 1795, eu acho. É uma das primeiras estruturas em Nova Orleans. — Tracei as linhas do prédio no vidro com a ponta de um dedo.

— O negócio é que o prédio mantinha um negócio operacional de 1795 até a guerra. E então a guerra e os Donaldson – eles eram os donos da época – partiram. — As janelas e a porta estavam quebradas, a loja revirada e esvaziada, enegrecida pela guerra. Mas o prédio ainda sobrevivera.

— Eu estava apenas tentando continuar — disse. — E aconteceu que estar aqui era a melhor maneira de lembrá-lo. As pessoas vinham o tempo todo. Sra. Proctor, Sra. Jones, Tony. Pessoas que conheciam meu pai. Eles me checavam todos os dias. Eles foram corajosos o suficiente para ficar, para segurar o que tínhamos. Então eu fiz o mesmo.

— Mas talvez — disse Liam, se juntando a mim na janela —, você gostaria de ter outra opção.

Assenti. — Trabalhei muito na loja e adorei. Mas por mais que seja uma parte de mim, eu nunca tive esse olhar em meus olhos... A ansiedade que Tadjji tinha. — Fiz uma pausa, tentando colocar minhas emoções em palavras. — Após o bombardeio, depois de tudo isso hoje, eu estava realmente ansiosa para voltar. Entrar no meu espaço... Meu lugar.

— Sua zona de conforto. — Sim. Depois de todo esse tempo, sim. O lugar onde estou no comando, onde eu faço as regras. E, em vez disso, eu a encontro no modo de merchandising de tornados. — Olhei para ele. — Ela está

no varejo há cinco horas... E fez um trabalho melhor do que eu fiz desde que meu pai morreu. E, de repente, senti que este não era o meu lugar.

— Venha aqui — disse Liam, a voz cheia de compaixão. — Então ele me puxou contra seu corpo e me abraçou.

O desejo surgiu tão rapidamente, tão poderosamente, que poderia ter sido uma coisa tangível. Estar tão perto de algo que eu queria tanto, mas não podia. Mas eu me deixei ter o que pude. Não porque eu era Sensitiva, não porque algum dia eu poderia me tornar um espectro, mas porque eu era uma mulher, e ele era um homem, e algo brilhava – brilhante e caloroso – entre nós.

Deixei minha testa cair no peito dele e descansei ali. Deixe-me ficar lá, deixei minhas mãos descansarem em suas costas.

Eu poderia ter inclinado minha cabeça e lhe oferecido um beijo; eu tinha a sensação de que ele esperava por isso, gostaria de receber. Mas eu sabia onde isso levaria. Tão certo como ele sentiu a faísca, ele não queria me machucar. Nós dois iríamos embora, mas eu ficaria machucada no processo.

Passou um minuto, depois dois. E deixei minhas mãos caírem, me afastando. Liam me deu um último abraço antes de deixar eu me afastar.

— Claire. — Meu nome saiu suavemente, parte exalação, parte frustração, parte tristeza.

Eu apenas olhei para ele. Depois de um momento ele desviou o olhar, olhou por cima da minha cabeça para as janelas atrás de nós. Havia barba por fazer em volta de sua mandíbula, cansaço nos seus olhos.

— Provavelmente vai chover hoje à noite — disse ele.

Sim, vamos, por favor, falar sobre o tempo. Vamos falar sobre qualquer coisa, além do que precisamos, queremos e sentimos. Não chovia há dois dias, e essa era Nova Orleans, então um aguaceiro era sempre inevitável. — Sim.

Ficamos naquela sala de memórias, a brecha entre nós tão grande quanto a que eu criei na Batalha do Memorial. E então as luzes acima de nós zumbiram, escureceram tudo quando a rede elétrica da cidade foi superada mais uma vez pela magia.

A súbita escuridão era uma metáfora tão boa quanto qualquer outra.

* * *

Liam desceu sozinho para me dar uma chance de me recompor. Isso levou mais dez minutos.

Quando cheguei ao andar de baixo, Tadjì havia mudado o sinal de ABERTO para FECHADO. Ela também acendera duas velas no balcão, que criavam sombras do outro lado da sala.

Ouvi um arrastar nos fundos – provavelmente Liam – mas Tadjì era a única na frente da loja. Contornei a esquina e caminhei até o balcão. Ela se sentou em um banco atrás dele e olhou para mim, nossas posições invertidas do habitual.

— Me desculpe — disse eu.

Seus olhos escuros se estreitaram.

Limpei minha garganta. Eu odiava pedir desculpas. — Não estou realmente pronta para falar sobre tudo isso. Tem a ver com meu pai, com a loja, com o que vimos hoje, e ainda estou trabalhando nisso. Mas eu queria dizer que sinto muito.

Ela abriu a boca para falar, depois fechou de novo, arregalando os olhos. — Eu nem sequer pensei em seu pai, Claire, sobre como este era o lugar dele, as coisas dele. Eu só queria ser útil. Eu sin... — disse, preparando-se para pedir desculpas, mas eu a interrompi.

— Você não fez absolutamente nada de errado. Apenas trouxe algumas coisas com as quais eu não lidei. — Eu me obriguei virar, deixando meu olhar passar de cartaz em cartaz, exibição para exibição, até que inspecionei toda a loja.

Olhei para a caixa de fósforos quase vazia no balcão, um vistoso cartaz acima dela. — Fogo em promoção? — perguntei.

Tadjì sorriu. — Aprecio um bom trocadilho de varejo, e desde que a caixa estava cheia quando a peguei, eu diria que não sou a única.

— Quem sabia que você seria tão boa em merchandising?

— Eu sei, certo — disse ela, sorrindo de prazer pelo elogio. — Eu acho que é por causa da minha pesquisa, porque passei tanto tempo falando com

as pessoas na Zona. Você fala com eles, você começa a descobrir o que eles querem.

Assenti. — Você viu Gunnar desde que saímos?

Ela assentiu. — Ele passou por aqui mais cedo. Não falamos sobre o que aconteceu. Ele apenas disse que ia tirar um cochilo no Cabildo, depois voltaria. Parecia exausto, mas você sabe como ele é... Ele vai trabalhar até cair.

— Desde que ele caia e ninguém o derrube.

Tadji ficou pálida com o comentário.

— Desculpe — disse eu, esfregando os olhos. — Sinto muito. Humor sombrio. Eu falava do sentimento, no entanto. A Contenção está no radar de Reveillon.

— Não quero pensar nisso — disse ela, e lançou um olhar para a porta. Eu me perguntei se ela pensava em Will Burke, um agente da PCC Materiel, um Sensitivo, e um membro da Delta. Ele era um amigo e aliado, e tinha uma queda por Tadji. Sendo da Contenção, ele estaria no radar de Reveillon. De várias maneiras, infelizmente, e não apenas porque ele estava se recuperando de um ferimento de bala que ele sofreu na Batalha do Memorial.

Pela segunda vez hoje à noite, eu colocara uma expressão de angústia em seu rosto. Eu não ganharia nenhum prêmio de amizade hoje.

Ela pulou do banquinho, passou sua bolsa carteiro por cima da cabeça. — Eu vou indo. Estou faminta e cansada, e hoje estou um caos. — Ela deu a volta no balcão e me abraçou. — Você tem comida? Algo para comer?

— Tenho certeza que há algo lá atrás, sim. Obrigada, realmente. Por tudo.

Ela assentiu. — Você é bem-vinda, Claire. — Ela fez uma pausa. — Eu gostaria de voltar amanhã... Estou trabalhando no meu esboço e isso ajuda a sair de casa, pensar em outra coisa. A menos que isso te incomoda?

Olhei ao redor da loja, na alegria que trouxe para ela. O senso de humor, — Se isso acontecer, não deveria — disse eu, e nós trocamos abraços novamente. — Eu acho que você não tomou café hoje.

— Não tomei. Eu acho que ficarei por perto por enquanto. Mas, por agora, estou gostando do poder na Zona. — Ela acenou com a mão e saiu pela porta, os sinos tilintando atrás dela.

Liam saiu da cozinha com uma garrafa de água na mão e olhou em volta. — Você a mandou embora?

Bocejei, cobrindo minha boca com as costas da mão. Era apenas um pouco depois do pôr do sol, mas eu estava pronta para dormir. — Não. Ela teve o suficiente.

— Dia longo para todos — concordou Liam.

Não pude impedir outro bocejo. — Precisamos atualizar a Delta.

— Eu farei isso — disse Liam. — Eu acho que você fez o suficiente para o dia. — Ele olhou para a porta da frente. — Você estará segura aqui?

— Tão segura quanto já estive. As portas serão trancadas, e estarei lá em cima com a barreira mágica.

Ele parecia compreensivelmente duvidoso com a minha avaliação.

— Posso cuidar de mim mesma se eu precisar. E Ezekiel reconheceu você, não eu. Ele provavelmente não sabe quem eu sou. — E mesmo se soubesse, o que poderíamos fazer a respeito sem deixar a Zona ou eu ter um guarda-costas de 24 horas? Nenhuma delas era uma opção.

Liam assentiu. — Eu acho que vou dar uma volta. Quero procurar por outdoors, talvez confira a Lower Ninth.

— Você vai procurar o espectro de novo? Não deveria ir sozinho.

Ele sorriu. — *Cher*, eu caeei sozinho por muitos anos antes de te conhecer. Ficarei bem. Eu só quero circular, ver se posso obter uma indicação de onde ele esteve, onde está escondido. Se eu encontrar, podemos buscá-lo amanhã à luz do dia. Talvez a Delta tenha se estabelecido em um local para seu novo QG, e nós também podemos conversar com eles.

— Sobre Reveillon.

Liam assentiu.

— Isso soa bem. Tenha cuidado quando você for para casa, Liam. — Afinal, ele estaria voltando para a Ilha do Diabo, e ele já irritara Ezekiel uma vez hoje.

— Eu vou, Claire. Você cuida de si mesma.

Quando assenti, ele saiu para a escuridão, de volta para a Ilha do Diabo. Fechei e tranquei a porta, depois fiquei lá por um momento, observando até que ele estivesse fora de vista, como se isso pudesse mantê-lo seguro.

Não doía tentar.

* * *

Eu precisava dormir e de um novo dia, então enchi um copo de água fria e subi a escada para o terceiro andar, para o meu comprido cômodo de piso de madeira e paredes de gesso cobertas por janelas do chão ao teto.

Coloquei o copo na cômoda e abri uma fresta nas janelas da frente e de trás, esperando que uma brisa subisse no andar de cima.

Um pombo arrulhou ao lado do pátio, por isso procurei uma mensagem da Delta, mas não encontrei nada. O pombo mimado inclinou a cabeça para mim no modo robótico e hesitante de pombos, então coloquei algumas sementes no pequeno copo preso ao seu poste e deixei-o jantar.

Quando cheguei ao meu sofá, eu tirei minhas botas e as larguei no chão. Minha calça jeans e camiseta a seguiram, ficando em roupas de *responder*. (Apenas roupas suficientes, um cliente me disse uma vez, para que ainda pudesse atender a porta).

Eu caí na cama, a exaustão penetrando em todos os ossos e músculos. Alguns eram físicos, uns tantos emocionais, o custo de ver horror, de lembrar, de lidar com seus efeitos posteriores.

Fechei meus olhos e tentei relaxar na escuridão. Mas, mesmo que o cansaço fizesse meus ossos se sentirem como chumbo, minha mente continuou girando. Queria ficar obcecada, vagar, repetir imagens da morte e da violência, repetir minha conversa com Liam, recitar as coisas que eu precisaria fazer amanhã – falar com Delta; encomendar mercadorias para Lizzie; pedir desculpas a Tadj de novo, por via das dúvidas.

Quando a lista continuou, abri os olhos e olhei para o teto, obrigando-me a rastrear lentamente as constelações formadas pelas estrelas que se

agitavam no escuro. Segui os ombros de Orion, o cinto, o punhal, a longa linha do escorpião, o corpo poderoso do leão.

Na metade, minha mente tropeçou em Liam e tive que arrastá-la de volta. Quando localizei todas as dez, eu ainda estava acordada.

Então contei de cem para trás. Cheguei a dezenove... E pensei em Liam. — *Pare com isso* — ordenei.

Imaginei que estava andando pela sala de armazenamento, tentei lembrar cada peça de mobília. Fui até as janelas, pude sentir meu corpo relaxar no sono... E pensei nos braços de Liam em volta de mim.

E assim o ciclo continuou, de novo e de novo. Uma hora e meia depois, eu ainda estava acordada.

— Filho da puta — murmurei, então sentei e esfreguei meu rosto, olhando com raiva para a escuridão.

Não havia sentido em insistir, então balancei meus pés na beira da cama e me levantei. Apanhei um par de boxers para combinar com a blusa que eu já usava, caminhei para a porta e me dirigi para as escadas.

Acendi a luz no depósito do segundo andar, testando-a. A energia voltara.

Sempre gostei de ficar ocupada – consertando coisas quebradas, organizando a sala de armazenamento, restaurando antiguidades que eu encontrara ou troquei por outras coisas na loja.

E desde que eu soube que meu pai era um Sensitivo, eu estava verificando pelo prédio – os registros, as antiguidades, os objetos pessoais do meu pai – procurando alguma pista sobre quando ele se tornou um sensitivo e o que ele fizera sobre isso.

Ele aprendeu a controlar sua magia, a manter sua magia balanceada? Foi por isso que a loja estava escondida dos monitores mágicos do lado de fora? E a pergunta mais importante – a única que realmente se encaixava: por que ele não me contou?

— Ele só não havia me contado *ainda* — murmurei, repetindo o mantra que decidi.

Eu era muito jovem – apenas dezoito anos – quando ele foi morto. Ele pretendia me dizer, talvez quando eu fosse mais velha. Ele tinha todas as

intenções de me dizer, mas morreu antes de ser capaz de dar aquele passo. Porque a alternativa fazia meu peito doer – a possibilidade que ele nunca pretendeu me dizer, que ele nunca considerou a possibilidade que eu terminaria do mesmo modo – mas sem sua ajuda ou orientação.

Eu me sentei na frente das estantes de livros de dois advogados na sala de armazenamento e abri a porta de vidro na prateleira de baixo. Esta semana, eu estava trabalhando nos livros que meu pai havia colecionado. As lombadas eram lindas, todas de couro e dourado, e eles teriam valido um bom dinheiro uma vez. Havia os pontos turísticos favoritos do French Quarter – *A Confederacy of Dunces* e *New Orleans Sketches* de William Faulkner – juntamente com muitos clássicos que não havia tido permissão para tocar quando criança. Isso certamente mudou.

— Eu vou encontrar uma carta — disse eu, puxando um livro da prateleira, folheando as páginas. Quando nenhuma nota ou mensagem secreta apareceu, guardei-o novamente. — Uma nota pegajosa. Uma receita. Um cartão de visitas. Uma página rasgada de uma lista telefônica antiga.

Qualquer coisa que me ajudasse a entender quem ele realmente foi.

Puxei uma cópia de *The Secret Garden*, meu coração acelerou momentaneamente quando vi manchas de tinta na frente do livro. Mas foi apenas um preço a lápis de algumas vendas há muito tempo.

Com mais descobertas como essa, a noite se esvaiu. Mais cinco livros se seguiram, depois dez. Então vinte. E então eu estava na prateleira final.

— *A Revolta dos Anjos* — murmurei, lendo as letras douradas na lombada de couro vermelho. Eu não conhecia o livro, mas aposto que o autor não havia imaginado corretamente o que uma revolta de anjos realmente envolvia. Passei os dedos sobre os desenhos metálicos prensados na capa, os pontos azuis e vermelhos da estrela em chamas.

— E há quanto tempo você foi escrito? — perguntei, abrindo a capa para encontrar as informações da publicação na primeira página.

Mas não havia página de publicação.

As páginas interiores do livro foram cortadas, esculpidas em um retângulo, mas com uma borda de páginas de cerca de uma polegada de cada lado. E lá, repousando dentro do livro, havia um conjunto de papéis.

Com o coração batendo forte, as palmas das mãos suando de antecipação, desdobrei-as cuidadosamente, abrindo-as.

Elas eram documentos legais antigos – uma escritura que não reconheci e o que eu achava que eram documentos de apoio, todos amarelados pela idade.

Não eram do meu pai, eu percebi, folheando metade das páginas. Apenas documentos que alguém colocou em um livro por segurança, provavelmente achando que estavam sendo espertos. Provavelmente meu pai havia conseguido o livro como parte de um lote maior, nem mesmo o abrira.

Coloquei os dois de lado, abaixei a cabeça até os joelhos. Talvez eu nunca descubra nada sobre meu pai. Talvez aprendesse a viver com o que eu sabia e o que eu não sabia.

— E talvez o inferno congele e os anjos povoarão a Terra — murmurei.
— Oh. Espere.

Eu me levantei, levando o livro e os papéis comigo, e apaguei a luz. No andar de cima novamente, coloquei-os em cima da minha mesa. Talvez eu pudesse encontrar alguém para devolver os papéis. Talvez eu mantivesse o livro pela ironia.

E talvez, se tivesse sorte, conseguisse dormir um pouco.

Capítulo 06

Era cedo. Tão cedo que a escuridão ainda se derramava sem ser importunada para o quarto. O som me acordou, mas estava escuro demais, pensei, para *Reveille*³ ter tocado na Ilha do Diabo no Quarter.

A música vibrou novamente.

Pisquei na escuridão, a cama e as paredes e o teto entrando em foco. E, eventualmente, um pombo cinza cantando uma ária no parapeito da janela.

Considereei lançar um sapato nele, mas como provavelmente era uma mensagem da Delta, eu me arrastei para fora da cama. Estremeci quando cruzei o quarto, tentando forçar minhas pernas a trabalharem, meu cérebro ainda enevoado pelas poucas horas de sono que consegui agarrar.

— São cinco e meia da manhã — disse, estendendo a mão para o pombo, que dançou para trás e depois para frente. — Pare de jogar duro para conseguir. — Quando consegui agarrá-lo, eu puxei o pedaço de papel marfim da tira de couro em seu pé. A caligrafia no papel era curva, longa e elegante, dizia: *Algiers Point*⁴. *Prática. Agora, - M.*

M era de Malachi, meu colega da Delta e hoje meu novo professor de magia. Isso era uma convocação de um anjo às cinco e meia da manhã.

Resmungando, coloquei algumas sementes no alimentador do pombo, fechei a janela e me resignei ao meu destino. Eu não sabia quanto tempo Malachi já havia esperado, e chegar ainda mais tarde não era muito bom. Especialmente desde que ele estava me ajudando a não me tornar um espectro, com a qual eu estava totalmente de acordo.

Quando os anjos chamavam, os Sensitivos escutavam.

3 Um sinal especial em uma corneta ou tambor para acordar o pessoal nas forças armadas.

4 Algiers Point é um local no rio Mississippi, em Nova Orleans, Louisiana. Argel Point é simplesmente um dos muitos pontos de terra em torno dos quais o rio corre.

* * *

Tomei banho, vesti e comi uma das bananas, e deixei um bilhete para Tadjji explicando que foram trocadas por leite em pó no dia anterior, depois coloquei uma jaqueta acolchoada de PCC.

Fechei a loja e saí, dirigindo-me ao rio. O Quarter ainda estava escuro, os cantos iluminados pelos postes de luz e o brilho vermelho de monitores mágicos não acionados. Como Liam previu, havia chovido durante a noite, deixando a cidade úmida e extraordinariamente fria nessa época do ano. Outro efeito da magia – mudanças climáticas surpreendentes em nosso canto tipicamente tropical do mundo.

Mesmo agora, anos depois de seu pico, o Quarter cheirava como o Quarter. Humidade, álcool, lixo. Era como se a essência da Bourbon Street, no seu auge, tivesse ficado presa na umidade que agora se espalhava pela cidade. Ou talvez daiquiris, pralina⁵ e seus efeitos posteriores tivessem se infiltrado no asfalto e no tijolo.

Eu deveria estar nervosa, com medo de que os membros de Reveillon estivessem patrulhando a vizinhança, a procura de objetos de sua raiva. Mas havia algo mágico na escuridão. Antigamente, o início da manhã no Quarter significava caminhões de lixo, entregas de produtos, corredores, empresários preparando para abrir lojas e restaurantes, turistas saindo antes que o calor se tornasse excessivo.

Agora a cidade estava quieta, névoa misturando as bordas dos prédios e dando o brilho de outro mundo às lamparinas a gás. A Ilha do Diabo ainda brilhava ao norte, mas a umidade suavizou suas linhas regulares.

Andei em direção à união do Canal Street e do rio Mississippi. A Crescent City Connection, a ponte dos U.S. 90, foi destruída durante a guerra, e a nova travessia era percorrida várias milhas abaixo. Houvera um terminal de barcas aqui uma vez, mas também se foi, destruído logo após o incêndio do Mardi Gras World.

5 Pralinê ou pralina (do francês praline) é um doce feito com alguma castanha envolvida em açúcar e cristalizada: ou seja, é uma castanha caramelizada. Já nas pralinês belgas, as castanhas são recobertas com chocolate. Pode também ser processada e ser utilizada em pasta

Você queria visitar Argel agora, pagava ao Sr. Bernard.

Sua balsa foi remendada de uma seção de barça, a costura selada e feita à prova d'água. As argolas eram soldadas de um lado, e estavam intrinsecamente atadas à metade inferior de uma longa elipse de corda que cobria o rio.

Um homem, magro como um trilho com a pele bronzeada pelo sol, saiu de sua tenda na beira do rio. — Bom dia.

— Bom dia, Sr. Bernard. — Estendi alguns dólares, que ele aceitou com um aceno de cabeça e mergulhou em sua mochila gasta. — Posso pegar uma carona?

— Claro. Muito cedo.

Assenti. — Não é minha escolha. Um amigo precisa de mim.

Ele assentiu, gesticulou para a barça. — Suba a bordo.

Pisei no cais, depois na barça comprida e plana, e observei como o Sr. Bernard desamarrava as cordas que o atracavam na margem lamacenta.

Havia rumores de que o Sr. Bernard havia sido pediatra em uma clínica elegante no Garden District quando a guerra começou. Seu escritório foi atingido em um dia feroz de lutas durante a Segunda Batalha de Nova Orleans, e a perda de vida – a perda de crianças – o mudou. Ele se afastou do que restou, juntou-se à guerra e se tornou o barqueiro. Em vez de lutar contra a doença, ele lutava contra o rio Mississippi todo dia.

Ele jogou as cordas no convés da barça. Agora solto, ele se deslocou para a corrente, puxando com força o cabo que o impedia de cair rio abaixo e eventualmente para o Golfo do México.

Ele caminhou até o meio da barça, mãos com luvas pesadas de couro, braços bronzeados e definidos com músculos. Ele começou a trabalhar com as mãos, puxando a corda superior para mover a balsa para o rio.

Segurei um corrimão quando a barça investiu contra a corrente. Nós precisávamos ir para o leste; o rio, que parecia marrom no começo da madrugada, queria muito nos empurrar para o sul.

A barca estremeceu quando um galho de árvore nos sacudiu, quase arrancando a corda de uma de suas estações. Sr. Bernard resmungou, mas manteve as mãos na corda.

— Eu posso ajudar — disse eu, e me ofereci para fazer a minha parte. Mas ele fez um sinal para trás, com gotas de suor estalando em seu rosto e continuou a puxar.

Ele lutou contra o rio um pouco de cada vez, com os dentes à mostra e a testa franzida até atravessarmos uma meia milha. Talvez essa fosse a sua penitência, lutar contra o Old Man River⁶ por causa da luta que ele não conseguira vencer.

Ele atracou no lado leste do rio, concentrando-se em sua tarefa enquanto eu caminhava para o outro lado da barca e através do cais. Ele esperaria lá até ter uma tarifa de volta, então, se alguém aparecesse antes de eu voltar, eu teria que nadar ou esperá-lo.

Ou pegar uma carona com um anjo.

* * *

Minhas pernas bambas, o chão parecia balançar embaixo de mim quando pisei em terra firme novamente.

Algiers não era o ponto turístico que uma vez fora; bairros foram devastados pelos bombardeios humanos. As paredes do depósito Mardi Gras World desmoronaram há muito tempo, e rostos enormes – as cabeças de criaturas que um dia povoaram os carros do Mardi Gras – ainda olhavam para fora do enorme edifício como ídolos para uma idade diferente.

Por não ter sofrido muito dano mágico, as coisas que cresciam em Louisiana cresceram aqui em abundância. A terra se tornara um prado rasteiro, com flora e fauna que ajudavam a alimentar aqueles que moravam no bairro.

Assim como na primeira vez em que o vi, Malachi estava em um bosque, as asas retraídas. Ele usava jeans e um casaco fino de marinheiro, seus cachos loiros desgrenhados apenas roçando seus ombros. Ele era alto e de ombros largos, com pele bronzeada dourada. Seus olhos eram dourados

⁶ Um nome para o rio Mississippi

também, o nariz reto e levando a lábios que estavam mais cheios no inferior do que no superior.

Se não fosse pelo manto de autoridade que ele vestia tão bem quanto as roupas, você teria pensado que ele era um humano. Mas esse manto era difícil de ignorar.

Eu conhecia Malachi por um mês e ainda não o conhecia. Ele foi um general no exército de Consularis, e seus modos eram quase sempre formais. Eu não estava certa se era porque ele era Consularis e nós éramos humanos, ou ele era um comandante e nós éramos soldados. Ou talvez fosse apenas sua personalidade.

Ele olhou para trás, encontrou meu olhar e pressionou um dedo nos lábios. Assentindo, me esgueirei pela grama ao lado dele.

Um cervo e seu filhote estavam em uma clareira a quinze ou vinte metros de distância, seus corpos iluminados pela claridade inicial que cortava as árvores e se espalhava pela neblina. Eles roeram a grama que cresceu em um estacionamento e levantaram a cabeça. Mandíbulas trabalhando, ouvidos atentos, mastigavam no amanhecer crescente.

O momento se estendeu e os grilos recomeçaram o coro à nossa volta. O filhote, as patas traseiras pontilhadas de manchas brancas, avançou alegremente, a cauda se deslocando para afastar mosquitos ou moscas.

O súbito assobio de Malachi dividiu o ar e o silêncio. O cervo pulou e correu, desaparecendo na névoa.

— Por que você fez isso?

— É melhor que eles continuem com medo — disse ele. — Se eles se acostumam demais com humanos – ou qualquer outra coisa – são mais vulneráveis.

— Para virar o jantar.

— Não há razão para tornar a caçada muito fácil.

Inclinei a cabeça para ele. — E os humanos são mais vulneráveis a se acostumar com os Paranormais?

Ele parecia satisfeito com a pergunta, mas isso não mudou seu raciocínio. — Você acha que eu sou seu aliado?

Pensei honestamente na pergunta. — Não sei. Mas eu não acho que isso importe.

Ele ergueu a sobrancelha em surpresa. — Oh?

— Nós temos um inimigo comum. Isso nos torna aliados o suficiente por agora.

Ele sorriu. — Nisso, nós concordamos.

— Você ouviu o que aconteceu ontem?

Ele assentiu. — Sim. Liam e Burke enviaram mensagens para nós.

— Nós vimos um outdoor perto do Lower Ninth naquela manhã. Então eles marcharam pela Bourbon Street. O líder, Ezekiel, disse que eles tinham muitos aliados, muitas manifestações. Você já viu algo assim? Mensagens de recrutamento? Outras manifestações deles?

— Vi vários outdoors. Mas nenhuma indicação de quem os pintou, ou o tamanho do grupo deles. Ele teria que ser grande o suficiente para não se preocuparem com a perda de sete membros em uma explosão orquestrada.

— Sim. — E isso era perturbador o suficiente. — É por isso que estamos aqui tão cedo?

Ele sorriu. — Não é cedo para mim. Mas, no geral, sim. Você nem sempre terá a oportunidade de escolher as condições sob as quais você usa magia. Precisa estar preparada para usá-la em situações menos favoráveis.

Olhei ao redor. Estava frio, escuro e enevoadado, e eu ainda estava grogue de uma noite gasta acordada e revirando. — Menos que o ideal — concordei.

Malachi sorriu. — Dê-me sua jaqueta.

Meus ombros caíram. — Acho que você não poderia trocá-lo por um mocha de chocolate branco com soja e creme, poderia? E talvez um croissant para acompanhar?

Ele apenas olhou para mim.

— Não importa — disse eu, retirando a jaqueta e entregando a ele. — Você fez Burke fazer isso? — Eu me perguntei, arrepios rapidamente subindo na pele pelo ar gelado.

— Eu não treinei Burke. Vamos ver o que você pode fazer.

Olhei em volta. — Ninguém vai ver?

— Eu protegi a floresta.

Levantei minhas sobrancelhas. — Você pode fazer isso?

Ele assentiu, e eu o observei por um momento. — Você protegeu Royal Mercantile?

— Não — disse ele com um sorriso. — Eu não conhecia seu pai. E isso não é uma habilidade que eu tenho. Posso te trazer dentro da proteção da minha magia, como fiz agora. Mas essa proteção exige certa proximidade física.

Malachi andou a seis metros de distância de onde eu estava, na clareira onde o veado e o filhote mastigavam a grama minutos atrás. Ele uniu as mãos na frente dele, com os pés tão afastados quanto os quadris. Ele parecia vagamente com um Viking lá no prado, a névoa se acumulando a seus pés.

— Eu quero que você me pegue — disse ele.

Como em um bar? Foi o primeiro pensamento que me veio à mente. — Eu... Desculpe-me?

— Me pegar. — Ele levantou a mão, apontou um dedo para o céu. — Levante-me no ar.

— Eu poderia apontar que você tem asas?

— Você poderia, mas isso seria uma perda de tempo. Pegue-me.

— Apenas me chame de Skywalker — murmurei, e dei uma boa olhada no alvo da minha magia.

Malachi era alto, ombros largos, corpo forte. Ele provavelmente pesava entre noventa e cinco e cento e vinte quilos, sem contar as asas. E eu não tinha ideia do quanto elas pesavam. Eu não movi nada tão pesado antes – não de propósito, de qualquer maneira – mas não entendi por que eu não podia fazer isso agora.

Dei-lhe um aceno, concentrei-me, e soltei um suspiro. Então, levantei a mão e tirei a magia invisível que nos rodeava. Eu não podia ver essa energia, mas podia sentir com algum sexto sentido, a percepção que me marcava como Sensitiva e – se não tivesse cuidado – eu me tornaria um espectro.

Eu juntei a magia, construindo filamentos de magia, e circulando em torno de Malachi como uma corda. Quando construí magia o suficiente para

que estivesse quase tonta com isso, lentamente levantei minha mão para levantá-lo do chão.

Ele não se mexeu. Nem mesmo um centímetro.

— Problema? — perguntou Malachi casualmente, como se ainda estivesse esperando eu começar.

— Não — disse eu, e estreitei meu olhar. Eu seria amaldiçoada se não pudesse fazer isso — porque não havia razão para eu não poder fazer isso. Eu tinha telecinese. Eu poderia mover as coisas. Ele era uma coisa, então eu poderia movê-lo.

Talvez eu não tenha calculado seu peso bem o suficiente, eu pensei, e comecei a reunir mais do que suficiente para suportar sua massa muscular. Levantando minha mão novamente, eu coloquei mais e mais magia ao redor dele, até que ele pareceu brilhar com isso, como se tivesse acabado de atravessar o Véu usando a armadura dourada dos Paras.

Fechei meus dedos em um punho e levantei o punho para o Céu, puxando a magia comigo, e puxando-o com a magia.

Nem mesmo uma mecha de seu cabelo se moveu.

A frustração transbordou. — Filho da puta.

— Você não está tentando.

Fiz um som de dúvida, sacudi os braços que tremiam de esforço. — Se eu tentar mais do que isso, vou romper um vaso sanguíneo. — Estreitei meu olhar para ele. — Você está fazendo algo... Algo que o deixa mais pesado.

— Se fosse humano, eu poderia ficar ofendido com isso.

— Mas você não é. Qual é o problema?

Malachi olhou para o chão, ele passou a palma da mão sobre a grama, as agulhas de pinheiro e os galhos que cobriam o chão. Ele pegou duas pinhas e caminhou até mim. Ele estendeu as palmas das mãos, uma em cada mão. — Abra as palmas das mãos.

Eu fiz, espelhando sua posição.

— Exemplo um — disse ele, e deixou a pinha cair na palma da minha mão esquerda.

Parecia uma pinha, pontuda e inchada.

— Exemplo dois — disse ele. E soltou a outra pinha.

Minha mão caiu como se ele tivesse jogado um bloco de concreto sobre ela, e tive que me segurar antes de me curvar. Precisei usar as duas mãos para puxar a pinha novamente. Parecia uma pinha, mas pesava pelo menos vinte quilos.

Pensei na caixa que guardei no segundo andar da loja, que continha a magia que conjurei para manter meus níveis em equilíbrio. Ela tornou-se mais pesada nas últimas semanas devido ao peso acumulado daquela magia.

Olhei para Malachi. — É mais pesada, porque você coloca magia nela.

— Bom — disse ele. — Você pode largá-la agora.

Eu considerei jogá-la na ponta dos pés dele, mas deixei cair para o lado, onde atingiu a terra com um baque, nenhum salto, sem rolar. Inclinei minha cabeça para ele, coloquei minhas mãos em meus quadris e dei-lhe uma avaliação de cima a baixo. — Ok. Entendi. Mas e você?

— Essa é a vantagem de ter magia inata... Ela complementa nossa anatomia. Eu não estava me tornando mais pesado – minha massa permaneceu a mesma – mas usei a magia para forjar um vínculo entre a terra e eu.

— O que fez você mais difícil de levantar.

Malachi assentiu. — Você deve estar preparada para o inesperado.

— Se puder me preparar, isso significa que eu posso me adaptar a isso? Tipo, juntando mais magia? — Embora não estivesse certa de que poderia fazer isso sem desmaiar.

— Não — disse ele —, esse é o ponto e uma lição que levou muito tempo para os humanos aprenderem. Há como lutar contra isso. Não há como combatê-lo. O ferro frio é mais mortal que o aço?

Demorou muito para perceberem que o mito estava mais correto; nosso uso de ferro frio foi um ponto de virada na guerra.

— Não — disse eu —, como metais, é mais suave.

Ele avançou. — Correto. Mas ele interrompe a magia. Essa é a qualidade particular dele.

— Então eu tenho que descobrir o que algo é em relação à magia, e usar minha magia de acordo.

— Assim como você fez no Memorial, quando trancou a caixa que continha as chaves de criptografia do Véu. Você identificou suas qualidades mágicas particulares, e trabalhou as fechaduras em conformidade.

Abri a boca para me gabar, mas ele derrotou a presunção.

— Você ainda dividiu a terra — apontou ele.

Droga.

— Você sabe por que isso aconteceu?

— Presumi que era magia do Véu voltando ao lugar... Quando a energia de seu movimento foi forçada a sair.

Ele parecia vagamente impressionado. — Bom. Como você poderia ter feito melhor?

Um grilo literalmente cantou no silêncio que se seguiu. Tentei pegar a coleira que eu pensei que ele estivesse me guiando. — Talvez eu pudesse ter mais tempo e experiência, calculado como era provável reagir e ajustar minha magia de acordo com isso?

Malachi sorriu amplamente. — Bom.

— Eu estava um pouco apressada na hora.

— Você estava. E provavelmente com medo e com raiva. Da próxima vez, use isso.

Pisquei. — Como?

— Não posso estar dentro da sua cabeça, Claire. Essa é a lição que você deve aprender. — E com isso, ele prosseguiu, pegou meu casaco que colocara com cuidado ao pé do carvalho e entregou para mim.

Imaginei que a lição havia acabado. — Você me dirá tudo isso, e não me dirá o que fazer?

Malachi olhou para mim. — Se quer aprender a manejar a magia, você deve aprender a manejar a magia.

— Claro, claro — murmurei, e o observei desaparecer entre as árvores.

Capítulo 07

Quando cheguei à loja, as luzes estavam acesas. Desde que eu não havia ligado, assumi que Gunnar usara a chave dele. Certamente, ele estava andando de um lado ao outro na frente do balcão quando abri a porta. Como estava quase na hora de abrir, virei o aviso de ABERTO na porta e entrei, a campainha tocando com a minha chegada.

— Onde diabos você esteve? — perguntou ele, botas polidas e uniformemente ajustadas.

— Praticando com o nosso amigo aéreo.

— Prática... Oh. — Gunnar fechou os olhos por um segundo. — Posso ter entrado em pânico quando vi que você não estava no andar de cima.

Entreí na cozinha, peguei uma garrafa de água da geladeira, que ainda funcionava, obrigada Deus. — E você não presumiu que passei a noite com um homem lindo e espirituoso?

— Já que o único homem por quem você tem olhos – lindo, espirituoso ou não – tem problemas, não. Não presumi.

Sentei-me no banquinho e destampeí a água, tomando um gole. — Realmente não posso discutir com isso. Como estão as coisas na Ilha do Diabo?

— Foi uma noite longa — disse ele, o que foi confirmado pelas sombras escuras sob os olhos. — Mas estamos fazendo progresso, se é disso que você quer chamá-lo. — Ele puxou um pedaço de papel de uma pasta, colocando-o no balcão.

— O que é isso?

— Eles têm um manifesto. Idiotas — murmurou ele, andando atrás de mim em direção à cozinha. Eu ia começar a cobrar dos meus amigos por usá-la como sua própria loja pessoal.

Examinei o papel. As letras eram minúsculas e claras, marcadas por marcas fracas, provavelmente feitas por uma máquina de escrever antiga. A linguagem era antiquada e soava bíblica, exceto que não havia menções reais de religião além das referências ao Éden. Havia, no entanto, muitas ameaças implícitas.

— Somente através do sangue nossa terra será redimida — li em voz alta. — Só em sangue a nossa terra se recuperará. Isso é bastante revelador.

— Sim. Em minha opinião, a carta é um monte de bobagens sem noção. Nós temos os profissionais procurando por uma análise oficial. Eu já posso dizer o que eles dirão... Que o autor é egoísta, narcisista, possivelmente paranoico e realmente um idiota, como eu previa.

— Você acha que Ezekiel escreveu isso — concluí.

— Ele não assinou, mas tem *líder de culto* escrito por toda parte.

— Não há nada específico sobre os próximos passos — disse eu. — Quero dizer, no geral eles querem destruir a Contenção e qualquer um que já tenha feito algo em apoio à Contenção, mas não entram em detalhes. Você acha que eles têm mais explosivos?

— Se conseguiram ter acesso aos componentes uma vez, eles provavelmente poderiam fazer isso novamente.

Depois dessa conclusão, eu quase pulei quando os sinos da porta da frente soaram.

Liam e Tadjì entraram, conversando amigavelmente. Royal Mercantile estava se tornando o espaço de encontro para o nosso grupo de humanos.

Hoje, Tadjì usava leggings e um poncho fino e escuro sobre botas de combate. Ela parecia pronta para a batalha, mesmo que eu esperasse que a batalha no varejo fosse a única que ela travasse. Liam usava seu uniforme – jeans apertados que se acumulavam sobre botas, e um Henley cinza apertado com os botões de cima abertos, o ajuste mostrando seu corpo com uma definição cruel. Ele não se barbeou nesta manhã, e a barba escura em suas bochechas só deixaram seus olhos brilharem mais azuis.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou Gunnar.

— E bom dia para você também— disse Tadj, pressionando um beijo na sua bochecha antes de tirar sua bolsa carteiro. — Estou aqui para continuar meus esforços para trazer esta loja para o século 21.

— E você? — perguntou Gunnar, olhando para Liam. — Qual é a sua desculpa?

— Bem, há a recompensa excelente por um espectro, ou poderíamos discutir as recompensas que foram emitidas para os membros do Reveillon. — Ele olhou para mim. — Você quer tentar?

— Talvez — disse eu, pensando na loja, no fato de que eu basicamente havia largado para Tadj ontem.

— Claire tem uma agenda cheia — disse Gunnar. — Ela teve prática de magia esta manhã.

Tadj e Liam olharam para mim.

— E como foi? — perguntou ela. Liam não falou, mas seu olhar era firme e intenso.

— Tudo bem — disse eu, dando uma olhada a Gunnar. Eu senti como se estivesse sendo interrogada. E desde que seu olhar estava em Liam, não foi difícil adivinhar o plano. Ele tentava atrair Liam ou deixá-lo com ciúmes por eu passar um tempo sozinha com Malachi. O que era um desperdício de tempo de todos.

— Fomos a Algiers Point, que era muito bonita. Nós vimos dois cervos. O rio estava agitado. Magia é difícil. — Eles esperaram por mais. Encolhi os ombros, levantando um olhar para Gunnar. — Nada mais para contar.

Liam olhou para Gunnar. — O que está acontecendo com Reveillon?

— Eles têm um manifesto — disse eu, e deslizei o papel para Liam com a ponta do dedo.

— Ainda há cinco membros do Reveillon desaparecidos — disse Gunnar enquanto Liam examinava o papel. — Eles se espalharam no caos. No momento, acreditamos que é mais provável que eles estejam na Ilha do Diabo. Temos patrulhas extras nas ruas procurando por eles, e pedimos aos capitães de cada bloco para espalhar a palavra entre os Paras. — Ele olhou para Liam. — Eu me assegurei de que sua avó fosse avisada.

— Agradeço por isso — disse Liam. — Qual é a estratégia da Contenção fora da prisão?

— Parâ-los — disse Gunnar simplesmente. — A unidade de Operações Conjuntas – metade do PCC e metade do FBI – tiveram suas primeiras instruções na noite passada. Vamos nos coordenar para identificar, localizar e parar Reveillon.

— Você está falando de uma caçada ao homem — disse Tadjì.

Gunnar assentiu. — Assim que informamos o bombardeio, o PCC despachou tropas de Pensacola. Um dos comboios foi emboscado na estrada. Todos, menos dois, foram mortos.

Ficamos em silêncio.

— Porra — disse Tadjì, tristeza pontuando o ar.

— Sim — disse Gunnar. — Ezekiel não poderia saber de onde as tropas viriam.

— O que significa, se esse ataque e o bombardeio da Ilha do Diabo estão relacionados — disse Liam —, ele tem pessoas espalhadas pelas fronteiras, ou nos pontos de entrada da Zona, pelo menos.

Gunnar assentiu. — A Operações Conjuntas considera Reveillon uma milícia hostil.

Tadjì franziu a testa. — Espere, você acha que ele tem uma organização que está espalhada por toda a Zona?

— Não precisa necessariamente ser grande se for ágil, móvel — disse Liam.

— Mas não é difícil recrutar pessoas que já estão putas — disse Gunnar. — Se prendemos qualquer um que dissesse coisas desagradáveis sobre Paranormais, a maioria da população dos EUA estaria acorrentada.

— Ouvi pessoas da Zona que ainda estão com raiva — confirmou Tadjì. — Não pinte um cartaz com fome, mas com raiva.

Achei esse tipo de desconcertante. — Sete anos depois? Não estou dizendo que você não pode sentir o que sente, mas se segurando nessa raiva, obcecado por isso... Não entendo. Parece um desperdício de energia. De tempo limitado.

— Algumas pessoas não têm uma loja — disse Tadjì gentilmente. — Eles perderam entes queridos como você, mas não têm meios de subsistência. Vivem lado a lado e ficam aqui porque não acham que tenham aonde ir. Isso leva à amargura, à raiva.

— E indivíduos com ideias semelhantes encontram outras pessoas com a mesma opinião — disse Gunnar. — Ou essa é a teoria de trabalho de Operações Conjuntas. De qualquer maneira, ele conseguiu orquestrar o bombardeio de uma instalação federal sem que ninguém notasse.

— Segurança operacional — disse Liam. — O povo dele é inteligente o suficiente para não falar.

— Sim — disse Gunnar. — O PCC enviará mais comboios... Mas em unidades menores, de elite, preparadas para guerras de estilo guerrilheiro. Ainda assim, a Zona é um lugar muito grande. Há uma chance de prejudicarem mais antes que tudo acabe. Que eles vão matar de novo antes que tudo acabe.

O silêncio caiu novamente enquanto todos nós enfrentávamos a possibilidade de uma guerra. Desta vez pelo nosso próprio povo.

— Eles teriam que ter recursos — disse Liam. — Dinheiro, contatos para os explosivos.

— E conhecimento suficiente para saber o que comprar, como construí-los — concordou Gunnar.

— Eu vi muito da Zona. — Tadjì colocou braços esticados e as palmas das mãos no balcão como uma estratégia geral de consideração. — Não há dinheiro, ou não muito, de qualquer maneira.

— Nós tínhamos dinheiro — disse Gunnar. Os Landreaus tinham uma casa enorme no Garden District, era uma parte importante da classe social da cidade. — Colocamos a maior parte do tempo em restaurar a casa, contratando engenheiros, mantendo-a. Mantê-la como um memorial para o dinheiro que costumávamos ter — acrescentou secamente. — Mas entendo o seu ponto.

Liam cruzou os braços, o que fez os músculos mudar e flexionar. — Então, financiamento externo?

— Ou membros que armazenaram recursos. Ainda há armas da guerra para serem encontradas na Zona.

— Os membros poderiam ser ex-militares? — perguntou Tadjí franzindo a testa. — Houve histórias durante a guerra de soldados insatisfeitos com uma atitude de *matar todos os paranormais*. Talvez eles tenham sido recrutados

— Poderia ser — disse Gunnar. — Ou talvez Ezekiel... Ou seja lá qual for o nome verdadeiro dele, porque aposto que esse não é Ezekiel...

— Tad — sugeri. — Ou Chip. Ele poderia ser um Chip.

— Você precisava falar Tad — disse Liam, encostado no balcão, os olhos brilhando com humor.

— Conheci um no ensino médio. Idiota total.

— Tad, o líder do culto — disse Gunnar. — Vamos ver se isso acontecer. De qualquer forma, talvez Ezekiel tenha trazido seu próprio dinheiro.

— De fora da Zona — falei. — Ele não tinha um sotaque.

Gunnar piscou. — Você está certa. Não percebi. — Ele escreveu uma nota em seu pequeno e onipresente caderno de notas.

— Nós conversamos com Moses sobre sua teoria de que a magia arruinou o mundo — disse Liam.

— O que ele disse?

— Basicamente, que isso é besteira. Magia vazou através do Véu quando foi aberto, e armas mágicas saturaram o solo em algumas áreas. O efeito contínuo dos Paras é minúsculo comparado a isso. Qualquer que seja o efeito da magia não pode ser corrigido matando Paras. Mas podem ser consertados por mais magia.

— E isso não acontecerá até que o Congresso esteja disposto a convocar Paras para ajudar — disse Gunnar. — Isso não acontecerá tão cedo, já que seria necessário admitir a diferença entre Consularis e Corte Paranormal, entre outras coisas.

A porta se abriu novamente. Alguns agentes entraram, incluindo Burke. Ele deu um passo ao lado de Tadjí, quase escondendo seu corpo magro com seus ombros largos. Alto, com pele escura e olhos escuros, e uma boca

que parecia estar sempre sorrindo, ele dirigiu aquele sorriso para Tadj. — Tadj.

— Burke.

Havia calor entre eles. Eu precisava pegar algum tempo com Tadj e interrogá-la sobre isso. O sentimento era uma tradição honrada de Nova Orleans.

— Ei, Burke — disse Gunnar enquanto o olhar de Burke dançava em torno da loja. — Parece diferente aqui. Eu gosto disso.

— Obrigada — disse Tadj com um sorriso. — Claire ainda está se acostumando com isso.

— A mudança pode ser difícil — disse Burke.

— Qual é a notícia? — perguntou Liam.

Burke olhou ao redor, certificando-se de que os outros agentes estavam fora do alcance da voz. — Nossos amigos têm uma nova casa e gostariam de discutir e coordenar.

Nossos amigos significava Delta. Eles foram infiltrados e traídos por um Paranormal que queria abrir o Véu, então um novo QG se tornou uma necessidade. Aquele Para, Nix, também traíra o irmão mais novo de Liam, Gavin. Ele deixou Nova Orleans logo depois, em alguma missão secreta.

Burke ergueu um conjunto de chaves. — Quem quer dar uma volta?

Liam assentiu. — Estou dentro — disse ele, e olhou para mim. — Você?

Olhei para Tadj. — Você pode cuidar da loja enquanto nós conversamos?

— Talvez — disse ela com os olhos estreitados. — Se eu conseguir detalhes completos sobre a prática.

— Nada a dizer — assegurei-lhes. E belisquei o braço dela a caminho da porta.

* * *

Burke tinha um jipe, um modelo militar sobressalente, sem portas e sem tampo. O dia tornara-se quente e úmido, de modo que a brisa era gloriosa.

Trancei meu cabelo enquanto saía do Quarter para evitar que ele voasse, e entrei no banco de trás depois que Liam sentou no banco da frente.

Entramos em St. Charles, que estava dividido ao meio pelo trilho onde os bondes uma vez correram. Atravessamos o Garden District, onde as casas dos ricos estavam em escombros como caixas ao longo da rua. A maioria foi abandonada. Algumas, como a casa dos pais de Gunnar, foram trazidas de volta da beira da destruição. Sua família ainda morava lá, aguardando o tempo deles até... Bem, eu não sabia o que eles esperavam. Talvez, como Reveillon, estivessem esperando algo diferente, algo que esperavam ser inevitável.

— Olha — disse Burke, diminuindo a velocidade.

Uma placa identificando anteriormente o negócio de alguém – menor do que o outdoor que vimos em Calliorne – agora dizia MORTE AOS PARANORMAIS.

— Espalhando o ódio — disse Burke.

— Como um vírus — concordei. Mas não houve menção de Reveillon, Ezekiel ou qualquer outra coisa na placa. — Como você acha que eles estão realmente recrutando?

— Boca a boca — disse Burke. — Você ajuda alguém a cortar um pouco de madeira, vocês falam sobre como está puto por tentar ganhar a vida em um solo ruim. Catando lixo, vendendo lixo, pegando lixo, e você fala com ele. Ele ouviu falar de uma reunião de indivíduos com ideias semelhantes na próxima paróquia, e você decide ir.

Liam olhou para ele, as sobrancelhas erguidas. — Isso é bem específico.

Burke assentiu. — Um de nossos motoristas de reboque ouviu algumas conversas perto de Natchez. Colocamos a Contenção lá, mas não encontramos a reunião.

— Talvez eles se movam como o sucateiro — disse eu. Não vimos sucateiros na cidade. Era mais comum alguém trazer alguma coisa para a loja para vender – de prata herdada a eletrônicos estourados - por alguns dólares ou tokens da Ilha do Diabo. — Reveillon, ou pelo menos os que estão fora da cidade, permanecem nômades para que não atraiam muita atenção.

— Muito possível — disse Liam.

Burke tomou nota da localização da placa em um pedaço de papel preso sob o guarda-sol. — Vamos continuar andando — disse ele, levantando a guarda-sol e colocando o jipe em marcha novamente.

Descemos a rua, a placa ficando menor atrás de nós, mas ainda grande em nossas mentes.

* * *

Burke estacionou o jipe na frente de uma igreja simples e branca, APÓSTOLOS a única palavra que permaneceu na placa de madeira no pequeno pátio em frente a ela. A construção de tábuas brancas, situado em Freret, era pequena e estreita, com uma porta entre duas janelas na frente. Uma torre apontava para o céu acima da entrada em arco.

— Escolha interessante — disse Liam enquanto nos dirigíamos para a calçada.

— É uma propriedade histórica — explicou Burke. — O edifício está no National Register, então o estado não vai tocá-lo. Os federais não têm dinheiro para lidar com todos os prédios abandonados sob a autoridade legal, o que faz com que seja uma terra de ninguém. — Seu tom de voz se suavizou. — E não há pessoas suficientes no bairro para usá-lo.

A guerra tratou cada bairro de forma diferente. As batalhas devastaram a região do Garden District, deixando blocos enegrecidos ao lado dos antigos. O Lower Ninth, tão danificado pelo surto de tempestade do furacão Katrina, foi poupado, provavelmente porque não havia muitas casas lá. Freret foi aterrorizado e separado por um grupo de Paras que se aninharam nas proximidades durante a guerra. Um grupo de vizinhos em uma patrulha noturna foi massacrado e o bairro foi abandonado após o ataque. Quem poderia culpá-los?

— Temos observado por um tempo — disse Burke —, só para ter certeza de que teríamos o lugar para nós. Ajuda que a igreja esteja em um bairro, fora das estradas principais.

Burke bateu na porta da frente. Segundos depois, as fechaduras se moveram. Uma mulher curvilínea de pele clara e cabelos escuros a abriu. Ela

usava calças pretas e um suéter de mangas curtas, o cabelo enrolado em ondas suaves ao redor do rosto, óculos de tartaruga no nariz.

Esta era Darby Craig, uma ex-cientista que foi expulsa de sua unidade de pesquisa quando descobriu a verdade sobre os Paranormais.

— Ei, Claire, Liam. Bem-vindos ao novo QG Delta. — Ela ficou de lado para que pudéssemos entrar.

A porta se abriu em um pequeno vestíbulo vazio e uma porta dupla que levava à capela. Era um espaço que meu pai teria apreciado – antiguidade ao extremo, com assoalhos de madeira rústicos e vigas nuas no teto íngreme. Havia marcas no chão, onde bancos forneceram assentos para os fiéis, mas eles foram embora agora. Provavelmente usados para acender fogueiras durante a guerra, quando a magia enviava um frio através de Nova Orleans com uma regularidade assustadora.

Um enorme vitral derramava luz do outro lado do cômodo. Na frente, com as asas estendidas, estava um anjo. Malachi se virou, suas asas se dobraram atrás dele com o suave movimento das penas antes de desaparecer completamente.

— Como você pode ver — disse Darby, fechando a porta —, o lugar estava principalmente destruído, mas há uma sala de recepção nos fundos com um pequeno escritório. — Ela nos alcançou no meio do corredor, sorrindo. — Há um viveiro no campanário. O sino se foi – provavelmente derretido para fazer armas durante a guerra. Os pombos tomaram o espaço e começamos a treinar os nossos para ficar aqui. Essa é uma das razões pelas quais nós o escolhemos. Ah, e tem isso.

Ela caminhou até o palco baixo na frente da igreja, ajoelhou-se e pressionou a ponta dos dedos na madeira. Um painel apareceu no chão sob suas mãos.

— O que é isso? — perguntou Liam, aproximando-se.

— Um alçapão — disse ela, puxando o painel para cima, o que trouxe o cheiro de terra úmida para o quarto. — Leva até o depósito. Estamos supondo que foi usado durante a Lei Seca, dada a idade da igreja. E durante a guerra — acrescentou, sua expressão sóbria quando ela abaixou a porta

novamente e se levantou. — Encontramos algumas latas de sopa vazias lá embaixo, garrafas de água, esse tipo de coisa.

Paranormais com asas não precisavam de eletricidade para voar sobre a Zona, o que fez com que a explosão de sirenes aéreas fosse muito comum durante a guerra.

— Havia um escritório na refinaria acima do chão da fábrica — continuou Darby, olhando para mim e Liam. — Acho que vocês não viram isso — acrescentou, e nós balançamos nossas cabeças. — De qualquer forma, nós mantínhamos produtos básicos lá... Comida, água, lanternas, baterias, um pequeno esconderijo. Nós os movemos para esse espaço na semana passada.

Liam olhou para cima. — É bom saber que temos isso, se precisarmos.

— Quer ver a parte de trás? — perguntou Darby, e Liam e Burke concordaram, seguindo-a através de uma porta estreita no lado direito do palco.

Enquanto caminhavam para os fundos da igreja, eu fiquei para trás, encontrando o olhar de Malachi. Ele estava de pé do outro lado do palco, de braços cruzados, seu olhar intenso no vitral, seus pensamentos parcialmente escondidos pelo cacho desgrenhado que caía sobre um olho.

— E então nos encontramos novamente — disse eu.

— Ainda não tenho café.

Sorri, apreciando o humor. — Não vou segurar isso contra você. Recebemos uma atualização de Gunnar.

Ele assentiu, e ficamos ali sem jeito por um momento. Eu ainda não estava certa do que falar com ele. Havia algo muito formal nele, talvez porque ele era um general no exército de Consularis.

— Então, você tem algum hobby?

Seu olhar deslizou lentamente na minha direção. — Hobbies?

— Quero dizer, o que você faz quando não está trabalhando com a Delta, ou lidando com problemas dos Paras, ou, bem, malhando? — adicionei, considerando seu físico.

— Eu leio.

— Oh? O que você lê? — Pensei em *A Revolta dos Anjos*. Se o texto não tivesse sido retirado, eu poderia ter dado a Malachi.

— Textos militares, principalmente. Livros sobre tática e estratégia.

— Compreensível — falei. E quando o silêncio caiu novamente, fiquei mais do que um pouco aliviada por Darby, Burke e Liam entrarem na igreja novamente.

— E agora que o tour acabou — disse Darby —, vamos ao que interessa.

Nós nos reunimos, e Liam colocou as mãos nos quadris, dando seu relatório.

— Quatro mortos no bombardeio por um grupo chamado Reveillon. Sete membros do Reveillon foram mortos. O líder do grupo se chama Ezekiel e afirma que a única maneira de consertar a Zona é livrar a cidade da magia... Paranormais, Contenção e quem os ajuda.

— Aprisionar os Paranormais não é suficiente? — A voz de Malachi estava tensa de raiva. Se os humanos soubessem o que ele era – e pudessem pegá-lo – ele estaria na Ilha do Diabo com o resto deles.

— Aparentemente não — Liam disse, e revisou o que nós descobrimos sobre o grupo, o bombardeio, a investigação da Contenção.

— Quantos do bombardeio ainda estão à solta? — perguntou Darby.

— Do lado de fora da Ilha do Diabo — disse Liam —, desconhecido em números e espalhado, embora um comboio de PCC de Pensacola tenha sido atingido. Dentro dos portões, a Contenção acha que há cinco fugitivos.

— Preparando-se para o próximo ataque? — perguntou Burke. — Ou planejando um diferente?

— Ainda não sabemos — disse Liam. — A Contenção tem pessoas procurando na prisão, e eu sei que estão advertindo os Paras.

— Há muitos lugares para se esconder — disse Malachi, caminhando para uma das janelas laterais da igreja e olhando pensativo para fora. — Paras estarão assistindo, e eles podem muito bem relatar o que encontram. Mas a prisão, o bairro, é enorme.

Liam assentiu. — Acho que a Contenção está ciente da escala do problema. Eles estão considerando que Reveillon é uma milícia armada.

Malachi virou. — Bom. Fico feliz que eles reconheçam a gravidade. — Ele fez uma pausa, parecendo escolher suas palavras. — Há claramente

humanos que, como vocês, são simpáticos à nossa situação, às nossas circunstâncias. Mas nem todos se sentem assim. Francamente, eu não tinha certeza se eles aceitariam a ameaça com muita seriedade.

— Eles estão atrás de Paranormais, então quem se importa? — perguntei.

— Exatamente.

— Se Ezekiel quisesse que a Contenção fosse indiferente sobre a ameaça — disse Burke —, ele escolheu exatamente o caminho errado para fazer isso. Ele matou humanos, soldados e famílias. Isso garantiu o envolvimento e a atenção da Contenção.

— Concordo — disse Liam. — Qual é a nossa resposta?

— Há membros da Delta fora de Nova Orleans — disse Malachi. — Paranormais, principalmente. Não são muitos, mas o suficiente para reunir informações sobre as atividades de Reveillon fora da cidade.

— Eu ajudarei com isso — disse Burke. — Verificarei com as caravanas, nossos fornecedores, ver o que eles nos contam.

Malachi assentiu. — Posso ajudar a procurar dentro da cidade, e nós vamos passar as informações para Burke ou vocês — disse ele, olhando para Liam e eu.

— Vocês podem levá-las para Gunnar?

— Nós podemos — disse eu.

— Contenção emitiu uma recompensa para membros de Reveillon — disse Liam. — Eu estarei trabalhando isso. — Ele olhou para mim. — Com Claire, como o tempo e a paciência permitirem.

— Eu acho que paciência é necessária — disse Malachi.

Dei-lhes um olhar altivo. — Suponho que vocês estão se referindo à minha necessidade de paciência para lidar com vocês.

Ao meu lado, Darby tentou segurar um sorriso. — E falando de coisas que exigem paciência, estou trabalhando no lado mais lento das coisas. Consegui encontrar um lugar – um antigo edifício de biotecnologia perto do aeroporto – que ainda tem alguns bons suprimentos.

— Estamos ajudando-a a montar um laboratório — disse Burke, sorrindo para Darby. — Ela poderia muito bem usar todas aquelas letras por trás do nome dela.

— Droga, isso é certo — disse Darby.

— No que você estará trabalhando? — perguntei.

— Amostras de solo — disse ela. — Quero descobrir uma maneira de reverter o efeito da magia, para torná-lo utilizável novamente.

— Isso mudaria a vida na Zona — disse Liam, obviamente impressionado.

— Sim, se eu puder experimentar sem entrar em conflito com a Contenção, na verdade, fazer com que funcione, descobrir uma maneira de ampliá-la, se conseguir, e fazer com que a Contenção compre. — Ela sorriu. — É por isso que eu disse que exigiria paciência.

Cobrimos Nova Orleans, a Zona e o solo. Mas isso deixou uma grande lacuna no plano.

— Se isso piorar — disse eu —, será pior para os Paras dentro da Ilha do Diabo primeiro. Eles não têm permissão para ter armas, não podem usar sua magia, não podem sair, e pelo que Lizzie me disse, eles têm dificuldade em conseguir o básico da Contenção. Então, como podemos ajudá-los?

Malachi sorriu conscientemente. — Em vez de me perguntar, e presumindo que posso falar em nome de milhares de pessoas diferentes, por que você não pergunta a elas?

Eu não tinha uma boa resposta para isso. — Ponto entendido — disse eu, e Malachi assentiu. Imaginei que voltaria para a Ilha do Diabo. Talvez Lizzie ou Mos pudessem ajudar com as apresentações.

Antes de podermos discutir isso mais adiante, a porta se abriu com um lento rangido, e todos nos viramos em direção a ela, mãos e corpos preparados para problemas.

E o problema entrou direto por ela.



Capítulo 08

Quinn, irmão mais novo de Liam, era tão alto, moreno, e com olhos azuis como ele. Seu corpo era definido de maneira diferente; ele era mais magro e esbelto do que Liam, mas não menos bonito. E como seu irmão, ele sabia disso.

Gavin exalava aquela confiança, apesar do olho roxo, do lábio cortado, do fraco hematoma em torno da mandíbula. Sua camiseta cinza e jeans estava salpicada de sangue e coberta com o que eu esperava ser lama.

— O que diabos aconteceu com você? — perguntou Liam.

Gavin olhou para seu irmão. — Trabalho.

— E ainda assim você está sozinho — disse Malachi, e ele não pareceu feliz com isso.

— Dê um minuto — disse Gavin, avançando. — Ela provavelmente está se maquiando.

A porta se abriu novamente, e uma mulher – alta e esbelta, com pele bronzeada e cabelo preto carvão, entrou. Ela usava uma blusa vermelha e uma saia longa, o cabelo comprido preso em uma trança que descansava no seu ombro direito. Seus olhos eram grandes e escuros, e havia uma sombra de meia-lua sob o olho esquerdo. E quando ela colocou as mãos nos quadris, os nós dos dedos estavam rachados e machucados. Ela se parecia com uma deusa, o que poderia muito bem ser verdade se ela fosse um Para.

Malachi sorriu sombriamente. — Olá, Erida.

Levou um momento para ela responder, e nesse silêncio intermediário, ela olhou para todos nós. Seus olhos se arregalaram quando olhou para mim, mas a surpresa aparente desapareceu antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Provavelmente era porque eu era a única no lugar que não tinha alguma conexão anterior com a Delta, com a Contenção, ou com Paras.

— Você ligou? — disse ela, deslizando o olhar para Malachi novamente, com a voz fluidamente acentuada.

— É bom ver você em casa novamente — disse Malachi.

— Esta não é a minha casa.

— Nem o Lago Borgne — disse Gavin.

Ela lançou um olhar estreito para ele. — Eu estava indo muito bem até você aparecer.

— E agora você fará muito bem aqui — disse Malachi.

Darby se aproximou de mim. — Você acha que os humanos são dramáticos? — sussurrou. — Você nunca viu os Paras brigarem. Observá-los é um dos meus hobbies favoritos.

Olhei para ela, as sobrancelhas erguidas. — É possível que você precise de alguns hobbies mais saudáveis.

— Você não estaria errada — disse ela, mas manteve o olhar no par.

— Parece que vocês trabalharam alguma agressão — disse Malachi, olhando entre Erida e Gavin.

— Não o suficiente — disse ela, nivelando um olhar para Malachi. — Por que estou aqui?

— Desculpe-nos por um momento — disse ele, e puxou-a para a parte de trás da igreja, onde a janela de vidro manchada derramou luz azul e vermelha sobre eles.

Enquanto conversavam, e Burke e Darby faziam o mesmo, Gavin se aproximou de nós. — Claire, Liam. Prazer em vê-los novamente.

— E como foram as suas férias? — perguntei agradavelmente.

Gavin bufou e apontou para o rosto. — Isso resume com precisão.

— Você vai dar um soco de olá no seu irmão? — perguntei. Foi isso que ele fez na última vez que se reuniu com Liam, e bem no meio do Royal Mercantile, dando a mim e aos meus clientes um show bastante interessante.

Ele sorriu, estremecendo com a dor. — Não.

— Eu perguntaria como você conseguiu o olho roxo — disse Liam, deslizando o olhar para Erida —, mas tenho certeza que eu já sei a resposta.

— Parece que vocês estavam bem equilibrados — disse eu. — Quero dizer, dado os seus ferimentos.

— Concordo — disse Liam. — Como você conseguiu que ela voltasse?
Gavin sorriu, iluminando as covinhas nos cantos de suas bochechas.
— Eu sou muito bom em persuasão.

— Besteira — disse Liam através de uma tosse.

— Ela é uma deusa da guerra — disse Gavin calmamente.

Olhei para ela novamente, a postura perfeita, os ombros e braços esguios, mas tonificados. Ela conversava com Malachi, gesticulando loucamente, e não parecia muito feliz com isso.

— Ela não lutou para evitar voltar — disse Liam. — Ela lutou porque é isso que ela faz. Ela é um dos marechais de Malachi... Seus soldados. Deixe-me adivinhar — disse ele. — Ela te desafiou e você estupidamente aceitou?

— Hey, eu ainda estou andando. Ela não quebrou nada. — Mas ele estremeceu quando revirou o ombro. — Esta é uma lesão antiga de beisebol.

— Claro que é — disse Liam, e bateu com força no braço.

O rosto de Gavin ficou um pouco mais pálido. — Idiota.

— O mesmo para você — disse Liam. — Estou feliz que você está de volta. Nós temos problemas.

Gavin assentiu. — Ouvi sobre o bombardeio. Você se lembra daquela marina de merda no lado norte do lago Borgne?

Liam fechou os olhos e assentiu, como se estivesse tentando lembrar.
— Cujo dono era um idiota com hábito de violência doméstica?

Gavin assentiu. — Batia demasiadamente na esposa na frente de sua filha e um agente da Contenção. — Ele olhou para mim. — Ato de classe real.

— Parece que sim.

— A garota, Jasmine, está toda crescida agora — disse Gavin com um sorriso. — Ela consegue equipamentos. Bonita operação, na verdade. — Ele sorriu. — Muito boa Jasmine.

Liam revirou os olhos. — Estou chocado por você usar um contato como uma oportunidade para transar.

— Não sou monge. E o ponto é, a marina é uma estação de caminho. É a única marina operacional há mais de 450 quilômetros. Eles querem gás, comida, água, eles vão até ela. — Gavin olhou para mim, sorrindo. — É o poder da garota quente no varejo.

— Minha fita adesiva traz todos os garotos para o quintal — disse eu secamente, e os dois irmãos sorriram.

— Eu aposto. Quanto à marina, a balsa entra e sai, um Para ocasional vem e vai. Usei a marina para encontrar Erida e descobrir sobre o bombardeio. A notícia viajou de Nova Orleans.

Malachi e Erida voltaram até nós.

— Erida — disse Malachi —, estes são Liam Quinn e Claire Connolly.

Ela olhou para mim, assentindo. Não havia nada de hostil no gesto, mas também nada particularmente amistoso. Talvez ela fosse do tipo todo profissional.

— Devemos ficar em contato — disse Malachi. — Particularmente agora. Compartilhar informações sobre Reveillon pode ser a única maneira de detê-los.

Liam assentiu. — Avisaremos se a Contenção descobrir mais alguma coisa. E envie um pombo se houver algum problema.

Malachi assentiu. — Devemos supor que Reveillon irá atacar novamente. Tentaremos detê-los, se pudermos, e minimizar as baixas, se não pudermos. — Ele olhou para mim. — Vamos treinar de novo — disse ele, o que fez Liam se deslocar ligeiramente ao meu lado.

— Quando? — perguntei, ignorando o movimento.

Ele sorriu levemente. — Quando eu aparecer.

Eu não deveria ter me incomodado em perguntar.

— Nesse caso, nós vamos voltar — disse Liam. — Claire precisa pelo menos fazer uma aparição na loja hoje, ou as pessoas começarão a ficar desconfiadas.

— E nós levaremos você de volta para a loja — disse eu, apontando para Gavin. — Vamos consertar você.

— Estou bem — disse ele, mas estremeceu e tocou o lábio. — Mas eu não diria não a uma bebida.

Burke nos levou de volta. Porque Gavin sentou no banco da frente antes de Liam e eu; nós compartilhamos o banco. Gavin quase que imediatamente inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Ele parecia, agora que eu o observava, completamente exausto. Talvez encontrar Erida tivesse sido mais difícil do que ele fez parecer, apesar dos solavancos e contusões.

Atualizamos Gavin no caminho de volta para a loja; depois, ele, Liam e Burke conversaram sobre os meandros das recompensas da Contenção, estratégias para localizar membros de Reveillon em uma cidade tão grande quanto Nova Orleans – com um milhão de lugares para se esconder.

— Obrigada pelo passeio, Burke — disse eu quando ele estacionou em frente ao Royal Mercantile. — Quer entrar?

Ele sorriu e balançou a cabeça. — Obrigado, mas preciso ir ao Cabildo. Nós temos embarques chegando e comboios partindo, então eu preciso preparar meu pessoal.

— Fique seguro lá fora — disse Liam, batendo na lateral do jipe.

Burke fez uma saudação e seguiu pela Royal.

Gavin esticou o braço sobre a cabeça, mostrando apenas o suficiente do abdômen para provar que ele e Liam também tinham boa definição em comum. — Estou faminto. Quem quer comer?

Liam olhou para ele. — Seu apartamento é na outra rua. Por que você não vai pegar alguma coisa?

Ele sorriu. — Porque não estive em casa por duas semanas, havia boudin⁷ na geladeira, e a energia provavelmente acabou mais de uma vez.

Liam e eu fizemos cara de desgosto.

— Seu apartamento precisará de fumigação — disse eu.

— Precisaré de um exorcismo — disse Gavin, abrindo a porta para o Royal Mercantile, e segurando-a para que Liam e eu pudssemos entrar. — É por isso que eu gostaria de compartilhar uma refeição com duas das minhas pessoas favoritas.

⁷ Comida francesa, parecida com linguiça.

Balancei a cabeça, olhando para Liam. — Como seu irmão mais velho, você deveria ter feito um trabalho melhor ensinando-o a mentir.

Liam bufou. — Considerando quem ele acabou de escoltar para Nova Orleans. É improvável que ele ouça conselhos de mim, não importa o quão bom seja.

Gavin se virou e caminhou de costas pela loja. — Tecnicamente, ela me desafiou. Nenhum homem respeitável poderia dizer não para isso.

— Desde quando você é respeitável? — disse Tadj, entrando na frente dele.

— Muito tempo que sem me ver — disse Gavin, dando-lhe um abraço.

Ele entrou na loja, e deu uma olhada ao redor. — Claire, eu gosto do que você fez com o lugar.

— Isso é tudo Tadj — disse eu. — A loja parecia a mesma da noite anterior, o que me aliviou mais do que deveria. Eu imaginei que ainda precisava da minha zona de conforto.

Não havia clientes na loja. — Dia lento? — perguntei a Tadj.

— Não — disse ela com um sorriso de satisfação. — Verifique os recibos.

Essa foi uma oferta que eu não podia recusar, então fui até o balcão e folhee a pilha, calculando-os mentalmente.

Então olhei para ela. — Você está falando sério?

Ela colocou a mão em sua cintura e fez uma reverência. — Eu sou boa.

— Você é um maldito gênio. — Segurei um recibo. — Você até vendeu duas bengalas!

Ela assentiu com a cabeça, sua expressão séria. — As pessoas estão nervosas com o ataque à Ilha do Diabo. Eu lembrei a elas que as bengalas eram boas armas improvisadas.

— Elas seriam grandes armas com um pouco de treinamento — disse Gavin, inclinando-se sobre o balcão.

— Talvez você pudesse oferecer uma aula — disse Liam.

— Talvez eu pudesse.

— Eu deveria perguntar sobre... — começou Tadj, e desenhou um círculo no ar ao redor do rosto de Gavin.

— Isso fala por si mesmo — disse Liam. — Ele foi espancado.

— Escolhi lutar com uma mulher incrivelmente sexy e habilidosa pelo desafio.

Tadji parecia duvidosa. — E como ela se saiu?

— Melhor do que ele — disse Liam, e apontou para o saco de papel no balcão. — Vamos para outros tópicos. Eu trouxe isso hoje de manhã.

Eu não havia notado que ele o trouxe, mas sabia o que sacos como esse normalmente mantinham. — É o que eu acho que é?

Ele desenrolou o topo, empurrou-o para mim. Duas barras de pão estavam dentro. Pão de Eleanor, eu imaginei. A mulher tinha uma mão incrível com farinha.

— Oh sim — disse eu, percebendo que não havia comido nada o dia todo. — Por favor, me diga que este é o almoço.

— E que você está disposto a compartilhar? — perguntou Tadji, as mãos pressionadas juntas com esperança.

— Claro que ele está — respondi por ele. — Acho que tenho manteiga de amendoim. Nós poderíamos fazer uma refeição disso.

Liam fez um som de desgosto. — Este pão não é para manteiga de amendoim

— Não há nada errado com manteiga de amendoim — disse eu, indo para a cozinha. Deus sabe que eu comia e vendia o suficiente.

Liam me seguiu. — Pão tão bom merece mais do que manteiga de amendoim.

Havia muita convicção em sua voz. — Isso não captura adequadamente a glória de uma manteiga de amendoim. E você parece um pouco amargo.

Caminhei até a geladeira e peguei a garrafa de chá gelado. Farejei, apenas no caso de ter estragado na noite. Cheirava bem, o que atualmente era nosso principal teste de segurança alimentar.

— Uma vez eu passei duas semanas em uma corrida perto de Monroe em agosto, comia manteiga de amendoim todos os dias — disse Liam. — Não posso nem olhar para isso agora.

— Eu poderia comê-lo de colherada.

— Isso é porque você é uma ruiva.

Eu dei a ele um olhar. — Tenho certeza que não há correlação aí. — Abri o armário mais próximo, peguei um pote de manteiga de amendoim, e examinei as prateleiras. — Agora, o que mais nós temos?

Sempre prestativo, Liam abriu outro armário, tirando um rolo de fita adesiva. — Por que isso está em uma cozinha?

Eu a peguei dele, recolocando em seu lugar, e fechei o armário novamente. — Está em todos os cômodos da construção, como deveria ser. A fita adesiva cura todos os males. — Encontrei um pote de anchovas e estendi para ele.

Liam parecia absolutamente enojado. Sendo ele naturalmente lindo, a expressão ainda parecia muito boa para ele. — Não.

Franzindo a testa, eu olhei para pacotes de MREs, feijões secos, arroz, fubá. Um frasco esguio de legumes secos estava escondido na parte de trás do armário, então coloquei na pilha. — Algum dia eu gostaria de ter uma grande cozinha. Todos os sinos e assobios.

— É porque você cozinha, ou quer ter uma despensa cheia de comida?

— Principalmente a comida.

Liam podia cozinhar. Nós compartilhamos frango assado uma noite em sua casa na Ilha do Diabo.

— Sinta-se livre para dar uma olhada — disse eu, e acenei no estilo game-show para convidá-lo a rever nossas opções.

Ele entrou na minha frente, aquele grande corpo deixando a colônia se demorando atrás dele. O seu Henley estava suficientemente adaptado para se encaixar nos músculos tensos das costas, depois se curvou para um corpo perfeitamente justo. Eu queria colocar minha mão no oco de suas costas, sentir força e deslocamento muscular se contrair com meus dedos.

— Você não acha? — disse ele.

Eu pisquei, percebendo que não ouvi o que ele me perguntou, e puxei minha mão.

Liam olhou por cima do ombro. — Você está bem?

— Tudo bem — disse eu, virando para o outro lado da cozinha enquanto meu rubor desaparecia. — Só pensando em maçãs. Eu deveria ter

pegado algumas quando estive em Argel. — Era um disfarce, mas era verdade. Da próxima vez que Malachi e eu treinássemos, talvez.

Peguei uma faca de manteiga. — Por que você acha que a Erida está aqui?

— Não sei. As coisas estão ficando perigosas. Talvez ele esteja chamando o povo dele para casa.

Tadji empurrou a cortina para o lado. — Vocês estão prontos? Estamos morrendo de fome aqui.

— A caminho — disse eu, e juntamos nossos achados.

* * *

Tomamos chá gelado, pão incrível, manteiga de amendoim decente e um surpreendente e delicioso molho de tomate que Gavin preparou com tomates secos, sal e azeite. Este último foi um dos poucos ingredientes *gourmet* que consegui obter com relativa facilidade nas caravanas da Zona. E pensando nisso, anotei para mim mesma acrescentar os pedidos de Lizzie ao meu próximo pedido.

Mas primeiro, o mistério.

— Então, o que há com Erida e sua missão de trazê-la de volta? — perguntei, cobrindo o pão com tomate.

— Ela é um soldado; ele é o comandante dela — disse Gavin, colocando chá gelado em um copo. — Ele fez valer a pena não fazer perguntas.

— Ele te pagou? — perguntei, franzindo a testa. Como um anjo conseguiu dinheiro?

— Pagou. Suponho que há simpatizantes humanos com fundos — disse ele à minha pergunta não formulada.

— Aposto que Malachi tem algo específico em mente — disse eu, pegando um pedaço de pão do fragmento na minha mão. — Talvez ele esteja se planejando para o que eu vi do outro lado do Véu.

O Véu passou por mim na Batalha do Memorial, e vi um exército de Paranormais com suas armaduras e escudos dourados, incluindo uma guerreira em seu corcel, claramente ansiosa pela batalha.

— Talvez — disse Gavin. — Eu saí antes do bombardeio, então é provável que não esteja relacionado à Reveillon.

Tadji franziu a testa. — Mas o véu está fechado, certo? Então, por que isso importaria?

Eu não sabia a resposta para isso, o que provavelmente era o melhor, pensei, colocando manteiga de amendoim no pão. Infelizmente, enquanto a manteiga de amendoim era ótima, e o pão de Eleanor era ótimo, a manteiga de amendoim e o pão de Eleanor não eram ótimos juntos. Eles, de alguma forma, conseguiram trazer o pior um do outro. Como Gavin e Liam, pensei com um sorriso. E a piada quase fez a textura pegajosa valer a pena.

— Por que você está sorrindo? — perguntou Liam, estreitando os olhos.

Levei um bom minuto antes de poder abrir minha boca para responder.

— Porque isso é delicioso.

O olhar de Liam era direto. — Mentirosa.

— É praticamente o jantar de Natal — disse eu sem muito entusiasmo, pegando outro pedaço esbranquiçado.

— Eu gostaria que ainda tivéssemos o Natal — disse Gavin, cruzando os tornozelos na cadeira vazia ao lado dele.

Liam deu um chute nos pés dele. — Tire seus pés da mobília.

Gavin abaixou os pés, mas relaxou em sua cadeira para ficar confortável. — Eu sei que ainda temos o feriado. Mas isso não significa mais a mesma coisa. Chame isso de consumismo ou o que quer que seja, mas havia algo mágico sobre o Papai Noel, meias, presentes.

— Havia algo literalmente mágico — disse Tadji, contando-os em seus dedos. — Elfo mágico. Rena voadora. Homem barbudo corpulento que se encaixa nas chaminés. Capacidade de visitar todos os lares do mundo no espaço de uma única noite. Saber automaticamente quem é desobediente e legal.

Gavin bufou. — Talvez ele tivesse monitores mágicos, porque isso soa como a Contenção.

— Amém — disse Liam.

Sorri para eles. — Vocês celebravam com Eleanor?

— Toda a nossa família — disse Liam, cruzando os braços sobre a mesa. — Eleanor estragou-nos no Natal. Ela era frugal para um Arsenault... Tanto quanto isso pode ser, mas quando as férias chegavam, ela tinha caixas de presentes para mim, Gavin, Gracie. — O pesar sombreou seu rosto com a menção de sua irmã, mas ele o afastou. — Você já passou pela casa dos Arsenault?

— Todos passaram pela casa de Arsenault — disse Tadjì.

Aquela era a casa de Eleanor em Esplanade Ridge, que queimara durante a guerra. Todo o Natal, Eleanor fazia um feriado monumental – milhares de luzes, animais eletrônicos, um presépio ao vivo e uma visita ao Papai Noel. Vizinhos reclamavam do tráfego, mas isso não a impediu. Ela disse que o Natal era para as crianças, e ela fazia as exposições maiores a cada ano.

— Você viu o urso polar no biquíni? — perguntou Gavin.

— Isso foi difícil de esquecer — disse Tadjì. — Algum conselho imoral por trás disso?

— Sim, sim — disse Gavin com um sorriso lento e satisfeito. — Eleanor nos pediu ideias para a exposição naquele ano. Eu desenhei Paulette, o Urso Polar, completo com biquíni e... — ele segurou as mãos arredondadas na frente do peito. — Com certeza, ela fez um quadro de luz.

— Parte de mim quer perguntar por que você desenhou um urso polar em um biquíni — disse eu. — E parte de mim já sabe a resposta.

— Os ursos polares vivem na neve — disse Gavin. — Se eles querem relaxar no oceano, eles vão usar biquíni como qualquer outra pessoa.

Estreitei meu olhar para ele. — Não consigo encontrar o buraco nessa lógica, embora eu tenha certeza que há um.

O sino na porta tilintou e eu me endireitei, lembrando que estávamos sentados em um estabelecimento de varejo.

— É apenas Gunnar — disse Gavin, olhando preguiçosamente para a porta e depois de volta.

— Bom ver você também — disse Gunnar, caminhando em nossa direção. Ele parecia um pouco menos descansado do que naquela manhã, o cabelo um pouco mais arrumado, a roupa um pouco mais endireitada por

baixo de uma roupa de camuflagem que ele não usara naquela manhã. — Quando você voltou?

— Hoje — disse Gavin, metade da mão cobrindo a boca enquanto mastigava outro pedaço de pão.

— Você parece uma merda.

— Ah, agora você está apenas sendo rude — disse Liam, estendendo a mão para arrepiar o cabelo de seu irmão. — Ele não pode mudar a aparência.

Gavin olhou para mim. — Ele é sempre engraçado?

— Sim, o riso morreu há muito tempo.

— Har-har — disse Liam desta vez, passando por mim para pegar um pedaço de pão da bandeja.

— E vocês estão jantando sem mim. — Gunnar tirou o colete, que era pesado e forrado, e colocou-o nas costas da cadeira.

Era um colete à prova de balas, eu percebi, e não podia desviar o olhar.

— É apenas uma precaução — disse Gunnar, olhando ao redor da mesa antes de seu olhar encontrar o meu. — Nós ainda não encontramos os membros do Reveillon que escaparam do bombardeio, então estamos sendo cuidadosos.

— Você está procurando de porta em porta? — perguntou Liam.

— Todas as portas na Ilha do Diabo — disse Gunnar, tomando um assento. — Buscas de quadrante por quadrante, mas ainda não encontramos ninguém. Evidências de que eles estavam se escondendo – garrafas de água vazias, embalagens de barras de proteína – mas ainda não há pessoas.

— Eles estão esperando por uma oportunidade de escapar — perguntou Liam —, ou uma oportunidade de atacar?

— Ou ambos. — Gunnar esfregou as mãos pelos cabelos escuros e ondulados, depois as uniu atrás da cabeça. — Não sabemos se eles correram para o bairro para evitar a captura, ou porque é o que deveriam fazer. Se foi de propósito, eles não fizeram nada ainda.

— O que eles fariam? — Eu me perguntei.

Gunnar olhou para mim com medo em seus olhos. — Poderiam bombardear indiscriminadamente, praticamente qualquer coisa. — Ele olhou

para Liam. — Correndo o risco de soar como um completo hipócrita, considerando para quem eu trabalho, você considerou retirar Eleanor de lá?

Liam assentiu. — Eu abordei o assunto. Ela não estava interessada.

Gavin fez um som que era meio riso, meio um suspiro triste. — E não se diz a Eleanor Arsenault o que fazer.

— Muito bem. — Liam empurrou a bandeja de pão para ele. — Você quer comer?

Gunnar fechou a mão. — Não, obrigado. Eu estava brincando. Passamos a manhã revisando as evidências físicas. Não faz muito pelo apetite.

— Alguma novidade aí? — perguntou Liam.

— Ainda não. Os peritos forenses estão fazendo testes, fazendo as coisas que fazem. — Ele olhou para Liam. — Você quer olhar as fotografias?

— Não — disse Liam —, mas eu vou. — Ele olhou para mim, e balancei a cabeça.

Eu poderia ser corajosa quando necessário. Mas como não tinha nenhuma habilidade forense em particular, não sabia nada sobre explosivos, eu ficaria sem essa. Havia algumas coisas que eu não precisava ver.

Gunnar pegou uma pasta verde da bolsa carteiro e passou para Liam. A pasta estava marcada com o logotipo de Contenção, TOP SECRET, estampado em vermelho na frente.

— Você tem autorização? — perguntei.

— Sim — disse Liam, folheando a pasta. Mantive meu olhar em seu rosto, nas mudanças de expressões. Nojo, pena, medo, tristeza, raiva. Cada vez que ele virava uma nova fotografia, o curso de emoções cruzava seu rosto.

E eu a vi no momento em que ele parou, franziu a testa, olhou para uma delas. E então ele olhou para mim. — Você tem uma lupa?

Pisquei com o pedido. — Hum, sim. — Eu usava para os reparos do relógio. Fui até o balcão, peguei a ferramenta de cabo de latão e ofereci.

— Obrigado, Sherlock — disse ele, erguendo as sobrancelhas ao examiná-la.

— Você tem um daqueles chapéus de aba larga?

— Pertencia à loja — disse eu, sabendo perfeitamente que ele havia dito isso para aliviar o clima.

Ele se voltou para a fotografia, centrando a lente de aumento em um pouco de pele no braço da vítima. — Há uma marca aqui.

— Que tipo de marca? — perguntou Gunnar.

— Não tenho certeza. Está ligado... — ele olhou para nós, depois para baixo de novo —, está em um dos braços dos bombardeiros.

Meu estômago revirou. O braço estava claramente separado do resto dele ou dela. E não foi uma boa separação.

— Uma tatuagem? — perguntou Gunnar, aproximando-se.

— Talvez?

Tadji se aproximou atrás deles, os olhos arregalando e os lábios ficando franzidos pela violência e sangue. Mas manteve a compostura. — Isso não é uma tatuagem. Ou não apenas isso.

Gunnar olhou para ela, franzindo a testa. — O que você quer dizer?

— É um código Couturie.

— Acampamento Couturie? — perguntei.

Acampamento Couturie fora o maior campo de refugiados de Nova Orleans – centenas de acres de tendas no que antes fora o City Park. As pessoas ainda moravam lá; tornou-se o bairro mais próximo.

— É? — perguntou Liam, inclinando-se para verificar a marca novamente.

A tinta estava borrada com o tempo, e parecia desenhada à mão em cima disso. A tatuagem provavelmente não foi muito nítida mesmo quando era nova.

— É o Código X do Couturie — disse Tadji, traçando a ponta do dedo sobre as linhas desiguais.

Durante o Katrina, o Código X era usado durante a guerra para marcar uma casa que foi procurada por sobreviventes. Também foi usado para criar um sistema de endereços no campo, que ocupava muito espaço imobiliário. A Contenção pensava que ajudava a dar uma sensação de estabilidade aos refugiados.

— Huh — disse Gunnar. — Isso é uma boa pista. Talvez Reveillon esteja recrutando no acampamento.

Gunnar pegou a pasta de Liam e rabiscou uma nota dentro dela, fechando-a novamente. — Vou ter que falar com o comandante. Fazer uma viagem até lá, dar uma olhada no acampamento e sentir o que está acontecendo.

— Você não pode ir — disse eu.

Gunnar se virou para olhar para mim. — Por quê?

— Você não pode simplesmente andar pelo Acampamento Couturie. Você é muito conspicuo. Todos na cidade sabem quem você é, e eles saberão por que você está lá, por que está bisbilhotando. Se houver membros do Reveillon no acampamento, você não poderá obter qualquer informação sobre eles.

— Ela provavelmente tem um ponto — disse Liam.

Gunnar estreitou os olhos. — E o que você está propondo, amante da estratégia?

Sorri, caminhando até o corredor da loja onde comida e produtos eram organizados, e peguei um bocado de beterrabas e verduras que cultivei na horta comunitária em cima do antigo Florissant Hotel.

Voltei e coloquei na mesa. — Eu irei. Porque estou no varejo.

Gunnar ficou quieto, as sobrançelas juntas como quando considerava algo. — O acampamento é um mercado de agricultores.

Assenti. — Todos os dias da semana. Ele está aberto ao público e a qualquer fornecedor que deseje criar uma loja. Estive lá apenas algumas vezes. Fiz muita troca, e não estou realmente no mercado para mais produtos secos. — Apontei para o interior da loja. — Estou lotada, então eu não estive lá há um tempo. Mas posso ir agora, pegar alguns vegetais extras, fazer um pouco de comércio e um pouco de reconhecimento.

— Você é uma civil.

Sorri. — Não, eu sou uma caçadora de recompensas em treinamento, com uma passagem da Ilha do Diabo para provar isso.

Gunnar ficou quieto por um momento, batendo os dedos juntos. Então olhou para Liam. — Você iria com ela?

— Não que eu precise de uma escolta — murmurei, mas eu não teria ido sem Liam. Não é como se eu pudesse simplesmente sacar minha magia, especialmente quando estiver procurando por magifóbicos.

— Eu poderia fazer isso — disse Liam, olhando para a cesta. — Nós jogamos de varejistas tentando se livrar de algum estoque, fazer algum dinheiro. Veremos o que pudermos.

— E se a oportunidade permitir, façam algumas perguntas muito sutis — diz Gunnar. — Precisarei falar com o comandante, a equipe das Operações Conjuntas. Temos todos os recursos disponíveis implantados, por isso, estamos correndo até que o PCC consiga mais tropas do outro lado da fronteira.

— Como vai isso? — perguntou Liam.

— Nada bom. Um comboio vindo de Branson foi atacado ontem à noite. Eles foram atacados vindo para Arkansas. PCC esperava que uma passagem na montanha fosse uma abordagem mais fácil. Havia um grupo acampado na fronteira.

— Eles não podem ter pessoas ao longo da fronteira da Zona o tempo todo — disse Tadj. — Isso é impossível.

Gunnar assentiu. — Exatamente.

— Você acha que eles têm alguém no interior — disse Liam.

— Eu acho — disse Gunnar. — E acho que tem que ser alguém em Washington, alguém no PCC que seja simpatizante, que tenha acesso a informações de movimento de tropas. Ou, se não no interior, um hacker ou espião muito talentoso. Mas essa investigação é de vários graus de pagamento acima do meu. Temos certeza que eles vão se familiarizar com isso.

Liam bufou. — Isso parece besteira burocrática.

— Não discordo. Mas é outra razão pela qual dar uma olhada em Couturie seria benéfico.

— Eles não estarão preparados para isso — disse eu, e Gunnar assentiu.

— E eu? — perguntou Gavin.

— Você tem um apartamento para desinfetar. — disse Liam, e Tadj e Gunnar enrugaram seus narizes.

— Eu quero saber por quê? — perguntou ela.

— Você não quer — prometi.

Liam olhou para mim. — Você vai me fazer vender beterraba?

— E couve. — Acenei um monte de folhas para ele. — Deliciosas e deliciosas couves-galegas.

— Jarretes de presunto⁸ são as únicas coisas boas sobre couve — disse Liam, mas tirou as chaves de seu bolso, colocando-as na mesa. — Pegue o que você precisa, e vamos.

8 Um jarrete de presunto ou junta de porco é a articulação entre a tíbia / fibula e os metatarsos do pé de um porco, onde o pé foi preso à perna do porco. É a porção da perna que não faz parte do próprio presunto, nem do tornozelo ou do pé, mas sim da extremidade extrema da perna do osso da perna.

Capítulo 09

Demorou um pouco mais de uma hora para obter a aprovação do Comandante. Tecnicamente, não precisávamos de permissão para dirigir em Nova Orleans e vender algumas beterrabas, e a recompensa de Reveillon ainda estava em vigor, o que fez com que as coisas fossem justas para Liam. Mas nós também não queríamos piorar as coisas para Contenção – ou assustar Reveillon.

— As Operações Conjuntas acham que é um tiro no escuro — disse Gunnar. — Que a tatuagem indica apenas que um dos bombardeiros de Reveillon viveu em Acampamento Couturie anteriormente, não que agora seja o QG de Reveillon. Eles também acham que as chances de realmente encontrar algo no *labirinto de telas* são baixas o suficiente para não justificar o esforço de mover uma equipe ativa de seu quadrante de busca para o parque.

Liam sorriu. — Mas somos dispensáveis?

As feições de Gunnar ficaram duras. — Nem mesmo engraçado como uma brincadeira. Operações Conjuntas está jogando as probabilidades, e o clima não é a prioridade. — Ele olhou de Liam para mim. — Mas isso não significa que vocês não devem tomar cuidado.

— Quando eu já fui menos do que cuidadosa? — perguntei.

O olhar em seus rostos era menos do que lisonjeiro.

* * *

— Então — começou Liam quando entramos em sua caminhonete velha. — Conte-me sobre essa prática com Malachi.

Imaginei que Tadj e Gunnar tinham sido capazes de atraí-lo.

— Nós praticamos — disse eu. — Daí o nome.

— O quê? — perguntou ele, dirigindo pelas ruas do French Quarter que já estavam cheias de pessoas comprando, bebendo e dançando em Second Lines.

— Geralmente, antecipando o inesperado. E ele me deu lição de casa.

Liam parou em Rampart. — Que tipo de lição de casa?

— O tipo durante o qual eu pratico a minha magia. — Deslizei-lhe um olhar. — Por que você está me interrogando?

Sua mandíbula apertou quando ele desviou a caminhonete em torno de uma árvore que havia caído na rua. Não havia operários nas ruas de Nova Orleans nos dias de hoje. Nós teríamos que dizer a Gunnar sobre o obstáculo, caso ele não soubesse.

— Porque ele é quem ele é.

— Porque ele é um Paranormal? Você soa como Reveillon.

— Você sabe que não é isso que eu quis dizer. Porque ele é quem ele é. E porque você é quem você é.

Lentamente, eu me virei para ele, os olhos estreitados. — O que isso significa?

— Isso significa que você deve ter cuidado. Ele é poderoso. — Ele fez uma pausa. — E ele olha para você... Como se ele cobiçasse você.

Isso me fez encarar a rua novamente com olhos arregalados. Não era que ele não gostasse de Malachi – ele não confiava nele, pelo menos não comigo.

Bom, eu decidi, quando processei os sentimentos. Liam estava errado, completamente errado, mas eu não sabia se ele se sentia tão desequilibrado quanto eu. Eu estava desequilibrada, afinal, por causa dele.

— Ele não me cobiça — disse eu. — Ele acha que sou uma novidade... Uma humana com magia totalmente nova que ele pode ensinar e observar. E ele continuará me ensinando até que eu não seja uma ameaça para ele, para mim mesma, ou para qualquer outra pessoa.

Liam bateu os dedos no volante. — Tudo bem, então.

— Droga, tudo bem — murmurei. — Eu sou o meu chefe.

Ele bufou. — Você provavelmente deveria dizer isso a Gunnar. Ele não recebeu o memorando.

Ele ficou quieto por um momento, depois procurou algo embaixo do banco da frente, retirando uma fita cassete bege. Pela primeira vez, percebi que ele havia acrescentado um velho toca-fitas a caminhonete.

— Vejo que você compartilha meu amor por antiguidades — disse eu.

Como resposta, Liam colocou a fita na fenda. *Born on the Bayou* se derramou no carro.

— Tudo bem, então — disse eu, e relaxei contra o assento. — Desculpas aceitas.

E com calor, música e sol, nós dirigimos.

* * *

O Parque da Cidade era enorme, mais de mil acres de prados, árvores, trilhas e lagoas. Anteriormente ele abrigara o Jardim Botânico de Nova Orleans, o Museu de Arte de Nova Orleans, um parque de diversões e uma área arborizada conhecida como Couturie Forest – mas isso fora antes da guerra.

Liam dirigiu ao redor do parque para reconhecer o terreno. Nada mudou muito nos meses desde que eu estive aqui, exceto que tudo parecia um pouco mais desgastado. As tendas de lona branca – sete anos desde que foram colocadas pela FEMA, pelos militares, pela Cruz Vermelha – ainda estavam em fileiras bem organizadas, mas as telas estavam remendadas e sujas. O chão entre as tendas havia sido gasto até a sujeira e fios elétricos saltarem de uma tenda para a outra. Alguém havia descoberto como amarrar as barracas à grade, pelo menos.

Em contraste com as fileiras ainda retas, a natureza se infiltrara nas bordas do parque, suavizando as linhas do que fora um longo retângulo de lagoas e prados.

Liam desligou a música, o mundo do lado de fora silencioso enquanto passávamos. — O acampamento tem um prefeito — disse eu, gesticulando para a pequena cabana de pedra onde ele morava. — Eu o conheci da última vez que estive aqui e não o vejo envolvido com Reveillon. Ele é um riso de barriga.

Liam riu. — Um o quê?

— Um riso de barriga. — Coloquei uma mão no meu estômago, oferecendo uma gargalhada redonda e saudável. — Ele tem uma barriga, e uma risada muito grande.

— Então Papai Noel dirige o Acampamento Couturie — disse Liam. — Apropriado, já que estávamos simplesmente esperando o Natal.

Ele direcionou a caminhonete para a beira da grama perto da Popp Fountain, que se tornara a entrada formal para o acampamento. Ela não funcionava mais, e alguém colocou no meio um cartaz desenhado a mão com BEM VINDO AO ACAMPAMENTO COUTURIE.

Sáimos da caminhonete e andamos até a parte de trás. Esperei enquanto Liam desatava a corda para abaixar a porta-traseira. Tirei um lápis da caixa de charutos que levei para fazer troco e preendi meu cabelo com ele.

— Está quente — disse eu quando o olhar de Liam deslizou do meu cabelo para a caminhonete.

— Muito. — Ele puxou as caixas em nossa direção. — Você sabe para onde vamos?

— É a minha loja, então eu estou no comando.

— Sim, senhora — disse ele com um sotaque.

Eu apenas revirei os olhos. — Há uma atitude diferente aqui. Siga minha liderança.

— Não tome riscos ridículos.

— Nós vivemos em uma zona de guerra por escolha — aponte, levantando uma caixa. — Nós nos arriscamos todos os dias.

O mercado era realizado na fonte, entre as colunas que o rodeavam. Mesas preenchiam a lacuna onde algumas das colunas estiveram, o que faz com que pareça um pouco com Stonehenge⁹. Caminhamos em volta para procurar uma mesa vazia, passando por coleções de roupas velhas,

⁹É uma estrutura composta, formada por círculos concêntricos de pedras que chegam a ter cinco metros de altura e a pesar quase cinquenta toneladas.

eletrônicos, folhas e raízes de vetiver¹⁰, sucata de plástico e praticamente todo o resto.

Do outro lado da fonte, onde as filas de tendas começaram, os curiosos e desconfiados nos observaram das portas e móveis de plástico. Não muito diferente da Ilha do Diabo, mas duvidei que eles apreciassem a comparação.

Acenei para aqueles que passamos, mas não sorri. Eu não estava aqui o suficiente para que eles me reconhecessem, e estranhos sorridentes andando pelo complexo pareceriam suspeitos. Tentei não ter interesse nas tendas e concentrei-me em encontrar um lugar.

Encontramos uma mesa com alguns centímetros de sombra, pelo menos por um tempo. Coloquei minha caixa na mesa e gesticulei para Liam fazer o mesmo.

— Boa tarde — disse a mulher na mesa ao lado, a desconfiança estreitando seus olhos escuros. — Ela sentou-se no banquinho dobrado, uma bola de fios roxos no colo e duas agulhas de tricô ocupavam as mãos pálidas. Ela usava jeans e uma camiseta LSU desbotada – definitivamente não eram as túnicas usadas por Reveillon.

Quase descartei o tricô, mas o brilho cintilante do metal me fez olhar novamente. Elas não eram agulhas, eram flechas longas e douradas. Ela transformou as armas dos Paras em ferramentas de artesanato. Eu li Dicken no ensino médio antes da guerra, e havia algo muito Madame Defarge¹¹ nisso.

Tirei dois aventais da Royal Mercantile da caixa, passando um para Liam. Puxei o laço do avental sobre minha cabeça e amarrei as longas tiras ao redor da minha cintura.

— Boa tarde — disse eu, então olhei ao redor. — A regra costumava ser aqueles que chegavam primeiro escolhiam, mas já faz alguns meses que não venho aqui. Preciso fazer o check-in com alguém?

— Você encontra uma mesa vazia, é sua.

10 Vetiver é uma planta da Família das gramíneas, herbácea, perene, cespitosa (em moita) que chega a atingir cerca de 2 m de altura e com raízes que podem penetrar até 6 m de profundidade.

11 Madame Thérèse Defarge é uma personagem fictícia do livro Um Conto de Duas Cidades, de Charles Dickens. Ela é uma tricoteusa, trabalhadora incansável na Revolução Francesa e esposa de Ernest Defarge. Uma das principais vilãs do romance, obcecada com a vingança contra os Evrémondes.

— Bom — disse eu, e comecei a pegar da caixa as beterrabas e maços de verduras, as hastes amarradas com barbante, espalhando-as sobre a mesa.

Ela viu o logotipo da Royal Merc e largou o tricô. — Eu sou Lonnie. Lonnie Dear.

— Claire e Liam — disse eu. — Nós viemos do Quarter. — Coloquei as mãos em meus quadris e olhei para a propagação de legumes. — Não fui capaz de convencer os agentes da Contenção de que as couves são boas para eles.

— É bom comer couves — disse ela, assentindo com aprovação por eu tentar espalhar o evangelho.

Olhei para a mesa dela, que estava carregada com fileiras de fitas cassetes e de vídeo. — Ei, Liam — disse eu, e gesticulei. — Você pode encontrar algo diferente para ouvirmos ao voltar para casa.

— Você está criticando meu gosto musical? — perguntou ele, sorrindo para Lonnie e caminhando ao redor da mesa para ver a mercadoria.

Lonnie o observou, sua expressão levemente impressionada, como se estivesse vendo uma boa peça de escultura pela primeira vez.

Estive lá, irmã, pensei.

Liam pegou uma fita. — O que é um Ace of Bass¹²?

— Isso significa que você deve ficar com CCR¹³ — disse eu, e sorri quando uma menina saiu das tendas e cruzou os vinte e poucos metros entre nós para olhar os vegetais. Ela era magra, mas bem torneada, seu corpo na fase não muito justa entre mulher e criança, o cabelo em tranças nos ombros escuros. Nenhuma túnica para ela também. Ela usava calça jeans cortada e uma regata desgastada.

— Quanto custa a beterraba?

— Duas por um dólar — disse eu com um sorriso.

Ela assentiu sobriamente, tirou um dólar do bolso da frente e ofereceu para mim.

— Precisa de uma sacola? — perguntei.

12 Ace of Base é uma banda dance e pop da Suécia constituída por Ulf Gunnar Ekberg, e os irmãos Jonas Berggren, Malin Sofia Katarina Berggren e Jenny Cecilia Berggren. Muitas vezes são comparados com o ABBA, outra banda do mesmo país.

13 Abreviação de Creedence Clearwater Revival, uma grupo musical.

Assentindo, ela pegou as duas beterrabas e voltou correndo para as barracas.

Primeira compra um sucesso. Agora nós só precisávamos de alguma informação.

— The Eagles — disse Liam orgulhosamente, colocando sua nova compra cuidadosamente na caixa.

Não pude deixar de rir. — Se sobreviveu à guerra, acho que poderia sobreviver a uma viagem para casa do mercado.

— Não há mal em ter cuidado — disse ele, vindo ficar ao meu lado novamente, as mãos atrás das costas. — Estou pronto para o ataque no varejo.

— Bom saber — disse eu com um sorriso.

— Você ouviu falar sobre o problema no Quarter ontem?

Olhei para Lonnie com o coração disparado. Esse era o tipo de pergunta que abria as portas. — Nós estávamos lá — disse eu, e deixei que ela visse a verdade *o horror* nos meus olhos.

— As pessoas estão falando sobre isso — disse ela. — Todo mundo tem uma opinião.

Uma pergunta importante, mas compreensível.

— Isso é Nova Orleans — disse Liam sem compromisso.

— Que tipo de opiniões tem as pessoas? — perguntei. — Parece que o que aconteceu foi muito planejado e específico. Muitas pessoas morreram.

Suas agulhas de flechas estalaram juntas. — Bem, mas nenhum estaria morto se não fosse pelos Paranormais.

— Você quer dizer se eles não tivessem nos atacado? Com certeza. Esse foi o catalisador.

Ela parecia satisfeita com a minha resposta.

— Estou surpresa que a notícia cegou aqui tão rápido. — Não fiquei realmente surpresa; Gavin disse que isso já se espalhou no interior do país, afinal de contas. Eu queria saber como ela descobriu. Os relatórios viajaram, ou as pessoas em Acampamento Couturie sabiam o que iria acontecer?

— As pessoas falam — disse Lonnie, e desta vez, havia uma sugestão de suspeita em seus olhos. — Quero dizer, é bom que você tenha uma sólida

rede de comunicação. Leva apenas um tempo até mesmo no Quarter para obter notícias sobre qualquer coisa.

— Exceto a Contenção — adicionou Liam, sua voz carregando uma borda perfeita e sutil de desgosto. — Com o Cabildo, o quartel, a Ilha do Diabo, nós sempre sabemos do que se trata.

— Ouvimos coisas — disse Lonnie. — Notícias chegam eventualmente. Quanto a viver no Quarter, eu certamente não poderia fazer isso.

— Por que não? — perguntou Liam.

— Ser monitorado o tempo todo. É praticamente uma lei marcial tão próxima da prisão. Da Contenção.

Não havia monitores mágicos em Acampamento Couturie? Olhei ao redor e não vi as familiares caixas pretas. Mas a Contenção as instalara até mesmo nas áreas rurais, então talvez os campistas as tivessem derrubado. Ou talvez o acampamento tivesse sido simplesmente esquecido.

A mulher executou o que parecia ser um movimento muito complicado e torceu o fio, depois voltou a colocá-lo. — Eu sou uma boa mulher cristã e não tenho magia. Mas os humanos não foram os culpados pelo que aconteceu, pela guerra e por não termos filhos. Não precisamos de câmeras em nós vinte e quatro horas. Isso é fascismo.

Ela estava dizendo o tipo de coisa que alguém que queria pegar em armas contra a Contenção poderia dizer. Mas não era o tipo de coisa que Ezekiel dissera, ou o que o manifesto afirmara. Reveillon não se importava com a privacidade. Eles não se importavam com a Constituição. Eles se importavam com a aniquilação.

— Não posso discutir com isso — disse Liam, parando ao meu lado e olhando para o acampamento. — É difícil viver sob o escrutínio. De sentir normal. Eu acho que você tem mais liberdade aqui. De viver do jeito que você quer.

— Nós não temos muito — concordou ela. — Mas temos nossa liberdade e nossa comunidade. Não preciso de muito mais do que isso.

Então Lonnie estava contente com o seu destino. Será que todos em Acampamento Couturie se sentiam assim?

* * *

As pessoas se reuniram em volta da mesa, provavelmente tanto para nos dar uma olhada quanto para inspecionar as coisas que compramos para vender. Eu vendi mais algumas beterrabas e alguns maços de couve, e troquei alguns por dois potes de melaço, um carretel de fio de cânhamo feito à mão, e um pequeno saco de papel com carne de veado. Você nunca sabia o que encontraria no interior.

Enquanto eles me inspecionavam, eu os inspecionei. Nenhum usava túnica, mas talvez aquelas fossem apenas roupas de *ocasião especial* para Reveillon. Essas pessoas pareciam viver da terra e essa terra era dura. Corpos e rostos magros que trabalhavam duro pelo que tinham, para ganhar a vida em um lugar que só foi destinado para uma vida temporária.

Eles sussurraram sobre o bombardeio enquanto se moviam de mesa em mesa, mas ninguém confessou saber disso antes do fato, ou conhecer alguém envolvido. Por outro lado, ninguém falou contra eles, tampouco.

Ainda... Eu tinha a sensação de que algo estava transbordando aqui, algo sob a superfície que não podíamos ver. Algo deixou os campistas tensos. Poderia ser o ataque que deixara as pessoas nervosas, com medo de que a guerra voltasse. Eu não achava que esse era o único problema – eu achava que as emoções funcionavam muito melhor do que isso – mas nós estávamos ali há três horas, e não vimos nenhuma evidência.

Tive uma ideia genial e enfiei os dedos no centro de uma beterraba que eu cortava como uma amostra, cobrindo minhas mãos com sujeira e suco. Fiz uma demonstração de limpar minhas mãos no avental, segurando dedos manchados e unhas sujas.

— Droga — murmurei, franzindo a testa enquanto olhava para elas. — Eu deveria ter trazido um purificador. — Abaixei minhas mãos novamente e olhei para Lonnie com um olhar de desculpas. — Suponho que não há um lugar que eu poderia me lavar? Talvez uma torneira onde pudesse enxaguar minhas mãos antes de voltarmos?

Ela olhou para mim por um minuto, em seguida, apontou para um beco entre tendas que adentrava no acampamento. — A estação de lavagem fica naquela estrada. Quatro ruelas e vire à direita.

— Obrigada — respondi, mostrando bastante alívio. Olhei para as minhas mãos. — Parece com a primeira vez que eu tingi toalhas. Isso foi uma bagunça grande e ensanguentada.

Lonnie riu levemente, e voltei para Liam, então só ele podia ver meu rosto.

— Eu ficarei bem — murmurei.

Seu rosto mostrou claramente que ele não gostou da ideia de nos separarmos. Eu entendi o sentimento, mas eu tinha um propósito, que eu sabia que ele havia descoberto. Uma viagem à estação de lavagem pelo menos nos daria uma olhada dentro do acampamento – talvez o único que teríamos hoje. E investimos muito tempo para sair sem informações.

— Eu vou adiantar e arrumar o que sobrou — disse Liam.

— Eu agradeço — disse eu alegremente, e fui para o labirinto de lonas.

* * *

A *estrada* tinha cerca de um metro e meio de largura e era coberta por tendas de lona que ficavam frente a frente. As tendas eram as mesmas – tela quadrada com telhado inclinado e porta de enrolar no centro. Mas a maioria delas foi consertada ou personalizada. Muitas foram *cobertas* com pedaços de madeira compensada; algumas tinham saídas de vento. Madeira compensada também foi apoiada entre algumas delas, provavelmente para adicionar pelo menos um pouco de privacidade. Lonas foram jogadas sobre algumas tendas conectadas juntas, seus painéis laterais cortados e costurados nos corredores para fazer espaços maiores. Fileiras arrumadas de tijolos espiavam por baixo de algumas tendas, onde as pessoas tinham pavimentado o chão de terra.

Mantive meus olhos atentos a qualquer coisa incomum, tentei ficar alerta para quaisquer sons suspeitos – cantos anti-Paras, suprimentos para fabricação de bombas, planos gerais para caos e destruição. Em vez disso, ouvi os sons da vida normal – bebês chorando, pessoas rindo e discutindo, música, roncos. As pessoas provavelmente emprestavam açúcar ou ovos, brigavam por barulho, cheiros e espaço, se preocupavam com o calor, a comida e os furacões.

Parecia impossível ficar sozinho em Acampamento Couturie, enquanto a maioria da Zona tinha o problema oposto. Mas ninguém pareceu tomar conhecimento de mim.

Contei as tendas, virei quando cheguei a quarta. As tendas deveriam ter tido marcas de código X, mas estavam desbotadas há muito tempo.

A poucos metros de distância, o espaço entre as tendas foi ampliado em um quadrado. Uma engenhoca de aço e canos ficava no meio, com torneiras de diferentes alturas. Um calçadão impedia que o chão ficasse muito enlameado. Subi no calçadão e mergulhei as mãos na água que estava gelada apesar do calor.

Lavei minhas mãos lentamente, tomando cuidado para esfregar embaixo de cada unha enquanto olhava em volta, examinando as tendas ao meu redor em busca de qualquer sinal de Reveillon. Mais uma vez, não vi nada. Desliguei a água e enxuguei as mãos na parte de trás do meu avental.

Uma grande bola de borracha rolou e um menino de seis ou sete anos veio correndo atrás dela, um sorriso no rosto bonito e sardento. Ele tinha cabelos castanhos e pele clara, e um espaço entre os dois dentes da frente. Ele usava calça jeans e uma camiseta do Saints de mangas curtas. Ele pegou a bola, sorrindo instintivamente quando se virou para mim... E então congelou.

Eu podia praticamente ver *perigo estranho* escrito em seu rosto.

— Oi — disse eu, e acenei um pouco.

O garoto me encarou como se eu fosse um monstro de uma terra estrangeira. Se o mundo dele estivesse limitado a Acampamento Couturie, a rostos familiares próximos, eu poderia ser.

Ele se virou, pegou a bola e voltou correndo na direção de onde veio.

Eu estava aqui com permissão, mas se ele soasse o alarme, eu não poderia ter muito tempo. Mantive um sorriso inocente no rosto, me virei e caminhei na direção em que vim... E *perdi* a curva que levaria de volta à fonte.

Passei por uma ruela, depois duas, depois três. Se Reveillon tivesse uma presença em Acampamento Couturie, eles não a anunciariam. Talvez estivéssemos errados sobre o significado da tatuagem, ou Ezekiel era muito esperto para recrutar e divulgar seu evangelho discretamente. Estrondoso o

suficiente para atrair membros. Não tão estrondoso que pudesse ser facilmente encontrado pela Contenção.

E então eu parei, olhando para a aba aberta da tenda que acabara de passar. Era um retângulo de espaço com um piso de tábuas de madeira, um grande tapete jogado sobre ele. Cadeira de encosto em um canto, cama simples no outro. Nenhum cobertor na cama, nada pessoal na tenda. Não parecia que alguém morava lá, mas se esse fosse o caso, por que as tendas vizinhas não levaram as tábuas do assoalho? O tapete?

Depois de garantir que a barra estava limpa, aproximei-me, olhando mais profundamente para a escuridão sombria... E manchada de sangue no assoalho. Grandes gotas e longas estrias, como se alguém tivesse sido arrastado pelo chão. E na parede oposta, manchada de sangue, lama ou ambos, havia uma única palavra: EDEN. Ezekiel dissera que Reveillon traria um novo Éden. Isso deveria ser um lembrete?

— Você não deveria estar aqui.

Recuei, me virando para encontrar uma mulher atrás de mim. Ela era clara e magra, com feições delicadas e cabelo castanho preso em um coque. Sua franja era longa e quase cobria o hematoma em torno do olho esquerdo.

E usava o mesmo tecido caseiro que os membros do Reveillon.

Exibi um sorriso desajeitado. — Sinto muito... Uma senhora no mercado me mostrou onde me lavar e me perdi completamente. Estou tentando voltar para a fonte.

Ela me observou por um momento, medo e cautela em seus olhos. Eu não acho que eu era o que ela temia, e apostava dinheiro na possibilidade de que Ezekiel – ou aqueles como ele – poderia ter sido. Mas ela assentiu.

— Eu te acompanho de volta.

— Eu agradeço — disse eu, e dei um passo ao lado dela.

Seus movimentos eram rápidos, todos os passos eram delicados, como se estivesse acostumada a ficar quieta, tentando não fazer um som. Tentando não ser notada.

A estrada que ela escolhera, provavelmente de propósito, ficava do lado de trás de duas filas de tendas, então não pude vê-las.

— Há estradas e ruelas — disse ela. — As estradas correm de norte a sul. As ruelas correm de leste a oeste. — Esse foi, sem dúvida, um sistema federal criado por alguém que não era de Nova Orleans. Caso contrário, elas iriam da margem do lago ao centro da cidade.

— Certo — disse eu. — Acho que desci uma estrada e depois virei à direita em uma ruela? Mas passei por ela.

— Sim, você passou a sua.

— Como você se lembra para onde vai? — perguntei. — Todas as barracas parecem iguais.

— Elas não são iguais quando você está aqui por tempo suficiente.

Imaginei que a madeira compensada e lonas se tornassem marcas, sinalizando onde você estava.

— Por que não se mudar para casas vazias pela cidade? — Eu me perguntei, pensando em quão pouca privacidade eles tinham, como estavam desprotegidos do mau tempo – ou qualquer outra coisa.

— As casas pertencem a outras pessoas — disse ela simplesmente, voltando-se para uma estrada mais larga, desta vez enfrentando as frentes de várias tendas. — Acampamento C pertence a nós.

Um homem magro, com pele escura envelhecida e linhas profundas ao redor do rosto olhou para fora da aba de uma barraca e acenou enquanto passávamos. A mulher acenou de volta.

Eu realmente não podia discutir com isso. O que era o Royal Mercantile, além de algo – a única coisa – que realmente me pertencia? — Compreendo. Você mora aqui há muito tempo?

— Desde que abriu. Eu fazia parte da Primeira Onda.

Eles foram o primeiro grupo de evacuados de Nova Orleans. Eles perderam suas casas em Uptown em um dos primeiros ataques da guerra, quando um bando de Valquírias queimou um caminho pelo bairro. O ataque foi apenas alguns dias no início da guerra, o que significava que ela estava aqui desde o começo. Imaginei que sua idade era próxima da minha, vinte e quatro anos. E imaginei que nossos últimos sete anos foram muito, muito diferentes. Tadjí estava certa sobre isso.

Eu pisquei quando saímos para o espaço perto da fonte. Fiquei aliviada de estar de novo em um lugar aberto. Comunidade ou não, havia algo inquietante em estar naquele labirinto. Eu não era a única que se sentia aliviada – estava claro na expressão de Liam.

— Nós conseguimos! — disse eu alegremente, e me virei para a garota. — Obrigada pela ajuda. Eu estava ficando um pouco claustrofóbica lá.

Ela sorriu levemente. Se ela temia que eu tivesse visto muito, ela não mostrou. — Pode ser desorientador no início. Fica mais fácil.

Eu estava feliz em aceitar a palavra dela. — Sabe, eu tenho algumas verduras extras que não vendemos. — Andei o resto do caminho até a mesa, dando um leve aceno de reconhecimento a Liam, e peguei o último pacote. Eu me virei e estendi para ela, parecendo suplicante. — Você estaria disposta a ficar com eles? Não há realmente muito mercado para eles no Quarter.

Ela me fez uma gentileza. E parecia precisar deles, e não tinha os recursos ou a confiança para pedir.

— Tudo bem — disse ela com mais confiança. — Se você tem certeza que não vai precisar.

— Não vou — assegurei a ela quando ela os pegou. — Você está me fazendo um favor.

— Verduras são nojentas — disse Liam, dando um passo atrás de mim, oferecendo-lhe um sorriso. — É por isso que ninguém vai tocá-las.

— Não — disse ela com um sorriso —, um pedaço de presunto, talvez, e um pouco de vinagre de pimenta. Eles são deliciosos, e o líquido que sobra no recipiente cura praticamente qualquer coisa.

— Vou apenas confiar em você sobre isso — disse Liam com um sorriso.

— Hey!

A expressão da menina ficou em branco, e ela embalou as verduras contra o peito, olhando para trás, para as tendas, para a mulher que havia gritado – uma das mulheres que acompanhou Ezekiel no desfile.

Com os dedos escondidos sob a mesa, bati na perna de Liam. Ele assentiu.

Ela olhou para nós, depois baixou o olhar e voltou correndo para as tendas, desaparecendo dentro delas. — E essa seria nossa deixa para ir embora — sussurrou ele. — Ela nos reconhece e relata, e vamos perder a nossa janela para sair daqui.

Estimulada pelo comentário, fiquei de pé e bocejei, esticando os braços sobre a cabeça. — Tudo bem — disse eu, olhando para Liam. — Acho que estou pronta para voltar ao Quarter. Você está pronto para ir, ou quer dar uma olhada? Encontrar mais música de quarenta anos atrás?

— Receio que eu esteja falido — disse ele com um sorriso, depois colocou os últimos legumes na caixa.

Eu queria deixá-los na mesa para os que precisavam deles, mas que não tinham nada para trocar. Mas, mesmo supondo que o orgulho dos moradores teria permitido que eles pegassem o que sobrou, eu estava disfarçada de lojista. Dar as mercadorias pareceria suspeito.

Desatamos nossos aventais e os colocamos em uma caixa. Olhei para a mulher ao nosso lado. — Obrigada pela ajuda. Espero que vocês tenham tido um dia de mercado produtivo.

— Eles sempre são — disse ela, olhando completamente para o tricô agora, acrescentando uma faixa ao seu projeto de fio cor do sangue.

Capítulo 10

— O que você achou? — perguntou Liam, assentindo cordialmente para um casal que passamos no caminho de volta para a caminhonete.

— As tendas pareciam as mesmas, exceto uma que tinha sangue no chão, listras como se alguém tivesse sido arrastado para fora. Ele foi deixado lá... Intocado. E *Eden* estava escrito na parede. Com sangue.

Eu não fiquei com medo quando olhei para ela, mas a memória enviou uma gota de suor frio pelas minhas costas.

— Uma referência ao Éden que Reveillon quer construir na Zona?

— Esse foi o meu pensamento — disse eu. — Mas por que estava vazio? Por que havia sangue?

— Talvez seja um santuário — disse Liam franzindo a testa enquanto considerava. — Talvez um Para tenha matado alguém lá, e eles o mantêm para lembrar as pessoas.

— Ou é um aviso — disse eu. — A pessoa que morava naquela tenda foi morta, arrastada para fora, por ser oposta ao plano do Éden. E a tenda foi deixada como um aviso.

— Há uma vibração neste lugar — disse Liam. — Algo abaixo da superfície que não estamos vendo. Algo que os faz suspeitar de estranhos – até de humanos – e os deixa tensos. Como se esperassem por algo.

— Eu não poderia concordar mais. — E tinha que ser uma vibração, porque além das roupas caseiras da garota, não havia nada aqui que marcasse como território de Reveillon. Não que eles estivessem anunciando agora, considerando que mataram quatro pessoas, sem contar as suas próprias. Eles deveriam saber que a Contenção os procurava.

Alcançamos a caminhonete e colocamos as caixas na porta traseira ainda aberta, deslizando-as para trás.

Eu me virei para Liam e olhei para ele. — A mulher que me tirou das tendas e aquela que a chamou. Elas usavam as roupas de Reveillon. Poderíamos voltar, pegá-las, levá-las até o Cabildo.

Liam fechou a caçamba da caminhonete e deu nós pela corda como um marinheiro experiente. E então descansou um braço no topo da porta do bagageiro.

— Nós poderíamos — disse ele, olhando para as fileiras de tendas. — Mas certamente há mais gente lá. E, enquanto estou feliz que você esteja confiante em nossas habilidades, estamos seriamente em desvantagem.

— Estraga prazeres.

Ele me deu um olhar sarcástico. — Você está planejando tirá-las de lá com magia? Porque além da arma no porta-luvas, não temos armas. Primeira aula de pôquer e caça-recompensas: saber quando ser agressivo e quando chamar o reforço do exército.

— Eu... Estou confusa com a metáfora. Mas entendo o seu ponto.

— Bom. Porque se eu te levar para casa com um arranhão, eu terei Gunnar na minha bunda por uma semana.

— Gunnar não é meu pai.

Liam fez um barulho. — Não, mas ele se designou como seu protetor.

Vozes se ergueram alguns metros à frente da caminhonete, onde dois homens de jeans e camiseta começaram a empurrar um ao outro com golpes de mão no ombro. Eu os coloquei em seus vinte e poucos anos, com pele bronzeada e cabelos escuros, ambos em roupas casuais.

— Não, foda-se — disse o mais baixo dos dois, um homem robusto com um corpo robusto e quadrado.

Liam em alerta total olhou para cima e para baixo, observou-os gritar e empurrar, e virou seu corpo em um pequeno ângulo, posicionando-se – seu corpo – entre a ameaça e eu. O homem mais alto ergueu as mãos e começou a se afastar, mas aparentemente não conseguiu resistir a bater no outro cara com o ombro.

— Seu idiota! — gritou o baixinho, e deu o primeiro soco.

— Idiotas — xingou Liam, depois olhou para mim. — Fique aqui. — Ele avançou, facilmente uma cabeça mais alta do que os dois homens. — Ei! Parem com isso.

Voltei para a porta e foi quando a voz de Liam soou. — Claire!

Havia alarme e medo na palavra, mas antes que eu pudesse me virar novamente, fui golpeada contra a caminhonete, a maçaneta da porta pegando meu plexo solar.

Eu lutei por ar, chutando o agressor, mas ele chutou a face interna do meu joelho, e tropecei. Ele agarrou meu cabelo e empurrou meu rosto contra a janela da porta enquanto meus pulsos eram presos com uma corda grossa que machucava minha pele como fios desencapados.

— *Claire!* — gritou Liam novamente, fúria fervendo em seu rosto enquanto os lutadores o empurravam para o chão, apontando uma arma à queima-roupa em sua cabeça. Ele não piscou, não ofereceu sequer uma olhada, apenas manteve seu olhar no meu – quente, possessivo e indizivelmente irritado.

— *Liam!* — gritei antes que a escuridão cobrisse meus olhos.

A luta era uma distração, uma armadilha.

E nós caímos nela.

Fui puxada para trás por minhas mãos e afastada da caminhonete, empurrando na direção do capô. Eles cobriram meus olhos com um pano preto, mas não amarraram muito bem. Se olhasse para baixo, eu poderia ver uma lasca do chão que cobrimos enquanto voltávamos para as tendas, e descíamos uma fileira.

— Claire! — gritou Liam novamente, mas sua voz estava mais longe.

Eles estavam nos separando. Estávamos em apuros. O pânico aumentou rapidamente, apertando meu peito para que eu pudesse ouvir minha respiração assobiando dentro e fora. Eu queria afundar no chão, agarrar a terra e a grama até que pudesse respirar novamente, até que estivesse a salvo.

Pare, pedi a mim mesma. Pare de enlouquecer. Isso não ajudará você ou ele. Você precisa ficar calma. Só precisa de um plano. Eu deveria apenas dar

este passo a passo, ser mais cuidadosa possível, e tomar todas as oportunidades que pudesse para fugir, para me libertar.

Observe tudo, eu me ordenei, e percebi que o chão estava duro debaixo dos meus pés, e um bebê chorava em algum lugar próximo.

Eu estava de novo nas tendas. Os sons foram abafados, então provavelmente eu estava em uma das filas que ficavam na parte de trás das tendas. Havia pessoas em cada lado de mim, segurando meus braços, guiando-me a uma velocidade que me fez quase pular para ficar em pé.

Meu pé acertou um buraco na terra e voei para frente, fui levantada novamente antes de cair no chão. Eu senti um cheiro de perfume à minha direita, os aromas fortes e inebriantes de peônias e Gardênia, e os dedos que arranhavam meu braço estavam cheios de unhas afiadas. Provavelmente uma mulher à minha direita. Dedos mais grossos no meu outro braço, o aperto ligeiramente mais forte. Provavelmente um homem à minha esquerda.

Viramos juntos para a direita e fui mais fundo no campo de tendas. Desta vez, estávamos do lado da porta, e eu podia sentir o cheiro e ouvir as pessoas próximas.

— Malditos desordeiros — falou um homem mais velho que estava a apenas alguns metros de distância. — Se intrometendo no negócio dos outros.

— Precisa cuidar do seu próprio negócio — concordou uma mulher.

Que eles pudessem ver encenqueira e intrometida em mim – uma garota de 24 anos com sumo de beterraba manchando as mãos – era notável. Quero dizer, eu era as duas coisas, mas como eles poderiam saber?

Porque a mulher da Bourbon Street me viu e contou a todos. E como Lonnie disse, as notícias viajavam. Provavelmente se espalhou como fogo através do acampamento. Eu começava a me perguntar se isso era a única coisa que viajava. Se o ódio e a paranoia se espalharam tão facilmente, também.

Paramos, e fui levada para uma tenda, a aba de lona roçando meu rosto. Fui empurrada em uma cadeira dura, meus braços soltos e puxados para trás da cadeira, sendo amarrados novamente.

Houve uma confusão ao meu redor e depois silêncio. E então eles me deixaram para esperar.

* * *

O tempo passou, mas eu não sabia o quanto. Meia hora, talvez, mas parecia interminável. Eu não conseguia enxergar nada, exceto ocasionais mudanças de luz, e não conseguia ouvir nada além de um arrastar e sussurros do lado de fora.

Eu estava sozinha em uma tenda, provavelmente à beira de uma ruela, dada a relativa calma. Balancei a cabeça, tentando desalojar o tecido ou mudá-lo o suficiente para me deixar ver onde estava, mas isso só me dava muita dor.

Como não funcionava, eu teria que trabalhar na corda ao redor dos meus pulsos. Puxei contra elas até que meus pulsos estavam em carne viva, pegando a borda que eu poderia alcançar com uma unha irregular. Eu havia soltado alguns fios, mas levaria horas – se não dias – para fazer algum progresso real. Aquilo só me deixou em pânico novamente.

Liam estava aqui, em algum lugar. Nós nos encontraríamos. E se não o fizéssemos, Gunnar sabia onde estávamos. Se não voltássemos, ele mandaria alguém. A questão era se ele poderia nos encontrar na expansão de Acampamento Couturie antes que as coisas piorassem...

Houve alguns passos.

Virei meu rosto para cima e para baixo, de um lado para outro, tentando descobrir de onde eles vinham.

E então alguém estava ao meu lado. Dedos roçaram minha bochecha e o pano foi arrancado. Pisquei com a luz e estreitei meus olhos para ajudá-los a se ajustar, então pisquei de novo.

Eu estava em uma tenda de lona, lanternas de acampamento resistentes penduradas a intervalos ao longo das paredes, lançando sombras que saltaram no ar.

Ezekiel estava na minha frente, seu rosto a apenas alguns centímetros do meu, a venda na mão. Seu cabelo escuro estava úmido, assim como o colarinho de sua túnica de linho branca. Ele cheirava a lavanda, provavelmente só viria de um chuveiro.

Deus o proíba de ser impuro, pensei amargamente.

E desde que ele parecia completamente ileso, ele não era um bombardeador, e provavelmente não havia acompanhado seu bando na batalha. Talvez ele tenha visto a uma distância segura, ou talvez tenha voltado antes de começar, deixando-os começar a guerra sozinhos. O covarde.

Ezekiel puxou um banquinho do outro lado da sala, colocou-o de frente para mim e sentou com as mãos entre os joelhos.

— Olá.

— Onde ele está? — O sorriso de Ezekiel era horrivelmente agradável.
— Este é o seu interrogatório, Claire. Você está aqui e Liam em outro lugar.

— Solte-me agora — disse eu, e continuei lascando a corda. — Não fizemos nada de errado, e você não tem o direito de nos atacar, nos abordar ou nos prender. Estamos aqui para vender comida.

— Sim, eu entendo qual é a história. — Dúvida coloriu cada uma de suas palavras.

— Nós somos inocentes. Você é um assassino.

A dúvida transformou-se em repulsa. — Vocês são conspiradores. Mentirosos. Traidores. Vocês apoiam a Contenção e os Paranormais, e vocês tornam mais difícil para seres humanos reais.

— *Humanos reais*? Você é um sociopata egoísta.

Por um instante, houve um lampejo de algo sombrio e horrível em seus olhos. Algo faminto e ansioso. Mas desapareceu, deixando para trás a casca da falsa paixão.

— Sou um homem que recebeu o dom do conhecimento, da compreensão. Nem todos acreditam, claro. Mas isso é verdade para a maioria dos salvadores da história.

— É isso o que você acha que é? Um salvador?

Ezekiel se inclinou com as mãos nos joelhos. Suas roupas eram antiquadas, e até mesmo sua linguagem corporal parecia presa em alguma outra época. Não teria me surpreendido se ele me acusasse de ser uma bruxa de Salem.

— Esse é o meu fardo — disse ele. — Levar esta mensagem, esta verdade pela Zona. Mesmo que as pessoas não acreditem em mim. — Ele parecia magoado, como se a falta de crença fosse um insulto pessoal.

— Você diz às pessoas que a magia é o problema, que você é a solução. E ainda assim você recua enquanto eles matam por você. — Inclinei minha cabeça para ele. — Por que você não se sacrificou na Ilha do Diabo? Porque você é um covarde?

Ele se moveu tão rápido que sua mão era um borrão, a batida contra a minha bochecha ressoando no silêncio. Dor explodiu na minha bochecha, e as lágrimas encheram meus olhos e transbordaram. Eu as ignorei e mantive meu olhar sobre ele.

— Você não tem o direito de me mostrar desrespeito. — Sua mandíbula estava apertada com óbvia raiva.

Eu podia sentir o gosto de sangue, brilhante e acobreado. — Violência é desrespeito.

Ele se sentou em sua cadeira novamente. — Se você provocar um homem a bater em você, é desonesto chamá-lo de violento.

Fiquei tão perplexa com essa justificativa que demorei alguns segundos para formar uma resposta. — E o que seria honesto?

— É disciplina necessária — disse ele. — Quanto ao resto, eu acho que isso é óbvio também. Sou o líder dessa organização. O cérebro, o coração, a alma. — Ele pressionou a mão contra o peito, os olhos castanhos escurecendo-se com convicção. — Sem mim, não há Reveillon. Eu sou o vaso através do qual flui a verdade.

Algo estava certamente fluindo através dele, mas não era a verdade. Mas ele claramente parecia acreditar no que dizia. Então eu tentei uma abordagem diferente. — Porque mais ninguém entende isso — disse eu, imitando sua seriedade. — Porque você é o centro disso, o ponto crucial.

Ele assentiu, parecendo aliviado por eu ter entendido. — Exatamente. A Zona viveu em negação por muito tempo.

Poderia também seguir o trem onde isso levava, pensei. Isso manteria sua atenção longe dos meus pulsos e meu plano de fuga. — E os outros não veem isso. A Contenção não vê isso?

Seus olhos brilharam novamente. — Sem magia a Contenção não existiria. A Contenção não teria o financiamento, sem empregos, sem uniformes. Eles não têm incentivos para admitir a verdade.

— Essa magia destruiu a Zona.

— E continua destruindo.

— Não temos magia — disse eu. — Então, por que estamos aqui?

Ele balançou a cabeça, fazendo um som de desgosto antes de nivelar o olhar com o meu novamente. — Você acha que não sei por que você está aqui? O que você está fazendo?

— Vendendo beterrabas?

Ezekiel se aproximou, e instintivamente puxei minhas amarras. Então ele me bateu novamente, quente como fogo.

Olhei em volta para a tenda, as sombras dos humanos que andavam do outro lado da tela. Eles se importavam que eu estivesse amarrada aqui, sendo interrogada? Ou concordaram com isso? Acharam que era necessário para a causa, para *o que deve ser feito*?

Eu não sabia onde Liam estava, mas era melhor não assumir que ele iria para o resgate. Eu me salvaria, então precisava me dar tempo para romper a corda. Eu necessitava mantê-lo falando.

— Vocês são espiões para a Contenção.

— Eu tenho uma vida para fazer, e fazer isso está difícil porque você assustou todo mundo do Quarter. Mas ao invés de admitir que esteja aqui para vender esse produto, você decidiu, o que, que eu estou em uma missão secreta? Espiando com vegetais?

— Você opera uma loja perto da Ilha do Diabo. Você vende para oficiais da Contenção. Se a sua exibição no nosso protesto foi uma indicação, você é amiga do segundo no comando. Você é uma traidora da sua humanidade. E seu amigo não é melhor.

— Ele é um caçador de recompensas Paranormal — aponte. — E ele está me treinando para ser um.

— Você perpetua o sistema. Você é um obstáculo para o que deve ser feito.

— Limpar a Zona?

Ele não respondeu, mas se levantou do banco e caminhou até um velho escritório do outro lado da tenda e tirou algo de uma gaveta.

Eu estava com medo de ser uma arma, mas ele trouxe uma foto, estendendo-a para que eu pudesse ver. Era uma foto colorida de dezenas de pessoas paradas em longas filas diante de uma placa que dizia ACAMPAMENTO COUTURIE: NOSSA CASA TEMPORÁRIA. Os pais seguravam bebês, pessoas mais velhas se equilibravam em bengalas, e as crianças ficavam de pernas cruzadas na frente. Havia esperança em seus olhos. Pelo que eu vi das pessoas que ainda moravam aqui, a esperança se foi agora.

— A Primeira Onda — disse Ezekiel, virando a foto para que pudesse olhar novamente. — Eles foram deixados aqui. Abandonados para que o nosso governo e a Contenção pudessem se concentrar naqueles que lutavam contra nós. E somos punidos por sua inação pela destruição, pelo fracasso do solo, pela instabilidade de nosso sistema de poder. Aqueles que moram aqui foram esquecidos enquanto a Contenção desperdiça dinheiro para encarcerar aqueles que não merecem viver. Nós podemos resolver ambos os problemas.

— Criando outra guerra? Matando mais pessoas? Isso é idiota. Você quer consertar a Zona? Saia e nos deixe em paz. Nós estaremos melhor sem pessoas como você.

Raiva ferveu em seus olhos, mas antes que ele pudesse me bater novamente, um assovio cortou o ar. Sons parecidos com tiros foram seguidos por gritos e correria. Nós estávamos sob ataque?

Fúria brilhou nos olhos de Ezekiel com a interrupção, sua cabeça se lançando para cima. — Não se mova — disse ele, levantando-se e desaparecendo pela porta.

Eu queria gritar pelo nome de Liam, me assegurar que ele estava vivo e seguro, e os ruídos não eram tiros – punição imposta por um desses idiotas loucos. Mas não havia tempo para o medo. Não se eu quisesse sobreviver a isso.

Infelizmente, eu não sabia para onde eu fora levada, e eu não tinha uma arma. Eu queria usar magia. Queria tanto usá-la que meus dedos formigaram, para mostrar a esse idiota o que acontecia quando a escolha era tirada. Mas Ezekiel já acreditava que eu era uma traidora, e a magia só lhe

daria outra razão para me considerar uma inimiga, para que enviasse as pessoas ao Royal Mercantile – em meio a clientes inocentes – com bombas amarradas ao peito. Sobreviver ao Acampamento Couturie apenas para emergir com um enorme alvo nas minhas costas não parecia ser uma grande vitória. Eu usaria magia se precisasse, mas primeiro eu deveria tentar minhas outras opções.

Ocorreu-me que eu tinha uma espécie de arma – os encostos de madeira atualmente amarrados nas minhas costas.

Eu poderia usar a cadeira contra ele, mas teria que marcar o tempo perfeitamente...

Desloquei o peso do meu corpo para trás, depois para frente, depois para trás novamente, e assim por diante, até poder balançar para manter os pés no chão. Eu me inclinei até que eu pudesse ficar de pé, a cadeira ainda presa às minhas mãos amarradas, mas pelo menos eu estava de pé.

Andei como caranguejo até a ponta da barraca e escutei por alguns segundos. Os sons do caos – gritos, confusão – estavam à minha esquerda, pelo menos até onde eu podia dizer. Mas eu não podia dizer muito, não estando curvada como estava.

Passos se aproximava, e recuei, apenas para o lado da porta.

A aba da lona se abriu, e Ezekiel entrou novamente. Seus olhos se arregalaram quando percebeu que eu não estava onde ele havia me deixado, o resto do seu rosto ficou vermelho de raiva. — Maldição! — gritou.

Usando cada grama de força, eu me virei, batendo a cadeira nele, gemi, tropecei, e nós dois caímos no chão. Caí no meu ombro, que zumbiu com dor. Tentei manobrar para meus joelhos, rastejar para longe dele e até a porta de lona batendo, mas ele agarrou a cadeira, me segurando com força.

— Você está morta! — gritou ele novamente, levantando e me arrastando para trás no chão.

Sua crueldade me ajudou. Ele puxou a cadeira para trás e a corda que prendia meus pulsos arrebitou. Ezekiel tropeçou para trás com a cadeira, derrubando uma lanterna do gancho na parede. Atingiu o solo, o vidro quebrando, a chama cuspindo. Era um pequeno milagre que a tenda não pegou fogo. O acampamento inteiro era uma caixa de fósforos.

— Você precisa aprender o seu lugar — disse ele, jogando a cadeira do outro lado da sala e indo na minha direção. Eu me levantei, soltando o resto da corda das minhas mãos e tirando-a do caminho. Mantendo meus olhos nele, peguei a lanterna que havia caído no chão. Era mais pesada do que eu esperava – provavelmente de origem militar. E isso estava bem para mim.

— Coloque-o no chão! — ordenou ele, e seu tom sugeriu que ele estava acostumado a ser obedecido.

— Sem chance — disse eu, mantendo meus olhos nele enquanto ele circulava em torno de mim, provavelmente procurando por um caminho para além das minhas defesas.

— Você precisa de uma mão forte. Não entende o que está em jogo!

Ele mudou de tom, falando comigo como se eu fosse uma criança estúpida. Provavelmente não é a primeira vez que ele usou essa abordagem com uma mulher.

— Eu não preciso de nada, além de dar o fora desta tenda — assegurei a ele.

Ele deu um passo na minha direção, e balancei a lanterna. Mas ele se esquivou e roçou seu ombro. Ele pulou para frente para me derrubar. Eu me mexi apenas o suficiente para evitar que seu peso corporal me derrubasse completamente, mas ele ainda me empurrou para o lado. Eu pisei errado em um buraco no chão duro e a dor floresceu no meu tornozelo como uma onda quente. Cerrei meus dentes contra ela e apertei minhas mãos em torno da alça da lanterna.

O ar se encheu de barulho quando as sirenes de aviso começaram a soar. *Liam*, eu pensei, pânico e esperança guerrilhando. Se eles estavam tocando o alarme, ou ele fugiu ou a cavalaria chegou.

Ezekiel olhou na direção do som, o que me deu a chance que eu precisava.

Com a lanterna em ambas mãos, eu a levantei e balancei como um golfista na caixa de areia, acertando-a na parte de trás da cabeça dele. Ele tombou, caindo para frente como uma árvore derrubada.

— Babaca — disse eu, e joguei a lanterna de lado.

Eu precisava ir. E precisava encontrar Liam.

Capítulo 11

Meu tornozelo latejava, trazendo lágrimas aos meus olhos. *Um passo de cada vez*, eu disse a mim mesma. Esse era meu mantra, meu credo em tempo de guerra e fora disso. Não importava quão grande era o passo, ou pequeno. Nada era intransponível, contanto que você pudesse dividi-lo em partes, abordar cada um deles por vez.

Uma tenda por vez pode ser uma descrição mais precisa. Precisei olhar em cada uma enquanto passava apressadamente, movendo-me o mais rápido que eu podia no meu ritmo estupidamente desajeitado. O chão estava batido com a força de milhões de passos, mas ainda cheio de solavancos e buracos. Eu bati um, dei um passo para frente. Recuperei meu equilíbrio, mas estremeci quando meu tornozelo foi apoiado.

E então um braço me puxou para a sombra entre duas tendas.

Já em estado de alerta e cheia de adrenalina, comecei a gritar, mas uma mão cobriu minha boca.

— *Sou eu* — sussurrou Liam ferozmente. — Pare de morder meus dedos.

Acertei o pé dele com meu pé bom, não totalmente um acidente.

— Você está bem? — sussurrei; alívio passando por mim, então eu fiquei rígida e silenciosa enquanto os passos se aproximavam de nós. Nós nos esprememos mais para trás na fenda, o braço dele ainda em volta da minha cintura conforme os membros de Reveillon passavam correndo por nós, um homem gritando ordens aos outros para nos encontrar.

— Estive melhor — sussurrou ele, seus lábios perto do meu ouvido, sua voz um sopro de som. — Mas vou viver.

— O que diabos aconteceu? — sussurrei quando eles passaram e o mundo se acalmou novamente.

— Explosivos ou fogos de artifícios, soou como algo assim. Quanto ao lugar de onde veio ou quem o fez, seu palpite é tão bom quanto o meu. Pensei que você fizera isso. Eu consegui fugir no caos, e então os malditos alarmes começaram a soar.

Se não foi nenhum de nós, quem havia feito isso? Alguém criou a distração perfeita. Coincidência ou um amigo aqui dentro? Seja como for, esta não era uma oportunidade para ser desperdiçada.

— Temos que sair daqui — disse eu. — Ezekiel nos quer mortos.

— Estou ciente — disse ele. — Nós temos que voltar para a caminhonete. Se nos encontrarem agora, eles definitivamente nos matarão.

— Isso não é reconfortante.

— Não era para ser.

— Não posso correr rápido — disse eu, e senti as lágrimas florescerem novamente. — Eu torci o tornozelo.

Ficamos em silêncio novamente enquanto outro grupo passava, o feixe da lanterna cortando as sombras em nossos pés.

— Não espere por mim — disse eu quando eles desapareceram novamente. — Se você puder fugir, vá.

Raiva irradiava de seu corpo como o calor, e sua voz era feroz. — Se você acha que eu a deixaria para trás para salvar minha própria bunda, você não me conhece de todo. Ninguém fica para trás.

Esperamos mais alguns segundos, até que o acampamento ficou quieto novamente.

— Você pode mancar, ou posso carregar você.

— Mancar — sussurrei, e ele pegou minha mão, apertando-a.

— Então não solte — disse ele, e saiu das sombras. Corremos na mesma direção em que os homens e mulheres desapareceram.

— Irônico, não é, que eles acham que somos o inimigo? — disse ele, então me puxou para trás de uma tenda quando um grupo de pessoas passou correndo.

Duas crianças que brincavam em um tapete no chão com carros de madeira olharam para nós com medo e espanto. Seus lábios começaram a tremer, e eu sabia que era o passo antes das lágrimas.

— Eu gosto desses carros! — disse eu baixinho, mas com tanto entusiasmo quanto poderia reunir em um sussurro. Eles pareciam desconfiados, mas orgulhosos, e ambos os estenderam.

Dei-lhes um sinal de positivo, mas meu sorriso desapareceu rapidamente. Porque eles estavam brincando com brinquedos na frente de uma visão aterrorizante.

— Liam.

Ele deve ter ouvido o medo na minha voz, porque ele olhou para mim e, em seguida, para o local onde concentrei meu olhar.

A tenda em que estávamos se ligava a outra atrás, a tela cortada e costurada para construir um corredor estreito entre elas. Na segunda tenda havia dúzias de caixas de madeira empilhadas, com DYNAMO EXPLOSIVES estampado em preto na caixa, ao lado de palavras sinistras: ATENÇÃO – C-4 – ALTAMENTE EXPLOSIVO. Eu sabia o que era o C-4 e sabia que não era preciso muito para causar muito dano. Pelo visto, eles acumularam o suficiente para destruir um bom pedaço de Nova Orleans.

A Ilha do Diabo foi apenas o começo do que parecia ser uma campanha horrível.

— Droga — disse ele, e olhou para as crianças novamente.

— Temos que... — eu queria oferecer um plano para afastar essas crianças dos caixotes de explosivos e tirar os explosivos dos terroristas que os usariam contra nós. Mas estávamos presos em um labirinto de tendas sem apoio, cercados por pessoas que claramente pensavam que éramos o inimigo e queriam que a gente morresse. Não havia nada que pudssemos fazer agora.

— Nós não podemos — disse eu, me sentindo subitamente derrotada.

Liam estendeu a mão e apertou minha mão. — Não podemos agora — disse ele, entendendo perfeitamente. — Mas nós vamos. Nós contamos para a Contenção. Eles vão resolver isso.

Antes que eu pudesse argumentar, vozes surgiram da segunda tenda, e Liam me puxou para fora da tenda novamente, desviando para outra fileira.

Nós fizemos outra curva quando Liam parou tão rapidamente que esbarrei nele. O medo me atingiu e assumi que fomos encurralados. Mas quando fiquei ao lado dele, percebi o que ele viu e por que parou.

Lá, na nossa frente, estava a mulher com o olho roxo – aquela para quem eu dera a couve.

Ela alguns canos de foguetes em uma mão, um conjunto de fósforos longos na outra. Ela acendeu-os, criando a distração que nos deu a chance de fugir.

Uma chance de viver.

— Vão! — disse ela, e apontou para a esquerda, nos dando outra chance. — Agora!

Liam assentiu fortemente – um reconhecimento e um agradecimento – e nós corremos.

— Para a fonte — disse ele. — Fique comigo e fique abaixada.

— Estou bem atrás de você.

Chegamos ao fim da fileira de tendas e saímos – o que foi igualmente estimulante e perturbador. Não há mais monotonia de telas assustadoras, mas não mais cobertura.

O mercado havia se esvaziado. Corremos para a fonte, mergulhamos debaixo de uma mesa e demos uma olhada nos arredores.

A caminhonete estava quase sozinha. Um guarda estava parado, uma jovem com uma espingarda na mão e botas sob o vestido de popelina. Imaginei que era preciso todos os tipos para formar uma milícia.

Liam olhou para mim, pronto para dar uma ordem, mas parou quando notou o que provavelmente era uma contusão florescendo na minha bochecha latejante.

— Ele colocou a mão em você? — Era baixo e ameaçador.

— Não importa.

Os olhos de Liam dispararam quando ele se preparou para discutir, mas coloquei uma mão em seu braço para impedi-lo de correr para o labirinto. — Liam, ele não vale a pena. Ele teria feito pior se tivesse a chance, e isso é apenas um fato. Somos inimigos dele, Liam. Todos nós, todos que não seguem a palavra dele fazem parte da máquina da Contenção. É por isso que devemos

nos concentrar em fugir. — Vi o corte acima de seu olho direito, a mancha de sangue em sua testa.

— E você não parece tão quente também — sussurrei.

— Golpe baixo — disse ele amargamente. — O *Capon*.

Seus traços tensos diziam que ele estava furioso, mas se controlou, examinou a caminhonete e observou a mulher andar nervosamente em frente a ela.

Das mãos trêmulas e nervosamente batendo os pés, ela não parecia ter se tornado uma lutadora, um soldado, por escolha ou por necessidade. Ela parecia alguém que teve uma arma empurrada em seus braços e mandada ficar de guarda. Infelizmente para ela, isso nos daria a vantagem.

— Nós fazemos a mesma coisa que eles fizeram conosco — disse Liam, examinando o chão e pegando uma pedra. — Uma distração. Vou jogá-la na frente dela e nós vamos para trás do bagageiro. Isso nos dará cobertura se ela nos vir.

— Quando ela nos vir — disse eu, me perguntando se ela era boa de pontaria. Não que isso importasse, porque aquela arma de fogo colocaria buracos em qualquer coisa próxima.

— Provavelmente — disse Liam. — Saia atrás de mim no meu sinal. — Ele manteve um dedo nos lábios, então jogou a pedra nos arbustos atrás da mulher. Ela caminhou para dar uma olhada, e nós saímos correndo, meio agachados, e corremos para a caminhonete, mergulhando atrás do pneu do lado do passageiro traseiro.

Houve gritos e movimentos da direção das tendas, vozes e instruções gritadas. Eles provavelmente encontraram Ezekiel.

Liam rastejou até a porta do lado do passageiro, o rosto franzido enquanto apertava silenciosamente o botão do puxador antigo da porta e começou a puxá-lo lentamente.

— Lá! Não os deixem sair! — gritou Ezekiel a ordem, mais uma vez enviando as pessoas para o combate em vez de realmente se envolver na luta.

— Fodido covarde — murmurei, entrando na caminhonete atrás de Liam. Já que o barulho dificilmente importava agora, eu a fechei e apertei o botão de trava.

— Acertou em um — disse Liam, e apertou o botão para trancar o seu lado do carro assim que a mulher com a espingarda mergulhou para ele. Ele enfiou a chave na ignição e a caminhonete roncou para a vida. Graças a Deus, a rede de energia ainda estava ligada e a partida elétrica da caminhonete ainda podia disparar.

A mulher com a espingarda a engatou, levantando-a.

— Isso será por pouco! — falou ele, e apertou o acelerador. A caminhonete saltou para frente enquanto ela apontava.

— Abaix-se! — disse Liam, empurrando minha cabeça entre meus joelhos.

A espingarda soou, a janela do lado do motorista explodindo em cacos de vidro. — Filha da puta — disse Liam, e empurrou a caminhonete para a direita, fora da estrada e na grama. Cobrindo-me com o corpo dele, Liam dirigiu com uma mão no volante, com a cabeça apenas alta o suficiente para ver sobre o painel.

Ela atirou novamente, acertando a janela de trás, enviando vidro por toda parte.

— Imbecil! — gritou ele, enfiando a caminhonete entre duas árvores. — Você tem alguma ideia de como é difícil substituir uma janela na porra da Zona?

Ele puxou o volante para evitar um tronco caído. A caminhonete saltou com força suficiente para que minha cabeça tocasse o teto. Um pouco atrasada, agarrei o cinto de segurança, apertando-o bem e segurei-o.

— Sabe, eu acho que nós dois teremos que lidar com Gunnar por causa disso!

— Você acha? — gritou ele quando desviou a caminhonete em volta de uma árvore, depois outra, e do meio-fio na estrada que serpenteava pelo City Park novamente.

Ouvimos o motor ao mesmo tempo, checamos nossos espelhos. Uma caminhonete entrou na estrada atrás de nós, uma composição multicolorida que provavelmente foi montada a partir de muitos veículos diferentes. E era *barulhenta*. Um motor muito grande, ou algum tipo de escape personalizado, ou talvez ambos.

— Qual é o plano aqui? — perguntei, segurando a porta enquanto a caminhonete saltava novamente.

— Ficar vivo, e dar o fora do City Park! — gritou ele sobre o rugido do motor da caminhonete.

— Bom plano — disse eu com um aceno de cabeça. — Bom plano.

— Merda — disse Liam, olhando pelo espelho retrovisor.

Eu não queria olhar, mas me obriguei a verificar o espelho lateral. Um homem estava parado na parte de trás da caminhonete, apontando uma arma para nós sobre a cabine.

— Estou começando a pensar que este movimento não é tudo sobre paz, amor e compreensão!

Liam meio sorriu. — Você é alegre em uma emergência — disse ele, e desviou quando um tiro assobiou sobre nós. — Malditos idiotas! — disse ele, e colocou uma mão nas minhas costas, tentando me empurrar para baixo novamente.

— Plano melhor — disse eu, e da minha posição meio encolhida, abri o porta-luvas, procurando por nossa vantagem.

— O que você está fazendo?

— Você disse que tinha uma arma aqui. — Peguei o revólver pesado, que imaginei ser um 44. — E você não estava brincando.

— Eu sei que você sabe como lidar com isso — disse Liam. Eu disse a ele que meu pai se certificou disso. — Como é sua mira?

— Boa — disse eu. Olhei através do porta-luvas e não encontrei nenhuma outra bala.

— O que está no cilindro é o que temos — disse Liam, o olhar saltando entre o chão irregular na frente dele e o espelho retrovisor.

Girei o cilindro, confirmando que estava cheio. Seis balas para fazer este trabalho. Sem pressão. — Então, é melhor eu fazer isso direito na primeira vez.

Eu me soltei e virei para trás, ajoelhando no banco, e usei o encosto para apoiar meus pulsos. A caminhonete deles estava bem na nossa bunda, a menos de dez metros da nossa porta traseira.

A menos que você tivesse uma arma realmente grande, tirar um veículo em movimento era complicado sob as melhores condições. A janela traseira da caminhonete desaparecera, mas eu teria que subir na cabine para conseguir uma mira mais próxima, o que me colocaria diretamente em suas vistas e sem qualquer cobertura.

Tirar o motorista seria a solução mais permanente, mas eu não iria conseguir um tiro certo nesta estrada com luz fraca, e eu estava a anos da prática diária que meu pai me obrigara a fazer.

Eu poderia disparar através do radiador, tentar acertar algo crítico no motor, mas provavelmente acabaria sem balas primeiro, e isso ainda poderia não ser suficiente. Algumas delas poderiam estourar o pneu, mas eu teria que fazer com que todas contassem.

Nós atingimos um buraco e ricocheteamos forte. Minha cabeça quase bateu no teto da caminhonete. — Não vai ajudar a minha mira se você fizer isso.

— Não vai ajudar a minha condução, se você reclamar sobre isso.

— Eu acho que os pneus são a melhor aposta — disse eu. — Preciso que você me coloque em posição.

— E como você gostaria que eu fizesse isso? Segure esse pensamento — disse ele, e desviou o carro à direita para evitar dirigir até a lagoa. Eu caí para trás, batendo nele, e consegui não largar a arma.

— Temos que parar de nos encontrar assim! — disse ele enquanto eu voltava para o meu lado do carro.

— Sim, isso é tudo diversão e jogos — disse eu, me abaixando quando outra bala passou pelo lado do passageiro. — Eles estão tentando economizar balas.

— Provavelmente, há apenas uma arma no carro, e eles precisarão dela caso nos parem. Do contrário, eles teriam feito o que você vai fazer.

Ou eles nos queriam vivos, porque Ezekiel queria participar do assassinato. Isso parecia igualmente provável. — Preciso de uma mira mais clara. A melhor maneira é deixá-los ficar ao nosso lado.

— Você quer que eu diminua a velocidade?

— Se você quer que eu pare aquele veículo, sim. — Olhei para ele. — Ou eu posso dirigir e você pode atirar.

— Quão perto eles precisam estar? — perguntou ele rapidamente.

— Tanto quanto você pode ficar sem nos matar.

— Justo o suficiente — disse ele, observando a estrada adiante. — Lá — disse ele, apontando para outra longa lagoa à nossa frente. — Vou desacelerar como se não quiséssemos acertar, empurrar o volante para a esquerda. Isso deve colocá-los à sua direita.

— Parece um plano.

— Se isso não funcionar, e eles pararem a caminhonete, corra para as árvores, e volte para o Quarter.

— Não, se isso acontecer, corremos juntos.

Nós nos entreolhamos por um momento, compreendendo a passagem entre nós. Estávamos nisso juntos, e nenhum dos dois deixaria o outro para trás. Essa era a ação de Ezekiel, não a nossa.

— Você está pronta? — perguntou Liam.

Equilibrei meus cotovelos no encosto. Eu não mirei a arma ainda. Não queria assustá-los. — Pronto.

— Então aqui vamos nós. — Ele tirou o pé do acelerador e desviou para a esquerda.

A outra caminhonete ainda estava acelerando à nossa direita, o que os colocou no nosso lado do passageiro, e depois em paralelo. O atirador disparou, dois tiros que se chocaram contra a traseira da caminhonete.

Vi o rosto dela através da janela – a jovem mulher loira de braços finos e olhos grandes em volta da caminhonete. Ela não parecia tão impotente quanto as outras mulheres que eu vi. Em seus olhos estava o fogo do crente.

Inspire, expire, aponte e... *Fogo.*

O som era extremamente alto, o ricochete cantando pelo meu braço. Acertei na parede lateral do pneu. Ele perderia o ar, mas não rápido o suficiente para parar o veículo imediatamente.

O motorista gritou algo para o homem na parte de trás do carro e desviou o veículo para longe de nós. Isso me colocou na posição perfeita. Eu atirei de novo, de novo e de novo.

Por um segundo, pensei que havia perdido a aposta.

Mas atingi meu alvo três vezes; só demorou para o ar drenar. O pneu esvaziou e o motorista descontrolado desviou para evitar uma árvore e derrapou. A traseira da caminhonete bateu na árvore de qualquer maneira, derrubando o homem que estava atirando da cabine. Tudo ficou parado.

Ou então, parecia. Com os dedos tremendo de adrenalina, mantive a arma apontada para a caminhonete. Duas pessoas de linho saíram da cabine. Um chutou o veículo. O outro apontava com uma arma, mas estava fora de alcance, e ela desperdiçou as balas.

Liam foi para a estrada principal novamente, e a viagem se acalmou.

Ficamos quietos, mas não me mexi, e mantive meu olhar fixo na escuridão, por algum sinal de Ezekiel enviando outro veículo, outro grupo com armas para nos levar de volta. Se eles tivessem o arsenal de C-4, era uma boa aposta que eles também tivessem um arsenal de armas. Mas a grama, as árvores e a água eram as únicas coisas que passavam atrás de nós, e o motor da caminhonete era o único som que atravessava a escuridão.

— Estou pegando um atalho — disse Liam. — Vire-se e aguento firme.

Eu me virei a tempo de ver a cerca de arame se aproximando de nós. Cobri a cabeça com as mãos, e Liam rugiu junto com o motor da caminhonete, como se seu grito feroz fosse o suficiente para empurrá-la.

Aço correu por cima da caminhonete, e nós saltamos para a estrada abaixo.

Nós saímos vivos. Nós fizemos isso juntos.

Liam parou a caminhonete. Ele colocou em ponto morto e passou as mãos pelos cabelos. — Jesus.

— Sim. — Olhei para ele. Havia um corte em sua testa, vidro cobria seus ombros como neve. — Boa condução.

Liam assentiu, soltando um suspiro. — Bom tiro.

Balancei a cabeça e guardei a arma, cerrando meus dedos. — Obrigada.

Ele olhou para mim, fitando o meu lábio inchado. — Você está bem?

— Estou bem. — Levantei a mão. — Muita adrenalina ainda. Precisamos voltar para a loja.

— Nós vamos — prometeu ele, então se inclinou e apertou seus lábios nos meus.

Não tive a chance de discutir, de lembrar a ele quem ou o que nós éramos, ou nos perguntar se ele lidara com os problemas, os superara.

Ou não tive essa chance. Peguei a outra chance e agarrei as mechas de seu cabelo escuro, puxando-o mais perto até que sua garganta soltou um som satisfeito. Ele tocou meu rosto suavemente, depois deslizou o dedo para a parte de trás do meu pescoço. O beijo aprofundou-se até que Ezekiel, o acampamento, City Park, e todo o resto desapareceram, substituídos por uma névoa gloriosa em minha mente.

Liam se afastou, lábios inchados e olhos fechados, antes de voltar para seu lugar. — Devemos voltar para a loja.

Ele se afastou fisicamente, e recuou emocionalmente. Mas estávamos vivos e, por enquanto, eu contaria minhas bênçãos.

Capítulo 12

As luzes estavam acesas quando paramos em frente à loja. Tadj e Gunnar correram para a porta, abrindo-a quando saí da caminhonete, e olhei para trás.

— Filhos da puta — disse eu, olhando para Liam. — Minhas caixas se foram, eles pegaram os aventais, o dinheiro que ganhamos e as mercadorias que trocamos.

Liam levou um momento para processar. — Incluindo a carne de cervo.

— Incluindo a maldita carne de veado. — Eu poderia ter descarregado alguma frustração sólida comendo a carne de veado.

— Por que você está mancando? — perguntou Gunnar da porta enquanto entrávamos. — E por que há um machucado no seu rosto? O que diabos aconteceu?

— Estou mancando apenas um pouco — disse eu, virando o pé para testá-lo. — Está melhor agora.

— Acampamento Couturie aconteceu — disse Liam, trancando a porta e olhando para a escuridão por um momento antes de virar para o resto de nós. — Milicianos idiotas.

Gunnar olhou para ele. — Pensei que essa viagem fosse simples. Eu pensei que você fosse tomar conta dela e mantê-la longe de problemas!

— Ainda na sala — apontei. — A qual está na minha loja. Então.

— Você está na sua loja, parecendo que o gato te arrastou um pouco. — Tadj pegou uma das minhas mãos e olhou para os meus pulsos. — Você estava presa?

— Sim.

— Vá se sentar — disse Liam, dirigindo-me para a mesa. — Erga esse tornozelo.

— Entorse? — perguntou Gunnar.

— Apenas torci — disse eu —, e durante a nossa fuga heroica. Realmente, está quase tudo bem.

— Vou pegar algo para você limpar seus pulsos — disse Tadj, e correu para a parte de trás da loja.

— Há um pouco de salgueiro em uma lata — disse eu, olhando para os meus pulsos esfolados. — Sra. Proctor o trouxe. — Ela era uma das minhas regulares. — Cheira horrível, mas funciona em arranhões. — Meus pulsos queimavam, e as coisas funcionavam milagrosamente. Eu poderia suportar ter pulsos fedidos por um tempo.

— O que aconteceu? — perguntou Gunnar, pegando meu braço e me levando para a mesa também.

— Nós vendemos beterrabas, fizemos perguntas muito sutis e nos divertimos muito — disse Liam. — Fomos para a caminhonete e eles nos atingiram. Ezekiel mandou nos arrastar para uma tenda, acusando-nos de sermos espiões.

— O que, na verdade, estava certo — disse eu.

Tadj voltou, entregando um pano umedecido a Liam, a lata de pomada e um rolo de gaze para mim. Abri a tampa e dei uma fungada. Ainda cheirava a lixo estragado com manteiga, mas não havia ajuda para isso.

— Eu farei isso — disse Tadj, e estendi meus pulsos. O toque dela foi cuidadoso e delicado, mas eu ainda me encolhi pela ardência. A sensação de arrefecimento que se seguiu foi melhor. Quando gentilmente cobriu as escoriações, ela enrolou duas voltas de gaze e enfiou nas extremidades.

— Bom como novo — disse ela. — E você pode ostentar o mais recente acessório de moda.

— Pulseiras de guerra — disse eu, estendendo-as para que todos pudessem ver.

— Continue — disse Gunnar.

— Nós conseguimos sair — disse Liam, o pano pressionado no corte na testa dele. — Eles nos perseguiram, e Claire parou o veículo deles com um

— Motor? — perguntou Gunnar, olhando para mim.

— Pneu — disse eu. — Levou alguns tiros, mas tínhamos munição limitada, então eu tive uma chance.

— Bom raciocínio — disse Gunnar, puxando a cadeira ao lado da minha, virando-a para mim. — Por que eles acharam que vocês eram espões?

— Um dos campistas nos viu no protesto da Bourbon Street — disse Liam.

— Um dos manifestantes que estava na frente com Ezekiel — acrescentei. — Ela só saiu das tendas por um segundo e desapareceu novamente. Foi perto da fonte.

Gunnar assentiu. — Então, dois membros confirmados de Reveillon estão no Acampamento Couturie.

— Aqueles que vimos — disse Liam. — E isso não é tudo que vimos. Eles têm um arsenal. — Ele disse a Gunnar sobre o C-4 que encontramos.

— Droga — disse Gunnar. — Muito explosivo, eles podem tirar o que quiserem. Pontes, edifícios, diques.

Liam assentiu. — Eles não sabiam que vimos isso, mas sabiam que os encontramos, e enviaram apenas um carro atrás de nós?

Não pensei na possibilidade de que eles nos deixaram ir, e realmente não queria considerar isso agora. — Prefiro a minha versão da história.

— Você tirou um veículo inimigo — disse Gunnar.

— Obrigada por isso. Embora a caminhonete de Liam tenha sofrido as consequências.

Gunnar assentiu. — A Contenção reparará o dano. Você estava tecnicamente em uma missão, afinal.

— Aprecio isto — disse Liam. — Um vidro à prova de balas não seria recusado.

— Você acha que você e Claire serão alvos? — perguntou Gunnar.

— Ezekiel agora está muito chateado com nós dois. Ele não sabe que vimos os explosivos, pelo menos não que estamos cientes, mas sabe que sabemos onde ele opera.

— Ele vem atrás de nós — disse Liam —, e ele pode fugir. Ele não consegue mover todo Acampamento Couturie rapidamente... Há muitas

pessoas, mas ele levará seu grupo principal, e o resto do arsenal que eles reuniram.

Gunnar ficou de pé e começou a andar de um lado para o outro. — As Operações Conjuntas vão querer realocar agora, enviar equipes para lá. A prioridade será encontrar os bombardeadores e os explosivos, tirá-los das mãos de Reveillon. — Ele olhou para nós. — Vocês têm alguma noção do tamanho do grupo? Todos estão do lado deles, somente algumas pessoas?

— Difícil dizer — disse Liam. — Nós só vimos algumas dezenas de pessoas. Dentre esses, apenas alguns usavam as roupas de linho, mas não sabemos se isso é uma exigência ou apenas algo que os criminosos escolheram.

— Alguns provavelmente estão apenas tentando sobreviver — disse eu, pensando nos homens e mulheres que vimos no mercado. Eles não pareciam oprimidos, mas também não pareciam felizes. A vida na Zona poderia ser difícil mesmo nas melhores condições; a vida no Acampamento Couturie parecia muito difícil quando você se interessava por ela. — Alguns não têm tempo para se preocupar em travar uma guerra contra a Contenção. Estão focados em garantir que eles tenham necessidades básicas.

— Por outro lado — disse Liam —, essa é exatamente a coisa que Ezekiel usou para trazer alguém para o lado dele.

— Tempos desesperados exigem medidas desesperadas — concordou Gunnar.

Tadji olhou para mim. — Não quero que você fique aqui esta noite sozinha. Ou você pode voltar para casa comigo, ou, se quiser ficar de olho na loja, talvez Liam possa ficar? — Ela deu a Liam um olhar aguçado que sugeria que o *talvez* não era totalmente opcional.

— Boa ideia — disse Gunnar.

— Alguém está interessado em minha opinião? — perguntei.

— Não realmente — disseram Gunnar e Tadji juntos.

Liam revirou os olhos, e olhou para mim. — Você tem um lugar para eu dormir?

— Tantas respostas possíveis para essa pergunta — murmurou Gunnar.

— Você é hilário — disse Liam. — Vamos tornar essa situação ainda mais estranha.

— Não deveria ser estranha — disse Gunnar. — Não seria, se vocês dois fizessem isso.

Você poderia ter ouvido grilos do Algiers Point no silêncio que se seguiu a esse comentário.

— Liam vai querer voltar para a Ilha do Diabo — disse eu, ignorando completamente o comentário, e olhei para ele. — Você não vai querer verificar a sua avó?

— Eu posso verificá-la — disse Gunnar. — Melhor ainda, vou colocar alguém na porta. Alguém simpático.

— Eu não iria discutir com isso — disse Liam.

— Vou precisar enviar uma mensagem para Malachi — disse eu, e levantei meu olhar para as escadas. Eu não poderia dizer muito em uma nota anexada a uma perna de pombo, e teria que ser enigmática, mas teria que servir por enquanto.

— Então está resolvido — disse Tadj. — Liam ficará aqui esta noite.

— Certo — disse Gunnar. — Agora que temos isso resolvido, preciso ir. Claire parece que deveria dormir um pouco.

— Ela poderia — disse eu, não abafando um enorme bocejo.

— Você quer uma carona para o Cabildo? — perguntou Tadj a ele, levantando-se. — Eu tenho o carro.

Chamar sua minúscula caixa de *carro* era generoso, mas eu não tinha energia para discutir. — Eu agradeço — disse Gunnar.

Nós nos despedimos rapidamente, e então a porta foi trancada novamente, e Liam e eu ficamos sozinhos na loja. E foi estranho.

Soltei um suspiro, decidindo que eu poderia evitar mais constrangimento. Eu precisava de uma boa noite de sono, e quanto mais rápido eu pudesse chegar a isso, melhor.

— Há uma cama no quarto dos fundos — disse eu, apontando para o quarto atrás da cozinha, onde eu guardava mais mercadorias. — Acho que é bem confortável. Gunnar já dormiu lá e só reclamou dentro dos níveis normais de Gunnar. Vou subir e pegar alguns cobertores.

Liam olhou para o quarto dos fundos, depois para mim. — Eu vou com você.

Meus pelos levantaram. — Não preciso de um acompanhante — disse irritada. — Estamos a salvo de um ataque ninja no segundo andar.

— Eu quero verificar o layout do prédio. Não vi o terceiro andar.

Justo o suficiente, eu pensei, e estava feliz por não ter imaginado que ele estava curioso sobre onde eu morava, onde eu dormia. Nós passamos por isso, eu me lembrei. Passamos pelo trauma juntos, saímos do outro lado. Nós éramos amigos – bons amigos – e tudo bem. Não havia nada de errado em ter bons amigos.

Subimos as escadas e parei no segundo andar, gesticulando para o depósito. — Os cobertores estão aqui.

Seus olhos eram escuros e ilegíveis. — Se importa se eu subir?

Eu me importava, mas isso era apenas pessoal, então balancei a cabeça. — Fique à vontade.

Enquanto os degraus rangiam sob seu peso, deixei de lado a consideração de como Liam ficaria no meu quarto e me concentrei em encontrar lençóis. Não consegui salvar nenhum item da nossa antiga casa durante a guerra, mas meu pai tinha uma coleção fantástica de roupa de cama na loja. Com o tempo, os lençóis e fronhas foram perfeitamente suavizados. E, pensei, puxando-os da gaveta do escritório, eles agora cheiravam como o sachê de rosa e lavanda que embalei junto. Com sorte, Liam não se importaria de cheirar floral de manhã, ou com o bordado incompatível.

Quando peguei um conjunto e apaguei a luz novamente, o corredor estava vazio, a luz do terceiro andar ligada. Ainda checando as coisas, ou apenas bisbilhotando?

Subi as escadas, braços cruzados ao redor da roupa de cama, e passei pela porta. Ele estava em pé na minha escrivaninha, examinando as coisas que eu reuni lá. Um conjunto de escova e pente prateados, um pedacinho de tijolo que eu peguei da catedral de St. Louis desmoronada.

Ele olhou para mim. — Eu gosto do lugar.

— Obrigada. Isso serve ao seu propósito. — Caminhei até a mesa perto da janela e escrevi uma nota para Malachi: *Reveillon no Acampamento*

Couturie. Armado e perigoso. Contenção vai entrar lá. Esperançosamente, isso seria suficiente para manter ele e o resto da Delta em segurança. E talvez pudessem usar a informação.

Coloquei o bilhete na bolsa de couro do passarinho, e passei a parte de trás dos dedos pelas penas sedosas do seu pescoço. Se ele gostou do carinho, ou não, não deu sinal. Deixei voar, observando-o levantar no ar, asas pretas contra nuvens enlugaradas.

Feito isso, fechei e tranquei a janela novamente.

Ele pegou a pilha de documentos que encontrei na sala de armazenamento e olhou para ela. — O que é tudo isso?

— Nada — disse eu, tirando meus sapatos. — Tenho procurado as coisas do meu pai, o inventário, tentando encontrar... Não sei. Algo confirmando que ele era um sensitivo, dizendo como ele se sentia sobre isso. Confessando isso para mim, eu acho.

— Tudo que eu sei sobre ele... O que não é muito, diz que ele teria sido muito cuidadoso em esconder, para manter você e a loja fora de perigo.

— Eu sei. Mas procurei algo assim mesmo. Encontrei esses papéis em um livro chamado *A Revolta dos Anjos*.

— Irônico. — Ele leu os papeis. — Seu pai comprou um prédio em Carrolton?

— Não. — Eu disse isso com uma risada, e olhei para Liam. Ele havia espalhado os documentos pelo topo da escrivaninha e lia um deles.

— Você realmente olhou esses papeis?

— Na verdade, não. — Eu fui até ele.

— Há uma ação para um prédio em Mid-City. Seu pai assinou. — Ele estendeu a mão para mim, folheando o resto dos documentos.

Lia-se QUITLAMPED DEED no topo, e então tinha um monte de termos jurídicos que não entendi. E então havia um endereço em South Carrollton, a assinatura do meu pai embaixo. A coisa toda poderia ter sido escrita em alemão, por tudo que entendi – e o que significava.

— Onde é isso? — perguntei.

— Mid-City, talvez? — ele olhou para mim. — Você não sabia sobre isso? Quer dizer, ele não disse nada? Você provavelmente é dona agora, já que ele se foi.

Balancei a cabeça. — Há mais alguma coisa nos papéis sobre isso?

— Não — disse Liam, olhando novamente para os papéis, afastando alguns deles. — Quero dizer, não sobre a venda. Tudo está relacionado ao histórico da propriedade. Parece que é uma propriedade comercial. — Ele folheou uma página, depois outra, como se estivesse lendo uma história. — Havia um pequeno restaurante lá no passado. Mas nada sobre o que seu pai fez com isso, se é que houve alguma coisa.

— Quero ir ver — falei e virei para a porta. Eu não sabia o que achava que ia encontrar lá; eu só sabia que não queria mais mistérios. Mais nenhuma adivinhação.

Liam gentilmente pegou meu braço antes que eu pudesse sair, e me puxou de volta. — Claire, é o meio da noite.

Meu rosto latejava, meus pulsos queimavam, e eu estava exausta. Mas eu tinha uma missão, e iria fazer isso. — Meu pai era dono de outro lugar e eu não sabia. Quero ver o que é.

Eu podia ouvir a raiva na minha voz. Raiva do meu pai, raiva de Liam.

— É tarde, e Reveillon está lá fora. Isso pode não ser nada... Apenas uma propriedade de investimento que ele não teve a chance de usar.

— Então por que esconder os papéis em um livro e nunca mencionar sua existência?

Silêncio. — Não tenho uma boa resposta para isso.

— Pode haver algo lá que eu preciso ver.

— E esse prédio poderia ser entulho no chão, Claire.

Eu o odiava por isso. — Bastardo.

— Claire.

— Não. Você pode ir para o inferno, Liam.

— *Claire* — repetiu ele. — Pare com isso. Tudo bem? Simplesmente pare. Eu sei que você está com raiva dele. Posso ver em seus olhos. Fique brava se precisar. Fique chateada. Mas use seu cérebro. Você não precisa fazer isso agora. É muito perigoso andar por Nova Orleans agora mesmo.

Ele estava certo. Claro que estava certo. Mas isso não me fez sentir melhor. — Eu só quero saber por que ele não me contou. — Eu olhei para ele, deixando-o ver a tristeza em meus olhos. — Ele poderia ter me preparado para isso, para a magia. Ele poderia ter me ensinado como lidar com isso. Como viver com isso sem me sentir como um inimigo o tempo todo. Sem me sentir como uma criminosa.

— Claire. — Desta vez ele disse suavemente. Ele colocou a mão na minha nuca, dedos longos deslizando no meu cabelo. Ele me puxou em direção a ele e em seus braços. Ele me envolveu, fazendo de seu corpo um santuário.

Abaixei a testa em seu peito e descansei ali, deixei-me ficar, deixei minhas mãos descansar em suas costas. Ele cheirava a homem – como trabalho árduo à luz do sol e colônia fraca.

Liam me chamara de imprudente, e talvez eu fosse. Mas tentei não ser completamente imprudente com meu coração – não quando eu sabia como isso acabaria.

Abaixei minhas mãos e me afastei. Ele me apertou com um pouco de força antes de me deixar afastar.

— Eu quero que você fique comigo — disse eu, olhando para os olhos que refletiam mares tempestuosos. — E você provavelmente quer ficar. Mas você não confia em mim para não me tornar um espectro.

Calma brilhou em seus olhos. — Eu confio em você. Mas não é tão simples assim.

— Eu sei que não é. Para mim ou para você. É quem e o que somos. É quem e o que é o mundo. — Reuni minha coragem e encontrei palavras para falar o não dito.

— Sim, existe a possibilidade de que eu me tornarei um espectro. Que não conseguirei me controlar, que me tornarei um monstro. Estou fazendo tudo que posso para evitar isso. E sei que você não acredita em mim; você acha que não pode acreditar em mim. Mas é a verdade. Ou você pode aceitar isso, ou não pode. Mas isso tem que ser a sua escolha.

Ele deu um passo à frente, fechando a distância que coloquei entre nós, e colocou uma mão no meu rosto. Lutei contra o desejo de apoiar minha

cabeça em sua mão, de encontrar conforto ali. — Eu sou um caçador de recompensas, Claire. Se algo acontecesse, eu teria que levar você para Lizzie. Levá-la para a Ilha do Diabo. Eu não posso ser aquele que a colocará na prisão.

— Eu sei — disse eu. Eu sabia que isso não era suficiente para ele — não pelo seu senso de honra, pelo voto que ele sentia que deveria defender. E assim reuni toda a minha coragem e dei um passo para longe dele.

A distância repentina de seu corpo me fez sentir pequena e fria. — Você deveria descer.

— Claire.

Olhei para ele e seus olhos pareciam brilhar mais forte, como se ele tivesse queimado por dentro. E talvez ele tenha. Talvez ele tenha queimado por mim tão brilhantemente quanto eu queimei por ele.

— Eu quero você — disse eu, e seus lábios se separaram, o peito arfando com o desejo que era óbvio em seus olhos. — Mas não assim. Não quando você vai se arrepender.

Raiva e insulto passaram pelo seu rosto. — Eu não me arrependeria, Claire. E esse é exatamente o pior problema.

Ele se virou e caminhou até a porta, e escutei até seus passos desaparecerem. E quando ele se foi, soltei um suspiro — longo e exausto — antes de fechar a porta.

Ele chegaria a um acordo, ou não o faria.

A decisão precisava ser dele.

* * *

Eu queria chutar coisas, socar coisas, gritar até que minha voz ficasse rouca, até que esse sentimento de saudade se dissipasse, deixando apenas o vazio. Vazio e serenidade. Eu estaria sozinha, mas não gostaria.

Eu não iria querer *ele*.

Eu não teria uma dor nos meus ossos, um formigamento nas pontas dos dedos por querer tocar e agarrar, puxá-lo contra mim e terminar isso. Beijá-lo, e mais. E mais. E o desejo fazia a sensação de espectro soar mais forte.

Embora estivesse exausta, ainda tinha energia para queimar.

Entrei na sala de armazenamento, peguei a caixa que ficava em uma cômoda perto da porta – a que eu usava para depositar o excesso de magia.

Caminhei até um local livre de mesas, caixas e cabeceiras barrocas, coloquei a caixa no chão, e sentei-me na frente dela, as pernas cruzadas. Coloquei as mãos em meus joelhos e fechei meus olhos, tentando limpar meu cérebro da confusão de pensamentos e emoções: a violência de nossa captura no acampamento, a bofetada de Ezekiel, a dor aguda que ainda sentia em meus pulsos esfolados, a possibilidade de Liam...

Os olhos fechados, eu alcancei o interior, usando esse sexto sentido mágico para encontrar as partículas dele, queimando na parte do meu cérebro que controlava a raiva e a violência. Eu deixo-me senti-los, os pontos estranhos da magia, espetando em lugares que não deveriam estar hospedados. Esperando.

Peguei um pouco deles, senti-os arrepiar contra o meu aperto como vespas. Imaginei espremendo-os em filamentos, assim como eu fiz em Argel, e poderia realmente senti-los se agrupando dentro de mim; frios, pesados e levemente estranhos. Por mais desconcertante que fosse, fiz com que eu mantivesse o controle sobre eles e abrisse os olhos para fixar o olhar na caixa.

Soltei o ar, forcei-me a concentrar-me e empurrar esses filamentos para a caixa, uma polegada de cada vez. Suor pingava da minha testa no chão com o esforço de mexer na magia, condensada e forte como era. Energia diminuindo e meu braço tremendo com a exaustão, eu cerrei meus dentes e dei um empurrão final, deixando a tampa da caixa cair. Ela se acomodou na base com um baque satisfatoriamente pesado.

A exaustão se instalou em meus ossos e músculos onde a magia estava. Fechei os olhos e rolei meus ombros em alívio.

Eu disse a Liam que estava fazendo tudo que podia para evitar me tornar um monstro.

Hoje, eu mantive a promessa.

Capítulo 13

Mais uma madrugada, outro pombo arrulhando, outra mensagem de um anjo: QG. Meio-dia.

Acho que preenchi parte do meu dia.

Testei meu tornozelo, encontrei apenas levemente dolorido. Isso era bom o suficiente. Eu me vesti e caminhei até ouvir as vozes em minha loja, o tilintar de copos na madeira.

— O que você fará sobre Claire?

Parei na escada ao som da voz de Gavin. E quase me virei para subir novamente, a fim de dar privacidade a eles, até que ouvi o que veio a seguir.

— Não há nada a fazer sobre Claire — disse Liam, as palavras cortadas.

— Vocês têm uma conexão.

— *Sa fait pa rien*¹⁴.

— Besteira, isso de não importa — disse Gavin.

Meu peito doía com o fato de Liam aparentemente ter falado aquelas palavras – mesmo em francês da Louisiana – mas eu não ia a lugar nenhum. Não quando ele estava realmente falando sobre isso, sobre o que estava entre nós e onde estávamos.

— *Não importa* não coloca o olhar de cachorro sem dono no seu rosto, ou no dela. — Houve uma pausa. — Isto é por causa de Gracie?

Desta vez, a voz de Gavin era suave, reconfortante. Eu não o ouvira falar sobre Gracie antes, sua irmã mais nova que foi morta por espectros. Mas pelo tom em sua voz, ele foi afetado, mesmo que não falasse sobre isso.

E por um longo momento, Liam não respondeu.

— Gracie não tem nada a ver com isso.

14 Não importa

— *T'a menti*¹⁵.

— Ela não tem — insistiu Liam. — Eu sou um caçador, pelo amor de Deus. Claire é uma Sensitiva.

— E vocês são adultos — disse Gavin. — Você escolhe suas recompensas, e ela treina, assim ela fica fora de problema. Ela ficará bem.

— E como você sabe disso? Você pode ter certeza que algo não acontecerá? Que a magia não ganhará? Jesus, Gavin. Você viu o que isso faz com as pessoas. — Ele ficou quieto. — Você não a viu perto do portal. Não viu o rosto dela. O horror ao achar que eles poderiam levá-la.

Coloquei uma mão na parede, o gesso frio sob as pontas dos meus dedos, procurando por Liam, o esforço era tão infrutífero como se eu estivesse no quarto.

— Ela usou magia na primeira vez que a vi. Não muito bem, mas você precisava ver. — Havia um pouco de diversão em sua voz. — Ela havia voltado aqui para pegar a bolsa de viagem... Na verdade, ela tinha uma bolsa pronta para que pudesse fugir antes que Contenção a encontrasse. Isso a destruiu, o medo de que pudesse ser presa em uma prisão por razões que ela não pode controlar.

— Isso a destruiu, ou isso te destruiu?

O silêncio caiu.

— Seria eu a levá-la, Gavin. Eu não podia deixá-la entrar com mais ninguém, o que significa que deve ser eu a colocá-la naquele pesadelo. Certificar-me de que seu pior medo se torne realidade. Não posso estar com ela um minuto e levá-la no próximo.

— Ela sabe como julgar o risco, Liam, como lidar com ela. Olhe ao seu redor, pelo amor de Deus. Então, o problema é que você acha que Claire não poderia lidar com isso? Ou você acha que não pode?

— Você não entende.

Gavin riu com vontade, mas não havia alegria no som. — Eu fiquei interessado em alguém que não podia ter — disse ele, provavelmente pensando em Nix. — Eu estive lá. É brutal. Mas isso não é o problema. Eu te

amo, irmão mais velho. E entendo sua intenção. Eu entendo, e posso ver nos seus olhos e nos dela. — Outra pausa. — Claire é uma mulher forte com bons amigos. E entre eles, Malachi.

Liam rosnou.

— Resmungue tudo o que quiser — demorou Gavin. — Mas ele está ajudando-a. E ele gosta dela o suficiente para ajudá-la. Ele não deixará a magia levá-la. Inferno, ele mesmo poderia levá-la. Ele gosta da aparência dela, você pode dizer isso.

Revirei os olhos. Eu achava que ele não estava certo sobre Malachi, mas ele certamente não tinha um sentimentalismo sobre isso.

Houve deslocamento de madeira e tecido. Um deles estava de pé. Fiz uma careta, virei para o lado para que eles não me vissem caso andassem perto das escadas.

— Então você pensa nisso — disse Gavin. — Você pensa se está sendo honrado ou se está apenas se protegendo. E pensa em quem a está protegendo.

— Eu posso ser aquele que diz para você se foder?

Gavin suspirou. — Por que todas as nossas conversas têm que terminar assim?

— Porque você gosta de ficar sob a minha pele.

— Eu realmente, realmente fico. E sou muito, muito bom nisso. — Mais mudança. — Vou sair, ver o que você fez com a minha caminhonete.

— É a minha caminhonete — disse Liam.

— Ela costumava ser minha caminhonete, e estou curioso para saber o que aqueles xenófobos de merda fizeram com ela. Se Claire magicamente produzir pãozinhos de bacon e canela, me avise, porque sou a favor, e a barra de proteína que acabei de comer era principalmente passas e serragem condensada.

— Pelo menos tinha passas.

Degraus rangeram pelo chão da loja, e então a porta da frente se abriu e fechou. Não sei se me senti melhor ou pior depois de ouvi-los conversar. Saber que Liam lutava com a situação me fez querer falar com ele, confortá-lo. Mas isso não mudaria nada, o que só me irritou ainda mais.

Bem, o que quer sentisse, eu teria que sentir isso na loja propriamente dita. Não podia ficar nas escadas pelo resto do dia.

Poderia acabar logo com isso, pensei, e desci as escadas correndo. Já estava quente no térreo, então preendi meu cabelo com um nó enquanto andava. Isso me deu algo para fazer com minhas mãos, e me fez parecer indiferente.

Liam olhou para cima. — Bom dia. Você parece estar inteira.

Ele sentou-se à mesa com uma camiseta de mangas compridas com as mangas levantadas, jornal Times-Picayunen à sua frente na mesa, ao lado de um copo de chá gelado e um invólucro de barra de proteína. Havia uma sombra de barba escura no queixo. Ele passou de mais bonito para mais perigoso.

— Você parece não ter destruído a minha loja na noite — disse eu, tentando manter o humor leve.

E então eu peguei metade de sua barra de proteína.

— Ei, esse é o meu café da manhã.

Eu mastiguei. Definitivamente poderia ter mais passas. — Ei, está na minha cozinha.

— Pagamento por guardar sua loja. E sua bunda.

— Mmm-hmm. Pensei ter ouvido vozes aqui.

— Era Gavin. Ele está do lado de fora olhando a caminhonete.

— Ele está melhor hoje?

— Assim como sempre. Como está o seu tornozelo?

— Muito melhor — disse eu. Meu rosto ainda estava um pouco dolorido, mas meus pulsos pareciam muito melhores. Tirei as bandagens, e a pomada havia feito um bom trabalho.

Liam cobriu o corte na testa com uma bandagem, e parecia estar bem. Bom. Uma coisa a menos para pensar.

— Alguma notícia sobre o Acampamento Couturie? — perguntei. — Se eles encontraram Ezekiel?

— Não ouvi nada — disse Liam, sacudindo o jornal. — E isso é literalmente a notícia da semana passada.

Eu disse uma oração silenciosa pela segurança de Gunnar, então entrei na cozinha e coloquei o resto do chá em um copo. — Nova regra! — falei. — A pessoa que termina o chá tem que fazer o próximo jarro.

Ele parecia divertido quando voltei para a sala, e olhei para o meu copo. — Eu diria que é você.

— Malachi deixou uma mensagem. Ele quer se encontrar ao meio-dia.

— Anotado — disse Liam, e virou a folha de notícias.

— Você quer procurar Reveillon hoje?

Ele olhou para mim. — Você está pronta para isso?

— Prefiro fazer isso a ficar sentada aqui, esperando que algo aconteça.

Sua expressão escureceu. — Isso acontecerá de qualquer maneira... Pelo menos até que a Contenção os capture.

— Ou capture Ezekiel. Ele é a cabeça do monstro — disse eu. — Pare com isso. Desative tudo.

— Ou ele é a cabeça da hidra — disse Liam. — Pare com isso, e outra surge.

— Esse não é um pensamento agradável.

— Não — concordou ele —, não é.

O sinal tocou. A Sra. Proctor entrou, com o braço dado com Gavin, sua figura minúscula vestindo um terno cor de ameixa com sapatos combinando. Um pequeno chapéu com laços de renda cor de ameixa empoleirava-se ao lado de seu cabelo prateado e complementava sua pele escura. Gavin se elevou sobre ela quase sessenta centímetros.

Tajji entrou atrás deles, com o cabelo em uma nuvem de cachos hoje. Ela combinou uma blusa de camuflagem com jeans e botas de estilo militar. Onde a Sra. Proctor se vestia para a igreja pré-guerra, todos os dias da semana, Tajji era o modelo da garota legal do pós-guerra. E ambas pareciam perfeitas, apesar do que provavelmente murchava do lado de fora.

— Príncipe Edward enlatado — disse Gavin, acariciando a mão da Sra. Proctor. — Essa é boa, Sra. Proctor.

— Sra. Proctor — disse eu com um sorriso. — O que podemos conseguir para você hoje?

Ela deu a Liam um olhar lateral. — Oh, um pouco disso e um pouco daquilo.

— Acredito que ela mencionou bicarbonato de sódio — disse Gavin, desembaraçando-se suavemente. Eram necessários alguns movimentos. Ela era uma coisinha artilosa, a Sra. Proctor.

— Eu pego — disse ela, e atravessou a loja em sua saia e blazer combinando com seus sapatos e bolsa.

— Ela está desligada hoje — disse Tadj.

— Ela é uma paqueradora, é o que ela é — sussurrou Gavin. — Ela agarrou minha bunda no caminho até aqui.

— É uma bela bunda — disse Tadj.

— Eu trabalho por isso e tenho orgulho disso. Mas esse não é o ponto. Além do fato de que ela é praticamente cen...

— Noventa e oito — dissemos Tadj e eu juntas.

— Bem, ela pode ser uma jovem mulher, mas ainda não é meu tipo.

Desde que ela ficava espiando pela esquina para olhar para ele, isso não era uma preocupação para ela.

— Isso é... Desconcertante — sussurrou Tadj. — Prefiro que ela não assedie sexualmente os clientes. Deixe-me ajudá-la, Sra. Proctor — disse ela, mais alto, e caminhou até ela.

— Há um agente da Contenção lá fora — disse Gavin. — Disse que está aqui para dar uma olhada na caminhonete.

— Gunnar falou sobre isso — disse Liam, e se dirigiu para a porta para conversar com a mulher de uniforme, prancheta na mão, que estava na calçada do lado de fora.

— Você ouviu a conversa? — perguntou Gavin quando estávamos sozinhos.

Olhei para ele. — O quê?

— Esta manhã, quando você estava ouvindo da escada.

Eu podia sentir minhas bochechas corando.

— Ele está certo — disse Gavin com um sorriso. — Dá para ver todas as expressões em seu rosto. Eu não estava certo se era você... Apenas ouvi o rangido na escada. Mas obrigado por confirmar isso para mim.

— Eu não queria me intrometer.

— Mas você não podia se afastar.

Levantei um ombro. Eu realmente não podia discutir com isso.

— Nenhum dano, nem falta — disse Gavin, acariciando meu braço. — O meu irmão não fala exatamente sobre os seus sentimentos ou os demonstra livremente. Ele é cauteloso, cuidadoso e honrado até máximo.

Não pude deixar de bufar. — E você é o patife sexy que deixa um rastro de corações partidos?

Ele sorriu satisfeito, esfregando a mão sobre o abdômen. — Eu sou uma fera sexy. Mas o coração partido, às vezes é o meu.

Quase dei um tapinha no braço dele, mas não queria encorajá-lo.

* * *

A Sra. Proctor comprou duas caixas de bicarbonato de sódio. Nada de açúcar, baunilha ou farinha. Apenas bicarbonato de sódio. Ou ela estava construindo um vulcão para uma exposição de ciência, ou estava tão impressionada com os irmãos Quinn que não estava pensando direito.

— Tem certeza que você precisa de tudo isso? — perguntei a ela pela terceira vez.

— Tenho certeza — disse ela com um sorriso, olhando por cima do balcão para Gavin.

Ele se moveu para trás, para ficar em pé ao meu lado para que ela não pudesse agarrar sua bunda novamente. De todas as pessoas do bairro, ela não era a que eu esperava ser uma namorada incurável. Imaginei que ela ainda não viu o que realmente queria.

— Você gostaria de me acompanhar, querido? — Sra. Proctor olhou para Gavin sobre a sacola que eu havia dado a ela.

— Eu... Com certeza — disse ele, e apertou minha bunda no caminho ao redor do balcão.

— Eu deveria me divertir um pouco também — disse Gavin, e começou uma caminhada extremamente lenta até a porta da frente. A Sra. Proctor estava aproveitando ao máximo a oportunidade.

Não havia outros clientes na loja no momento, e Liam ainda estava do lado de fora com a Contenção. Bom. Isso me dava a chance de fazer outra coisa que precisava ser feita.

— E as prateleiras estão limpas — disse Tadj, voltando e colocando o espanador sobre o balcão.

— Obrigada. Hum, podemos conversar por um minuto?

Suas sobrancelhas levantaram, mas ela assentiu. — Certo. Na verdade, tenho vontade de falar com você também. Mas esta foi a sua ideia. Você pode falar primeiro.

— Não, tudo bem. — Eu ainda não havia decidido exatamente como eu a dizer o que sabia que precisava ser dito. — Vá em frente.

Tadj assentiu. — Então, acho que eu queria reconhecer que o Royal Mercantile é importante para o Quarter, para as pessoas que ficaram aqui e se deram bem na vida na Zona. E por um longo tempo, a loja foi sua vida. E isso estava bem. Mas agora, por muitas razões, você tem outras coisas para pensar. E tudo bem também. — Ela uniu as mãos na frente dela. — Você precisa de alguém para ajudar. Eu sou esse alguém. Quero um emprego. E um contracheque.

Isso facilitou, já que eu ia fazer a mesma oferta.

Eu não estava nadando em dinheiro; os produtos secos não eram exatamente um negócio de alta margem. Por outro lado, era fácil ser frugal na Zona. Não havia muito para gastar dinheiro. Independentemente disso, ela já estava fazendo o trabalho; deveria ser totalmente paga por isso.

— Feito.

— Bem — disse ela. — Isso foi mais fácil do que eu pensava.

— Era sobre isso que eu queria falar com você.

Seu olhar se estreitou. — E você me fez perguntar?

— Você disse que queria falar comigo.

— Acho que sim. — Ela franziu a testa. — A coisa é que você é... Um pouco possessiva sobre a loja.

Eu sabia disso. — Escute, naquele dia, depois do ataque à Ilha do Diabo...

— Escolhi um tempo ruim para mudar as coisas, atrapalhar o equilíbrio.

— Não, bem, sim. Não por causa do ataque. A loja dificilmente era o mais importante lá, mas me fez pensar em algumas coisas. Enfrentar algumas coisas emocionalmente, as quais eu realmente não queria pensar. — Conteí a ela sobre isso. Sobre meus arrependimentos, meu ciúme, meu *espaço seguro*.

— Então estou aqui na hora certa — disse Tadjí. — Porque há um mundo inteiramente novo se abrindo para você agora. Um mundo perigoso e ocasionalmente doentio e cruel, mas um mundo cheio de caçadores de recompensas Cajun e conversa animada sobre manteiga de amendoim.

— Você faz parecer tão fascinante, com manteiga de amendoim e tudo mais. — Inclinei a cabeça para ela. — Tem certeza de que é isso que você quer fazer? Eu não acho que *merchandising de varejo* tenha figurado em seu plano de cinco anos.

Foi um plano muito detalhado. Com planilhas e guias coloridas.

— Estive pensando nisso — disse ela. — Algum dia eu vou terminar minha pesquisa de dissertação, e depois o quê? Vou deixar a Zona e tentar conseguir um emprego em alguma faculdade, dizendo as pessoas quão perigosa e misteriosa era a Zona? Não me entenda mal... Eu amo o que faço, o que estudo. Mas apesar de todos os seus problemas, não quero morar em outro lugar. — Ela pressionou as pontas dos dedos contra o peito. — Isso entra em seu coração.

— Nenhum argumento aqui.

— Quanto ao agora, quero continuar entrevistando pessoas, aprendendo sobre a língua delas. Acho que posso fazer isso aqui: posso ajudar a administrar a loja enquanto você faz o que tem que fazer, e posso conversar com as pessoas. Na verdade, não há lugar melhor para fazer isso. A menos que seja um problema para você.

— Quero estar em uma nota de rodapé.

— Feito — disse ela com um sorriso.

— Quanto eu te pago?

— Não sei — disse ela. — Não achei que nós iríamos tão longe. Imaginei que havia uma chance de você me chutar por perguntar.

— Nunca — disse eu. — Pense no que você quer que seja um salário justo e me avise. — Eu não fazia ideia de qual seria a taxa inicial. Mesmo os preços estavam instáveis na Zona.

Ela estendeu a mão. — Combinado.

Nós nos cumprimentamos, mas não a soltei. — Sua pele está incrivelmente macia. O que você está usando?

Tadji sorriu maliciosamente. — Tenho feito uma mistura com azeite de oliva. Se você puder pegar um pouco mais para mim, eu posso fazer um pouco para você... E alguns para vender.

— Este é claramente o começo de um belo relacionamento empresarial. Embora — disse eu, franzindo a testa quando algo me ocorreu —, por mais entusiasmada que eu esteja em trazer você para o negócio, as pessoas podem perguntar se eu não estiver aqui.

— Eles não estão fazendo mais perguntas do que quando você deixa a loja fechada por um par de dias.

Eu não podia discutir com isso.

— Vamos pensar em uma resposta. Vamos fazer isso funcionar — disse ela com um aceno de cabeça. E pela primeira vez em longo do tempo, senti como se tivesse um parceiro.

— Na verdade, tenho uma primeira tarefa para você — disse eu, e falei sobre os pedidos para Lizzie. — Mas vou orientá-la através dos pedidos e todo esse trabalho. Ah, e você pode tomar todos os turnos iniciais para que eu possa dormir.

— Sem chance.

— Vale a pena tentar. Vou te dar um prático avental da Royal Mercantile. — Dei um passo atrás, franzindo as sobrancelhas para as prateleiras embaixo do balcão, lembrando que havia perdido dois deles quando saímos do Acampamento Couturie. — Eu só tenho que lembrar onde estão os extras.

— Esses são os que têm os bolsos na frente? — perguntou ela, movendo as mãos na frente de suas coxas para imitar sua localização.

— Eles têm.

— Eu realmente gosto disso.

— Sobre você estar fora... — começou ela, depois parou. — Ficaré pior, não é? Tudo isso?

Tadji tinha uma história ruim com magia, uma infância que a fez desconfiar dela. Ela recentemente começou a aceitar isso, e com a família que incutiu essa cautela nela. Então eu queria mentir para ela. Eu queria dizer que estava tudo bem. Mas protegê-la da verdade – impedindo-a de se preparar – não ia ajudar.

— Ficaré pior — disse eu.

Ela assentiu gravemente, como se tentasse ajustar suas expectativas.

— Não sei o quão pior — disse eu, querendo dar-lhe alguma esperança. Porque qual era o ponto de viver aqui sem ela, coração cheio ou não? — Depende da rapidez com que a Contenção puder encontrar Ezekiel e acabar com Reveillon. Talvez o tenham encontrado durante a noite no Acampamento Couturie.

— E se não o encontraram?

— São pessoas más, Tadj, especialmente Ezekiel. Eles são crentes, e são crentes que estão dispostos a serem mártires. São violentos, são perigosos e acreditam que estão absolutamente certos. Eles não pararam até que isso seja feito... O que quer que isso signifique. Então, se vir algum deles vindo, você corre na outra direção. Saia pela porta dos fundos, vá para o Cabildo – para Gunnar ou para Burke – e não olhe para trás.

— Você terá cuidado também?

Eu a puxei para um abraço. — Com amigos como vocês, como poderia não ter?

Eu só precisava esperar que todos pudessem manter um ao outro em segurança.

* * *

Liam entrou um pouco mais tarde, o suor na testa. Era um dia quente, e ele monitorava o que os agentes de Contenção estivessem fazendo com sua caminhonete do lado de fora.

— Você quer fazer uma viagem de campo? — perguntou ele enquanto pegava uma garrafa de água da geladeira. — Dar uma olhada naquele endereço?

Levou-me um momento para perceber do que ele falava. Quando o fiz, olhei para ele com desconfiança: — Para Mid-City?

Ele assentiu, mas olhou em volta da loja, depois deu um passo mais perto. — Diga a Tadjì que vamos verificar algo, se quiser, mas pule os detalhes. Apenas no caso.

Fiz uma careta para ele. — Apenas no caso de quê?

Ele se inclinou. — Apenas no caso disso ser algo que seu pai só queria que você soubesse.

— Eu confio nela — disse eu, irritação florescendo.

— Não é com ela que eu me preocupo — disse ele, ainda com um olhar sério. — Mas com aqueles que a usarão para obter as informações.

Isso levantou o cabelo da minha nuca. Eu sequer pensei tão longe – na possibilidade de que fosse um prédio que importaria para qualquer um que não fosse meu pai. Isso seria importante para a Contenção. Considerar essa possibilidade me fez querer visitá-lo ainda mais – e absolutamente não mencionar isso para Tadjì.

— Vou pedir para Gavin ficar aqui com ela enquanto estivermos fora — disse ele.

Fiz uma careta — Ficar aqui com... — comecei, então percebi por que ele sugeriu isso. — Caso eles venham ao Royal Mercantile. Você não acha que a Contenção o pegou.

— Há uma chance de que ele fugiu depois que saímos. E mesmo que não o fizesse, o acampamento é grande. Levaria um monte de horas e muita mão de obra para verificar todo o acampamento. Quanto à loja, Ezekiel deu seu primeiro tiro na Ilha do Diabo. Eu não acho que a loja é suficientemente importante para Ezekiel.

— Mesmo que agora ele esteja chateado comigo?

— Mesmo que esteja.

Olhei para a loja. — Nós poderíamos fechar. Trancar as portas e esperar tudo isso acabar.

— Eu não acho que seja necessário — disse Liam. — E não vamos demorar muito. Gavin vai mantê-la segura, Claire. Ele sabe como lidar com isso.

Balancei a cabeça. — O que devo dizer a ela?

— A verdade — disse Liam. — Então ela estará preparada, apenas no caso.

Droga, eu pensei, e fui encontrá-la novamente.

— Tadj — disse eu, e seu cabelo escuro apareceu de trás de uma estante que ela estava limpando com um espanador.

— Liam e eu temos que sair.

Ela assentiu. — Não tem problema.

— Liam vai pedir para Gavin ficar com você enquanto estivermos fora.

Ela entendeu isso mais rápido do que eu, e arregalou os olhos. — Você acha que eles virão aqui?

— Liam acha que não. Não haveria nenhum benefício político ao atingir a loja. Mas é melhor prevenir, sinto muito. Se não estiver confortável com isso, podemos fechar. O Quarter sobreviverá sem nós por alguns dias.

A porta tilintou quando Gavin entrou de novo, e Liam o deteve. Depois de um momento, Gavin olhou para nós, assentindo.

Tadji olhou para mim, o queixo erguido. — Não — disse ela —, não estamos fechando a loja. Não vamos nos esconder dos valentões.

— Se você precisar ir — disse eu, dando-lhe um rápido abraço —, apenas vá. Você é mais importante para mim do que a loja.

Tadji sorriu. — Tenho certeza que pelo menos sessenta por cento é verdade. Vá fazer sua coisa. Nós ficaremos bem.

Eu não me considerava realmente religiosa, mas pela segunda vez naquela manhã, ofereci outra oração silenciosa por um amigo.

* * *

— Eu a contratei hoje — disse eu quando saímos da loja e voltamos para a umidade punitiva.

— Já era hora — disse Liam. — Quanto você está pagando a ela?

— Ainda não chegamos lá. — Parei na calçada, olhando para a caminhonete de Liam. O vidro foi consertado, uma placa lisa e sem buracos. Não parecia bom – a caminhonete de Liam nunca ficaria bem – mas certamente parecia melhor.

— Vidro à prova de balas? — perguntei, caminhando em direção a ele e batendo o dedo contra a janela de trás.

— Não. O Comandante não estava disposto a isso — disse Liam irritado, abrindo a porta.

— Ainda assim, parece muito bom. E se eles não tivessem se envolvido, provavelmente levaria semanas apenas para conseguir as janelas corretas.

— Não posso reclamar disso — disse ele, e ligou o motor quando subi, e fechei a porta.

Fechou na primeira tentativa, o que nos fez olhar para ela. — Huh — disse ele.

— Ei. Não há vidro à prova de balas, mas uma porta funcional é uma coisa boa.

Ele não discutiu sobre isso, mas foi para a extremidade do Quarter e depois para o norte, até o endereço que meu pai deixara para trás. Eu não tinha ideia do que encontraríamos quando chegássemos lá. Mas esperava que algumas perguntas fossem respondidas.



Capítulo 14

Mid-City era um dos meus bairros favoritos em Nova Orleans. Como o Quarter, ele manteve grande parte de sua arquitetura única, embora a guerra tivesse destruído muitos desses edifícios.

Nós abrimos as janelas. A brisa carregava o cheiro de fumaça, que ficava mais forte quanto mais ao norte nos dirigíamos, até que o ar estava embaçado com ela. Então vimos a nuvem de fumaça subindo para o céu a cerca de oitocentos metros da parte de cima da cidade.

— Quero verificar isso — disse Liam, e concordei enquanto ele virava em direção a ela.

Não chegamos muito longe. Os veículos escuros da Contenção bloquearam a rua a duzentos metros do inferno que engolfava o escritório da Contenção. Mesmo tão longe, o calor que saía do fogo era absolutamente brutal.

Liam parou no bloqueio, inclinando-se pela janela. — Hitchens! — gritou ele, e um agente virou, acenou para Liam, e veio até nós.

— Hey, Quinn.

— Inferno, o que aconteceu? — perguntou Liam quando Hitchens passou a mão sobre a testa úmida.

— Reveillon. Eles fizeram uma festa durante a noite. Incendiaram quatro prédios pertencentes à PCC ou à Contenção.

— Droga — disse Liam. — Alguma vítima?

— Ouvi sobre uma dúzia com inalação de fumaça, queimaduras, mas sem mortes. Reveillon deixou seu cartão de visitas... Pintou *Traidores* na rua em frente, para o caso de ficarmos confusos.

Uma das palavras favoritas de Ezekiel.

Se Reveillon estivesse armando incêndios durante a noite, a Contenção claramente não conseguiu prender todos eles. E se houve algum tipo de incêndio criminoso coordenado, a Contenção provavelmente não encontrara Ezekiel no Acampamento Couturie.

— Idiotas — disse Liam.

— Concordo — disse Hitchens, depois deslizou seu olhar para mim, e de volta para Liam. — Você está em busca da recompensa por Reveillon?

— Sim — disse Liam. — Claire, este é Tucker Hitchens. Claire Connolly. Ela administra o Royal Mercantile.

— Claro, claro — disse Hitchens. — Eu sei isso. Não moro no Quarter, então não vou até lá, mas eu conheço.

Levantei a mão, oferecendo um sorriso. Outro agente chamou o nome de Hitchens, e ele bateu no batente da porta. — Tenho que voltar. Cuide de si mesmo lá fora.

— Você também, Hitch.

O homem correu para seus companheiros perto dos veículos.

— Ezekiel ainda está livre — imaginei. — E ele está chateado.

— Sim — disse Liam. — E Nova Orleans pagará o preço. — Ele colocou a caminhonete em marcha. — Vamos. Não quero ficar longe do Quarter por muito tempo.

Não discuti.

* * *

Nova Orleans era relativamente plana, então nos dirigimos para um ponto em que os prédios foram destruídos, subimos na traseira da caminhonete, e para o teto, a fim de dar uma olhada na cidade.

— Quatro — confirmou Liam, deslocando o olhar de cada uma das quatro plumas que subiram para o céu em que pareciam pontos aleatórios em toda a cidade. Exceto que não eram realmente aleatórios, pelo menos não politicamente.

— E as nações estavam com raiva — disse Liam calmamente. — E a tua ira chegou.

— O Livro do Apocalipse — disse eu, e ele pareceu surpreso eu ter reconhecido. — Meu pai adorava romances de terror, e achava que Apocalipse se encaixava no gênero.

Liam sorriu um pouco. — Possivelmente sacrilégio, mas funciona. — Ele subiu suavemente até a traseira da caminhonete, me ofereceu uma mão e me ajudou a descer cautelosamente ao lado dele.

— Vamos lá — disse ele. — Vamos dar uma olhada no prédio misterioso do seu pai. Talvez encontremos um tapete mágico que nos transportará para a Terra Feliz.

Um menino poderia sonhar.

* * *

Voltamos para Carrolton, Liam desacelerando enquanto os números passavam até o endereço que procurávamos.

Meu estômago contorceu-se desconfortavelmente... E então eu apenas olhei.

Era uma estação Apollo – um velho posto de serviço e gasolina, provavelmente da década de 1950. Havia um prédio retangular com duas portas de garagem e um telhado que caía dramaticamente para o lado. A marca registrada da Apollo – uma placa gigantesca em forma de sol – ainda estava na frente do prédio como o padrão de outra era. Os números modernos e angulares na lateral do prédio diziam que estávamos no lugar certo.

Liam estacionou a caminhonete sob a saliência em frente ao prédio, o que provavelmente uma vez protegeu os atendentes de chuvas torrenciais do sul.

— Um posto de gasolina — disse ele, olhando pela minha janela para o prédio branco e arrumado.

— Sim. — Foi tudo o que consegui reunir a energia para dizer. Eu esperava algo mais. Não sabia exatamente o que, mas algo que me falaria sobre meu pai, sobre os segredos que ele mantinha.

Em vez disso, nós encontramos... Um posto de gasolina.

— Espere — disse Liam, como se pudesse sentir a minha decepção. — Vamos dar uma olhada.

Sáimos da caminhonete e paramos por um momento na quietude. Um cachorro latiu em algum lugar à distância, mas não havia outros sons de vida na vizinhança. Era assustador ouvir esse silêncio absoluto, mas também reconfortante, de certa forma. Não havia pessoas aqui, o que significava sem guerra e sem Reveillon. Apenas a natureza puxando seu cobertor verde sobre Nova Orleans.

— A construção está em boa forma — disse Liam, andando para se juntar a mim no lado do passageiro. — Surpreendentemente em boa forma, considerando todas as coisas. Ou não foi atingida durante a guerra ou desde então tem estado sob proteção.

Ele parou na frente da porta, colocou as mãos nos quadris enquanto inspecionava a construção, então olhou para mim. — Você nunca esteve aqui?

— Não.

Ele assentiu, e colocou a mão na maçaneta antes que eu pudesse colocar. — Espere — disse ele, e olhou ao redor. — Vamos checar o perímetro primeiro.

Balancei a cabeça, seguindo-o para o lado da propriedade, onde as ervas daninhas estavam altas no asfalto rachado. Havia uma unidade ao redor da construção, uma caixa de serviço público, uma porta de segurança trancada. No lado de fora, janelas cobertas de tinta branca.

— Não vejo nada notável — disse eu enquanto voltávamos para frente.

— Nos diz que ninguém tentou invadir. Dados os saques durante a guerra, Isso significa que esse prédio foi excepcionalmente sortudo, ou alguém o protegeu, pelo menos por um tempo. As fechaduras estão enferrujadas — disse ele, apontando para a porta da frente. — Isso nos diz que ninguém passou pela porta da frente também.

Ele colocou uma mão na porta e tentou a maçaneta. Não se mexeu.

— Suponho que você não sabe como abrir uma fechadura?

— Eu sei — disse ele. — Mas não tenho nenhuma ferramenta comigo. — Ele olhou para a caminhonete, franzindo a testa. — E nada na caminhonete, também.

— Eu poderia abri-la — disse eu. Mudei uma dúzia de bloqueios mágicos para fechar o Véu no lugar. Provavelmente, eu conseguiria lidar com um ferrolho comercial.

Liam olhou para mim, depois para trás, olhando ao nosso redor. Ele caminhou até o dossel que cobria os pontos onde as bombas de gasolina estavam, olhou para cima e para baixo, depois para o telhado, para os postes de luz, para as luzes da rua, antes de retornar.

— Acho que você está segura para fazer isso — disse Liam. — Não vejo monitores ou câmeras que possam ter nos visto. Mas mesmo se houver um monitor em algum lugar, e isso acontecer, nós ouviremos a Contenção vindo. — A Contenção tendia a rugir em direção à magia com luzes e sirenes. — E isso pressupõe que eles tenham algum pessoal que possa responder a uma ligação agora mesmo.

— Os incêndios — disse eu, e ele assentiu. — Ezekiel sabe como usar seu pessoal. Os ataques na fronteira mostram que ele sabe como manter a Contenção dispersa.

— E se eles chegarem aqui?

Liam sorriu. — Nós contamos a verdade... Estamos atrás de uma recompensa, o que acabamos de verificar com Hitchens. Encontramos um espectro, e ele entrou em um frenesi que acionou o monitor.

Isso era o suficientemente perto da verdade.

— Tudo bem, então — disse eu, e me agachei na frente da porta. Eu me senti de repente autoconsciente ao fazer magia na frente dele depois da noite passada, depois da conversa desta manhã, a qual ele não sabia que eu ouvi.

Talvez eu pudesse usar isso, pensei, me ajoelhando e fechando os olhos. Malachi disse para eu descobrir como usar minhas emoções para ajudar a alimentar minha magia. Esta era uma boa chance para tentar.

Deixei-me ficar frustrada, me deixei abrir para emoções que eu preferia ter afastado e fingido que não existia. E ao fazer isso, reconheci que elas tinham peso, poder e substância própria no estranho espaço onde a magia existia.

Experimentando, eu os deixei entrelaçar, deixei a magia e as emoções se trançarem ao longo dos filamentos de poder, aprimorá-los, dirigi-los. Para minha surpresa, as emoções o continham, uma presa lasciva que se contorcia e dirigia seu movimento. A magia ainda lutava, puxando contra a linha, mas estava ao meu alcance, em vez do contrário.

Foi a primeira vez que estabeleci um limite para a magia em si, ao invés de tentar usar a magia – sua selvageria e loucura, sua força e vigor – para manipular um objeto.

Esperança me encheu.

Talvez Malachi estivesse certo sobre alguma coisa.

Antes que eu perdesse a vantagem e o controle dos filamentos de poder que criei, eu os vinculei, imaginei afundá-los na tranca, deixando-os passar pela fechadura. Eu não podia realmente ver o deslocamento deles, a subida e a queda dos pinos, mas podia senti-los com aquele sentido indefinível.

E então eles se encaixaram, e a fechadura se abriu com um clique.

Ainda ajoelhada na frente da porta. Abri os olhos, as estrias de magia ainda faiscando no ar como partículas de poeira em um raio de luz.

Fiquei em pé devagar, esperando sentir a volta repentina da magia ao vácuo que eu criara. Mas não havia nada além do som da brisa na grama longa e ondulante.

Eu podia sentir o olhar de Liam em mim, e olhei para ele, vendo o interesse em seus olhos, o orgulho. Havia relutância atrás disso, claro. Considerando o que fiz à luz do dia, eu pude entender o desconforto.

O momento passou e Liam olhou para a porta. Ele ergueu um dedo, sinalizando que eu esperasse, depois a abriu.

Uma brisa empoeirada se levantou, o ar frio o suficiente para fazer uma névoa de umidade aos nossos pés. — O ar-condicionado funciona — sussurrei. Mas não havia outros sons, nenhum outro cheiro, nenhum perigo óbvio.

Quando estávamos certos que ninguém investiria pela porta, Liam deu o primeiro passo para dentro.

Eu me movi para segui-lo, mas a repentina vertigem fez o chão se deslocar aos meus pés, e coloquei uma mão no batente da porta para me

equilibrar. Talvez eu tivesse que me acostumar com essa nova maneira de lidar com magia, ou seus efeitos posteriores.

Entrei cuidadosamente, fechando a porta atrás de nós, e mantive uma palma em sua superfície fria e metálica para me dar uma chance de reagrupar.

Liam ligou um interruptor na parede. Houve um zumbido momentâneo, e as luzes do teto iluminaram o espaço.

— *Merde* — disse ele, olhando para o cômodo.

* * *

O silêncio caiu pesado em torno de nós.

— Tranque a porta — disse Liam depois de um momento, e estendi a mão, virando o bloqueio. Eu não estava certa do que víamos, mas sabia que não queríamos mais ninguém entrando.

O interior do prédio estava reorganizado, despojado até o chão de concreto que foi restaurado, limpo e deixado com as paredes nuas. Havia uma pequena cozinha ao longo da parede à direita e uma escadaria de aço espiral que subia para o segundo andar em direção à parte de trás.

Havia prateleiras ao longo das outras paredes. E no meio do grande espaço havia mesas compridas, empilhadas com objetos, como algum tipo de museu caseiro.

Andei até a mesa mais próxima e olhei para os objetos que a enchiam. Uma máscara, uma adaga e um livro envolto de couro preto. Um conjunto de garrafinhas de vidro. Uma grande pena azul-negra e um triângulo de tecido branco cuidadosamente dobrado. E isso foi apenas uma amostra. Todas as quatro mesas, todas as quatro prateleiras, guardavam o mesmo sortimento variado de coisas.

— Magia — disse Liam.

— Sim — disse eu com um aceno de cabeça, levantando o olhar para as prateleiras e percebendo exatamente o que meu pai havia feito. — Acho que isso é um arquivo de magia.

Objetos mágicos – livros, armas, amuletos, ervas, estátuas – encheram a sala, tudo isso considerado contrabando na Zona com mágica em si. Eles

não eram mágicos até o Véu se abrir, derramando a energia do Além em nosso mundo. Mas depois que isso aconteceu, a Contenção temia que os Paras pudessem usar os objetos contra os humanos. E considerando o fascínio de Nova Orleans por espectros, vampiros e vodu, havia muitos deles para usar.

Peguei uma bengala, semelhante às dezenas que ainda estavam estocadas no Royal Mercantile. A maioria das bengalas na loja tinha um espaço secreto. Se esta aqui fosse parecida, provavelmente também teria.

Peguei, tirei a tampa de latão. A madeira não queria ceder, e demorou algumas tentativas, mas finalmente consegui arrancá-la. Estendi a mão e levantei o bastão. Uma pequena bolsa roxa, um símbolo costurado no veludo velho e duro, caiu na minha palma.

— Gris-gris¹⁶ — disse eu, estendendo-o para que Liam pudesse ver. Uma bengala com um feitiço de vodu enfiado no lado de dentro.

Coloquei a bolsa e o bastão sobre a mesa, limpei poeira e suor no meu jeans, mas não consegui apagar o formigamento da magia. Eles podem não ter sido mágicos antes, mas certamente eram mágicos agora.

— Se este prédio é do seu pai, então provavelmente é o arquivo do seu pai.

Mas de onde? O ato mágico era amplo; Contenção confiscava tudo o que poderia ter magia. Eles viram bolas de cristal em pesos de papéis de vidro, guias de convocação em livros de histórias sobre espectros.

— Quando o ato começou — disse eu —, meu pai limpou a loja de tudo o que eles disseram ser ilegal, e deu para a Contenção. Mas era tudo inócuo.

Ainda assim, lembrei-me de ficar em pé com ele, observando enquanto a Contenção queimava uma pilha de livros e *instrumentos* de vodu na Congo Square.

— Eles não deveriam fazer isso — sussurrou ele, olhando para as chamas enquanto outros aplaudiam. — Essas coisas são inofensivas.

— Essas coisas são perigosas — disse eu, repetindo o que eles nos disseram na escola.

16 Amuleto vodu.

— As pessoas são perigosas. Armas são perigosas. Facas são perigosas.
— Meu pai era alto, com cabelos castanhos e olhos escuros. Quando olhou para mim, ele parecia insuportavelmente triste. — Esta é uma reação do medo aos ataques. Mesmo quando estamos com medo, ainda precisamos pensar no que estamos fazendo. Temos que considerar as consequências.

Nós nos afastamos do fogo e deixamos a multidão com sede de sangue.

— Ele era apaixonado por Nova Orleans — disse eu. — E amava objetos... Era fascinado por seu significado, sua história, seu simbolismo. É por isso que fiquei aqui e fiquei com a loja. — Olhei para a mesa. — Se algum deles pertenceu a ele, ele não me contou sobre isso. Ele certamente não contou a Contenção sobre isso.

— Se ele tivesse conseguido essas coisas de qualquer outra pessoa, certamente eles teriam voltado — disse Liam. — Limpado, ou acrescentado coisas, ou as levado.

Balancei a cabeça. Foi um milagre o lugar não ter sido saqueado. Tirei um dedo de poeira da mesa. Tudo parecia cuidadosamente arranjado – cuidadosamente organizado, mas a poeira dizia que não eram tocados há muito tempo.

Olhei para Liam. — Está frio aqui, e nada parece sujo, bolorento.

— Desumidificador e ar-condicionado — disse ele. — Embora como isso tenha funcionado por sete anos, não faço ideia. As peças quebram com o tempo, especialmente peças de metal em Nova Orleans.

— Talvez alguém tenha verificado isso nesse meio tempo.

— Ou talvez tenha sido algo mágico. Isso foi um grande risco — disse Liam, folheando um livro antes devolvê-lo a uma prateleira. Ele olhou para mim, seus olhos azuis brilhando. — Ele colocou você em risco. Se a Contenção encontrasse isso agora, eles o destruiriam. E então te destruiriam.

Atravessei o cômodo, olhando para o escudo dourado que pendia de postes lá. Era uma arma do Consularis, gravada e incrustada em metais e símbolos em uma linguagem que não entendi.

Estendi a mão e tracei um dedo através de um profundo nó diagonal que atravessava o meio do escudo. O metal vibrou suavemente sob as pontas

dos meus dedos, como um motor zumbindo debaixo dele. Mágica, viva e bem, sete anos depois.

— As paredes devem estar protegidas — disse eu, puxando meus dedos e esfregando a sensação neles. — Espectros estariam fervilhando do lado de fora caso não estivessem. Eles seriam atraídos pela magia. — Talvez por isso eu tenha sentido vertigem quando entrei.

Liam assentiu. — Talvez a mesma pessoa que protegeu a loja. Mais confirmação do envolvimento do seu pai.

Sim, era. E eu não sabia como eu me sentia sobre isso.

— Vou dar uma olhada ao redor — disse ele, e caminhou até a escada. Ele deu um passo para testar, saltando um pouco para ter certeza de que o aço era resistente, depois subiu para o segundo andar.

Fui até a cozinha e abri a geladeira. Estava funcionando, mas vazia. Imaculadamente limpa, como era o jeito do meu pai. Os armários eram vermelhos e lisos ao toque. Eles armazenavam alguns copos, alguns pratos brancos. O armário embaixo tinha um pequeno conjunto de panelas e frigideiras, ainda sem marcação e sem uso. Esperando alguém usá-las. Esperando que alguém fizesse disso uma casa.

— Há um loft lá em cima — disse Liam, passos batendo nos degraus de metal enquanto descia novamente. — Cama, cômoda. Você encontrou alguma coisa?

Fechei o armário, franzi a testa. — Algumas xícaras, alguns pratos, algumas panelas. — Olhei para ele. — Este lugar é equipado como uma casa de hóspedes, mas não parece que alguém ficou aqui.

Liam assentiu, e caminhou até uma porta do outro lado. — Lá em cima também. Parece intocado. Talvez seu pai quisesse um lugar no caso de vocês precisarem fugir.

— Porque ele era um Sensitivo. — Porque minha própria existência – sem nenhuma culpa minha – era ilegal na Zona. E existia a possibilidade de alguém descobrir. Ele provavelmente sentiu o mesmo.

— Sim — disse Liam, e abriu a porta, em seguida fechou novamente. Ele não deve ter encontrado nada interessante.

Do meu lugar na cozinha, olhei para o espaço, percebendo que as mesas estavam perfeitamente alinhadas em dois grandes tapetes tecidos, que foram colocados perfeitamente paralelos um ao outro, a cerca de cinco passos de distância.

Aqui era uma garagem, pensei. Talvez ainda funcionasse como uma. Fui até a parede oposta, olhei para uma placa de interruptor de luz com uma enorme quantidade de botões largos e apertei um.

— Temos o vencedor — disse eu enquanto a placa de metal sob duas das mesas começava a subir, levantando-as no ar e revelando o espaço vazio abaixo.

— Garota inteligente — disse Liam, caminhando em direção a ela. Ele deu uma olhada no cano de aço que sustentava a placa e as mesas, antes de se ajoelhar ao lado dele. — E o que temos aqui?

— O que é isso? — perguntei, correndo em direção a ele, meus olhos se arregalando enquanto ele se afastava para me deixar olhar.

— Suprimentos — disse ele. As luzes acima de nós se agrupavam no espaço abaixo da elevação, mostrando caixotes, caixas e barris de comida e suprimentos. Água, batatas desidratadas, latas de sopa e caldo, sacos de arroz e feijão.

Meu estômago roncou, e coloquei uma mão contra ele para silenciá-lo.

— A metade da minha barra de proteína foi a única coisa que você comeu hoje?

— Era *minha* barra de proteína — lembrei a ele. — E sim, mas estou bem. Isso foi um grunhido cobiçoso.

Liam fez um som de dúvida e sentou em seus calcanhares. — Tem que haver uma maneira de chegar lá. Uma porta, alguma escada para o nível mais baixo.

Ele se levantou, e ofereceu uma mão para me ajudar a ficar de pé. Enquanto me puxava ele escaneou as paredes.

— Lá — disse eu, apontando para a porta estreita em um canto da cozinha. Nós andamos até ela e abrimos. Um conjunto estreito de escadas conduzia à escuridão.

Liam encontrou outra luz e acendeu-a, iluminando outro conjunto de escadas em metal enferrujado. Outro passo de teste – era sábio nunca confiar em metal velho em uma zona subtropical sem testá-lo primeiro – e nós descemos.

O ar estava ainda mais frio aqui embaixo, a poeira tão espessa quanto. Os aromas eram diferentes. O primeiro andar cheirava mais a uma loja de antiguidades do que a um posto de gasolina – poeira, mofo e fibra. O porão era mais parecido com um museu. Clínico. Estéril.

Tudo estava organizado – latas em prateleiras, sacolas em paletes, coletes salva-vidas e mochilas penduradas em suportes. Pilhas de kits de primeiros socorros. Sacos de dormir embrulhados nas embalagens plásticas. Dezenas de caixas de água engarrafada, também embrulhadas em suas embalagens plásticas. Em um canto, um desumidificador funcionando.

Meu pai havia coletado comida, água e suprimentos da mesma forma que coletou suprimentos mágicos.

— Esta não é uma casa de hóspedes — disse Liam, arrastando os dedos na frente de uma linha de sopa em conserva.

— Não — concordei —, é um bunker.

Sua voz era suave, e eu podia sentir seus olhos nos meus. — Seu pai mencionou alguma vez?

— Não — falei novamente, e pude ouvir a exaustão na minha voz. Eu estava cansada de descobertas e revelações, e minha raiva contra meu pai estava crescendo com cada uma delas. Crescendo toda vez que eu precisava me perguntar por que ele não me contou sobre este lugar, o que quer que fosse.

Caminhei até os suportes e abri uma das quatro mochilas de camuflagem iguais. Dentro havia uma garrafa de água, dois foguetes, um pequeno kit de primeiros socorros, um saco plástico de barras de proteína. Era uma sacola de emergências, não muito diferente da que eu guardara em um armário na sala de armazenamento do segundo andar. Apenas no caso.

Perguntei a ele sobre ir embora. Uma noite, quando nos sentamos juntos no banheiro do andar de baixo, com todas as luzes apagadas, todas as

portas trancadas, enquanto as sirenes gritavam do lado de fora, eu disse a ele que era insano ficar.

— Não podemos abandoná-la — disse ele. — Não podemos abandonar Nova Orleans.

— Eu prefiro morar em outro lugar a morrer aqui. — Eu tinha dezessete anos, e estava convencida de que sabia tudo.

— Nós não apenas desistimos — dissera meu pai, colocando um braço sobre a minha cabeça enquanto tiros de magia estalavam no lado de fora, vibrante luz verde piscando no espaço ao longo da parte inferior da porta do banheiro. — Não vamos embora.

Em vez disso, ele fez um plano para ficar em Nova Orleans, com suprimentos suficientes para durar pelo menos um pouco.

Havia um cofre alto de metal no canto. Era verde escuro, com o nome do fabricante ao longo da frente em letras douradas. Eu já vi um cofre assim — havia um no quarto dos fundos da loja. Vazio agora, mas destinado a guardar armas. Andei até ele, os passos de Liam me seguindo, virei a maçaneta pesada, e a porta se abriu.

Fechada, mas não trancada. E dentro, dois rifles, duas espingardas, duas pistolas que eu achava ser nove milímetros, ou algo assim, e várias caixas de munição.

— Ele estava preparado.

— Para a guerra — disse eu, tocando um dedo no barril de metal frio de um rifle, e depois fechei a porta novamente.

— Eles são seus — disse Liam com cuidado, olhando para mim. — Você poderia levá-las com você... Ou uma delas. Ou qualquer outra coisa aqui.

Voltei para a sala, e cruzei os braços enquanto olhava tudo. — É meu se nós assumirmos que era do meu pai.

— Você o conheceria melhor.

— Pensei que sim — disse eu, e olhei para ele. — O que devo fazer com isso, Liam? O que eu deveria pensar?

Lá fora, enquanto usava minha magia e, em seguida, ao ver a reação de Liam, eu me senti melhor do que já estive. Como, se pela primeira vez, eu

realmente me encaixasse em minha própria pele, não tentando me encaixar na de outra pessoa. Não apenas Claire do Royal Mercantile, mas *Claire*.

Este... Castelo, construído por meu pai e mobiliado, me fez sentir como uma estranha novamente.

Liam observou meu rosto. — Ele não falou sobre nada disso.

Balancei a cabeça.

— Sinto muito.

Balancei a cabeça, caminhando para a cama do exército do outro lado da sala, e sentei-me. — Eu também. — Olhei para Liam. — Eu sinto que tenho que continuar lamentando por ele de novo, que toda vez que descubro algo assim, eu o perco novamente. Perco a pessoa que ele era.

— Sim — disse Liam com um suspiro. — Eu entendo isso. — Ele se aproximou, ficou no meio do quarto, com os braços cruzados, queixo abaixado.

— Inferno de revelação. Então o que você quer fazer?

Olhei para o chão – mais concreto polido – enquanto eu considerava. Nós poderíamos usar as coisas, com certeza. Tudo aqui poderia ser usado, vendido, distribuído para quem precisava. Mas pensei na previsão que fiz a Tadjí hoje cedo, sobre o fato de que um exército estava tentando ativamente destruir essa organização que permanecia na Zona. Não seria sensato acabar com suprimentos que quase certamente precisaríamos no futuro.

Pensei por um momento, mas não consegui encontrar nada que seria bom contando a alguém sobre isso.

— Não vou contar a ninguém. A Contenção destruiria os objetos... Ou tentaria usar contra os Paras. — Eles se tornaram mais flexíveis nisso enquanto a guerra continuava. — Não começarei uma guerra contra a Contenção, mas também não entregarei a eles as armas para usar contra alguém.

Talvez isso fosse irresponsável da minha parte. Talvez eu devesse entregar tudo para Contenção, para o bem da causa. Mas a *causa* da Contenção era a Ilha do Diabo. Isso também não parecia certo.

Liam assentiu. — Concorde. E Gunnar?

Essa resposta foi mais fácil. Havia muito aqui que poderia ser usado contra mim, contra meu pai. E desde que eu confiava completamente em Gunnar, usado contra Gunnar.

— Não — disse eu —, não quero que isso se torne um problema para ele.

— E a comida? Os suprimentos?

— Não temos muito nestes dias, mas temos o que precisamos. Eu disse a Tadjhi hoje que achava que isso ia piorar antes de melhorar, e acho que vai piorar. — Olhei ao redor novamente, e balancei a cabeça. — Acho que não devemos tocar nisso. Agora não. Porque pode chegar um momento em que precisaremos mais disso.

Isso claramente evitou a questão de saber se eu queria usá-lo, o fato de que me senti desconfortável, mesmo pensando nisso. Pode ter sido do meu pai... Mas ele não dera para mim. E isso me fez querer menos ainda.

Meu olhar se fixou em um baú rosa do outro lado da sala. CC estava pintado de verde na frente. Era meu, um presente de Natal que eu enchia de bonecas, livros e lembranças. E ocasionalmente fingia que era um barco.

Esperança surgiu. E se ele tivesse guardado isso para mim, para que eu pudesse ter minhas próprias coisas aqui, meu próprio espaço?

Levantei-me e caminhei até lá, levantei as travas douradas e abri a tampa.

Estava vazio, exceto por uma única fotografia.

Era de uma mulher jovem com o longo cabelo vermelho, e olhava para mim.

Ela era alta e magra, seus longos braços e pernas cobertos por um vestido simples, sandálias nos pés. Seu cabelo era comprido, reto e vibrantemente vermelho, marcado pela pele dourada e pelos olhos verdes. Ela estava ao lado de um carvalho vivo, com uma mão apoiada na casca áspera, galhos e musgo espanhol descendo ao redor. O céu estava azul e pontilhado com nuvens de algodão, a luz do sol atravessando as folhas para projetar sombras no chão.

Ela parecia a mulher ruiva que eu vi na Batalha do Memorial.

Virei a foto, mas estava em branco. Nenhum nome, nenhum ano, nenhuma indicação de onde a foto foi tirada ou por quem.

— Claire?

Eu podia sentir Liam de repente atrás de mim, seu corpo grande e quente.

— É sua mãe? — perguntou ele quando não respondi.

— Não conheci minha mãe — disse eu, mal contendo as lágrimas que eu não queria derramar. — Ela morreu... Pegou uma gripe forte quando eu tinha apenas dois anos. Não havia fotos dela em casa, então nem sei como ela era.

Olhei para Liam. — Esta parece a mulher que eu vi no Memorial.

Ele pegou a fotografia e olhou para ela. — Eu não a vi, a mulher com cabelo vermelho. — Ele olhou para mim, em seguida, para a fotografia novamente. — Ela se parece com você.

Assenti. Mas se essa era minha mãe, eu não sabia, e não sabia como descobrir agora.

— Você quer levar isso? — perguntou ele, oferecendo-a para mim novamente.

Eu não sabia a resposta para isso. Não sabia se deveria deixá-la no baú – o baú com meu nome, que não trazia nenhuma lembrança de mim ou qualquer outra coisa – ou a levava comigo, porque eu poderia usá-la para descobrir quem ela era.

— Não sei. — Eu não queria pegá-la. Mas também não queria deixar aqui. E estava muito brava e triste para tomar uma decisão sobre qualquer coisa.

— Vou levar — disse Liam. — Vou colocar na caminhonete, e ela estará lá quando você estiver pronta.

Essa pequena bondade quase me fez chorar, mas me segurei. Nós tínhamos problemas maiores agora – perigos maiores – do que o meu drama pessoal.

— Ok — disse eu, e me levantei.

— Vamos voltar para a loja — disse Liam, colocando uma mão nas minhas costas.

— Sim — disse eu, e virei as costas para os despojos que meu pai havia reunido.

O que quer que fosse isso, não era um lar. E eu estava pronta para voltar para o meu.



Capítulo 15

Nós voltamos ao Quarter com mais perguntas do que quando saímos. Por que não me falar sobre o Apollo? Por que não me dar uma chance de chegar lá caso algo acontecesse com ele?

Porque talvez não tenha sido feito para nós. Talvez ele tenha construído, preparado para ela, para a mulher na fotografia. Talvez estivesse ganhando tempo até que pudesse chegar até ela.

— Você está bem? — perguntou Liam quando nós colocamos alguma distância entre nós e a estação.

— Não sei. Estou confusa, triste e de repente a dona do que é provavelmente o maior esconderijo de artefatos mágicos na Zona.

— Se não nos Estados Unidos — disse Liam com um sorriso. — De certa forma, você levou uma bolada.

— Se ignorarmos a parte do contrabando.

Ele acenou para longe. — Tenho certeza que a Contenção não se importaria. São apenas algumas coisas. Algumas centenas de coisas ilegais.

— Pare de tentar me animar.

Ele me deu uma rápida olhada. — Você prefere chafurdar?

— No momento, sim, eu prefiro.

Com a testa franzida, ele procurou debaixo do assento dele. — Posso ter uma fita de música com violino deprimente aqui em algum lugar.

— Deus — disse eu, esfregando minhas mãos no meu rosto. — Você poderia ter escolhido um estagiário com mais drama? Sinto muito.

— Não — disse Liam —, nunca se desculpe por quem ou o que você é. Muitas pessoas teriam saído de Nova Orleans, da Royal Mercantile. Você construiu alguma coisa, Claire. Você é coração, imprudência e fogo. O drama acabou de chegar para o passeio.

Desta vez, não pude evitar que as lágrimas caíssem.

— Seus olhos parecem suar — disse Liam, e me entregou um lenço que ele havia retirado debaixo do banco.

— Cale a boca — disse eu, mas estava meio sorrindo quando disse isso. — E obrigada.

— A qualquer hora, Claire. A qualquer momento.

* * *

Havia vários clientes na loja, mas Tadjì fez um sinal para a sala dos fundos assim que entramos.

Encontramos Gunnar à mesa, garrafa de uísque na frente dele e fúria escrita em todo o seu rosto. Gavin estava por perto, de braços cruzados e observando.

— Hey — disse eu, olhando entre eles. — O que há de errado?

— Estou em um maldito clima de luta. — Ele derramou um dedo de líquido âmbar em um pequeno copo. — Precisei sair por alguns minutos, ou eu ia para a corte marcial.

Liam parou ao lado de seu irmão. — O que aconteceu?

— Eles desapareceram. Ezekiel, o arsenal, alguém forte o suficiente para lutar. Limparam o acampamento antes que o PCC pudesse se incomodar em mandar alguém para lá.

Liam piscou. — O que você quer dizer com *antes do PCC se incomodar*? Por que esperaram? Eles tiveram nossos relatórios em primeira mão.

— Eles tinham seus relatórios, e tinham um monte de burocracia entregue a eles por uma águia legal no PCC que decidiu que não tínhamos jurisdição no campo.

— Não entendo — disse eu, tomando o assento na frente de Gunnar.

— Acampamento Couturie era um campo de refugiados federais em propriedade da cidade — disse Gunnar. — Aparentemente, foi preciso muita

burocracia para a FEMA¹⁷ montar o acampamento em primeiro lugar, quando a FEMA ainda estava no comando, e toda aquela maldita fita vermelha precisava ser desembaraçada para que pudéssemos entrar no Acampamento Couturie para procurar por Reveillon, mesmo com um mandado.

— Besteira Jurisdicional — disse Gavin.

— Muito fodido — disse Gunnar. — No momento em que colocamos nossas equipes, elas provavelmente ficaram perdidas por horas. E demorou mais horas para verificar completamente. Encontramos algumas armas perfeitamente legais e algumas pessoas que não tinham interesse em se juntar a eles.

Olhei para Liam. — E é por isso que eles só enviaram um veículo atrás de nós. Eles estavam fugindo.

— Droga — disse Liam com um aceno de cabeça. — Ezekiel havia decidido correr, e usaram os outros veículos para evacuar o acampamento.

Culpa se instalou em minha barriga por sermos a razão pela qual eles correram, escorregando do aperto da Contenção. Mas fomos os únicos dispostos a verificar seriamente. A Contenção deveria levar mais a sério a tatuagem, a possibilidade do Acampamento Couturie.

— Você tem alguma ideia de quantos membros de Reveillon estavam lá? — perguntou Liam.

— Com base na última estimativa populacional e na contagem que fizemos hoje, cerca de mil.

O silêncio caiu quando pensamos isso.

— Não pode haver muitas pessoas crédulas — disse eu. — Pessoas burras o suficiente para comprar tal absurdo.

— Não necessariamente idiotas — disse Gavin. — Apenas ingênuas e irritadas.

Gunnar assentiu. — Você descansou. Está melhor hoje.

— Sou mais do que apenas boa aparência deliciosa.

17 Agência Federal de Gestão de Emergências – agência do governo dos Estados Unidos da América, subordinada ao Departamento de Segurança Interna, tendo sido criada por uma Ordem Executiva em 1 de abril de 1979.

— Eles provavelmente se separaram — disse Liam. — Casas ou acampamentos seguros em toda a cidade, para que não atraíam muita atenção. Eles podem ter feito o mesmo com o arsenal.

— Todo agente da Contenção que não está trabalhando na Ilha do Diabo está verificando a cidade — disse Gunnar, tomando outro gole. — E essa é apenas a primeira questão de merda deste dia.

Tomei o gole antes que ele pudesse beber, estremeci com o calor, e esperei o calor se acalmar.

— Não é meu veneno de escolha, mas mendigos não podem escolher.

— Nós vimos o fogo — disse Liam.

Gunnar concordou com a cabeça, serviu outra dose de bebida e bebeu. — Perdemos dois nos incêndios pela inalação de fumaça. Também perdemos registros, equipamentos, estoques de água — mantemos tudo por toda a cidade, por precaução. Mas as coisas poderiam ter sido ainda piores. Felizmente, Malachi avistou um dos incêndios logo após o amanhecer. Ele tirou um par de agentes do edifício, e acionou o monitor, assim a Contenção responderia.

— Inteligente — disse Liam.

— Foi. O fogo era forte demais para ele parar, e estava furioso quando as pessoas chegaram lá. Teríamos perdido mais dois homens se ele não tivesse intervindo. Infelizmente, esse não foi o fim da violência. Um dos comboios de Burke foi atacado fora da cidade, perto de Ponchatoula.

— Eles quase chegaram à Nova Orleans — disse Liam.

— Quase — concordou Gunnar, com tristeza em seus olhos. — Mas não o suficiente.

Liam suspirou. — Quantos?

— Quatro. — Gunnar passou a mão pelos cabelos. A raiva havia queimado em culpa e tristeza. — Mais quatro agentes perdidos.

— Eles estão se espalhando entre a Contenção — disse Gavin.

— Eles estão. Sabemos disso, mas não podemos fazer nada além do que estamos fazendo. Pelo menos, não a menos que o PCC consiga que algumas tropas cruzem a maldita fronteira. Isso exigiria a identificação do vazamento do PCC, o que a PCC nega que tenha.

— Eles se expondo? — perguntou Liam.

— O presidente está chateado. O Congresso está chateado. Os chefes das forças armadas estão chateados. E todo mundo está culpando outra pessoa por esse desastre absoluto.

— É tudo por causa disso, não é?

Todos nós olhamos para Gavin.

— Culpa — disse ele. — É o que Ezekiel está fazendo... Fazendo promessas sobre o futuro, culpando os Paras pelo passado e o presente.

— Sim — disse Gunnar. — E ele está fazendo isso muito bem. — Ele olhou para mim. — Diga a Malachi que Ezekiel está solto. E que ele tem o meu agradecimento pessoal por ter entrado quando viu o fogo.

Assenti. — Iremos nos encontrar com ele ao meio-dia — disse eu, e verifiquei o relógio de parede. Já estava quase na hora de ir. O Apolo tomou uma boa parte da manhã.

— Então, o que fazemos agora? — perguntei.

— Nós caçamos — disse Liam sombriamente, decisão total em seus olhos. — Nós os encontramos, e os derrotamos.

Não tivemos tempo de bolar um plano antes que a sirene do ataque aéreo começasse a tocar novamente.

— Merda — disse Gunnar, e seguimos a multidão para fora da porta. Royal estava vazia, exceto por um bando de pombos que subiam para o céu do outro lado da rua, surpreendidos por nossa chegada.

A fumaça subia de dentro das muralhas da Ilha do Diabo. E pela segunda vez em poucos dias, nós corremos para a prisão.

* * *

Gavin ficou na loja, então Gunnar, Liam e eu corremos.

As sirenes ficaram mais altas, a fumaça mais intensa, a dor no tornozelo mais forte quanto mais perto nós chegávamos à cerca. O portão estava fechado e vigiado, então alguma coisa aconteceu lá dentro, não no portão.

— Relatório — perguntou Gunnar, mostrando sua identificação quando o portão se abriu. Um dos guardas que estavam lá dentro acenou.

— Um fugitivo de Reveillon explodiu o armazém à beira do rio.

Seguimos Gunnar pelo bairro e dois quarteirões depois do portão, onde chamas saíam do telhado de um prédio comprido e estreito. Uma dúzia de oficiais da Contenção estava próxima, enquanto os bombeiros trabalhavam para conter o incêndio.

Reece estava do outro lado da rua, com as mãos nas costas. Parecia um soldado à paisana, mas se via a tensão em torno dos olhos.

— Reveillon? — perguntou Gunnar quando chegamos a ele, e as sirenes finalmente se aquietaram.

Reece assentiu. — Coquetel Molotov. O fogo foi iniciado por um dos fugitivos. — Ele gesticulou para o canto oposto, onde uma mulher de roupa suja se ajoelhou na calçada, com as mãos atrás da cabeça. Ela estava flanqueada por oficiais da Contenção particularmente chateados.

— Apenas um prédio afetado? — perguntou Gunnar.

— Pelo que vimos, sim — disse Reece.

Perto do fogo do lado de fora do portão, TRAIADORES estava rabiscado em letras pintadas no prédio da frente.

— Não pode ser uma coincidência que eles criaram incêndios semelhantes do lado de fora da Ilha do Diabo e dentro da Ilha do Diabo hoje — disse eu.

— Há alguma evidência de que Reveillon esteve conversando com os fugitivos aqui? — perguntou Liam.

— Não que tenhamos conhecimento — disse Gunnar.

— Talvez eles tenham planejado — disse Reece. — Ambos sabiam que hoje era o dia.

O olhar de Liam se ergueu para as listras fracas que marcavam o céu do lado de fora da prisão. — Ou os incêndios foram o sinal... Um sinal de que os fugitivos deveriam agir. O que havia no prédio?

— Depósito — disse Gunnar. — Arquivos de papel, principalmente. É mal guardado, porque literalmente não há nada que alguém possa usar.

— O prédio não tinha pessoal? — perguntei.

— Não — disse Reece —, e nenhum ferimento foi relatado.

Reveillon gostava de drama, o que me fez pensar por que eles se incomodavam em incendiar um prédio de depósito. Seria inconveniente para Contenção, claro, mas isso era tudo.

— Então, não há realmente nenhum ponto em queimá-lo? — perguntei.

Liam colocou as mãos nos quadris, olhou em volta, apertando os olhos à luz do sol. — Talvez esse incêndio fosse uma resposta ao aviso de Ezekiel. Não é um ataque em si, mas uma maneira de obter uma resposta por cima das paredes.

— Avisando o quê? — perguntou Gunnar.

— Que os fugitivos estão vivos, que estão prontos para começar um plano por conta própria... Ou que estão começando.

— Começando o quê? — perguntou Reece.

Como confirmação instantânea que Liam estava certo, um grito cortou o ar à nossa esquerda, e então um tiro fez o mesmo da nossa direita. Mais dois tiros disparados em algum lugar à nossa frente.

Liam estendeu a mão na minha frente, como um pai protegendo uma criança em um acidente de carro iminente.

Gunnar tirou um comunicador do cinto enquanto agentes da Contenção espalhavam-se pelo prédio, tentando imaginar para onde ir e o que fazer.

— Aqui é Landreau! — gritou ele, olhando para as torres que marcavam os cantos da prisão. — O que diabos está acontecendo lá fora?

A resposta foi estática, mas clara o suficiente.

— Fugitivos de Reveillon... Todas as posições relatam... Todas as posições relatam!

— Para suas posições! — gritou Gunnar, e os agentes imediatamente puxaram armas, começando a se dirigir em todas as direções. — Reveillon está atacando Paras!

— Não Paras! — gritou a voz por cima da unidade de comunicação. — Humanos.

Meu estômago revirou quando olhei para as letras cercadas pelo fogo na lateral do prédio: TRAIADORES.

Pensei em nosso tempo no Acampamento Couturie, na tenda de Ezekiel. Ele falou para Liam e eu a mesma coisa, disse que estávamos traindo nossos companheiros humanos porque apoiamos Paranormais. Porque apoiávamos a Contenção.

— Agentes da Contenção mortos — disse eu. — Humanos atacados. Ezekiel tem como alvo os humanos que acredita serem traidores de sua causa. — Olhei para Gunnar. — Quantos humanos vivem na Ilha do Diabo?

— Só alguns — disse ele, franzindo a testa. — Alguns agentes, algumas pessoas que trabalham na clínica. — E empalideceu. — E a avó de Liam.

O medo revirou minha barriga. Reveillon sabia que Liam morava na Ilha do Diabo. Se os fugitivos o vissem, o seguissem, ou até mesmo perguntassem, eles poderiam ter descoberto sobre Eleanor, ou até mesmo tê-la visto.

Medo e fúria cruzaram o rosto de Liam em igual medida. — Estou indo.

— Eu vou com você — falei, e dei um passo quando ele correu na direção da casa da avó.

— Reece? — perguntou Gunnar, apontando para nós, e acenou com a cabeça. Quando Reece ficou ao nosso lado, Gunnar gritou para dois agentes próximos. — Smith e Valentine. Vão com Reece, Claire, Liam até a casa do civil.

Convidar a Contenção para a casa de Eleanor não era uma ótima ideia – ela tinha objetos mágicos e tinha Moses. Mas não poderia evitar. Nós apenas teríamos que fazer o nosso melhor para impedir que as coisas piorassem.

* * *

A casa ficava a poucos quarteirões de distância. Infelizmente, depois da longa corrida até a Ilha do Diabo, o meu tornozelo pulsava como um dente ruim.

Passamos por dois aglomerados de pessoas ao longo do caminho, agentes da Contenção administrando ajuda para feridos ou Paranormais que

gritavam em um idioma que eu não entendia. Um homem estava no chão perto de um deles, braços e pernas cobertos de linho branco e olhos abertos olhando para o céu. Ele era um fugitivo de Reveillon, e eu não conseguia sentir qualquer remorso por ele estar morto.

Quando chegamos ao quarto de Eleanor, estava vazio de guardas e pessoas, e muito quieto.

O portão balançava ao vento, e a porta estava rachada. Não havia sinal de Foster, ou o guarda da Contenção que Gunnar havia prometido. Liam não perdeu tempo correndo para dentro. Eu não perdi tempo antes de segui-lo, os passos dos outros ecoando atrás de mim.

Pike e um homem que eu não conhecia, provavelmente o guarda, estavam deitados no chão, de olhos fechados.

Amaldiçoei Ezekiel sob a minha respiração. Mas Liam já havia desaparecido pelas escadas; ele precisava de ajuda, então eu deveria delegar.

— Reece, por favor — disse eu, apontando para eles, e fui para as escadas.

Enquanto ele se agachava perto de Pike, verificando seu pulso, eu subi as escadas de dois em dois degraus, e podia ouvir o grunhido baixo e de advertência de Foster ecoando do segundo andar.

Contornei a esquina, parando no limiar do quarto de Eleanor.

Estava revirado – pinturas no chão, tapetes puxados do piso de madeira, objetos da grande estante de Eleanor jogado ao redor. Eleanor estava deitada no chão perto das janelas, sua pequena aparência impossivelmente frágil. Moses agachado na frente dela, ferocidade em sua expressão.

E na frente deles havia dois membros de Reveillon – um homem e uma mulher em suas roupas sujas. Ela estava na cadeira de espaldar alto de Eleanor, encurralada como um guaxinim em uma árvore, por um Foster rosnando e mordendo.

Liam já havia derrubado o homem, e eles trocavam golpes do outro lado do quarto.

Com os fugitivos contidos momentaneamente, eu corri para Eleanor. Mas Moses ainda se agachava protetoramente na frente dela, seus chifres brilhando como laca enquanto me observava com olhos assassinos.

— Moses — disse eu, com firmeza, mesmo enquanto meu coração batia freneticamente. — Eu preciso verificar Eleanor.

Ele mostrou os dentes, estreitando suas pupilas para fendas.

Eu não sabia o que o traria de volta, lembrá-lo que eu era uma amiga. E como Eleanor não estava se movendo, eu não achava que tivesse tempo para descobrir.

— Tudo bem — disse eu, dando mais um passo. — Ataque-me se você precisar. Mas ela precisa de ajuda, e eu darei uma olhada nela.

Reunindo cada grama de confiança, eu passei por ele como se isso fosse apenas uma coisa normal.

Ajoelhei-me ao lado de Eleanor e coloquei a mão na testa dela, depois no pescoço. Sua testa estava fria, seu pulso lento, mas firme. Havia hematomas já se acumulando na pele fina em seus braços e se formando na testa. Precisávamos levá-la a um médico – ou chamar um médico para ela, embora Lizzie provavelmente já estivesse com as mãos ocupadas...

Olhei para cima, ao redor, espiei o xale dela na parte de trás da cadeira virada, então levantei e agarrei-o, oferecendo a Moses. — Eu não quero que ela entre em choque. Você pode cobri-la com isso?

Eu esperava que permitir que ele a ajudasse, por sua vez, ajudaria a trazê-lo de volta.

Com certeza, a névoa vermelha em seus olhos pareceu diminuir quando jogou o xale sobre ela, colocando-o envolta dela.

— Obrigada — disse eu. — Obrigada por protegê-la.

Ele me deu um pequeno aceno de cabeça, o que foi um progresso, tanto quanto eu estava preocupada.

Talvez pensando que eu havia lidado com Moses, a mulher fugitiva fez um movimento para descer, mas Foster saltou, mordiscando a perna dela. Ela o amaldiçoou, chutando descontroladamente. Foster era inteligente o bastante para evitar os golpes e saiu da frente dela enquanto tentava afundar os dentes em suas canelas.

Por mais que eu quisesse que ele a mordesse – e por mais que ela merecesse – eu não queria que ele se machucasse no processo.

— Um minuto — disse eu a Moses, pondo-me de pé e andando até a cadeira onde ela estava empoleirada. — Foster, *sente-se* — exigi, em um tom que dizia que eu era a fêmea alfa.

Surpreendendo a nós dois, ele se sentou, as orelhas para trás e os dentes arreganhados, enquanto observava nosso inimigo mútuo.

A mulher olhou para ele, para mim, e seus olhos ficaram astutos. Ela tinha uma aparência militar – cabelo curto, maçãs do rosto afiada, olhos sérios – e eu a reconheci. Ela era a outra mulher que caminhara ao lado de Ezekiel no protesto, que estava na liderança com ele quando caminharam para a Bourbon Street. Eu me perguntei se havia uma razão para isso – e se essa era a razão pela qual ele não a fez carregar explosivos.

Ela desceu da cadeira, fúria em seus olhos. — *Traidora*.

— Vocês gostam dessa palavra, não é? Irônico, no entanto, já que você foi quem entrou na casa de alguém e a atacou. Você acha que isso faz de você uma salvadora? Você estaria errada.

— Ela é uma traidora. — Seus olhos se estreitaram. — E sei o que mais ela é. Eu os vi entrar e sair, os Paranormais. Eu sei por que ela está aqui.

Parte de mim queria temer por Eleanor – com medo de que essa mulher tivesse de alguma forma descoberto sua magia – mas isso parecia improvável, então não tive que fingir minha confusão. — O que mais ela é?

— Uma Sensitiva.

Revirei os olhos. — Não, ela não é. — Ela não era tecnicamente, de qualquer maneira.

— Você mente para protegê-los, mas isso não importa. Nós sabemos agora. Ezekiel sabe agora.

Todas as células do meu corpo queriam parar a ação no quarto, correr para Liam e retransmitir que Ezekiel agora acreditava que Eleanor era Sensitiva. A avó de Liam – uma mulher que Ezekiel já acreditava ser traidora – tinha magia. Em vez disso, eu precisava jogar.

— Como você está errada, ele ficará muito desapontado — disse eu, tentando parecer entediada. — Por que mais ela moraria nesse inferno, perto deles? Por que mais eles conversariam com ela se ela não fosse como eles?

— Ocorreu a você que talvez ela goste de falar com Paranormais? Que eles gostam de falar com ela?

— Isso faria dela uma traidora como você. Você acabará no lado errado da história — avisou. — Vamos acabar com este reinado de terror, e vamos acabar com isso agora.

— Sabe, a última vez que alguém decidiu matar as pessoas para criar um novo mundo, eles criaram a Ilha do Diabo.

Ela evitou a lógica. — Você está ajudando os Paranormais a destruir a Zona.

Fiz um gesto para o quarto que ela destruiu. — Vocês estão destruindo a Zona, literalmente. Vocês estão matando pessoas, destruindo mais de uma cidade que não pode suportar.

— Estamos trabalhando por um mundo melhor.

Pensei em Eleanor no chão, em Moses em choque, nos gritos e tiros, os incêndios e os agentes da Contenção, a morte, o medo e a dor. E não pude evitar.

Fechei minha mão e bati em seu rosto bonito.

Ela não esperava que eu fizesse isso, e nem levantara a guarda. Ela vacilou e então seus olhos se reviraram. Ela bateu no chão com um forte baque.

— Cadela — murmurei, em seguida, apertei minha mão, as lágrimas saltando para os meus olhos. Eu sabia que ia doer, mas não tanto assim. Era como se eu tivesse batido meus dedos em um painel de aço. — Ow.

Houve um baque na madeira. O homem com quem Liam lutava caiu de costas sobre uma mesa baixa. De costas no chão, os olhos se fechando.

Com o peito arfando, Liam levantou o olhar, procurando pelo outro fugitivo, e encontrou-a esparramada. Ele olhou para mim, a mão que eu embalava, e um sorriso surgiu em seu rosto.

— Você a nocauteou? — perguntou ele, caminhando em minha direção.

— Sim. — Abri minha mão, flexionando meus dedos, que dispararam dor através deles. — Talvez não tenha sido minha melhor ideia.

— Imprudente — disse Liam com um aceno de cabeça, mas o comentário não diminuiu seu sorriso. Estendeu a mão e coloquei meus dedos

nos dele. Ele tocou cada osso com cautela, como se verificando por fraturas.

— Soco cruzado?

— Claro?

— Eu acho que você está bem. Machucou, mas não sinto nada quebrado. — Ele se virou para Moses e sua expressão ficou séria novamente. Ele se agachou ao lado dele e de Eleanor, e colocou a mão no braço de Moses.

— Status?

— Os filhos da puta se moveram rapidamente. Rápido e silenciosamente. Sequer ouvimos Foster, Pike, ou o guarda fazer um barulho, e de repente eles estavam aqui em cima.

— Eles poderiam ser ex-Contenção ou ex-militares — disse eu.

— Sim — disse Liam com um aceno triste. — E isso não é muito reconfortante. — Ele apertou o braço de Moses. — Você a manteve segura. Eu te devo por isso.

— Manteve-a segura? Ela está deitada no chão, inconsciente.

Eleanor abriu um olho. — Não estou inconsciente. Estava apenas fingindo.

— Você estava *o quê*? — Moses virou seu olhar irritado para ela. — Você acha que eu tenho tempo para bobagem? Para fingimento? Assustar um corpo até a morte. Metade até a morte, de qualquer maneira.

— Imprudente — disse Liam novamente. — Ambas. Onde você está machucada? — Ele colocou uma mão atrás da cabeça de Eleanor para ajudar a levantá-la, mas ela estremeceu, sacudindo a cabeça.

— Peito. Minhas costelas. Mas só quando tento respirar — disse ela, tentando um sorriso.

— O cara a derrubou — disse Moses. — Sabia que ela não podia ver – pelo menos não do jeito que os humanos costumam fazer – e a empurrou da cadeira. Chutou-a, o idiota.

— Tento não usar essa linguagem — disse Eleanor. — Mas ele era definitivamente um idiota.

Liam fechou os olhos em uma risada. Tentei segurar a minha, já que uma risada parecia realmente inadequada nas circunstâncias. Mas Eleanor voltou seu olhar pálido para mim, procurando a minha mão, apertando-a.

— Ria — disse ela. — Sempre escolha rir.

— E dê a eles um bom soco cruzado — disse Moses, apontando para mim. — O seu não é tão ruim, menina.

Bem, isso era alguma coisa, de qualquer maneira.



Capítulo 16

Liam colocou Eleanor em sua pequena cama enquanto Moses e eu guardávamos os objetos mágicos de Eleanor. Ele entrou no quarto ao lado quando os agentes subiram. Não havia razão para complicar ainda mais as coisas.

Reece entrou, Smith e Valentine atrás dele.

— Pike? — perguntou Liam em voz baixa, para evitar perturbar Eleanor.

— Ele foi levado para a clínica — disse Reece —, junto com o agente McNally. Ele levou uma pancada na cabeça, até onde eu pude ver. Os fugitivos devem ter surpreendido os dois.

— Eles precisariam de algumas habilidades para isso — disse Liam.

— Ela tem a aparência de ex-militar — disse eu, gesticulando para a mulher cujos olhos reviraram enquanto Smith a virava e algemava.

— Esse foi o meu pensamento também — disse Liam. — Eles teriam que ter as habilidades necessárias para ficarem escondidos por tanto tempo. Talvez descontentes veteranos de guerra.

Valentine algemou o homem, e com a ajuda de mais um par de agentes, os não mais fugitivos foram levados para o andar de baixo.

— Ela acha que sua avó é uma Sensitiva — disse eu calmamente.

A expressão de Liam permaneceu calma, mas seus olhos se apertaram quase imperceptivelmente. Ele se perguntou por que eu estava comentando isso na frente de Reece. Mas eu tinha um plano.

— Quero dizer, ela está obviamente errada, mas ela acha que é por isso que sua avó mora aqui. Ela disse que Ezekiel sabe disso.

Reece olhou para Liam. — Por que sua avó mora na Ilha do Diabo?

— Porque eu moro na Ilha do Diabo. Eu a queria perto, porque achei que poderia mantê-la segura. — O tom de Liam ficou irritado. — Eu estava obviamente errado sobre isso, e não gosto de estar errado.

Reece assentiu, e sua expressão empática parecia sincera. — Ela teria sido alvejada hoje como uma humana vivendo na Ilha do Diabo, mesmo que não seja uma sensitiva.

— Ela não é uma sensitiva. Se ela fosse, eu a teria tirado daqui a muito tempo atrás. — Ele basicamente fez o mesmo por mim, não me prendendo.

— Isso seria ilegal — disse Reece.

— Seria — disse Liam. — E eu teria feito isso de qualquer maneira. O tratamento da Contenção aos Sensitivos é idiota e míope. Lizzie é uma excelente médica. Mas não permitir que Sensitivos lidem com sua magia – para evitar se tornar espectros – é inconcebível.

Eu me perguntei se era preciso força de vontade para não olhar para mim quando ele dizia isso. Porque eu tive dificuldade em manter meu olhar em Reece.

Antes que Reece pudesse responder, houve um baque e xingamento no andar de baixo. Reece soltou um suspiro pesado. — Eu vou escoltar nossos amigos de Reveillon para o calabouço no Cabildo, certificando de que eles estejam bem longe.

— Obrigado por sua ajuda — disse Liam, e Reece assentiu antes de sair de novo.

Quando a porta da frente se abriu e fechou novamente, Liam olhou para mim. — Ela acha que sua avó é uma Sensitiva? — repetiu ele.

— A Contenção podia ouvir isso de nós agora, ou da fugitiva durante o interrogatório, quando não estamos lá para responder. Se conseguirmos falar sobre isso, diminuirá o impacto.

— Ela está certa. — A voz de Eleanor era baixa, mas clara.

Liam se moveu para a cama, colocando as mãos nos quadris enquanto olhava para ela. — Eu acho que você ainda está acordada.

Ela encarou o teto. — Claro que estou. Tenho o direito de ouvir quando as pessoas falam sobre mim em minha própria casa.

Liam sorriu um pouco. — Justo o suficiente.

Ela olhou na minha direção, e sorriu. — Esse foi um plano muito inteligente.

— Obrigada, Eleanor.

Liam balançou a cabeça para nós duas, e então sua expressão ficou séria novamente. — Eleanor, eu acho que Reece está certo. Acho que é hora de te tirar daqui.

Eleanor suspirou pesadamente. — Não sei se estou em posição de discordar. — Ela olhou para Liam. — Mas não vou sem Moses.

— Besteira — disse Moses da porta, em seguida, caminhou em nossa direção com seu passo rígido. — Você pode ir sem mim. Você irá hoje. — Ele olhou para Liam. — Você vai levá-la hoje.

— Moses, agora...

Ele alcançou Eleanor, colocando uma mão atarracada sobre a sua delicada. — Eu sou apenas um na multidão, Eleanor. Um dos Paras encarcerados aqui. Aquela garota pode estar errada sobre você ser uma Sensitiva, mas a verdade não importará muito. Não se Ezekiel quiser acreditar.

— Exatamente — disse Liam. — É por isso que precisamos tirá-la daqui.

— Sou uma mulher adulta totalmente capaz de avaliar riscos — disse ela. — Eu sobrevivi a guerra, afinal.

— Eleanor... — disseram Liam e Moses simultaneamente, preparados para fazer seus argumentos.

Levantei a mão. — Parem de discutir. Nós estabelecemos que Eleanor precisa sair, mas ela não sairá sem Moses.

Pensei no que Malachi havia dito, na importância de dar aos Paranormais alguma autoridade sobre suas próprias vidas e olhei para ele. — Se nós pudéssemos descobrir um caminho... Se pudéssemos fazer isso funcionar, você sairia?

Ele me olhou por um longo tempo, um silêncio que Liam e Eleanor não interromperam.

Eu me perguntei no que ele pensava, quais considerações ele pesava. A estabilidade da prisão versus ser um fugitivo? A liberdade dele confrontada

com a possibilidade de ser arrastado de volta para a Ilha do Diabo? E havia algo mais lá. Ele olhou para mim, como se estivesse avaliando, calculando.

Como um homem que queria oferecer sua esperança – uma coisa delicada e frágil – e queria ter certeza de que o cuidador poderia se importar com aquilo.

— Sim — disse ele, e eu assenti.

— Então, vamos descobrir um jeito — disse eu. E foi isso.

* * *

Demorou quase meia hora, mas Lizzie acabou usando um uniforme marcado com manchas que eu não queria pensar muito.

— Desculpe, demorei um pouco — disse ela, entrando no quarto de Eleanor e puxando luvas limpas do bolso, colocando-as. Ela acenou para mim, Liam, Moses, então caminhou até Eleanor.

— Alguns de nossos membros da equipe humanos não vieram nesta semana. Preocupado demais para entrar na Ilha do Diabo.

— Parece que eles tinham razão — disse Liam sombriamente.

— É verdade, mas uma dor na bunda, no entanto. — Ela olhou para nós. — Por que vocês não nos dão alguns minutos para o exame?

— Vou fazer chá — disse Moses, e pulou de sua cadeira, indo em direção à porta novamente. Deveria ter uma cozinha lá dentro.

— Você faz chá? — perguntei a ele, e sorri para o dedo do meio que ele mostrou para mim.

Eu realmente gostava dele.

Liam e eu obedecemos a ordem sutil de Lizzie e descemos as escadas, onde Foster esperava pacientemente.

Eu me sentei no chão, concentrando minha atenção na aparentemente enorme necessidade de Foster de carinhos. Liam foi até uma janela do outro lado da sala, com os braços cruzados enquanto olhava para fora. A culpa estava gravada em seu rosto.

— Você não poderia saber que isso aconteceria — disse eu.

Ele olhou para mim, obviamente sofrendo. — Eu sabia. Nós conversamos sobre ela precisar de proteção na noite passada.

Ontem à noite, quando ele ficou comigo em vez de voltar para a Ilha do Diabo. Quando confiou em Gunnar e na Contenção com o bem-estar de sua avó.

— Nesse caso, sinto muito — disse eu.

Ele olhou para mim, com as sobrancelhas erguidas e o desafio em sua expressão. Ele parecia um homem pronto para uma discussão. — Por quê?

— Por isso. Por colocar sua família na linha de fogo novamente.

A raiva disparou em seus olhos novamente. — O que isso quer dizer?

Desviei daquele olhar. — Não sei. Talvez se eu não tivesse pedido para você ir ao Apollo, você estivesse aqui, as coisas teriam sido diferentes.

— Porque você é o meu chefe? Porque não tomo minhas próprias decisões?

— Bem, não. Claro que não.

— Não — repetiu Liam —, claro que não. — Ele se aproximou, e levou um momento para perceber que o fogo não era raiva, pelo menos não de mim. Seu olhar se fixou no meu, e o momento pareceu se encaixar rapidamente, como dentes de engrenagem se acomodando. — Eu faço minhas próprias escolhas. Faço minhas próprias decisões. Você não é culpada por nenhuma delas.

— Você deveria ficar aqui de um dia para o outro — disse eu. — Você se sentirá melhor. Posso encontrar alguém para ficar na loja, ou posso encontrar outro lugar para ir.

O Apollo seria uma escolha óbvia, mas não queria pensar nisso agora, sobre meu pai e seus segredos. Havia o suficiente para lidar na minha frente.

— Eles vão procurar por você — disse Liam, balançando a cabeça. — E vão procurar por mim. Nós podemos estar no mesmo lugar juntos. Eu tenho amigos. Caçadores de recompensas em quem confio, que desconfiam tanto dos humanos quanto dos Paranormais.

— Então eles não seriam influenciados por Reveillon?

Ele assentiu. — Sim.

— E por falar nisso, como diz *covarde* em Cajun?

Liam sorriu. — *Capon*.

Balancei a cabeça, lembrei-me de ouvi-lo dizer essa palavra antes. — Ezekiel é um *capon*. Não fará o trabalho dele.

— A própria verdade de Deus — disse Liam. — Ele também é o maior idiota.

Também era verdade.

— Moses — disse Liam, olhando para mim especulativamente. — Você realmente acha que é uma boa ideia se entusiasmar? Dizer a ele que podemos tirá-lo da Ilha do Diabo?

— Por que isso aumentará as esperanças dele?

Liam piscou para mim. — Porque estamos em uma prisão do tamanho de um bairro com muros altos, torres de vigia, um novo portão e agentes com armas muito grandes?

— Não estou dizendo que não será difícil. Estou apenas dizendo que tem que haver um jeito. — Olhei para ele. — Se não o tirar, Eleanor não sairá. E se Ezekiel souber...

Seu rosto ficou feroz. — Eu vou carregá-la se for preciso.

Acaricieei Foster, esperando que isso me acalmasse tanto quanto parecia acalmá-lo. Infelizmente, não acalmou.

— Este lugar é a morte — disse eu, envolvendo minhas mãos em torno dos meus joelhos. — Para Paras, para Sensitivos, para os espectros. E não apenas por causa de Reveillon. Porque não há julgamento, nem liberdade condicional, nem liberação por bom comportamento. — Olhei para Liam. — Cada um deles morrerá aqui.

— Nós não podemos mudar a lei disse ele. — E sozinhos não podemos derrubar a Contenção.

— E eu sei que não podemos tirar todo mundo. Não é possível... Não agora, não com o Ato mágico. Mas talvez, se pudéssemos apenas ajudar uma pessoa... Uma pessoa que a Contenção pensa estar morta, de qualquer maneira.

Ele me olhou especulativamente. — Estou ouvindo.

— Nós temos a Delta. Temos Sensitivos, Paranormais, caçadores de recompensas, pesquisadores. Se alguém puder imaginar um caminho...

Deveria haver um. Porque cansei da violência, feita com padrões duplos.

Eu cansei da Ilha do Diabo.

— Merda — disse Liam. — Eu me esqueci da Delta. Nós perdemos nosso encontro ao meio-dia.

Eu também me esquecera disso. — Nós vamos para a igreja quando terminarmos aqui. Talvez eles ainda estejam lá.

Liam assentiu. — Eles podem ter ouvido o que aconteceu e presumido que estávamos lidando com isso. Notícias viajam rápido entre eles.

Sempre foi assim. Os Paranormais tinham redes que nem conhecíamos. E talvez isso fosse algo que pudéssemos usar.

* * *

Quinze minutos depois, houve passos na escada e nós levantamos.

— Ela ficará bem — disse Lizzie, tirando as luvas de látex. — Um pulso torcido, duas costelas machucadas e uma pancada na cabeça, não acho que seja uma concussão, mas ainda precisa ser monitorada. Não vai te surpreender que ela não queira ir para a clínica.

— Vou pedir a um amigo para ficar com ela.

— Bom — disse Lizzie. — Vou mandar Victoria para cá assim que ela puder fugir. — Victoria era uma das enfermeiras regulares de Eleanor. Ela checou o relógio. — Preciso voltar, liberá-la.

— Talvez eu pudesse ajudar — disse eu, e ambos olharam para mim.

— O quê? — perguntou Lizzie.

Culpa deve ter me feito sugerir isso. Por que mais eu me voluntariaria para ajudar no mesmo lugar em que eu seria enviada se não controlasse minha magia?

Mas as palavras saíram e ela precisava de ajuda. Além disso, se eu estava cansada o suficiente da Ilha do Diabo para reclamar com Liam, eu poderia muito bem continuar por lá. Caso contrário, eu era apenas um hipócrita.

— Eu poderia ajudá-la na clínica — me fiz dizer. — Se você quiser. Você tem pouco pessoal e a minha loja está bem cuidada agora. Eu poderia passar amanhã de manhã, ser voluntária por um tempo. — Se isso ainda fosse possível.

Olhei para Liam. — Você vai querer verificar sua avó, de qualquer maneira. Talvez Gavin pudesse ficar com Tadjì na loja?

Liam me observou em silêncio por um momento. Eu me perguntei se ele estava pensando em sua conversa desta manhã com Gavin. Mas o que quer que estivesse pensando, ele não demonstrou. — Tudo bem por mim, se estiver bem com Lizzie.

Quando olhei para Lizzie, seu olhar ainda estava em Liam, os olhos se estreitando especulativamente. — Você foi muito bem depois do bombardeio — disse ela.

— Posso seguir as instruções — assegurei a ela.

Liam bufou, mas Lizzie o ignorou. — Eu sei que você pode. — Seu tom suavizou. — Isso seria ótimo.

Assenti. Eu fiz o compromisso. Agora eu só precisava descobrir uma maneira de passar por isso.

— Mandarei alguém de volta — disse ela, em seguida, saiu pela porta.

— Vou precisar de um pouco de tempo para fazer arranjos por um segurança — disse Liam no silêncio. — Antes de ir para a Delta.

— Claro. Quero ir à loja de qualquer maneira.

— Como você vai voltar?

Olhei para baixo. — Vou usar esses paus presos aos meus quadris.

Seu olhar escureceu. — Você é hilária. Há assassinos lá fora.

— Assim como havia sete anos atrás — apontei, recebendo um olhar de reprimenda pelo comentário. — Olha, meu soco direita, à parte, posso admitir que eu não seja ótima de mão a mão. Eu posso nem ser muito boa no varejo. Mas posso ser muito sorrateira quando necessário. Foi uma habilidade que aprendi cedo.

— Seu pai? — perguntou Liam.

Assenti. — Eu não ganharia uma batalha com uma arma Paranormal, e eu ainda não era uma Sensitiva. Ele queria que eu fosse capaz de atirar quando tivesse uma arma, e correr quando não a tivesse.

— Não foi muito boa em fugir na noite em que nos conhecemos — disse ele com a sugestão de um sorriso.

E não era uma metáfora perfeita e deprimente?

— Se eu tivesse conseguido sair da loja — disse eu —, eu teria desaparecido, e você nunca mais teria me visto. — Eu falei como uma piada, mas o pensamento — a possibilidade que nossos caminhos não tivessem se cruzado — fez meu peito doer de tristeza.

Liam passou a mão pelo cabelo, olhando para a escada, em direção à avó que precisava dele. Eu podia ver o dilema em seus olhos. Que ele se importava tanto comigo — que estava dividido — significa muito.

— Ela precisa de você mais do que eu agora.

Liam olhou para mim, os olhos arregalados de surpresa.

— Tudo bem — disse eu. — Fique com ela até ter certeza de que ela está segura.

Algo profundo se agitou em seus olhos. — Tenha *canaille*.

Levantei minhas sobrancelhas para a palavra que não reconheci.

— Tenha cuidado — disse ele com um sorriso malicioso. — Sorrateira. Tranquila como um rato.

Eu morei sozinha no French Quarter por quase sete anos. Eu sabia como ser invisível.

* * *

Andei rápida e silenciosamente de volta ao portão, passando pela brigada de incêndio da Contenção, que atirava água no depósito enquanto Gunnar e Reece olhavam. Chuva quente começou a cair assim que cheguei ao lado de fora da cerca, levantando os aromas de pântano, água e fumaça no ar.

A chuva mantinha as pessoas dentro de casa, então caminhei sozinha pelo Quarter. No momento em que voltei para a loja, a chuva havia parado e eu estava encharcada, mas não vi uma única outra pessoa.

Gavin estava na escada em frente à loja, de jeans e uma camiseta escrito WHO DAT?¹⁸ com algo na parte inferior da varanda de ferro forjado. O hematoma ao redor do olho dele começara a se transformar naquele verde estranho de cura.

— Você está quebrando o meu lugar?

Ele fez um som divertido. — Sua gerente me pediu para dar uma olhada no suporte. Ela disse que a varanda range naquele canto. Estou me certificando de que o ferro ainda está firme. — Ele ajustou algo com uma chave inglesa, desceu a escada, e usou um canto da camiseta para secar o rosto suado. Por baixo, fico feliz em informar que seu corpo era tão fantástico quanto o do irmão.

— E está?

— Parafusos precisavam de um pouco de ajustes, mas tudo bem. — Sua expressão ficou séria. — Você quer me dizer o que aconteceu lá fora?

Eu disse a ele sobre Eleanor, sobre o ataque, e nossos possíveis próximos passos.

— Você não falou com nossos amigos ainda.

Balancei a cabeça. — Nós deveríamos nos encontrar ao meio-dia. Faltamos à reunião.

Ele assentiu. — Vá quando Liam vier. Eu ficarei aqui.

— Eu agradeço. Ela significa muito para mim, assim como a loja.

— Não é problema. Quero dizer, prefiro estar lá ajudando, usando minha força considerável. — Ele flexionou um impressionante bíceps. — Mas cada um faz o que se deve fazer.

Coloquei a mão em seu braço, apertei e apreciei seu bom humor. — Seu sacrifício é notado.

Ele estava rindo quando se moveu na escada para o próximo suporte.

Dentro, a loja estava escura, o novo ar-condicionado silencioso. Ao contrário da Ilha do Diabo, que tinha alguns geradores especiais que não eram

18 Who dat? é tanto um vernáculo afro-americano em inglês quanto uma pronúncia branca inferior da classe média e trabalhadora da pergunta "quem é esse?" Recentemente, a frase "Who dat?" tornou-se um canto de apoio da equipe, sendo amplamente usada por fãs do New Orleans Saints, um time de futebol americano.

afetados pelas flutuações mágicas, a energia estava caída, e o calor e a umidade começaram a se acumular na loja.

Tajji estava atrás do balcão, terminando um pedido de compra de um cliente. Esperei até que ela terminasse, então disse a ela o que aconteceu.

— Estou feliz que Eleanor e Moses estão bem. — Ela olhou para os agentes que entraram pela porta, indo para a prateleira de bengalas, brincando sobre qual deles comprariam.

Tadji se aproximou. — Ele está pensando em tirá-la de lá? — sussurrou ela.

— Ele está. É o melhor a se fazer — disse eu, optando por não mencionar Moses até que houvesse uma possibilidade de conseguirmos escapar. Não adianta arrastá-la para uma possível traição ainda.

Porque arrastá-la para a traição depois disso estaria bem? Eu me perguntei com tristeza.

— Você deveria tirar essas roupas — disse ela, e afastou sua própria camisa. — Está úmido o suficiente aqui.

Tomei o seu conselho, e quando cheguei ao quarto, deixei minhas roupas encharcadas cair pesadamente no chão. Peguei outra camiseta e jeans, pendurando as molhadas para secar.

Quando voltei lá para baixo, encontrei um novo carregamento de caixas na mesa do quarto dos fundos. Eu queria um pouco de silêncio e algum tempo pensando.

Desembalar as entregas era a maneira perfeita de lidar com isso. Abri as cortinas e as janelas. Não havia muita brisa no pátio, mas pelo menos o ar circulava. À luz da janela aberta, comecei a abrir as caixas.

Perdi-me no trabalho, contando sabão e lâmpadas para garantir que os números correspondessem às nossas faturas, reabastecendo as prateleiras, abrindo as caixas para reciclagem quando terminasse.

Coloquei de lado o saco de sal para Lizzie. Eu poderia levá-lo para ela de manhã, quando voltasse a entrar na clínica da Ilha do Diabo novamente. Por mais nervosa que eu estivesse, não era um sacrifício para alguém com liberdade.

As sombras e a luz no chão mudavam enquanto eu trabalhava, o tempo passando. Quando a loja se acalmou, Tadjí voltou, olhando para as caixas vazias que empilhei e depois para mim. — Você está bem?

Eu parei, mãos nos cantos de uma caixa, e olhei para ela. — Estou cansada. Emocionalmente, mentalmente.

Ela cruzou os braços e assentiu. — Sim. Eu sinto o mesmo. E acho que Burke também.

Inclinei minha cabeça para ela. — Como está Burke?

— Neste momento, tentando manter seu pessoal seguro... Os comboios que viajam pela Zona, os agentes que trabalham na Ilha do Diabo. Frustrado por não poder fazer mais. Mas acho que não é isso que você quis dizer — disse ela, encostada na borda da mesa. — Estamos indo devagar. Muito, muito devagar.

— Porque você não tem certeza dele?

— Porque não tenho certeza de nada agora. Porque ele não está no meu plano de cinco anos.

Sorri para ela. — Na verdade, nem o varejo estava.

— Não é? — Ela fez uma pausa. — Ainda não tenho certeza se isso é uma coisa de longo prazo. Acho que pensei que haveria alarmes, e não estou ouvindo nenhum alarme. — Ela me olhou com especulações em seus olhos. — Não é como eu imagino que você ouve.

— Eles são alarmes de tristeza e desespero — disse eu, desfazendo a caixa e colocando-a na pilha. — Então, não se sente excluída.

Ela encolheu os ombros. — Não sei. Eu meio que presumi que quando o grande amor acontecesse, eu sentiria a orquestra e o refrão.

— O que você acha?

Sua testa franziu enquanto considerava. — Não sei. Gosto de passar tempo com ele. Eu diria que somos amigos.

— Faz apenas algumas semanas. Talvez algo mais possa crescer.

Ela assentiu. — Ou talvez não possa. E para a senhorita Tipo A, essa incerteza me mata.

Sorri. — Sim, esperar não é realmente o seu estilo.

— Talvez devêssemos fazer um desses pactos de amizade. Se ainda estivermos sozinhas em quinze anos, vamos casar uma com a outra, acalmar-se.

Olhei-a de cima a baixo. — Eu poderia fazer pior.

Ela revirou os olhos.

— Quando Liam chegar aqui, nós vamos encontrar nossos amigos. Gavin pode ficar, mas pode ser mais seguro se você estiver em casa, fora do Quarter. Uma vez que a notícia se espalhar sobre o ataque, provavelmente não haverá muitas pessoas fazendo compras, de qualquer maneira.

— Então talvez nós precisemos mudar isso.

Levantei minhas sobrancelhas.

Tadji encolheu os ombros. — Não sei. Eu estive pensando... É como se estivéssemos deixando Reveillon definir o ritmo. Dizendo-nos como viver em nossa cidade, como nossa cidade deveria ser administrada. Acho que devemos revidar. — Ela levantou a mão quando comecei a discutir. — Não digo com armas. Esse não é meu show e não quero que seja. Digo em termos de presença. Talvez seja hora de definirmos o ritmo. Devemos levar as pessoas para o Quarter. Viver, conversar. Enfrentar esses covardes que pensam que o genocídio é a solução para seus problemas. Talvez, se estivermos lá fora, se estivermos engajados em nossa cidade, estragamos um pouco os planos deles. — Ela levantou um ombro. — Só uma ideia.

— Acho que é uma boa ideia.

Ela se iluminou. — Sério?

— Garota, você sabe que é brilhante. Não é sua primeira boa ideia. E sim, acho que você está certa. Eu acho que eles estão aproveitando o medo, nossas memórias da guerra. Mas se ficarmos em casa, se ficarmos dentro, nós os ajudamos a vencer. É muito mais fácil para eles marchar por uma Bourbon Street vazia do que uma que está cheia de pessoas.

Ela assentiu com decisão. — Desde que você está a bordo, eu farei alguns cartazes para as janelas, espalhar a palavra. — Ela sorriu. — Provavelmente, eu poderia apenas dizer a Sra. Proctor e deixá-la fazer o resto. A mulher não retém informações.

— Não, ela não faz. Você quer que a informação se espalhe, ela seria um bom vetor.

Liam apareceu na porta, olhou para Tadj, para mim.

— Hey — disse Tadj. — Como está Eleanor?

— Descansando confortavelmente — disse Liam. — Obrigado por perguntar.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você conseguiu alguma informação sobre os outros ataques? — perguntei.

— Houve mais dois — disse ele. — Um fugitivo iniciou o incêndio, dois estavam na Eleanor e mais dois atacaram humanos. Uma das enfermeiras de Lizzie mora no lado norte da prisão. Ela foi baleada, mas ficará bem. Uma voluntária civil estava dentro da Ilha do Diabo, liderando uma aula de alfabetização. Ela foi morta.

— Eles matam indiscriminadamente — disse Tadj.

Liam assentiu. — Aparentemente, eles decidiram que todos que não estão no grupo deles estão apoiando a Contenção e, portanto, um inimigo, um traidor.

— Pelo menos eles pegaram os cinco fugitivos agora — disse Tadj.

Liam assentiu. — Assumindo que a contagem original estava correta, sim. Se a Contenção calculou mal... E houve muito caos durante a explosão, as câmeras borradas, há mais esperando por outra oportunidade.

— Precisamos chegar à nossa reunião — disse eu. — Há quanto tempo está sem energia?

Tadj olhou para o relógio de parede. — Cerca de uma hora e meia.

Liam soltou um suspiro. — Se a energia não voltar, nós vamos caminhar.

Balancei a cabeça. — Sim.

— Tente manter Claire livre de lesões por uma vez — disse Tadj, entrando na loja novamente.

— Você diz isso como se eu tivesse algum controle sobre o que ela faz — falou Liam por cima do ombro, então olhou para mim — Estou retirando

Eleanor amanhã, de uma forma ou de outra, e ela querendo ou não. Mas ela não sairá sem Moses, e ele não sairá do lado dela.

— A lealdade vai longe — disse eu. — Então é melhor acharmos um meio de ajudar os dois.



Capítulo 17

Tivemos que esperar mais meia hora para que a energia voltasse, para que Liam pudesse ligar a caminhonete. Tempo suficiente para desembalar o restante das entregas, adicionar as caixas à pilha de reciclagem na calha para coleta da Contenção. E deixar a dor no meu tornozelo se dissipar.

Quando as luzes se acenderam novamente, nós dirigimos até a igreja, estacionamos um quarteirão de distância para evitar as patrulhas da Contenção, Reveillon, ou qualquer outra pessoa que suspeitasse de ter um veículo do lado de fora de uma igreja aparentemente abandonada.

A chuva parou, deixando o céu ocidental cheios de faixas brilhantes de laranja e rosa, como tinta cuidadosamente pincelada por uma lona. O bairro estava tranquilo e sem Reveillon.

Batemos na porta e fomos recebidos por Burke. Ele assentiu, esperou nós entrarmos, depois fechou a porta com firmeza, trancando-a. Alguém havia colocado cadeiras e móveis em um dos lados da sala e acendeu as velas em castiçais de latão.

Erida estava perto da mesa, de braços cruzados. Ela usava calças brancas e uma blusa sem mangas no mesmo tecido, seus longos cabelos ondulando sobre os ombros bronzeados. Ela parecia bonita sem esforço – o tipo de mulher que era linda o suficiente para ter saído de um set de filmagem.

Seu olhar deslizou para mim, e novamente havia algo desagradável em seus olhos. Desapareceu rapidamente, mas definitivamente estava lá. Com isso já era duas vezes que essa mulher, que nunca conheci, me dava um olho de merda digno de Salomon. Se as circunstâncias fossem diferentes, eu poderia ter perguntado a ela sobre isso. Mas eu não iria perder tempo tentando me provar para uma mulher que eu nem conhecia.

Uma porta se abriu e fechou novamente, e Darby apareceu na porta de trás, seguida por Malachi. Suas asas já estavam escondidas, e ele estava vestido com jeans, uma camiseta e uma jaqueta justa em um tecido liso. Burke usava seu uniforme e parecia cansado e um pouco desmoralizado. Até mesmo Darby, que vestia uma calça canga e uma camisa que se encaixava em seu estilo bibliotecária Marilyn Monroe, parecia ter perdido a calma habitual.

— Acho que não precisamos nos desculpar pelo atraso — disse Liam enquanto caminhava até a mesa.

— Estamos todos atrasados — disse Burke. — Você estava na Ilha do Diabo?

Liam assentiu.

— Eu disse a eles o que aconteceu — disse Burke. — Temos ajudado a equipe das Operações Conjuntas a procurar o acampamento principal de Reveillon, se houver um.

— Tecnicamente — disse Darby, tirando um boné de Loyola e bagunçando seu cabelo escuro —, Burke tem ajudado. Estou apenas secretamente junto para o passeio, desde que ainda sou *persona non grata* no que diz respeito à Contenção.

— Você encontrou alguma coisa? — perguntou Liam.

Burke balançou a cabeça. — Há mais placas na cidade, mais outdoors pintados. Assentamentos não óbvios.

— Então eles estão espalhados — disse Liam.

— Esse seria meu palpite. Provavelmente por toda a cidade... Eles podem espalhar a resposta da Contenção dessa maneira, causar estragos em uma área maior. — Burke olhou para Malachi. — Você teve alguma sorte?

Todos nós olhamos para Malachi, e eu apenas percebi o aspecto sombrio de suas feições.

— O que há de errado? — perguntei baixinho, mas ele olhou para Erida, mantendo os olhos no rosto dela.

Malachi tirou o casaco, revelando uma mancha de sangue em sua camiseta que ainda parecia fresca.

— Oh meu Deus! — disse Darby, correndo para ele. — O que aconteceu? Quero dizer, além do fato de que você foi baleado — acrescentou ela pelo seu olhar seco.

— Encontrei um bando deles. Uma dúzia de jovens humanos, todos homens, alguns com armas. Eles usavam roupas de rua, mas faziam seus cantos de Reveillon. Eles percorriam a vizinhança como vigilantes, procurando por seus presumíveis traidores.

— Você os enfrentou — falei, enquanto Darby entrava no quarto dos fundos.

Malachi olhou para mim. — Sim.

— Foi uma decisão sábia? — perguntou Liam. Malachi deslizou seu olhar para Liam, e não havia nada especialmente amigável nele. — Na minha posição, o que você teria feito?

Uma vez que ambos éramos tão alfas quanto possível, Liam inclinou a cabeça, reconhecendo o ponto.

Darby voltou correndo, um kit de primeiros socorros na mão. — Deixe-me dar uma olhada nisso. Tire a camisa.

— Só foi de raspão — disse ele. — Isso é desnecessário.

Quando Darby apenas olhou para ele, Malachi puxou a camiseta sobre a cabeça.

Eu me perguntei se Liam estava ciente de que ele havia se aproximado, como se houvesse um risco real de que eu pularia em Malachi quando ele tirasse a camisa. Seu corpo, enquanto perfeitamente definido, não foi a surpresa. Foram as cicatrizes em seu peito e abdômen, onde ele parecia ter sido cortado ou queimado repetidamente.

Os Paras do Consularis foram forçados a lutar. Malachi nos disse que ele conseguiu superar a compulsão, mas não antes de travar alguma guerra. Eu me perguntei se aquelas cicatrizes eram daquela luta, ou por causa do seu tempo no Outro mundo.

Darby não parecia surpresa, mas o moveu para mais perto da luz de velas, fazendo ele se sentar na beira da mesa.

— Eu poderia ligar as luzes do teto? — ofereci.

— Melhor se elas estiverem desligadas — disse Burke. — Isso atrai menos atenção, o que é melhor.

— Eu consigo fazer assim — disse Darby, franzindo a testa enquanto usava uma tesoura para cortar um pedaço de gaze. — Não é a primeira vez.

Imaginei que todos nós tivemos nossas experiências de guerra.

— Então, o que aconteceu com os humanos? — perguntou Erida enquanto Darby trabalhava.

A expressão de Malachi permaneceu dura. — Tentei ensiná-los boas maneiras de forma razoável. A maior parte deles se espalhou quando perceberam que não seria uma luta justa. — Ele sorriu, mas o olhar era mais assustador do que alegre. — Deixei alguns inconscientes, então eu ativei o monitor mágico e os deixei para a Contenção.

— Bom — disse Liam, e desta vez Malachi fez a inclinação.

— Então, qual é o plano? — perguntou Darby, fechando o kit quando terminou de colocar a bandagem na ferida de Malachi. — Nós não podemos apenas ficar por perto e vê-los destruir a Zona.

— Na verdade, nós temos um pedido — disse Liam. — Dois dos fugitivos de Reveillon atacaram Eleanor e Moses hoje; eles acham que ela é uma Sensitiva. O que significa que Ezekiel acha que ela é uma Sensitiva.

— Eles vão tentar atacá-la novamente — disse Burke, e Liam assentiu.

— Eleanor não deixará a Ilha do Diabo sem Moses. Então precisamos da ajuda de vocês. Precisamos tirá-lo da Ilha do Diabo.

* * *

A igreja ficou absolutamente silenciosa.

— Você quer tirar um Paranormal da Ilha do Diabo? — perguntou Darby.

— Sim — disse Liam. — Moses. Ela não vai embora sem ele. Ele quer ir. Assim...

— E como você propõe fazer isso? — perguntou Malachi.

— É por isso que estamos aqui — disse eu. — Nós esperávamos que vocês nos ajudassem.

O silêncio pairou pesadamente na sala.

— Você está falando sobre traição — disse Burke calmamente. — Eu não deveria estar ouvindo isso. Quer dizer, eu não vou sair. Não quando está ficando interessante. Mas eu não deveria estar ouvindo isso.

— Eu ouvi você — disse eu, e olhei ao redor da sala. — Cada um de nós é um prisioneiro em potencial. Burke e eu, porque somos sensitivos. Malachi, porque é da Consularis. Todos nós porque somos simpatizantes, porque trabalhamos e nos comunicamos com os Paras, os ajudamos. Nós todos poderíamos ser presos agora mesmo... Então não vamos fingir que essa é a primeira vez que quebramos a lei. E não vamos usar isso como desculpa.

Olhei para Burke. Todo Sensitivo tem um poder único. Eu poderia mover as coisas. Burke poderia se tornar invisível. — Você poderia escoltar Moses usando sua invisibilidade? Quero dizer, torná-lo invisível, então ele basicamente sairia da Ilha do Diabo?

Burke franziu a testa e balançou a cabeça. — A magia me faz invisível, e mais ninguém. E eu ativaria os monitores mágicos.

— Mas suas roupas desaparecem — apontei. — Elas não são inerentemente mágicas. — Muito pelo contrário, já que eram uniformes da Contenção.

— Elas se tornam parte de mim, é o meu entendimento da magia. O problema é que não posso expandir a magia além disso para abranger outra pessoa.

— Talvez você pudesse fazer algo sobre isso. — Todos nós olhamos para Erida, que observava Malachi. Então todos nós olhamos para Malachi.

— Você poderia? — perguntei, e pensei em nossa prática em Argel Point, a maneira como ele usou sua magia naquela pinha mais pesada. — Melhorar a magia de Burke? Ampliá-la para que possamos tornar alguém mais invisível também?

Ele franziu a testa. — Nunca tentei aplicá-la ao poder de um Sensitivo. — Ele olhou para Burke, considerado. — Se eu estivesse perto o suficiente, e nós nos movêssemos rápido o suficiente.

— Com que rapidez? — perguntou Liam.

— Minutos? — sugeriu Malachi. — Ele ainda é um Sensitivo. Não queremos expor demais a magia do Sensitivo.

Burke cruzou os braços, atormentando o lábio com dois dedos. Todos nós faríamos nosso papel, mas Burke estaria correndo um grande risco. Depois de um tempo, ele olhou para Malachi. — Teríamos que testar. Fazer com que isso realmente funcione.

— Não tenho objeções a isso — disse Malachi.

— Tudo bem — disse Burke. — Mas isso ainda não aborda os monitores. Se eles ativarem, a Contenção fechará o portão, e nenhum de nós irá a lugar algum.

— Acho que podemos lidar com os monitores — disse eu, e olhei para Liam. — Moses é muito, muito bom com eletrônicos.

— Um monte de peças em movimento — disse Darby. — Você tem que desligar os monitores. Malachi tem que estar no lugar certo para afetar Burke. Burke precisa se concentrar em sua magia.

— Poderíamos levar Eleanor ao mesmo tempo — disse Liam. — Dessa forma, Claire e eu estaremos com vocês apenas caso algo aconteça.

— E se conseguirmos fazer isso? — perguntou Burke. — Tirá-los de lá. O que então?

Olhei para Malachi. — Quando a Contenção estabeleceu a Ilha do Diabo pela primeira vez, começou a mover os Paras para as prisões, aposto que você tinha um jeito de levar os Paras do Consularis para fora da cidade e pelo rio.

Malachi me observou cuidadosamente por um momento. — Havia rotas a serem seguidas.

— Então usamos essa tática aqui. Se é o que eles querem fazer, podemos movê-lo – ou os dois – de um lugar para outro. Poderíamos usar o Royal Mercantile, já que é a parada mais próxima da prisão. Então do Royal Mercantile para cá.

— Para o Bayou — disse Liam, assentindo. — Isso é uma possibilidade. Há a cabana no Bayou Teche. Não estive lá em anos, mas é uma possibilidade. Precisa haver arranjos. Seus cuidados médicos, levar suprimentos para eles.

— Nós temos mecanismos para o fornecimento de ajuda — disse Malachi. — Se Moses está com ela, e considerando a sua magia, existem procedimentos que podemos usar. Eles também são nosso povo. — Ele olhou para mim. — Se é isso que eles querem fazer.

A traição nunca foi tão boa.

* * *

Conversamos por três horas. Debatendo, reavaliando e tentando planejar todas as complicações, porque o plano já era perigoso o suficiente.

— Burke encontrará Liam e eu na casa de Eleanor ao meio-dia — disse eu. — É quando a guarda muda de turno, o que nos dá um pouco de flexibilidade. Malachi dirigirá sua magia de um ponto alto fora do portão. Usamos um carro utilitário, dirigimos Moses e Eleanor para fora da Ilha do Diabo e até a loja, onde eles vão esperar até que a barra esteja limpa. Gavin os levará para a igreja, onde Darby estará esperando.

Ela assentiu.

Olhei para Malachi e Erida. — E você vai levá-los para a cabana de Quinn em Bayou Teche.

— Nós vamos — disse Erida.

— Não direi nada a Gunnar — disse eu, a propósito de nada, mas porque estava me incomodando. — Acho que não.

— Porque você acha que ele não é confiável? — perguntou Darby.

— Porque eu sei que ele é, e isso o coloca em um ponto impossível. Ele não pode fazer o trabalho dele e o nosso também. E, francamente, nós provavelmente precisaremos dele naquele lugar antes que tudo isso seja dito e feito. Mas precisarei dizer para Tadjì — percebi. — Não posso levá-los à loja – colocá-la no meio – e não lhe dar a verdade.

— Ela vem de uma longa fila de pessoas de confiança — disse Malachi, provavelmente pensando na mãe de Tadjì, que foi fundamental para fechar o Véu. — E tem um medo saudável de magia.

— Todos nós temos medo de muitas coisas hoje em dia — disse Liam. — E falando nisso, devemos voltar para a loja. — Ele olhou para mim. — Vou

deixá-la e, em seguida, quero verificar em Eleanor e Moses, verificar se o novo guarda chegou.

Assenti.

— Eu posso ficar com Claire na loja — disse Malachi. — Trabalhar com ela em sua magia até você voltar.

Eu não estava certa da resposta que Liam esperava, mas ele não parecia entusiasmado com a oferta de Malachi.

— Você e Burke não precisam praticar?

— Nós precisamos — disse Burke, levantando-se e empurrando a cadeira para trás. — Mas preciso fazer alguns arranjos, se eu estarei correndo ao redor da Ilha do Diabo. Na verdade — acrescentou, olhando para mim —, se estiver tudo bem com Claire, poderíamos praticar na loja, já que é isolada.

— Tudo bem por mim — disse eu. Melhor do que bem, pois me daria a chance de assisti-los praticando juntos. Quanto mais eu aprendesse sobre magia, melhor para todos nós.

— Você quer uma carona para a loja? — perguntei a Malachi, e ele balançou a cabeça, desdobrando suas asas.

A luz das velas brilhava através delas, fazendo-o parecer uma criatura de luz. — Eu tenho meu próprio meio de transporte.

Ele acenou para cada um de nós, em seguida, desapareceu pelos fundos da igreja.

— Ele acha que eles não vão vê-lo? — perguntou Liam calmamente. — Ou ele quer a luta?

— Ambos — disse Erida. — Ele é quem ele é e prefere não fingir o contrário. É por isso que a Ilha do Diabo é ineficaz para ele. A Contenção quer que os Paranormais sejam humanos... Sem magia, impotentes.

Mais uma razão para fazer o que planejamos. Talvez pudéssemos começar uma mudança.

* * *

Já era tarde quando Liam me deixou. Malachi já estava debaixo da sacada, esperando por nós, e a loja estava escura, exceto por uma pequena lâmpada atrás do balcão.

— Eu voltarei — disse Liam, e eu não estava certa se era uma promessa ou uma ameaça.

— Tenha cuidado — disse eu, e observei as luzes da caminhonete desaparecerem na Royal.

— Vamos entrar — disse Malachi, esperando até eu entrar na loja, em seguida, fechando a porta atrás de nós, trancando as fechaduras.

Entrei atrás do balcão, procurando a nota que me asseguraria que Tadjí estava segura, e a encontrei ao lado do bloco de recibos.

Exausta. Gavin vai para a minha casa até Burke chegar. Fique segura.

Bom. Uma coisa a menos para me preocupar.

— Quero algo para beber — disse eu, e olhei para Malachi, que estava pegando uma caixa de fita adesiva colorida, olhando como se fossem joias exóticas. Ele vasculhou os objetos aqui, assim como fez no andar de baixo. Da mesma maneira que Nix, a Paranormal que nos traiu, fizera uma vez.

— Você gostaria de alguma coisa?

Ele balançou a cabeça, então peguei uma garrafa de água, e encontrei-o esperando na parte inferior das escadas.

— Vamos ver a sua magia?

— Lidere o caminho — disse eu com um floreio.

Eu o segui até a sala de armazenamento do segundo andar. Ele acendeu a luz e se moveu imediatamente para a caixa de magia descartada.

— Bom — disse ele, deslizando os dedos, mas não tocando a superfície.
— Você está se desfazendo dela.

— Tenho muito incentivo — disse eu. — Tenho trabalhado em usar minhas emoções para controlar minha magia. Como você sabia que eu seria capaz de fazer isso?

Malachi sorriu. — Eu não sabia.

— Não sabia?

Malachi apenas deu de ombros, um movimento surpreendentemente humano. — Magia não é inerente aos humanos, e não me comuniquei com muitos sensitivos em relação às suas habilidades. Eu não tinha certeza do que aconteceria. — Ele inclinou a cabeça. — O que aconteceu?

— Isolamento, eu acho. Posso usar as emoções para cercar a magia, persuadi-la a fazer o que eu quero.

Ele pareceu intrigado. — Você pode me mostrar?

— Posso tentar. — Usei raiva antes, mas não me sentia especialmente irritada agora. Senti-me insegura. Cansada, culpada e impaciente. Esse era um tipo diferente de emoção, mas talvez ainda poderosa o bastante para fazer a magia funcionar do jeito que eu queria.

Olhei em volta, considerei minha caixa de magia. Estreitei meu olhar, concentrei-me nisso, reuni a culpa e a tristeza que eu senti na Ilha do Diabo hoje. Onde a emoção que eu usara antes fora frenética, ferida, isso era mais como um xarope lento. Então, quando puxei magia do ar, foi como arrastar as cordas da magia através do líquido, diminuindo sua vibração, encurralando seu fogo. Eu desenrolei as cordas em direção à caixa, envolvi-as de novo e de novo, até ter dado voltas o suficiente na magia para levantá-la.

Mesmo assim, foi difícil. A caixa estava cheia de magia. Minha própria culpa, por derramar-se nela. Mas se isso era o que eu precisava fazer para permanecer viva...

Suando por causa do ar quente da sala, levantei as espirais de magia e a caixa tremeu no ar, alguns centímetros, depois um pé. Deixei pairar por um momento, concentrando-me em mantê-la nivelada e imóvel. O suor escorregou pelas minhas costas com o esforço; era pequeno, mas parecia tão pesado quanto Malachi fora em Argel.

Com os dedos cerrados em concentração, troquei de novo as bobinas, lentamente e abaixei a caixa para a escrivaninha. Aterrissou com um baque pesado, sacudindo a cômoda abaixo dela.

— Preciso trabalhar para aderir ao pouso — disse eu, respirando pesadamente agora.

Malachi olhou para o espaço entre eu e a caixa, como se ele pudesse ver os fios invisíveis de energia que nos uniu. Ele olhou para mim. — Há tristeza no ar, e isso pesa a magia.

Isso descreveu exatamente, então balancei a cabeça, tentando recuperar o fôlego. — Então o efeito será diferente para emoções diferentes?

Outro aceno de cabeça. Ele olhou por outro momento, então caminhou até mim, ao meu redor, atrás de mim. Eu podia sentir o calor de seu corpo grande.

— Vou testar você — disse ele atrás de mim. — Use suas emoções, se achar necessário, para manter o equilíbrio.

Antes que eu pudesse argumentar, ele passou os braços em volta de mim e entrelaçou nossos dedos. Calor pulsava da conexão de nossos corpos, afrouxando a tensão e limpando a preocupação e o medo.

Flutuei na sensação, meus olhos se fechando. Eu me inclinei contra ele, minha cabeça caindo contra o peito largo.

Lá no casulo da magia, ele cheirava a sempre-vivas e ar fresco, como montanhas de Blue Ridge que os anjos proclamaram durante a guerra. Mesmo que meu coração estivesse ocupado por Liam Quinn, impossível ou não, o poder e o magnetismo de Malachi eram inegáveis. E então seus lábios estavam em minha têmpora, sua respiração firme, mas agora mais rápida, e me aliviou saber que não era a única afetada pela magia, pelo derramamento e pelo giro ao nosso redor, inebriante e poderoso.

Eu estava sendo seduzida pela magia.

Realização me encharcando como água fria, me afastei, colocando espaço entre nós, e depois olhei para ele. Ele me observou, encarando.

— Você fez isso de propósito.

Sua expressão não mudou. — Sim.

Engoli em seco. — Por quê?

— Para avaliar sua reação emocional... E porque eu queria ver como era. — Meu olhar voltou para o dele, e ele olhou para mim com a mesma expressão de perplexa fascinação.

A expressão de um Paranormal tentando decifrar um humano, ou de um homem tentando decifrar uma mulher?

Perigo, foi a palavra que veio à minha mente. Perigo glorioso, intrigante e misterioso. Um tipo de perigo que eu não enfrentara antes – não exatamente. Prejudicial ou não, eu sabia o suficiente sobre Paranormais para ser cautelosa, e pensar que ter sentimentos por um anjo me derrubaria.

Eu era humana e podia sentir atração, mas não fui escravizada por isso. Talvez essa também fosse uma lição a aprender.

Sua expressão ficou novamente inexpressiva quando o clima no quarto mudou. — Você tem sentimentos por ele — disse ele, aparentemente achando desnecessário dizer o nome de Liam.

E sim, eu tinha sentimentos complicados por Liam Quinn, e ele provavelmente diria o mesmo sobre mim. Mas... — Não importa — disse eu.

— Por quê?

— Porque ele acha que pode ser ele a me levar para a Ilha do Diabo. Porque está sendo honrado.

Eu podia ouvir a amargura na minha voz. Malachi aparentemente também. — Você é melhor que isso, Claire.

Olhei para ele. — Isso significa o quê?

— Você seria rápida em dispensar a honra de um homem? Já viu o suficiente para saber com que frequência os humanos e os Paranormais desconsideram a honra pelo desejo, pelo ganho, pelo dinheiro. — Ele deu um passo mais perto, seu olhar contemplativo. — Você prefere que ele seja alguém que não é? Alguém despreocupado sobre o futuro? Sobre a sua liberdade?

Não gostei da resposta dele. E não gostei do que me fez sentir sobre mim mesma. — Não. Mas ainda não é justo.

— A vida raramente é, no seu mundo ou no meu.

Balancei a cabeça. — Como são os relacionamentos no Outro mundo? Vocês têm namoro? Romance?

Ele pareceu surpreso com a pergunta. — Claro. Mas não como aqueles aqui, os quais são... Complicados. Os Consulares se orgulham da estabilidade.

Pensei no que Lizzie me contara. — E regras, eu entendo.

Malachi assentiu. — Nós valorizamos a ordem social.

— E a corte não?

Seu sorriso não era especialmente alegre. — Todas as criaturas valorizam a ordem; é uma parte inevitável da existência. A única coisa que difere é onde eles colocam seus aliados e eles mesmos dentro dessa ordem.

Eu não podia argumentar com isso, já que era precisamente o plano de Ezekiel. Talvez não toda a sua motivação – se colocar no comando – mas certamente deixar a Contenção fora de controle. E eu precisava estar mais preparada para isso do que estava agora.

— Vamos praticar de novo.

Suas sobrancelhas levantaram.

— Não é esse tipo de prática. Vamos trabalhar no isolamento da minha magia. Em melhorar meu controle.

— Certo. — Ele caminhou para o outro lado do quarto e sorriu habilmente. — Levante-me.

* * *

Consegui fazer com que Malachi ficasse a oito centímetros do chão duas vezes. A essa altura, minhas pernas estavam balançando com a exaustão e o excesso de magia – o que parecia uma combinação perigosa.

Soltei-me novamente, olhei para ele do meu lugar no chão. Eu senti como se tivesse corrido três maratonas, e provavelmente parecia. Ele foi baleado e ainda parecia pronto e capaz de liderar uma guerra.

— Magia é cansativa — disse eu. — Não posso simplesmente atirar neles?

— E se você não tiver uma arma?

Levantei o punho. — Soco cruzado. — Embora o pensamento dele enviasse dor fantasma através dos meus dedos.

— E se isso não for suficiente?

— E se houver um monitor mágico? — respondi.

— Uma arma vai matar — disse Malachi. — Mas uma arma não lutará contra a magia. — Ele verificou o relógio de pêndulo mais próximo dos vários na sala. — Burke estará aqui em breve. Mas é importante que você aprenda a usar sua magia mesmo quando estiver cansada.

— Eu sei, eu sei. Menos que ótimas condições.

Ele assentiu e conseguiu um sorriso. — Mais uma rodada.

— Tudo bem — disse eu. — Mas me ajude. — Estendi a mão.

Ele havia acabado de atravessar a sala e me puxado para os meus pés quando a voz de Liam soou na porta. — Estou interrompendo?

Olhei para trás. O olhar de Liam estava no homem cuja mão ainda segurava a minha, e não havia nada especialmente educado nele. Parecia hostil, e com ciúme.

Não me senti mal com isso.

Malachi e eu nos afastamos um do outro.

— Sua avó? — perguntei.

— Ela está coberta para esta noite, e pronta para partir amanhã. Assim como Moses.

— Bom — disse eu.

Liam assentiu, mas seu olhar permaneceu em Malachi. Malachi, que sabia exatamente o que havia na terra, andou ao meu lado. Agora quem brincava com quem?

— Você parece estar segura também. Burke está aqui — disse Liam, sem esperar por uma resposta. — Ele está tomando água. Ele subirá em um momento.

— Ótimo — disse eu, e olhei para Malachi. — Mais uma rodada?

— Acho que você poderia descansar um pouco — disse ele, e Liam franziu o cenho até que Burke entrou na sala.

Também não me senti mal com isso.

* * *

Eu queria assistir a prática de Burke e Malachi, mas eu estava exausta. Então, deixei-os trabalhando e desci para pegar minha própria água.

Liam estava sentado à mesa, com a 44 à sua frente, junto com óleo e um pano de limpeza. Ele olhou para cima, me vendo entrar na cozinha. — Como foi a lição?

— Educacional, assim como da última vez.

Quando olhei por cima da geladeira, ele estava na porta. — Ele está manipulando você.

— Eu sei. — *E não sou a única a ser manipulada*, pensei. Malachi sabia onde eu estava, e sabia onde Liam estava, e estava manipulando Liam com emoção da mesma maneira que ele manipulava com magia.

— Se você sabe, então por que está deixando-o fazer isso?

Peguei uma garrafa de água, e bati a porta. — Eu lembro a você que foi sua ideia me levar até a Ilha do Diabo e me apresentar a um Paranormal que poderia me ensinar como usar minha magia.

— Não esse Paranormal.

— Por quê? Porque ele é gostoso?

Liam franziu o cenho.

— Quem mais pode fazer isso? Erida? Eu nem sequer a conheço, e ela já me dá um olhar feio. Nix? Não, porque ela é uma cadela traidora.

— Burke — sugeriu Liam.

— Então o cego pode liderar o cego? Não preciso de outro Sensitivo. Preciso de um Paranormal que saiba que a magia é uma coisa viva, respirando.

— Sim, ele sabe exatamente o que está fazendo.

Liam deixou seus limites claros, e até mesmo Malachi exigiu que eu respeitasse essa linha. Ambos estavam certos. Mas eu também tinha uma linha e Liam estava perigosamente perto disso. Andei até ele e olhei em seus olhos ferozmente azuis. — Ele sabe o que está fazendo, e eu também. Ninguém é ingênuo aqui, Liam. Estamos todos fazendo o melhor que podemos em circunstâncias ruins.

Liam sacudiu a cabeça e desviou o olhar.

Respirei fundo. — Eu disse que você não confia em mim. Isso foi errado da minha parte e me desculpe. Eu sei que você confia em mim, e sei que não é tão simples.

Ele piscou, e assim mesmo, a respiração saiu mais profunda. — Droga, Claire.

A frustração soou em sua voz. Fiquei feliz por não ser a única.

— Boa noite, Liam — disse eu, e deslizei ao redor dele, deixando-o sozinho no escuro.

Capítulo 18

O prédio estava livre de homens e anjos quando acordei, e não havia anéis de fumaça ou marcas de queimaduras na sala de armazenamento. Mas encontrei uma nota de Malachi confirmando que o plano estava pronto.

Eu estava de mau humor. Este seria um grande dia – um dia perigoso – e tudo parecia desequilibrado. Liam e eu caímos em um bom ritmo. Mas ontem à noite, as coisas mudaram novamente.

A loja estava aberta quando desci, meu tornozelo não doía enquanto eu caminhava, e percebi o cheiro de limão no ar. Tadjí estava no balcão, polindo-o com spray de mobília. Peguei uma sacola de grãos de café de uma cesta ao longo de uma parede e depois fui para a cozinha.

— Liam foi à Ilha do Diabo — disse ela.

Ele prepararia Eleanor e Moses, imaginei enquanto abria a sacola e derramava o café no moedor. Apertei o botão.

— Se você está fazendo café, a merda está prestes a ficar real.

Nós não tomamos café regularmente, então não bebo muito frequentemente. A última coisa que eu precisava era de outro vício em alguma coisa que eu não poderia ter. Considerando o que enfrentaremos hoje, eu fiz uma exceção.

— Real como sempre foi — disse eu, colocando grãos no filtro. — Tem mais alguém na loja?

— Não agora. Por quê?

— Vá trancar a porta, vire a placa. Precisamos conversar.

Ela pareceu surpresa com o sigilo, mas não com o pedido. Quando voltou, a cafeteira começou a tremer e eu estava sentada à mesa.

— Tudo bem — disse ela, sentando-se à minha frente. — Não me poupe. Apenas fale.

— Eu vou ajudar a Delta a tirar Moses da Ilha do Diabo. Vamos trazer ele e Eleanor aqui, e então eles serão escoltados para fora do Quarter, e eventualmente para uma casa segura.

Ela olhou para mim. — E quando isso acontecerá?

— Hoje. Ao meio-dia.

— Por causa do ataque de ontem?

Assenti. — Liam quer tirar Eleanor. Reveillon acha que ela é uma Sensitiva, então é provável que eles voltem. E ela não sairá sem Moses.

Tadji assentiu, olhando para os dedos que ela entrelaçara na mesa, mexendo nervosamente na unha do polegar.

— Fodendo humanos e fodendo Paranormais e fodida magia.

— Quase isso, sim.

Ela olhou para cima. — Eu acho que tinha isso vindo quando me inscrevi para cobrir sua bunda na loja.

— Você provavelmente deveria ter visto isso chegando — concordei com um sorriso. — Mas não quero que você faça qualquer coisa com a qual não se sinta confortável. Se isso é mais complicado do que você quer, você poderia se concentrar em entrevistas por alguns dias, ou talvez visitar sua mãe.

Ela colocou as duas mãos na mesa e me olhou com um olhar que teria assustado uma Seelie. — Por mais que eu tenha evitado cair no mundo da magia, eu estou nele. Não estou dizendo que estou pronta para participar ativamente, mas certamente não me esconderei atrás da sua saia. Além disso, eu gostaria de conhecer Eleanor Arsenault.

Os olhos dela brilharam. — Você acha que eu poderia entrevistá-la?

— Eu não acho que ela ficará aqui por muito tempo. Somos um drive-through de fast food dentro do maior plano de escape. Mas tenho certeza que quando ela se estabelecer, ela adoraria falar com você. Eu deveria ter apresentado vocês duas antes.

Mas Tadji balançou a cabeça. — Isso teria exigido que eu entrasse na Ilha do Diabo. Não, obrigada.

— Irônico que você diga isso, porque estou prestes a andar de boa vontade lá. Eu disse a Lizzie – ela é a responsável pela clínica – que eu a ajudaria hoje.

Seus olhos se arregalaram. — Não é aonde os espectros vão? E os sensitivos?

— É. É a coisa certa a fazer.

— É melhor você tomar duas xícaras de café.

Eu me levantei para voltar para a cozinha, e quase gritei quando vi Erida na porta de trás. — Jesus, você me assustou. O que você está fazendo aqui?

Suas sobrancelhas perfeitas se ergueram. — Estou aqui para proteger você e a loja até que o pacote chegue.

Não fiz as contas, nem pensei no fato de que Gavin, Liam, Malachi e Burke estariam ocupados. Estou feliz que alguém tenha feito.

— Obrigada — disse eu. — Eu agradeço muito. Tadj, esta é Erida. Erida, Tadj. Estamos fazendo café. Gostaria de um pouco?

Ela poderia ter sido uma deusa da guerra, mas não havia dúvidas sobre o desejo em seus olhos.

* * *

Era cedo, e a Ilha do Diabo estava quieta. Alguns galos cantando, uma mulher pendurava roupas coloridas em um varal, uma criança comendo o que parecia ser uma barra de granola em uma varanda, enquanto vozes discursavam na casa atrás dela. Não havia sinal de nenhum membro remanescente de Reveillon, e o prédio de armazenamento era agora uma casca escura e úmida.

Usei meu passe para passar pelo portão da Ilha do Diabo e deixei os guardas inspecionarem a caixa de suprimentos que eu trouxe para Lizzie. E então eles me apontaram para a pessoa mais pálida que eu já vi, exceto que chamá-la de *pálida* na verdade não definia. Embora houvesse um elemento branco transparente na pele, era completamente translúcido.

Era alta e magra, com cabelo curto e claro, queixo pontiagudo e olhos cor de lavanda. Usava roupas cor de rosa como as que Lizzie preferia, e carregava uma grande bolsa de náilon com caduceu de um médico de um lado. Suprimentos médicos, provavelmente.

— Claire — disse ela, dando um passo à frente. — Eu sou Vendí. Lizzie me pediu para encontrá-la.

— Oi — disse eu, acomodando a caixa e oferecendo uma mão livre.

— Você gostaria que eu levasse isso para você?

Ofereci um sorriso. — Eu estou bem, obrigada.

Ela gesticulou a direção a tomar, e nós andamos pela rua, passando por pilhas de detritos do bombardeio e da reconstrução.

— Você gostaria de tirar a questão do caminho?

— Eu adoraria — disse eu —, exceto que não tenho ideia do que dizer ou perguntar. Você é uma maravilha anatômica.

Ela bufou. — Essa é uma das coisas mais legais que os humanos disseram sobre mim. Nós nos chamamos Xanas no Outro mundo. Vivemos na escuridão, então nossa pele nunca desenvolveu pigmento.

Assenti. — E você é uma médica na clínica?

— Enfermeira — disse ela. — E gerente de escritório e geral, a pessoa que faz as coisas acontecerem. — Ela olhou para o meu pacote. — O que há na caixa?

— Algumas coisas que Lizzie pediu para eu trazer. Sal, alguns doces duros. É o que tenho em mãos.

— Legal. E você está aqui por culpa ou ordem judicial?

A pergunta me fez piscar, e levou um momento para perceber que não era para ser rude – ou não inteiramente – mas prático. Essas eram provavelmente as duas principais razões pelas quais a clínica recebia voluntários.

— Nenhuma ordem judicial. Dez por cento de raiva, talvez sessenta por cento de culpa.

— Quais são os outros trinta por cento?

Ser Sensitiva. Provar a mim mesma que eu poderia lidar com a minha magia, parte da qual parecia reconhecer a existência da clínica, lidando com isso.

— Isso é mais pessoal — disse eu. Eu podia sentir o olhar curioso de Vendi, mas não estava prestes a derramar meu segredo para uma estranha.

Quando viramos em uma rua lateral, olhei em volta, confusa. — Este não é o caminho para a clínica, não é?

— Na verdade, não vamos ficar na clínica hoje — disse Vendi. — Depois de ontem, está apertado lá.

— Então, o que eu vou fazer?

Ela sorriu. — Você fará visitas nas casas comigo.

— Oh — era tudo que eu conseguia pensar em dizer. Eu ficaria feliz em não ir à clínica, mas teria que definir minhas perspectivas.

— Isso é um problema para você?

— Será um problema para Paras? Eu entrar nas casas deles?

— Nós vamos descobrir — disse ela. O que não inspirou muita confiança.

* * *

Nossa primeira casa era uma casa de campo crioula, as paredes cor-de-rosa brilhantes com janelas com venezianas brancas. A pintura estava descascando, mas havia vasos de plantas no pequeno alpendre e alguns brinquedos gastos perto da porta.

— Você pode deixar a caixa nos degraus — disse Vendi, apontando para um ponto.

Larguei a caixa e fiquei atrás dela, tentando não me mexer enquanto eu esperava. Eu não tinha ideia do que ia ver ou ouvir lá dentro, o que me deixava igualmente desconfortável e excitada.

Vendi bateu à porta. — É Vendi da clínica — disse ela. — Estou aqui para verificar Thora.

A porta se abriu e fomos varridas para dentro em uma onda de conversa e barulho. Três garotinhas com corpos atarracados, pele lisa e verde-

acinzentada e cabelos escuros nos cercavam, conversando animadamente com Vendi em uma língua irreconhecível. Pareciam duendes do livro de contos de fadas de uma criança, mas saíam e conversavam como crianças.

O chalé era pequeno e a sala da frente era uma cacofonia igual de sons, aromas e cores. O ar era perfumado por algo esfumaçado e quente, e as paredes estavam cobertas de cartazes de filmes americanos, capas de discos, bandeiras e contas de Mardi Gras. Todas as outras superfícies eram igualmente coloridas – tapetes no chão, cobertores e tapeçarias nos sofás, panos nas mesas.

— Vendi! — Um homem de baixa altura e cintura larga entrou na sala, sua pele da mesma cor das garotas que esvoaçavam ao redor de Vendi.

— Olá, Nedra — disse Vendi, oferecendo a mão. — Esta é Claire. Ela está me ajudando hoje.

— Uma convidada! — disse Nedra, e me levou a uma cadeira coberta de colchas e cobertores. Sentei-me e um pequeno copo de líquido foi colocado em minhas mãos.

— Appa — disse Vendi. — Uma bebida tradicional de saudação.

Bebi, e fiquei agradavelmente surpreendida com o sabor suave e queimadura quente. — Isso é delicioso, obrigada! — Mas coloquei a mão na minha garganta quando a queimadura se intensificou. De repente, foi como beber molho de tabasco.

— Isso dá um chute — chiei quando Nedra pegou meu copo, colocando-o em uma mesa lateral.

— Como uma mula — concordou Vendi. — Geralmente um é o suficiente.

Uma mulher entrou, menor que Nedra, maior que as meninas. Ela usava uma bengala, favorecendo seu lado esquerdo.

— Olá, Thora — disse Vendi. — Como você está se sentindo?

— Bem — disse Thora, sua voz levemente acentuada. — Dói hoje.

Vendi assentiu, guiando-a para uma cadeira. Depois de calçar as luvas, ela começou a remover ataduras da perna direita de Thora.

Havia um corte horrível que chegava quase do joelho até o tornozelo, com as bordas vermelhas e inchadas.

— Ferro frio — disse Vendi, olhando para mim. — Uma ferida que ela recebeu sete anos atrás. Se ele não matar, lesiona permanentemente.

Eu não sabia o que dizer. Tanto a simpatia como a desculpa parecia indulgente. Então assenti e fiz o que estava aqui para fazer. — Posso ajudá-la com instrumentos ou qualquer coisa?

Vendi sacudiu a cabeça. — Eu tenho isso — disse ela, e aplicou uma pomada na perna ainda ferida de Thora, substituindo o curativo.

— O sal não ajudou?

Thora balançou a cabeça. — Não com a dor.

— Claire trouxe um pouco de sal novo, então talvez tenhamos sorte.

Thora olhou para mim, assentindo. — É apreciado.

Talvez pensando que eu tinha conexões, Nedra olhou para mim. — Você sabe sobre este Reveillon?

— Eu sei um pouco.

— Conte-nos sobre isso.

Olhei para Vendi, que sorriu. — Diga o que você acha que eles merecem saber.

Se eu estivesse aqui – e existisse a possibilidade de que eu estaria – gostaria de saber cada detalhe. Então dei a verdade.

— Há um pequeno exército de humanos que acredita que a magia está arruinando a Zona e tudo nela. Eles acreditam que a única solução é matar todos os Paranormais, dismantelar a Contenção e matar todos os humanos que estiverem envolvidos com a Contenção ou a Ilha do Diabo.

As perguntas começaram imediatamente, sendo atiradas em mim como dardos. Quantos estavam lá? A Contenção estava tentando encontrá-los? Haveria mais ataques?

Vendi assobiou estridente, o que acalmou o ruído.

— Não sei muito — respondi —, exceto que todo mundo está procurando por eles. Eles machucaram muitas pessoas e querem machucar muito mais. Acho que é justo dizer que eles são a prioridade da Contenção.

Isso não impediu as perguntas, é claro. Eu não sabia o quanto poderia ou deveria dizer, mas tentei manter o básico, repetindo a linha da empresa. E

quando percebi que repetia a linha de companhia – a linha da Contenção – parei.

Levantei a mão. — Eu não trabalho para contenção. Tenho uma loja no French Quarter, a cerca de uma milha daqui. Nós vendemos alimentos e suprimentos. Mas conheço pessoas que trabalham para a Contenção. Talvez vocês pudessem me dar uma lista de perguntas e eu poderia garantir que meu amigo as responderia? Eu poderia pedir a ele que obtivesse as respostas.

— Papel — disse Nedra, batendo palmas. — E uma caneta! Encontre-os!

* * *

Fomos de chalé a chalé, de Paras a Paras, conhecendo pessoas e famílias, verificando as condições de alguns que estavam doentes ou feridos, certificando-se de que outros recebiam nutrição suficiente. Cada família recebia uma porção de comida e as fichas da Ilha do Diabo, mas eles não se ajustaram bem a comida humana.

Vendi parecia confortável em todas as casas, capaz de navegar pelas culturas e circunstâncias únicas de cada família. Ela não hesitou em direcioná-los para mim quando fizeram perguntas sobre Reveillon. Alguns foram tão gentis quanto a família de Nedra. Outros estavam calados, desconfiados, obviamente zangados. Eu não tinha certeza se isso era porque alguns eram Consularis e outros da Corte do Amanhecer, ou se por eu ser humana os deixava igualmente zangados.

— Nós terminamos — disse Vendi depois de algumas horas, quando descemos de um lado da rua e voltamos. — Eu levo a caixa para Lizzie, e você pode seguir o seu caminho.

— Obrigada pela experiência — disse eu, entregando-lhe a caixa. — Foi muito educativo.

Vendi sorriu. — Bom. Você fez um trabalho aceitável para um humano. Decidi aceitar isso como um elogio.

* * *

Atravessei a vizinhança até o prédio de Liam, subi as escadas para o apartamento dele e bati na porta.

Quando ninguém atendeu, eu bati de novo.

A porta se abriu, e uma mulher me encarou.

Ela era elegante e da minha altura, com o cabelo curto e escuro em um corte que se inclinava em direção às maçãs do rosto afiadas. Suas sobrancelhas eram escuras, seus olhos luminosamente suaves, seus lábios rosados e cheios contra a pele clara. Ela usava uma blusa branca e jeans, mostrando as tatuagens pretas e prateadas que cobriam seus braços e peito.

Ela me olhou, uma sobrancelha perfeita levantada em diversão. — Sim?

— Quem está na... — começou Liam, então entrou na visão da porta, puxando uma camiseta por cima do abdômen, passando a mão pelo cabelo para endireitar novamente.

— Porta — terminou ele, ficando ao lado dela.

Eu não sabia quem era essa mulher, ou porque ela estava atendendo a porta de Liam enquanto ele se vestia. Nem era da minha conta. Mas isso não impediu a pontada de ciúmes que estava no meu peito. Eu *senti* como se tivesse uma reivindicação sobre ele, e uma reivindicação melhor do que a mulher vestida na porta.

Meu primeiro pensamento foi que ele estava se vingando das manobras de Malachi na noite anterior. Que Liam, em algum tipo de raiva de *eu vou te mostrar* havia encontrado uma mulher, voltado para o seu apartamento, e lhe dado um belo despertar. E isso me deixou absolutamente furiosa.

— Claire — disse Liam —, esta é Blythe.

Espere. Eu já ouvi esse nome...

Ela sorriu preguiçosamente, apoiando-se na porta. — Prazer.

— Claro — disse eu.

— Entre — disse Liam, e Blythe virou para o lado, com as mãos no ar, e esperou que eu passasse.

A memória veio à tona – a primeira vez que eu conheci Eleanor, ela perguntou sobre Blythe, que eu supus que era a namorada de Liam. Ele não

havia dito nada sobre ela naquela época ou desde então, e nunca vi nenhum sinal dela.

— Claire é dona da Royal Mercantile — disse ele, fechando a porta novamente. — Blythe é uma caçadora de recompensas. Ela também é a mulher que contratei para ficar de olho em Eleanor e Moses.

Claro que era ela, pensei, e senti uma pontada de alívio. Isso explicava por que ela estava na porta de Liam. Exceto... — Se ela está aqui, quem está na Eleanor?

— Gavin — disse Blythe. — Ele me liberou algumas horas atrás.

— Ele voltará conosco para a loja — disse Liam. — Ele queria estar junto para o passeio, apenas no caso. Como foi na clínica?

— Nunca cheguei lá, mas as visitas domiciliares que fizemos em vez disso foram bem.

— Você quer algo para comer? — perguntou Liam. — Algo para beber? — Ele olhou para mim enquanto perguntava, mas foi Blythe que caminhou até a cozinha do outro lado da sala.

— Eu adoraria algo... Obrigada — disse ela.

Ela puxou uma garrafa de água da geladeira, batendo a porta enquanto destampava a garrafa e tomava um gole. — Então, esta é Santa Claire? — perguntou ela, cruzando os braços enquanto se inclinava contra a borda da janela.

Lentamente, virei meu olhar para Liam. — Santa Claire?

— Minhas palavras, não dele — disse Blythe, empurrando a janela. — Ela é bonita — acrescentou, olhando para mim.

— Ela está na sala — apontei.

— *Blythe* — avisou Liam, mas ela o ignorou, sorrindo enquanto caminhava em minha direção e me mediu novamente.

— Está tudo bem, Liam. Somos adultas. Não somos, boneca?

— Sim, nós somos — disse eu, e peguei a garrafa da mão dela, bebi e devolvi para ela. — E prefiro Santa Claire a boneca.

Blythe sorriu apreciativamente. — Boa jogada.

Ignorei o elogio e deslizei meu olhar para Liam. — Você está pronto? É hora de ir.

— Ah sim — disse Blythe. — Hora do grande e nobre plano. — Ela caminhou até o bar, pegou uma jaqueta de couro gasto jogada em um banquinho e trocou a água por rum. — Esse é minha sugestão para sair.

Achei curioso que ele tivesse dito a ela. Mas então, novamente, ele confiava nela com Eleanor.

— Você não vai ajudar? — perguntei.

Ela puxou a jaqueta, levantando os olhos para os meus. — Eu trabalho para viver e gosto de trabalhar e viver. Não quero ser um inimigo da Contenção. Mas vocês se divirtam.

Ela caminhou até Liam e deu um beijo na bochecha dele. Parecia bastante casto, mas os dedos que ela cravou no peito dele disseram que ela estava pronta e disponível para mais. — Talvez da próxima vez — disse ela a ele com uma piscada e desapareceu, fechando a porta.

O silêncio que caiu entre nós se arrepiou contra a minha pele. Eu estava eriçada quando olhei para trás. Reivindicado ou não, não gostei de ser atormentada.

— Ela parece... — comecei, mas não conseguia pensar em um adjetivo muito bom.

— Blythe é muito boa no trabalho dela — disse Liam, mas sua voz estava tensa e a mandíbula cerrada. Ela não estava apenas me provocando; ela estava atraindo ele. Provocando-o, talvez, sobre o nosso relacionamento.

— Ela é confiável?

— Habilidades interpessoais à parte, eu confio nela completamente.

Eu deixaria para ele a parte da confiança. — Bom — disse eu, e caminhei até a porta. — Porque Malachi me deixou uma nota esta manhã, e nós estamos prontos.

Parei e coloquei a mão no peito dele, batendo meus cílios do jeito que Blythe fizera. — Talvez da próxima vez — disse eu, então entrei no corredor.

— Santa Claire, minha bunda — foi tudo o que o ouvi murmurar atrás de mim.

Quando saímos, um carrinho de golfe enorme estacionara em frente à casa de Eleanor. Três filas de assentos de plástico almofadados para o nosso prazer traiçoeiro.

No interior, Foster guardava o primeiro andar. Ele caminhou devagar e com cuidado para a sala quando Liam abriu a porta, nos verificando antes de dar uma passada para dizer olá.

Não me ocorreu que deixaríamos Foster sozinho em casa, e o pensamento dele andando ao redor de uma casa vazia me deixou insuportavelmente triste.

— Gavin vai levá-lo — disse Liam, agachando-se para arranhar o queixo de Foster. — Ele ficará bem sozinho por algumas horas até conseguirmos que Mos e Eleanor se estabeleçam.

— Bom — disse eu, quando Foster se aproximou de mim e esfregou o focinho contra a minha perna como um gato. — Estou feliz. Talvez ele possa ensinar algumas maneiras ao seu irmão.

Liam bufou. — Ele lutou contra uma deusa da guerra e viveu para contar a história. Não há como salvá-lo agora.

Subimos as escadas para o segundo andar e o corredor para o quarto de Eleanor, que foi arrumado depois do incidente de ontem. Ela estava sentada na cama, seus pés delicados apoiados em uma cadeira, cobertos por um cobertor apesar do calor.

Ela parecia um pouco melhor do que no dia anterior. Ainda pálida, e com um envoltório em torno do pulso, mas um pouco da cor voltou. Suas bochechas estavam rosadas com o que parecia ser empolgação.

Moses estava no meio do quarto, uma maleta de fivela à moda antiga no chão ao lado dele, seu couro era verde vibrante. Liam caminhou até Eleanor e beijou a testa dela.

— Onde está seu outro neto?

— Fazendo limonada — disse Gavin, aparecendo na porta da cozinha. Ele caminhou até Eleanor e entregou uma taça.

— Obrigada, querido. Claire, como você está esta manhã?

— Estou bem, obrigada. Como você está se sentindo?

Ela sorriu descaradamente, uma expressão que provavelmente transmitiu a Liam e Gavin. — Verdade seja dita, estou muito animada com a nossa aventura.

Assenti. — Estou animada também. — Nervosa tanto quanto excitada, mas não adiantava dizer isso. Nenhum ponto em fazê-la carregar tanto o meu medo quanto o dela.

— O que é isso? — perguntou Liam, apontando para a mala de Moses.

Moses olhou para baixo, com a testa franzida. — Meus objetos de valor. As coisas que consegui salvar da loja depois que ela queimou até o chão. — Ele levantou o queixo. — Se não posso levá-los comigo, vou apenas arriscar. Eu sou ágil.

Eu duvidava que ele fosse ágil em seu um metro e meio.

— E você não acha que o fato de correr por aí carregando uma mala pareceria suspeito? — perguntou Liam.

Moses estreitou os olhos. — Você está dizendo que não posso ter cuidado? Que não posso me esquivar e tecer com o melhor deles?

— Tenho certeza que você pode — disse Liam. — Mas hoje estamos em uma missão com um tempo curto. Se o guarda do portão decidir que ele quer procurar nas malas, imagino que ele tenha algumas perguntas sobre o que está nela e por que a Eleanor a carrega. E isso vai nos atrasar.

Moses rosnou.

— Você não pode levar a mala nesta viagem — disse Liam com firmeza. — Mas... *Mas* — acrescentou quando Moses mostrou os dentes —, se você deixar aqui, eu a buscarei mais tarde, terei certeza que isso chegará até você. Dessa forma, eu assumirei o risco.

Moses não parecia convencido, e se aproximou da monstruosidade cor de abacate. Eu não poderia culpá-lo. Sua oportunidade de liberdade, ou o que poderia encontrar em um mundo onde sua existência era ilegal, significava deixar tudo para trás.

— Que tal isso? — disse eu. — Você pode ter um crédito ilimitado na loja para qualquer coisa que Liam perca ou quebre.

Moses parecia suspeito. Ele era um varejista no coração, e provavelmente pensou que a oferta parecia boa demais para ser verdade. — Você tem cabo? Fios e tal?

Sorri. — Dezenas de rolos.

Ele considerou. — Ok, sim. Isso funcionaria.

— Crise evitada — disse Liam, movendo a mala para a parede mais distante sob o olhar penetrante de Moses. — Malachi está no lugar?

Malachi entrou na sala de jeans e uma camiseta branca justa. — Sim, ele está.

Nós olhamos para ele. O general do Consularis aparentemente entrava direto na Ilha do Diabo. Claro, entrar na Ilha do Diabo nunca foi a parte difícil. O problema, como nós estávamos prestes a provar, era sair.

— Como diabos você entrou aqui? — perguntou Liam.

— Eu entrei — disse ele simplesmente, andando na minha direção com um sorriso caloroso, então olhando para Liam. — Nós praticamos ontem à noite, e acreditamos que conseguimos sincronizar minha magia e a invisibilidade dele. Mas queríamos um teste dentro dos portões, só por precaução.

O ar cintilou e Burke apareceu ao lado de Malachi.

Eleanor engasgou, seus olhos pareciam concentrados à distância enquanto olhava para a magia que só ela podia ver. — Que maravilha! Vocês têm uma magia tão linda, os dois. Um belo cobre, que se dividiu em dourado e azul quando vocês se separaram. Absolutamente deslumbrante.

— Malachi e Will Burke — disse Liam.

— É um prazer conhecê-la — disse Burke. — E obrigado.

Ela assentiu com a cabeça regamente. — É verdadeiramente meu prazer, jovem rapaz. Você está fazendo uma coisa muito boa para um homem muito bom.

Moses realmente corou.

Liam franziu a testa, cruzando os braços. — O que aprenderam com o teste?

— Precisamos de proximidade — disse Malachi. — Estar fora da Ilha do Diabo – fora do muro ou acima do portão – não é suficiente. Se eu estiver

dentro da Ilha do Diabo, e próximo, nossa magia combinada pode abranger os dois.

— Nós precisamos que isso abranja vocês três — apontou Liam.

— Nós podemos fazer isso — disse Burke com um sorriso, então olhou para mim. — Nós escondemos metade das coisas no estoque na noite passada.

— Pena que eu estava exausta; gostaria de ter visto isso.

— Não se preocupe com a magia — disse Malachi. — Eu também consigo nos proteger dos monitores. Mas o movimento torna isso complicado, e prefiro não confiar nisso. — Ele olhou para Moses. — Monitores?

— Uma coisa fácil — disse Moses, acenando para afastar sua preocupação. — Venha para o meu covil.

Nós o seguimos até uma pequena sala a duas portas de distância da Eleanor, onde ele juntou peças incompatíveis para criar algum tipo de computador. A engenhoca – caixas, teclados e monitores reunidos em uma mesa baixa no meio da sala – tinha um monitor central que brilhava com uma impressão verde.

Não me incomodei em perguntar como ele conseguiu o equipamento. Moses era engenhoso.

Ele caminhou até o sistema, batendo no teclado montado embaixo dele. Uma lista de palavras no mesmo tom de verde percorreu a tela.

— Acessei a Contenção-Net. *Novamente*. — Ele disse a palavra com total tédio, como se tivesse feito a coisa mais fácil possível. — Invadi os monitores mágicos e estou pronto para colocá-los no modo neutro. As luzes ficarão vermelhas, como se estivessem armadas e prontas, mas na verdade não detectarão nada. Mas... — disse ele, olhando para nós —, os monitores são testados e, se necessário, redefinidos a cada vinte minutos. Quando fizerem isso, voltarão ao modo ativo. Quando apertar esse aqui — ele apontou para um enorme botão vermelho que parecia ter sido emprestado de um brinquedo de criança —, teremos vinte minutos para chegar a algum lugar seguro, ou teremos que parar de usar magia.

— Então, quando começarmos não devemos parar — disse Gavin.

— Esse o ponto. — Moses pulou do banquinho, colocando um pacote de fios de lado. — E você provavelmente vai querer tirar esse equipamento daqui, caso alguém venha farejando por aí.

— Nós vamos cuidar disso — disse Liam.

Nós voltamos para a sala principal e Liam levantou Eleanor em seus braços como se ela não pesasse nada. O que, se não fosse verdade, estava bem perto disso.

— Esse é o meu menino forte.

Ele sorriu. — Minha avó fez questão de que eu limpasse meu prato a cada refeição.

— Um menino em crescimento precisa de uma boa refeição e de uma avó atenta.

— Você precisa ficar por perto — disse Burke a Moses. — E é melhor se você realmente me tocar. Faz a ilusão mais fácil.

Moses gemeu. — Eu não vou segurar sua mão como uma criança.

— Não precisa. — Ele apontou para seu uniforme, que tinha grandes bolsos nas pernas. — Apenas pegue um bolso. Isso é bom o suficiente. Você fica à minha direita, Malachi fica à minha esquerda, e nós faremos o trabalho.

Moses bateu palmas. — Tudo bem. Chega de conversa fiada. Estou com coceira pela liberdade.

Todos nós olhamos para ele.

— Não? Pensei que *coceira por liberdade* fosse bom.

— Não — dissemos ao mesmo tempo.

— Que tal, *vamos colocar esse show na estrada?*

Isso funcionou bem o suficiente.

Moses apertou o cronômetro. Liam levou Eleanor para baixo enquanto Gavin pegava as malas dela. Quando chegamos à sala da frente, Liam olhou para Burke, Moses e Malachi. — Se precisarmos parar, toque em meu ombro ou no de Claire.

— Entendi — disse Burke. Ele assentiu e Moses pegou um dos bolsos. Os dois olharam para Malachi.

— Pronto — disse Malachi, tocando no ombro de Burke.

A ignição da magia mudou a pressão no ar. Os três brilharam – como se os corpos deles fossem compostos de mil espelhos minúsculos movendo-se em sequência – e desaparecessem.

Liam soltou um suspiro audível de óbvio alívio.

Era apenas o primeiro passo, mas pelo menos chegamos lá.

* * *

Infelizmente, os degraus da frente do edifício provaram ser mais complicados. Houve muitos grunhidos quando Moses, Malachi e Burke manobraram para o carrinho, mas conseguiram.

Gavin carregou as malas e sentou no banco do motorista. Eu sentei no banco do passageiro e Liam e Eleanor ocuparam o segundo assento. Nossa tripulação mágica pegou o banco de trás.

Gavin olhou para sua avó. — Pronta?

— Pronta — disse ela com um aceno decidido, e Gavin nos levou em direção ao portão da Ilha do Diabo.

— Mencionei que há café na loja? — disse eu para o nervoso silêncio, tentando manter a conversa leve.

Liam levantou as sobrancelhas. — Café de verdade?

Assenti. — Eu abri um novo saco. Imaginei que poderíamos precisar de um estimulante, com Reveillon e as madrugadas.

— Tadjji provavelmente já tem planos de canalizar o cheiro para a calçada — disse Gavin, dobrando a esquina —, atrair mais clientes como uma sereia.

— Ela é estranhamente boa no merchandising.

— Ela entrevista as pessoas na Zona para ganhar a vida — apontou Liam. — Ela sabe quem eles são, o que gostam.

Seu tom era relaxado, seu olhar sobre as casas e prédios pelos quais passamos, e qualquer um que não o conhecesse bem teria assumido que ele observava a paisagem. Mas eu podia ver a tensão em seu corpo, a força no braço que ele mantinha nos ombros de Eleanor. A cabeça dela estava

encostada no banco e ela estava sorrindo, os olhos fechados enquanto absorvia o sol.

Eu me perguntei quanto tempo passou desde que ela saiu de casa. Quando o veículo diminuiu, olhei para a rua... E a barreira de Paras que estava à nossa frente.



Capítulo 19

Solomon estava parado no meio da rua, com as mãos nos bolsos de um terno de listras muito feio. Ele estava tentando imitar um mafioso estereotipado? Se assim fosse, ele o fazia muito bem.

Enquanto achava que ele parecia ridículo, eu ainda entendia o perigo. Liam e eu fomos atacados pelos bandidos de Solomon na minha primeira visita à Ilha do Diabo. Até onde eu sabia, aquele negócio havia sido fechado, mas Salomon ainda era um valentão. E os quatro Paras muito grandes que estavam ao redor dele pareciam ser também.

— Filho da puta — murmurou Liam. — Não me lembro de termos negócios hoje — acrescentou ele, com expressão fria e dura enquanto Salomon caminhava em direção ao carrinho.

— Acho que não, já que parece uma temporada de desfiles em Nova Orleans. É dia do carnaval, e ninguém me contou?

Liam parecia entediado. — É preciso mais do que um carrinho para fazer um desfile.

As sobranceiras de Solomon levantaram e ele deslizou seu olhar para o espaço vazio atrás de nós. *Merda*, eu pensei, e o suor frio escorreu pelas minhas costas, mesmo com o calor e a umidade nos atingindo.

Ele deu um passo para mais perto, e o mesmo aconteceu com o pessoal dele, aproximando-se de nós. — Você pode ser capaz de enganar os humanos, Sr. Quinn, mas não me engana. — Ele cheirou o ar, suas grandes narinas se expandindo. — Posso sentir o meu primo repugnante a uma milha de distância. — Eu acho que Salomon estava ciente de que Moses não havia morrido na explosão.

Eu praticamente podia sentir Moses mostrando os dentes nas minhas costas. Mas ele manteve seu controle, exatamente como deveria fazer.

Liam revirou os olhos. — Salomon, estamos com pressa. Claire tem que voltar à loja.

— É o dia da remessa — confirmei. — Se eu não estiver lá para aceitá-la, sou excluída pela Contenção.

Pelos meus cálculos, foram necessários sete minutos lentos para chegar a esse ponto na vizinhança. Isso significa que tínhamos treze minutos para sair da Ilha do Diabo e voltar para a loja – quase uma milha de distância.

— E FYI¹⁹ — acrescentei —, há um agente da Contenção na esquina observando você. — Apontei para a mulher na esquina, vi seu olhar deslizar de Salomon para o monitor mágico. A luz estava vermelha. Mas Solomon poderia estar fazendo toda a magia do mundo, e isso não teria mudado.

Solomon parecia chateado com a minha interrupção. E provavelmente também porque eu falei com a Contenção da última vez que interagimos.

— Juro por Deus — disse eu, e fiz o movimento. — Talvez um dos seus melhores colegas possa verificar?

Solomon estalou os dedos atrás dele, e o homem diretamente atrás dele olhou ao redor.

— Cinco horas — confirmou. — Mulher.

Sério, eles aprenderam sobre humanos assistindo filmes da máfia dos anos 1940? Dê-lhes esporas e algumas armas e eles estarão prontos.

— Então — disse Liam, chamando a atenção de Salomon novamente. — Desde que você entrou no meu caminho, você poderia me dizer o que quer e seguir o seu caminho?

Salomon sorriu, e assim como as tentativas de Moses, não parecia muito natural. — Dinheiro — disse ele —, e o universalmente aceito.

Liam revirou os olhos dramaticamente. — Dinheiro para quê? Porque seu primo tem um fedor que está nos seguindo ao redor do Marigny? — Ele puxou sua bainha como se estivesse emanando fumaça de sua camisa.

19 For your information. – Para sua informação

Solomon se aproximou. Ele era mais baixo que Liam, mas pesava vinte quilos a mais. Eu não sabia se ele ganharia.

— Você acha que não sabemos que algo está vindo? Bombardeio, fogo, ataque, tudo por estranhos. Algo está acontecendo lá fora, algo que a Contenção não controlou. Nós não gostamos. — Pela primeira vez, havia uma onda de medo nos olhos de Solomon.

Liam o observou por um longo tempo.

— Reveillon é grande — disse Liam finalmente. — Ezekiel tem um exército. Se você pode armazenar um pouco de comida e água, faça-o, você vai querer fazer isso.

Solomon assentiu, então apertou os olhos e olhou para trás novamente. — E quanto aos negócios de hoje?

— Acabamos de lhe dar conselhos — protestou Liam.

— Isso é apreciado — disse Solomon. — Mas isso não afeta essa transação.

Porra, estávamos perdendo tempo.

— Vinte fichas da Ilha do Diabo — ofereci, e o olhar de Salomon encontrou o meu. — E você cai fora agora.

O sorriso de Solomon era feroz. Ele achou que havia encontrado um alvo. — Trinta.

— Vinte e cinco. — Olhei para trás dele. O agente da Contenção, a nove ou treze metros de distância, começava a caminhar em nossa direção. — E você se livra do agente da Contenção. E se disser não — eu descartei seu argumento —, eu vou entregá-los ao seu primo.

Eu praticamente podia ouvir os segundos passando no seu silêncio.

Solomon rosnou, mas assentiu. — Quando eu as recebo?

— Eu entregarei para Liam. Liam vai levá-las até você.

— Nesse caso — disse Solomon, quando o agente da Contenção começou a se aproximar —, foi um prazer fazer negócios com você. — Ele se virou. — Agente Correlli! É um prazer vê-la, como sempre.

Liam deu um aceno amigável a agente, revirando os olhos dramaticamente para sinalizar sua frustração com Solomon. Mas, para seu

crédito, Salomon a manteve ocupada enquanto continuávamos andando pela rua.

— Ele teria levado vinte — disse Liam, quando Salomon estava bem longe atrás de nós.

Sorri. — Eu pagaria trinta. Assim, nós dois partimos satisfeitos.

Só precisávamos ter certeza de que poderíamos sair rapidamente.

* * *

Gavin pareceu entediado quando nos aproximamos do portão e mostrou seu passe para o guarda na guarita.

O guarda assentiu. — O agente Landreau nos disse para esperar vocês e a Sra. Arsenault. — Ele ergueu os dedos na testa em uma pequena saudação. — Prazer conhecê-lo, senhora. Boa sorte lá fora.

— Obrigada — disse Eleanor com um aceno régio.

O portão começou a se abrir novamente e nós passamos. E não voltei a respirar até ele se fechar novamente.

Cruzamos a Royal, mas quando nos aproximamos da loja, encontramos um grupo de pessoas paradas, murmurando e conversando animadamente.

— Merda, merda, merda — murmurou Liam, ecoando meus pensamentos. — O que está acontecendo?

Alguém viu Malachi, foi meu primeiro pensamento. Ou talvez Broussard estivesse causando problemas.

Gavin puxou o carrinho para o beco ao lado da loja, atrás de um escuro sedã de luxo com janelas escuras.

Liam suspirou. — E onde você conseguiu o carro?

Eleanor deu a Gavin um olhar azedo. — Gavin Arsenault Beauregard Quinn.

— Beauregard? — disse eu, sorrindo para ele.

— É um nome de família — disse Gavin. — E não ouvirei mais nada sobre isso.

— O carro? — solicitou Liam.

— Emprestado. Deixei uma nota promissória e tudo mais.

Liam revirou os olhos. — Fique aqui — disse ele ao resto do grupo, quando eu e ele saímos do carro.

Nós andamos até a frente da loja, onde as janelas e a porta estavam cobertas com lençóis brancos. Tadjì havia pintado PREPARANDO PARA A GRANDE REABERTURA em grandes letras douradas penduradas na janela do lado esquerdo. Uma alegre música de big band saía da loja de um alto-falante que Tadjì colocara do lado de fora.

— Oh meu Deus, ela é um gênio — murmurei. Ela descobriu uma maneira de nos dar uma privacidade quase completa. Os retardatários da calçada não podiam ver através do lençol, e não nos ouviam nada sobre a música.

A dúzia de clientes na frente da loja gritou perguntas enquanto caminhávamos até a porta.

— Você está reformando?

— Houve um incêndio?

— Haverá sorteio de prêmios?

A porta se abriu e Tadjì espiou para fora. — Eu ouvi a multidão, percebi que você estava aqui fora. — Ela se afastou apenas o suficiente para Liam e eu entrarmos.

— Desculpe pela demora, pessoal! — disse eu, oferecendo-lhes um aceno. — Eu acho que vocês terão decidir se a espera valeu a pena!

Não esperei por respostas, mas fechei e tranquei a porta novamente.

— Vou levá-los pela porta dos fundos — disse Liam, correndo para o outro lado da loja. Malachi, Burke e Moses entraram na loja no momento em que o monitor do outro lado da rua se apagava, piscava duas vezes e depois voltava a ficar vermelho.

Tivemos muita, muita sorte.

* * *

Tendo cumprido seu dever de manter um olho na loja, e aparentemente sem vontade de ter companhia, Erida escapuliu pelos fundos. Burke

acomodou Eleanor na mesa enquanto Moses inspecionava a loja, examinando cestos e prateleiras. O Royal Mercantile era um prato cheio para Paras.

— Eu estava andando de um lado para o outro — disse Tadj, trazendo canecas e uma jarra de café fresco para a sala da frente. — Minhas mãos ainda estão tremendo.

— Então talvez eu devesse pegar isso — disse Burke, interceptando-a e pegando a jarra.

Ela assentiu, e distribuiu canecas.

— Apresentações — disse eu. — Tadj, você conhece Malachi, e estes são Eleanor Arsenault e Moses. Eleanor e Moses, minha amiga Tadj.

— É um prazer — disse Eleanor.

O rosto de Moses estava enterrado em um manuscrito dourado em uma estante de livros, mas ele levantou a mão.

— Isso pode ser o melhor que você conseguirá dele — disse Liam. Ele passou as mãos pelos cabelos, ligou-os no alto da cabeça e sorriu amplamente. — Não posso acreditar que acabamos de fazer isso.

Gavin olhou para Tadj e apontou para a janela. — Isso foi um golpe de gênio.

— Realmente foi — disse eu, abraçando-a até que ela gritou.

— Eu pensei, no caso de as coisas não correrem bem, você poderia precisar de algum tempo para se reagrupar. Infelizmente, eles vão esperar algo espetacular quando abriremos as portas novamente. No que estou trabalhando. — Ela gesticulou para os marcadores e prancheta no balcão. — Tudo correu bem?

— Bem o suficiente — disse Liam, despejando café em canecas e passando-as ao redor da mesa.

— Não me ocorreu que Salomon pudesse sentir Moses — disse Malachi.

— Não tenho certeza absoluta de que ele sentiu — disse Liam —, versus fazer um palpite com muita sorte. E isso é minha culpa também. Não pensei em me preparar para Salomon, que é uma dor crônica na minha bunda. Eu deveria ter pensado nisso.

Eu os deixei discutindo a irritação que era Salomon e andei até Moses. Ele ficou na frente de uma pilha de bengalas, puxando cada uma, inspecionando-a, deslizando-a no lugar novamente.

Ele olhou para mim. — Então este é o seu lugar.

— É. O que você acha?

De repente, era muito importante para mim que ele gostasse da minha loja.

Ele olhou em volta. — Humanos fazem um monte de coisas de madeira.

— Sim, Nix disse a mesma coisa.

Assentindo, ele foi até uma caixa de maçanetas, mexeu até encontrar uma com uma alça de vidro que brilhava na luz. — Isso é uma bugiganga agradável.

— Por que você não pega para você?

Moses olhou para mim com desconfiança. — Por quê?

— Porque seria um presente meu — disse eu, e de repente percebi que essa pessoa fabulosa estava prestes a desaparecer da minha vida. Se não for para sempre, então por muito tempo. — Tipo, algo para se lembrar de mim.

Moses bufou, mas colocou a maçaneta da porta no bolso de suas calças largas. — Brilha muito bem.

— Isso acontece — concordei.

— Acho que nós deveríamos ir antes que eles comecem a gritar — disse Moses.

— Eu acho que nós deveríamos — concordei, mas me agachei e o abracei antes dele ter uma chance de escapar. — Obrigada por tudo. Se não fosse por você...

— Não diga isso — disse ele, e me abraçou, apertando os braços com força, mas apenas por um segundo. Moses me liberou e o sarcasmo voltou em seu tom e expressão com rapidez suficiente. — Não há necessidade de ficar emocional. Isto é temporário.

Ele voltou ao grupo, agitando os braços. — Apenas temporário. Isso tudo será resolvido em breve, esse absurdo da Contenção e da Ilha do Diabo. — Ele olhou para Malachi, e seus olhos se estreitaram perigosamente. — Certo?

Malachi não perdeu uma batida. — Eu farei tudo ao meu alcance para fazer isso.

— Quanto às coisas em meu poder — disse Gavin, colocando a mão em seu peito e apontando para a porta traseira da loja. — A carruagem os aguarda.

Malachi entrou no assento do passageiro no sedan preto, e Gavin segurou a porta de trás enquanto Moses entrava. Então ele olhou para sua avó. — Nós vamos vê-la assim que pudermos chegar à clareira.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu sei que você vai. — Ela olhou em nossa direção geral, seus olhos ainda mais pálidos no sol da tarde. — Obrigada por tudo que vocês fizeram. Por tudo que sacrificaram.

Ela colocou uma mão leve no carro para se equilibrar enquanto Liam a ajudava a se inclinar para o banco de trás.

Mas então ela respirou fundo, os dedos agarrando o teto do carro enquanto olhava para algo que só ela podia ver. E havia horror em seu olhar.

Liam olhou ao redor, mas estava quieto, exceto pelo farfalhar de pombos acima de nós.

— Eleanor! — disse Liam, e levantou-a quando seus joelhos tremeram e ela começou a deslizar para o chão. Ele a carregou pela esquina até a varanda atrás da loja, colocando-a cuidadosamente no banco.

Liam se agachou na frente dela. — Eleanor. O que há de errado?

— Tanta escuridão — resmungou Eleanor, os olhos procurando cegamente enquanto estendia a mão, agarrando a mão de Liam. — Vejo tanta escuridão.

— É uma rosa, uma rosa desabrochando. — Ela engoliu em seco, e colocou a mão livre contra o peito. — Não uma flor. Poder. Trevas. Mas se espalhando.

— Vou pegar um pouco de água — disse Tadjí baixinho, e voltou para a loja.

Burke se ajoelhou ao lado de Liam, seus olhos arregalados de preocupação. — Diga-me o que você vê, Eleanor. É magia?

— Uma flor. Oleosa. Tão escura. Tão fluida. — Sua respiração estremeceu, depois saiu.

Tadji voltou e ofereceu a Liam o copo de água. Ele entregou a Eleanor, cujas mãos tremiam enquanto bebia.

— Eu já vi magia negra antes — disse ela, sua voz tão baixa, tão delicada. — Mas não assim. Não neste tipo de escuridão. — Ela voltou seu olhar para Liam. — Meu livro?

Esse era o registro codificado de toda a magia que ela vislumbrou, organizada por cores. — O livro está na sua mala — assegurou Liam. — Está no carro. Onde você viu essa magia?

Ela balançou a cabeça, tomou outro gole e gesticulou para o norte. — Lá? Não sei a que distância. Não sei se ainda está lá. Era uma mancha... Uma mancha, e depois desapareceu.

Mas estava lá. E eu não queria saber o que encontraríamos.

* * *

Deixamos que Eleanor recuperasse o fôlego. E quando sua pele perdeu um pouco da palidez, Liam a levou para o carro novamente.

— Você não precisa me carregar — disse ela.

— Você provavelmente poderia correr mais que eu em uma maratona — disse Liam. — Mas não terei a chance de carregá-la por um tempo, então você está me fazendo um favor.

— De uma criança mesquinha, você se tornou um homem maravilhoso.

Eu ri. — Ele ainda é teimoso, Eleanor.

— Já era hora — disse Moses no banco de trás e ofereceu a Eleanor uma bala embrulhada em celofane e uma pequena garrafa de água. — Refrescos?

A pergunta a fez sorrir, assim como ele pretendia. — Não, obrigada, gentil senhor. Mas acredito que estou pronta para sair da cidade.

— *Je t'aime* — disse Liam, e pressionou os lábios na testa dela. Então fechou a porta e se dirigiu para a janela aberta de Gavin.

— Tenha cuidado — disse Liam.

— À caminho do parque — disse Gavin, mas sua expressão dizia que o negócio era sério.

— Vou voltar para o Cabildo — disse Burke enquanto Gavin dirigia pelo beco. — Direi a Gunnar que a noite poderia haver algum tipo de ataque. Talvez ele possa puxar uma patrulha de um dos outros quadrantes, para que alguém dê uma olhada.

Olhei para Liam. — Magia não soa como Reveillon.

— Não — concordou ele —, não soa. Mas isso não me faz sentir melhor.

* * *

Por muito tempo, Tadj, Liam e eu nos sentamos em silêncio na mesa, a loja silenciosa por trás dos lençóis que ainda cobriam a janela.

Conseguimos tirar Eleanor e Moses da Ilha do Diabo, mas Reveillon ainda estava lá fora. E agora precisávamos nos perguntar o que Eleanor viu.

Uma hora depois, Gavin retornou, confirmando que estavam em segurança nas mãos de Darby, Erida e Malachi. Eles ficariam na igreja até a escuridão cair, depois seguiriam em direção a Bayou Teche. Uma vez na cabana, Erida ficaria com eles até que estivessem acomodados e ela tivesse certeza de que Reveillon não era uma ameaça.

Um motor roncou, aproximando-se. Nós espiamos pela janela. A multidão havia desaparecido e vimos Gunnar e Burke pularem de um enorme Hummer.

Gunnar entrou e ofereceu as chaves para Gavin. — É todo seu.

Os olhos de Gavin se estreitaram. — Eu suspeito desse presente.

— Não é um presente — disse Gunnar. — Temos todos os agentes patrulhando a cidade, o interior. Por causa das escaramuças de fronteira, o PCC não conseguiu enviar mais ninguém para a Zona. Nós somos o máximo que conseguiremos. Veja se consegue descobrir o que Eleanor viu. E se vir algum bastardo do Reveillon, acabe com ele.

As palavras foram duras, mas também era Reveillon.

— Venha para o papai — disse Gavin, em concordância, olhando para o veículo reluzente. — A parte racional do meu cérebro diz que essa coisa é muito grande para patrulhar. Grande demais e barulhento demais. — Ele sorriu. — Estou apenas considerando que é um desafio a ser superado.

— Você consegue, irmãozinho — disse Liam, e deu um tapinha nas costas dele.

— Boa caça — disse Gunnar, e Gavin fez uma saudação insolente, saiu e começou a acariciar e sussurrar para seu novo brinquedo.

— Você pode querer esterilizar aquela coisa quando pegar de volta — disse Liam.

— Já na agenda.

— Vou com Gavin — disse Burke, então olhou para mim. — Talvez a gente fique aqui esta noite, se estiver tudo bem com você. Eu me sentiria melhor se estivéssemos juntos.

Tadji assentiu, se abraçando. — Prefiro não estar sozinha.

— Seria conveniente para mim também — disse Gunnar. — E melhor que o quartel.

— Eles cheiram a pés — concordou Burke.

Franzi o nariz. — Isso é nojento. E ficar aqui está bem — disse eu. — Há uma cama aqui e outra na despensa. Nós vamos fazer funcionar. E tenho um pedido para você — disse eu a Gunnar, e peguei as perguntas que havia escrito na Ilha do Diabo. Eu ofereci a ele.

Ele olhou para a folha, depois para mim novamente. — O que é isso?

— Ajudei Vendi com visitas domiciliares esta manhã. Os Paras tinham algumas perguntas sobre Reveillon. Eu sei que eles não são constituintes; são prisioneiros. Mas eles estão sob ataque. Eles merecem saber o que está acontecendo. Merecem respostas.

Gunnar me observou por um momento, depois adicionou a lista à sua pasta. — Vou ver o que posso fazer — disse ele, depois passou a mão no rosto como se pudesse acabar com a exaustão óbvia. — Estou voltando para o Cabildo.

— Devemos planejar algum tipo de refeição quando ele voltar — disse eu, percebendo que a maioria de nós estava provavelmente correndo sem comer. Eu olhei para a cozinha. — Exceto que tenho certeza de que estamos quase sem comida. Vocês têm usado minha loja como um bufê onde podem comer.

— Provavelmente posso conseguir uma lata industrial de feijão — disse Burke com um sorriso.

— Não quero seus feijões do governo — assegurei a ele, depois caminhei até a janela e olhei para fora. Estava ensolarado, pelo menos por enquanto.

— Vamos para o jardim — disse eu, e olhei para Liam. — Eu não me importaria de alguns minutos de paz e tranquilidade arrancando ervas daninhas. E desde que você fez tão bem com as beterrabas, você pode ir comigo.

— Não quero nada com beterrabas, porque elas são nojentas — disse ele. — Mas, como é uma boa ideia ficarmos juntos, vou me sacrificar.

— Tão nobre — disse Tadj, estendendo a mão para apertar a dele, dando-lhe um olhar solene.

— Mas não arrancarei ervas daninhas — disse Liam. — Tenho muitas lembranças de puxar ervas daninhas na casa de Eleanor.

— Porque você gostava de jardinagem? — perguntou Burke.

— Porque Gavin e eu tínhamos *problemas comportamentais* ou pelo menos foi o que ela disse.

— Sim, isso faz mais sentido. — Agarrei a cesta forrada de lona que continha meus suprimentos de jardinagem atrás do balcão e entreguei a Liam. — Vamos arrumar um pouco de comida.

* * *

O jardim comunitário do Quarter ficava no último andar do antigo Hotel Florissant. O terraço, que já abrigara uma luxuosa piscina, bar e jardim tropical, agora continha pequenos terrenos escuros usados por agentes que viviam no Quarter e pelos poucos civis que ainda viviam no Quarter. Minha parte ficava no canto mais ao norte do prédio e estava sobrecarregada com verduras. Não vim aqui para colher já faz quase uma semana.

Reuni os vegetais que estavam prontos para comer, coloquei o resto na pilha de compostagem. Liam capinou sem uma única reclamação, então não discuti quando ele fez uma pausa para olhar para a cidade. Eu me juntei a ele

na beira do telhado, vendo os telhados de ardósia dos prédios restantes do Quarter, as paredes altas e escuras da Ilha do Diabo, as conchas vazias de arranha-céus no CBD. E por trás disso tudo, a faixa escura do rio Mississippi.

— Você acredita em destino? — perguntou Liam.

Não era uma pergunta que eu esperaria que Liam Quinn fizesse. — Acho que somos quem somos, pelo menos em certo grau, dentro de algum tipo de limite. Quero dizer, eu não vou me tornar trapezista.

Ele sorriu com ironia. — Isso estava na lista?

— Brevemente — admiti. — Eu fui a um circo quando era criança... Aquele carnaval artístico que se instalou no Aududon Park. Os acrobatas eram mulheres lindas em meias e trajes de cetim com lantejoulas, e pensei que elas eram as criaturas mais bonitas que eu já vi. Elas voavam como pássaros, e eu queria ser uma delas.

Ele sorriu. — Desde que não vi você em uma fantasia de cetim, estou assumindo que não deu certo?

— O carnaval voltou no ano seguinte, e eles realizaram uma aula na qual você podia subir a escada do trapézio e dar uma volta em um dos balanços do trapézio. Você era preso a arreios e uma enorme rede, mas ainda teria a experiência de voar. Eles amarraram-me ao arnês e subi a escada, de pé a pé, e cheguei ao pequeno pedestal onde eles o empurravam. E então olhei para baixo... Todo o caminho.

— E foi o fim disso? — perguntou ele.

Sorri, lembrando-me. — Desci daquela escada. Meu pai não ficou feliz por ele ter perdido seu depósito.

— Mas provavelmente feliz pelo fato de que você não iria fugir e se juntar ao circo.

— Verdade. As alturas não me incomodam tanto agora, mas minha vida voando no trapézio ficou para trás. — Olhei para Liam. — Você acredita em destino? Ou gostaria de me contar uma história embaraçosa de sua infância, então estamos quites?

Liam se levantou, estufando o peito. — Eu sempre fui um rapaz corajoso e cheio de recursos.

Bufei. — Eu aposto.

Antes que ele pudesse elaborar, o céu se abriu, e a chuva começou a cair em camadas que nos deixaram instantaneamente encharcados até os ossos.

— Acho que não vou precisar de um banho — disse Liam, afastando o cabelo molhado. Ele estava de alguma forma mais sexy na chuva, como se os filetes de água tivessem afiado as linhas de seu rosto, o corte forte de sua mandíbula, feito seus olhos azuis brilharem como safiras contra o cabelo negro de carvão.

— Eu também — disse eu. Eu sorri, mas enrijei quando ele tirou uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Santa Claire do Florissant — disse Liam enquanto a chuva escorria pelo seu rosto.

O momento se prolongou e se esticou, como sempre acontecia quando nos encarávamos sobre o abismo. Mas, mais uma vez, o abismo nos derrotou.

— Vamos sair da chuva — disse ele.

E a chuva continuava caindo.

Capítulo 20

Burke e Gavin voltaram no momento em que entramos encharcados na loja. Eles estavam apenas ligeiramente menos úmidos do que nós.

— Isso não augura nada de bom — disse Liam quando nos aproximamos deles. — Temos tempo para secar antes de nos contarem o que aconteceu?

— Será uma atualização rápida — disse Burke. — Acharmos que encontramos o que Eleanor viu. Houve assassinato na Praça do Congo. Um Paranormal.

A loja ficou em silêncio, um momento implícito de silêncio.

— Quem? — perguntou Liam.

— Ninguém que eu conheça ou já tenha visto — disse Burke. — Ele tinha asas, mas parecia viver na rua por um tempo.

Liam franziu a testa. — Um Para sem-teto? Essa é nova.

— PTSD²⁰ atinge Paras e também humanos. Ele poderia ter sofrido durante ou depois da guerra. Teria sido fácil para ele esconder as asas. As pessoas podem ter pensado que ele era humano, talvez mentalmente doente.

— Como você sabia que ele era Para? — perguntei.

Burke disse: — O assassino cortou suas asas e escreveu *Purificado* pelo corpo.

— Reveillon — disse Liam, e eles assentiram.

— Era uma cena sangrenta — disse Gavin, passando a mão pelo cabelo úmido. — Uma das piores que eu já vi, inclusive durante a guerra. Isso deve ter sido o que Eleanor viu.

— O sangue fluorescente — disse eu baixinho, e Burke assentiu.

20 Post-traumatic stress disorder – transtorno de estresse pós-traumático

— Ele tinha olhos dourados como Malachi — disse Burke. — Abertos e olhando para o céu, como se esperando para ser chamado ao lar. — Ele desviou o olhar e balançou a cabeça. — É um desperdício, e uma vergonha.

— Nós encontramos dois agentes da Contenção que estavam voltando para o quartel — disse Gavin. — Eles ficaram com ele até que pudéssemos dizer a Gunnar, e enviar um pombo para Malachi.

— Sinto muito que você tivesse que ver isso — disse Tadj, colocando uma mão sobre Burke. — E sinto muito que aconteceu, e eu sinto muito que Eleanor tenha visto. O mundo está completamente ferrado agora mesmo.

— Sim — disse Burke, levando as mãos unidas aos lábios, pressionando um beijo nelas. — Vamos ficar felizes por termos amigos e um lugar seguro para dormir.

Porque nem todos tinham tanta sorte.

* * *

Estávamos famintos, mas não com vontade de comer. Por isso optamos pelo sustento, fizemos feijão branco enlatado com cebola do jardim, pão de milho de uma mistura, e o último do chá gelado. As verduras que nós trouxemos demorariam a cozinhar; nós as comeríamos amanhã.

Comemos em silêncio enquanto a chuva constante se transformava em uma tempestade, cada trovão balançando o vidro velho nas janelas da loja. Mas elas sobreviveram a tempestades tropicais e furacões; elas aguentariam uma boa temporada ao longo do tempo.

— Vou cuidar dos pratos — ofereceu Burke quando terminamos. — Eu não me importo.

— Não direi não a essa oferta — disse eu. — Odeio lavar a louça.

Nós levamos os pratos e as sobras para a cozinha e apagamos as velas. E então houve uma batida na porta.

— Não — disse eu —, não estou aceitando mais nenhuma morte ou drama hoje. Apenas não.

— Talvez Ezekiel queira se entregar — resmungou Gavin. — Com licença — disse ele, em tom arrastado e exagerado. — Eu cheguei a meus

sentidos, e o genocídio é um negócio desagradável e horrível. Por favor, leve-me para o Cabildo.

— Suas imitações são tão ruins quanto sua luta corpo a corpo — disse Liam, caminhando para a porta. — Ele não tem um sotaque. — Ele espiou através dos lençóis que ainda cobriam as janelas, em seguida, destrancou e abriu a porta.

Uma agente da Contenção muito jovem, em uma camisa escura, saia e saltos altos olhou para ele. Atrás dela, a Royal Street brilhava molhada no luar encharcado. — Estou procurando por Liam Quinn?

— Sou eu — disse Liam.

A mulher puxou uma pasta escura de sua mala de couro.

Eu também preferia não aceitar mais nenhuma pasta da Contenção esta semana.

— O agente Landreau pediu que eu entregasse isso para você. Ele não conseguiu sair do escritório. Eu esperarei até você lê-la, obter sua resposta.

Eu me levantei, caminhei até a porta para ficar atrás de Liam enquanto ele lia a folha de papel dentro da pasta. Era um formulário da Contenção, com RECUPERAÇÃO PARANORMAL em letras góticas no topo. Era uma recompensa.

— O espectro no Lower Ninth foi visto novamente — disse Liam, olhando o documento. — E um grupo de membros de Reveillon tem vagado pelo bairro, incomodando os moradores e causando problemas.

O mesmo grupo que Malachi encontrou, ou um segundo grupo de idiotas?

— A Contenção não tem pessoas para lidar com isso — disse Liam, e a agente assentiu. Ele fechou a pasta e devolveu a ela.

— O agente Landreau disse para encontrar um dos dois ou ambos. Seu trabalho seria pago, de qualquer maneira. Ah, e eu deveria te dizer para manter Claire fora de problemas.

— Reconhecido e aceito — disse Liam, e oferecendo seu agradecimento, fechou a porta. — Sem descanso, estagiária — disse ele, olhando para mim com resignação. — Estamos de volta ao serviço.

* * *

Voltamos ao Lower Ninth e encontramos outdoors pichados pelo Reveillon. Vimos uma dúzia ao longo do caminho, todos com a assinatura de tinta amarela e vermelha.

Nova Orleans começava a parecer uma cidade sitiada.

— Ele está apelando para muitas pessoas — disse eu. — Muita gente com raiva.

— Sim — disse Liam, deslizando o olhar de um outdoor da LIMPANDO NOVA ORLEANS para a rua escura. — E as pessoas que não conseguem pensar por si mesmas.

Quando chegamos ao bairro, dirigimos por quase uma hora pela escuridão, passando por lugares ainda vagos desde o Katrina, subindo e descendo as ruas que terminavam no Industrial Canal Levee.

Eu não era uma caçadora experiente, mas Liam era. O fato de termos passado duas noites improdutivas procurando um espectro em uma área com muito espaço aberto e visível não foi um elogio para nenhum de nós.

E então olhei pela janela lateral e meu coração esfriou. — Liam, pare a caminhonete.

A tensão dominou seu corpo deixando-o pronto para lutar, e ele fez exatamente como pedi, estacionando a caminhonete na rua tranquila, e desligando o motor. — O que você viu?

— Um grupo de pessoas no meio da rua, roupas claras. — Olhei para ele. — Talvez aquele tecido de Reveillon.

Sua expressão endureceu. — Quantos?

— Foi uma rápida olhada. Talvez meia dúzia? Mais de cinco, menos de dez.

Assentindo, ele estendeu a mão e abriu o porta-luvas, puxou o 44 e uma caixa de balas que não estivera lá antes. — Vamos dar uma olhada.

— Tem certeza que você pode usar essa coisa?

— Talvez não tão bem quanto você — disse ele, saindo da caminhonete, enfiando a munição no bolso e segurando a arma ao seu lado, dedo longe do gatilho. — Mas farei o meu melhor.

Lado a lado, nós deslizamos para a rua pela qual passamos, contornamos uma casa vazia ainda marcada por um código X do Katrina, e olhamos para os nossos inimigos.

Havia oito deles – homens de calças e camisas de tecido caseiro manchado, em pé no meio de uma rua sob ramos de carvalhos que eram décadas mais velhos que eles.

— Limpe a Zona! Limpe a zona! Limpe a Zona!

A maioria deles estava cantando; todos observavam com agressividade a pessoa que se contorcia em seus pés.

Era um menino, pensei, com base nos vislumbres que recebi enquanto os homens se moviam em torno dele. Pequeno e esbelto, com pele pálida e roupas maltrapilhas. Eles o chutavam violentamente, riam de sua dor óbvia quando ele se contorcia.

— Você é uma imundície! — gritou um homem de trinta e cinco ou quarenta anos. — Lixo! Deveria ter permanecido no seu lugar!

O menino gritou, o som era um grito quase humano, agudo, que rasgou o ar como se fosse luz. Não era o som de um humano normal.

— *Merda* — murmurei, todo o ar correndo dos meus pulmões. Ele não era criança – não mais. Era um espectro, sua essência vencida por magia, a sua obsessão única e dominante: encontrar mais magia. Era a maldição do Sensitivo; nós tínhamos magia porque a absorvemos. E se não fôssemos cuidadosos, nos tornaríamos nada mais que vasos para essa necessidade.

— Liam.

Ele apenas assentiu, observando-os com uma expressão intensa, mas em branco. Ele deve ter pensado em Gracie enquanto olhava para este menino, que não poderia ter mais que onze ou doze anos. Essa criança havia perdido sua vida para a magia de uma maneira muito diferente, mas perdeu a vida mesmo assim.

Liam tirou as chaves do bolso e as colocou na minha mão. — Pegue a caminhonete. Traga-a para a esquina, os faróis acesos.

— Vai cegá-los — disse eu, compreendendo.

— Por um momento, de qualquer maneira. Como covardes que eles provavelmente são, suponho que um ou dois vão correr, e o resto ficará, porque já estão esperando uma briga.

— Este pode ser o mesmo grupo que Malachi se envolveu. Também podem estar chateados.

— Eles não são os únicos. Não quero atirar neles... Talvez eles sejam imbecis redimíveis, mas eu vou, se for preciso. Caso contrário, precisamos prendê-los e esperar pela Contenção. Há algemas na caminhonete.

— Fez um estoque depois de Acampamento Couturie, não é?

— Pareceu-me sensato. Traga algumas.

Assenti. — Se você conseguir afastá-los do espectro, e ele me sentir, ele se moverá na minha direção.

Na verdade, ele tentaria me atacar. Ele sentiria a magia que eu já absorvi, e iria querer. Ele era pequeno, mas seria forte e provavelmente tão cruel quanto os humanos que o atacaram, mas não por escolha.

— Você pode lidar com eles? Nós só temos que segurá-los antes que a Contenção chegue aqui.

— Contenção? — Liam apontou para a luz verde piscando em um poste na metade do quarteirão. — Eles foram avisados. O coitado do pequeno espectro entrou em um bairro com um monitor funcionando.

— Existem câmeras tão longe do Cabildo?

— Geralmente não. Monitores são mais baratos, e eles não têm a equipe para assistir a alimentação de todos os blocos em Nova Orleans. — Ele olhou para mim. — A Contenção não virá rápido até aqui; eles não têm pessoas suficientes para isso. Mas estarão aqui eventualmente.

Então, não faça nada para ser presa, ele quis dizer.

— Posso cuidar de mim — assegurei a ele. — Você tem o kit de tranquilizante? — Essa era a maneira mais fácil de evitar que um espectro machucasse a si mesmo ou a qualquer outra pessoa.

— Também no porta-luvas.

O espectro gritou novamente.

— Vá — disse Liam, e corri para a caminhonete, subi dentro dela e a liguei. Fiz o retorno em uma rua, voltando lentamente para a esquina, e

quando a arma disparou, eu acelerei e acendi as luzes, iluminando a silhueta do corpo forte de Liam.

— Você é um amigo ou inimigo? — perguntou o homem que havia entrado na frente dos outros. Ele era alto e magro, com uma cabeça clara raspada.

Dois dos outros seguravam o espectro. Um par parecia assustado. Decisão sábia sobre suas partes.

— Nenhum dos dois — disse Liam. — Sou um caçador de recompensas, e ele me pertence.

O membro do Reveillon se adiantou, as mãos nos quadris. — Não dou a mínima para quem você pensa que é. Nós somos o Reveillon. Estamos limpando esta cidade de lixo como ele. E desde que você lucra com o sistema, do lixo como você também é.

— Você conhece algum caçador de recompensas? Conhece o tipo de merda que enfrentamos? O tipo de merda que estamos equipados para lidar? — O tom de Liam foi duro e geladíssimo. Os caçadores de recompensas tinham a reputação de serem fodões, e ele não era exceção.

— Tenho pessoas e armas — disse o cara —, e se você for esperto, vai dar o fora do nosso caminho.

Dois de seus amigos se adiantaram, mostrando as armas enfiadas nas cinturas. Liam ergueu a 44 e levantou-a enquanto eu saía da caminhonete.

— Oh, você trouxe sua namorada — disse o homem da frente. — Grande negócio do caralho.

— *Capons* — cuspiu Liam, seu olhar se estreitando no homem que o desafiara. — Você quer ir? Vamos. Tive uma péssima semana, e um treino pode me fazer sentir melhor.

— Ótimo, imbecil — disse o homem, dando um passo à frente. — Vamos lá.

Liam viu morte, destruição, medo e mágoa suficiente por causa de Reveillon. Ele estava pronto para uma luta, e eu não ia tirar isso dele. Então peguei a arma que ele estendeu para mim, mantendo-a apontada nos outros caras.

Liam e o cara com a boca grande se lançaram um contra o outro, empilhados em uma bagunça quando atingiram o chão, e começaram a rolar.

Enquanto lutavam, um dos seus lacaios se esgueirou para a escuridão. Os dois homens com armas se moveram para mim, com sorrisos maliciosos nos rostos.

— Você também é uma traidora, cadela? — perguntou um deles.

— Os únicos traidores nesta cidade são Reveillon — disse eu, segurando o 44. — Eu sou a única com a arma muito grande.

— O quê? — disse o outro, acotovelando seu amigo. — Você vai atirar em nós?

Sorri sem alegria. — A menos que você coloque as armas no chão na contagem de três, sim, eu vou. *Um.*

— Besteira — disse o primeiro cara. — Você não vai atirar em nada.

— *Dois.*

Eles amaldiçoaram, sacaram suas armas. Um deles segurava a arma de lado como um vilão idiota de cinema. Todos os idiotas de Nova Orleans estavam assistindo os mesmos filmes ruins?

— E três — disse eu, agradavelmente, e dei um tiro entre eles. O da direita se arrastou para longe, mas tropeçou no asfalto esburacado.

O da esquerda, todo corajoso, deu mais um passo à frente, a arma agora tremendo em sua mão estendida.

— Idiotas — disse eu, apontando para os pés dele, preparando-me para atirar novamente.

Eu havia acabado de dar um passo à frente, com a arma apontada para ele, quando o espectro atravessou a escuridão, gritando com a ira de um deus raivoso.

Seus cabelos eram curtos e claros, seus dedos estavam afiados como diamantes. Ele caiu em cima do homem com a arma e eles caíram no chão juntos. O homem gritou e chutou, empurrando a pele emborrachada do espectro, mas não conseguiu afastá-lo. O espectro arranhou suas roupas, sua pele, como se escondessem a magia que ele precisava.

— Me ajude! — gritou o homem.

Eu me movi, mas ainda estava a três metros de distância quando o espectro cavou as unhas no estômago do homem, enchendo o ar como cheiro de sangue.

— Jesus — disse o outro homem com uma arma, o que havia desviado do meu primeiro tiro. Ele apontou a arma no espectro e começou a atirar. Ele acertou o espectro, duas vezes, errou em todos os outros disparos. Mas o espectro não notou. Ele estava ocupado no chão, procurando a magia que ele podia sentir no ar.

Minha magia. E meu problema para lidar.

— *Hey!* — gritei. O olhar da aparição se voltou para mim, os olhos olhando inexpressivamente, famintos. Ele ficou em pé e andou desajeitadamente na minha direção, com os membros angulosos e apertados.

— Isso mesmo — disse eu, andando para trás em direção a caminhonete, mantendo a luz em seus olhos, esperando que isso pudesse atrasá-lo.

Ele se lançou, dedos pegando meu antebraço e raspando dolorosamente para baixo. Eu chutei, acertando a canela dele. Ele caiu no chão, mas levantou novamente, e agarrou-me. Seus olhos eram escuros e vazios, seus cabelos brancos como a neve, seus braços esqueleticamente finos.

Enquanto meu coração doía de pena, eu precisava me lembrar de que ele não era uma criança. Não era inocente. Não era Sensitivo. Não mais.

Ignorando as advertências mentais, enfiei a arma na parte de trás do meu cinto e agarrei o pulso esquerdo dele, abaixando o braço para tirá-lo do equilíbrio. Seu braço era fino o suficiente para que eu pudesse quase fechar o punho em torno dele. Ele gritou furiosamente, agarrando a minha mão para libertar-se do meu aperto, e inclinou-se, mostrando os dentes pontiagudos.

— Merda! — disse eu, soltando e pulando para trás para evitar a mordida. Ele veio até mim, com a boca quase batendo em sua fome de magia que eu provavelmente precisava me livrar. Eu não sabia se Malachi poderia me dar um incentivo tão sólido.

Eu me movi para trás para ficar fora de seu alcance, batendo na grade dianteira da caminhonete, e percebi minha oportunidade. Fingi ir para a

direita, e quando ele pulou, desviei à esquerda. Ele bateu na grade e gritou com o contato com metal quente.

Enfiei o tranquilizante no ombro dele.

Ele gritou, debateu uma última vez, e ficou mole. Eu o peguei quando ele caiu, abaixando-o cuidadosamente até o chão e embalando sua cabeça para que não batesse contra o asfalto. Ele era um espectro, mas era o que eu poderia me tornar, e ele se tornou aquele monstro muito cedo.

Com o espectro abatido, eu me levantei novamente, olhando para a cena.

Liam tinha vinte quilos de músculos duros a mais que o homem, e, provavelmente, muito mais experiência de luta legítima, mas eles ainda estavam em cima um do outro. Liam, com um sorriso satisfeito no rosto, estava levando o homem a fazer pequenos golpes estúpidos, o que só o deixaria cansado.

Liam estava brincando com ele. Não que eu não pudesse simpatizar.

Atrás dele, havia um membro morto de Reveillon no chão, dois cujos olhares estavam fixos no homem que o espectro havia estripado.

Eu puxei a arma e caminhei em direção a eles. — Sugiro que vocês caiam no asfalto, com os rostos para baixo.

— Foda-se, vadia — disse um deles, mas seus dentes batiam com medo.

Liam andou até o meu lado, ofegante. — Seu idiota. Agora você a insultou. — Liam avançou e chutou o cara nas bolas. O homem caiu de joelhos com um gemido, revirando os olhos.

— Obrigada, eu acho, por proteger minha honra?

— A qualquer momento.

Mantendo a arma no segundo cara, que sabiamente levantou as mãos para o ar, eu puxei as algemas do meu bolso enquanto Liam virava o cara de bruços e puxava as mãos dele para trás.

Ele pegou um, prendeu os pulsos do homem, depois se levantou e enxugou o suor da testa. — Você seria uma caçadora de recompensas muito boa.

Virei a arma e a ofereci a Liam pelo cabo, olhando para baixo para os arranhões ao longo dos meus braços. — Obrigada. Mas já tenho um emprego.

* * *

A cavalaria chegou, dois agentes da Contenção que pareciam pouco mais velhos que o espectro no chão. Contenção estava usando até os novatos. Todos os outros estavam na Ilha do Diabo, procurando Reveillon pelas ruas, ou já lutando contra eles.

— São todos membros do Reveillon — disse Liam. — Eles estavam atacando o espectro.

Seus olhares rastrearam os humanos e os espectros. — E o Para. Você matou isso? — perguntou Um dos agentes.

— É *ele* — corriji. — Não *isso*. E ele é um espectro, não um Para. Eles são diferentes. — Pelo menos para mim. — E não, nós não o matamos. Nós o drogamos.

— Tranquilizantes licenciados — disse Liam. — Nós vamos levá-lo à clínica. Vocês podem lidar com esses três?

— Claro — disse o outro agente.

— Além desses, tinham mais quatro que fugiram — apontou Liam. — Eles seguiram por lá, a pé. Eles são covardes, então você ainda pode ser capaz de prendê-los.

— Claro — disse um deles, e puxou um comunicador do cinto.

— Nesse caso — disse Liam —, nós estamos indo. — Ele não esperou que eles discutissem, então caminhou até o espectro e o pegou. Ele parecia ainda mais frágil sendo segurado por Liam, seus braços levantados como asas abertas.

— Há um cobertor atrás do banco — disse Liam, apontando para a caminhonete. Eu agarrei e o coloquei no banco. O espectro provavelmente não se importaria, mas Liam pensar em fazer isso mexeu com meu coração.

Ele colocou o menino cuidadosamente no cobertor, então usou amarras para criar um tipo de gaiola que o impediria de rolar pela caminhonete. Não foi uma solução bonita, mas ele não seria capaz de nos

atacar no caminho, ou escapar para atacar qualquer outra pessoa. Por mais lamentável que fosse, isso precisava ser a prioridade.

— Eu não sabia que isso poderia acontecer com uma criança — disse eu quando Liam moveu a caminhonete na rua principal, em direção à Ilha do Diabo. Eu sentei no meio da caminhonete, observando-o obedientemente.

— Ele é o mais novo que eu já vi. De longe.

— Ele poderia ter aprendido equilíbrio, para controlar isso. Não deveria ter chegado tão longe. — Eu olhei para Liam. — É irônico que o levemos para a Ilha do Diabo? Ou apenas cruel?

Liam manteve os olhos na rua. — Não há outro lugar para levá-lo, Claire. Ninguém mais conseguiria lidar com ele.

A transformação desse menino foi apenas uma das milhões de tragédias, grandes e pequenas, que o mundo viu desde que o Véu se abriu. Mas isso doía tanto quanto qualquer uma delas.

* * *

Os guardas da Ilha do Diabo ficaram em silêncio quando Liam carregou o menino pelo portão. As casas pelas quais passamos estavam igualmente silenciosas.

— Lizzie! — gritou Liam quando abriu a porta da clínica para ele.

Ela entrou no quarto um momento depois. Seu uniforme rosa estava enrugado, o rosto suado, mechas de cabelo em cachos úmidos ao redor. Ela tirou as luvas sujas e jogou-as em uma lata de lixo. — Tem sido uma noite longa já. E parece estar prestes a ficar completamente desmoralizante.

Ela caminhou até nós, checando as pupilas do menino com uma lanterna, depois suspirou. — Quantos anos ele tem? Onze?

— Mais ou menos isso — disse eu quando Liam entregou o menino para o assistente que seguiu Lizzie para o quarto.

— Isso é um chute nos dentes. — Ela olhou para nós. — Algum sinal dos pais dele?

—Não — disse Liam, e descreveu onde o encontramos e como. — É possível que eles estivessem por perto, mas não parece que ele está em um lar estável há algum tempo.

— Não — concordou Lizzie —, ele parece selvagem. Vamos combinar com pessoas desaparecidas, apenas no caso — disse ela. — Se os pais dele estiverem vivos. É possível que ele seja um órfão, tem vivido nas ruas por um tempo. — Ela olhou para mim. — Quer que eu te diga se os encontrarmos?

Assenti. — Eu apreciaria isso.

Lizzie assentiu. — Obrigada por cuidar dele. Ouvi dizer que você foi muito bem nas visitas domiciliares.

Sorri. — Para uma novata, talvez.

Lizzie sorriu. — Isso é basicamente o que a Vendi disse, o que é um grande elogio. Agora saiam daqui para que eu possa fazer o meu trabalho.

* * *

A loja estava trancada e quieta quando voltamos, todos dormindo. Gavin estava enrolado em uma cadeira na sala da frente. Burke e Tadjì haviam pendurado um lençol no corredor até o quarto dos fundos, e presumi que estavam dormindo. Eu não queria checar.

Subi e vesti um short e camiseta, escovei os nós do dia do meu cabelo. Ouvi Liam entrar pela porta. — Você precisa de lençóis ou travesseiros, ou qualquer coisa?

— Não — disse ele, e quando olhei, vi que ele olhava para mim como um homem com uma sede há muito negada.

Meu coração bateu em resposta silenciosa.

— Você parece uma rainha das fadas — disse ele. — Radiante e sobrenatural.

Sorri. — Estou exausta e chateada.

— Você fez bem esta noite. Lidou com o espectro. — Ele sorriu. — Você lidou com Lizzie.

— Eu tentei.

Liam não deveria ter caminhado em minha direção. Ele não deveria ter segurado meu rosto, encarado com mera adoração, até mesmo eu poderia reconhecer, e ele provavelmente não queria sentir.

— Seria tão fácil para você fugir — disse ele. — Afastar-se de tudo isso e poupar-se das emoções, do medo, do perigo. Mas você não fez. E você não espera. Você pula com os dois pés. — Ele sorriu, seus olhos brilhando como joias. — Você é tão corajosa.

— Imprudente — disse eu com um sorriso.

— Imprudente — concordou ele.

— A dúvida é parte da vida — disse eu. — E assim é a esperança. A vida é sobre arriscar. Você só tem que acreditar que a chance vale a pena.

Enterrei os dedos na camisa dele, descansando minha testa em seu peito. Eu deveria ter feito a coisa difícil – a coisa mais inteligente – e me afastado, deixando-nos em paz. Mas era tarde demais para isso agora.

— Não me importo com o amanhã, ou no dia seguinte, ou no próximo. Eu só me importo agora, sobre mim, sobre você. — Era apenas meia mentira, e era uma mentira que eu poderia viver. E quando ele olhou para mim, eu soube que ele sabia disso.

Coloquei uma mão no rosto dele, eu sabia para onde estávamos indo. — Hoje à noite, você me fará sentir completa. Você me manterá segura.

Seu gemido era profundo, elementar, totalmente masculino.

— Eu quero estar em casa — disse eu. — E estou em casa quando estou com você.

Com essas palavras, selei nosso acordo.

* * *

Ele me levantou em seus braços e me carregou para a cama. Eu me deixei levar. Deixei-me descansar sobre a solidez quente de seu corpo, cercada e segura, e pela primeira vez em anos, satisfeita. Talvez este fosse o nosso fim, talvez não fosse. Mas por esta noite, nenhum de nós estaria sozinho.

Ele me colocou na cama como se eu fosse uma antiguidade delicada, e começou a tirar a camiseta, mas balancei a cabeça.

— Deixe-me fazer isso. — Eu queria desembrulhá-lo, revelá-lo, um pouco de algodão e jeans de cada vez.

Sorrindo com óbvia satisfação, ele abaixou as mãos. — Vá em frente.

Puxei a bainha da camisa, revelando um abdômen liso, peito forte, ombros largos. Ele ergueu os braços, deixando-me puxar a camisa sobre sua cabeça.

Enquanto ele observava com olhos cobiçosos, deixei meus dedos traçarem e roçarem o músculo duro e esculpido, afiado pelo suor e esforço. Cada centímetro era forte e firme, cada músculo firme, e estremeceu sob o deslizar dos meus dedos.

Deixei meus olhos olhar em seu rosto incrivelmente lindo. Olhos azuis penetrantes, boca generosa, os ângulos escuros das sobrancelhas. — Você é o homem mais bonito que eu já vi na minha vida.

Essas sobrancelhas arquearam. — Isso é um grande elogio, Claire Connolly. Obrigado.

— Você é bem-vindo, Liam Quinn.

Não tive nem um momento para me perguntar o que viria a seguir. Ele subiu acima de mim, os braços apoiados em ambos os lados da minha cabeça, e olhou para mim reverentemente. — Você é a criatura mais linda e atraente que já vi na minha vida. E em Nova Orleans, isso quer dizer alguma coisa.

Sorri para ele. — Seu sotaque fica mais forte quando está me lisonjeando.

Ele se inclinou, lábios no meu ouvido. — *Tu es belle.*

Entendi a essência bem o suficiente.

— E é a minha vez — disse ele, e roçou as mãos fortes ao longo das minhas costelas, deslizando a camiseta fina enquanto nos movíamos.

A mão em todo o meu estômago, depois meus seios. Fechei os olhos e arqueei nas mãos.

— Quase delicada — disse ele, com as mãos nos meus seios, acalmando, acariciando e incitando ao mesmo tempo, e depois com a boca. Arqueei contra ele, movendo meu corpo contra o dele. Meu coração queria beber cada toque, mas meu corpo queria que ele se apressasse.

Ele puxou a camiseta sobre minha cabeça e abaixou seu corpo para o meu, e então me beijou. Suavemente, a princípio, depois exigente, dentes e língua me desafiando a tomar, a dar o fôlego para respirar. Deslizei as mãos em seu cabelo grosso e escuro, e puxei-o para mais perto até que seu corpo se alinhava com o meu, sua excitação impressionante entre nós.

— Jesus, Claire — disse ele, enterrando o rosto no meu pescoço. — Eu me sinto como um adolescente.

Eu sorri. — Bom. Porque me sinto assim há um bom tempo agora.

Ele pressionou beijos suaves em meu pescoço, minha clavícula e depois em meus seios novamente, onde seus dedos longos, igualmente gentis e fortes, provocavam e incitavam.

Abri meus olhos para olhei para ele, e encontrei-o olhando para mim enquanto seus lábios e dedos se moviam no meu peito. — *Ma chère* — disse ele, e desceu pelo meu corpo, tirando shorts e calcinhas até que deitei na cama, nua para ele.

— *Ma chère* — disse ele novamente, e beijou cada centímetro das minhas pernas, por sua vez, até que trabalhou seu caminho até o centro do meu corpo, até que sua boca me encontrou e me levou implacavelmente para o primeiro, cintilante cume.

— Liam — disse eu, enrolando meus dedos em seu cabelo. Sentei-me para capturar a boca dele, ocupando os dedos no cinto dele, depois os botões do jeans.

Botões. Tantos botões.

— Nunca use isso de novo — provoqueei contra a boca dele, e quase me encolhi com a sugestão de que haveria mais dias, mais noites como estas, quando prometi a ele que esta noite seria o suficiente. Mas seus olhos permaneceram fechados, seus lábios abertos e quase ofegantes quando o encontrei, acariciei.

Seu peito arfava quando encontrei meu ritmo e suas sobrancelhas escuras se uniram com uma intensidade apaixonada. Até que seus olhos se abriram, olhou para mim, e me beijou ferozmente, provocando minha língua com a dele. — Acho que não posso esperar por mais tempo.

— Então não espere.

Ele tirou o jeans, em seguida, sua cueca boxer – sua forma nua uma imagem que eu sabia que gravaria em minha mente – e elevou seu corpo sobre o meu novamente. Sua mão segurou meu rosto, e pressionei os lábios na palma da mão dele, beijando o pulso batendo. Liam observou meus olhos e minha boca enquanto me tocava, me enchia e começava a balançar nossos corpos juntos.

— *Claire* — disse ele baixinho, levantando meus quadris para ir mais longe, os dentes beliscando enquanto se movia. Rolei meus quadris contra ele e ele gemeu, dizendo meu nome novamente.

— Essa é a minha garota — disse ele contra a minha boca, e acelerou seu ritmo, prazer se formando como uma estrela quente no meu núcleo enquanto eu fazia o mesmo, acompanhando o movimento, cada impulso com um giro dos meus quadris.

Liam se afastou, então me mudou, realinhando nossos corpos, então se enrolou atrás de mim, me cercou e se moveu dentro de mim novamente, nossas pernas entrelaçadas, sua mão entre as minhas, acariciando a cada batida.

Eu me estiquei contra ele, arqueando para aproximar nossos corpos, esperando enquanto o prazer se aquecia, expandia, explodia, levando-nos ao limite.



Capítulo 21

Ainda estava escuro quando acordei com os pássaros cantando alegremente no pátio abaixo. Eu esperava que Liam tivesse ido embora quando eu acordasse, que os lençóis estariam frios, e permanecesse apenas o leve cheiro de sua colônia.

Mas acordei nos braços dele. O quarto aquecera durante a noite e o ar ficara mais viscoso, exacerbado pelo fato de nossos braços e pernas estarem emaranhados.

Não sabia ao certo o que estava acontecendo, ou se alguma maré havia se transformado. Se ele tivesse alcançado a paz com a nossa situação – com as possibilidades que se estendiam à nossa frente – ou se estávamos simplesmente ignorando-as.

Eu estava bem com isso, pensei, fechando os olhos e me aconchegando mais perto. Seus braços vieram ao meu redor, sua mão acariciando minhas costas. Eu estava bem em não planejar, não pensar, não falar sobre isso. Eu estava bem apenas com a possibilidade de que isso fosse apenas por hoje.

Isso ainda era meio mentira. E eu poderia viver com isso também.

* * *

Acordei novamente quando a luz do sol entrou no quarto. Saí da cama, deixando Liam emaranhado nos lençóis, um braço jogado sobre a cabeça, os cílios escuros contra a pele.

Desci as escadas antes que alguém mais estivesse lá, e encontrei Gunnar na mesa, já tomando café.

Observei o rosto dele. Gunnar era um homem corajoso, um homem forte e um homem honrado. Ele não era o tipo que tinha medo; ele era o tipo de agir. Mas agora havia medo em seus olhos. E isso era aterrorizante.

— O que há de errado? — disse eu.

Ele olhou para mim. — Por que você acha que algo está errado?

— Porque você tem uma pasta. Nada de bom acontece quando uma pasta da Contenção entra na loja. E porque você parece exausto e preocupado. — Puxei a cadeira ao lado dele.

— Já faz várias semanas desde que eu tive um tratamento facial.

— Tem sido *sempre* desde que você teve um tratamento facial. — Estendi a mão e peguei a dele. — Diga-me.

— Bom dia — disse Gavin, saindo da cozinha com um pedaço de pão de milho da noite passada.

— Está todo mundo aqui? — perguntou Gunnar. — Eu poderia muito bem dar a notícia a todos de uma vez.

— Tadj e Burke estão na parte de trás. — As escadas rangeram e Liam entrou na sala, puxando uma confortável camiseta do Royal Mercantile.

Eu queria fechar meus olhos e bombear meu punho com a vitória. Assumindo que foi uma vitória. Não foi uma vitória? Isso significou alguma coisa. Foi um sinal ou um indício. Ou ele só precisava de uma camiseta limpa...

Mas não importava, eu me lembrei. Eu não tinha direito sobre ele; esse foi o acordo que fizemos na noite passada. E, mais importante, um dos meus melhores amigos estava sentado à minha mesa parecendo completamente preocupado e tenso. Não era hora de preocupar com relacionamentos.

Por outro lado, Gunnar parecia grato pela distração visual. — Droga — sussurrou ele. — Ele preenche a camisa muito bem.

— Ele parece melhor sem isso — murmurei, e Gavin bufou.

— Essa é a minha menina — disse Gunnar.

Liam caminhou em nossa direção, a expressão solene. — O que aconteceu?

Burke e Tadjji empurraram a cortina e se juntaram a nós. Os olhos de Tadjji se arregalaram por um momento ao ver a camiseta de Liam e deslizaram para mim. Eu apenas dei de ombros. Fiz a minha escolha, e viveria com isso.

— O que houve? — perguntou Burke, indo até a mesa.

— Nós questionamos os membros do Reveillon que vocês encontraram na noite passada. Eles são idiotas covardes e cantam como canários. Após algumas técnicas criativas de interrogatório — acrescentou ele, abrindo a pasta. — Nós descobrimos quem ele é.

Dentro da pasta havia uma fotografia de um cara de aparência comum com a pele pálida e cabelos escuros. Era inegavelmente Ezekiel – a sobrancelha grossa, a mandíbula forte, o nariz cheio. Não havia nada de mal nos olhos dele. Nada que eu pudesse ver que indicava que ele era mal – ou seria.

— O nome dele é Chip Alexander Thompson — disse Gunnar.

— Falei que era esse — eu disse.

— Ele é do Oregon. Seus pais são donos de uma empresa madeireira.

— Os pais dele têm dinheiro? — perguntou Liam, virando a foto para ter uma visão melhor.

Gunnar assentiu. — Excessivamente. Ele foi para a USC. Formou em antropologia cultural, colocou na cabeça a ideia de salvar a Zona. Achamos que ele veio com a irmã. Ela foi declarada desaparecida por seus pais um ano depois que eles partiram.

Fiz uma careta. — Eles arquivaram um relatório de pessoa desaparecida sobre ele?

— Apenas ela.

— Então eles sabiam que ele estava vivo. Talvez se perguntassem se ele tinha algo a ver com isso.

— Guerra aos Paranormais é um grande salto de querer apenas salvar a Zona — disse eu. — O que diabos aconteceu nesse meio tempo? O que o militarizou? Foi a irmã?

— O melhor que podemos encontrar é que ele veio à Louisiana cerca de um mês antes do fim da guerra. Disse às pessoas que tinha uma visão de como a Zona poderia ser revivida. Sobre como o solo poderia ser consertado,

e as pessoas poderiam viver aqui novamente. Ele foi para o Acampamento Couturie, contou às pessoas sobre seu plano. No início, seu plano era positivo e proativo, e então ele ficou frustrado. Começou a falar sobre conspirações.

— E provavelmente há muitas pessoas no Acampamento Couturie que aceitam isso — disse Burke.

Gunnar assentiu. — As pessoas ficam doentes e cansadas de estarem doentes e cansadas, e elas procuram respostas, qualquer que seja a fonte. Ele disse às pessoas que os espectros existiam porque a Contenção queria, que o plano da Contenção era desenvolver guerreiros – soldados que poderiam lutar contra os Paras caso a muralha caísse.

Bufei. — Se isso fosse verdade, certamente teríamos conseguido algum treinamento no trabalho.

— Não se preocupe — disse Burke.

— Há algo errado nele. Algo não muito certo emocionalmente. Ele é muito carrancudo – estava muito nervoso naquela noite no acampamento. Instável. E nós já sabemos que ele é violento. — Olhei para eles. — Não é difícil acreditar que ele teve algo a ver com a morte dela.

— Eu também — disse Gunnar. — Ele é sádico e decidiu que a maioria das pessoas na Zona – exceto pelo grupo principal – é seu inimigo. Perguntei-lhes sobre Eden, sobre a tenda no Acampamento Couturie.

— O que eles disseram? — perguntou Liam.

— Um homem morava lá; seu nome era Louis. Ele tocava violão, principalmente blues, e era bem conhecido ao redor do acampamento por causa disso. Aparentemente, Ezekiel exigiu que ele parasse ou doasse seu talento para a causa. Louis recusou. — Os olhos de Gunnar ficaram duros como obsidiana. — Uma noite, os homens de Ezekiel o arrastaram para fora de sua tenda, levaram-no para a fonte e atiraram nele.

Engoli em seco. — Era a tenda dele.

Gunnar assentiu. — Ezekiel é violento, matará qualquer um em seu caminho. E é onde estamos hoje. — Ele fez uma pausa, como se estivesse se preparando. — Reveillon está preparando um ataque — disse ele. — Eles vão tentar destruir a Ilha do Diabo – Contenção e Paranormais – em um único ataque.

O silêncio caiu como uma névoa em toda a sala.

— Quando? — perguntou Liam.

— Dentro das próximas quarenta e oito horas.

Nós apenas olhamos para ele.

— Você tem certeza que a informação é confiável? — perguntou Burke.

— Os membros que Claire e Liam capturaram na noite passada e os fugitivos da Ilha do Diabo confirmaram. O bombardeio no portão deveria ser a primeira onda de um ataque em andamento. Ele esperava danos graves, para que o resto de seu pessoal pudesse simplesmente entrar, mas seus esforços não deram resultados. Nós os mantivemos ocupados nas fronteiras e nas estradas principais, o que é um pouco de consolo.

— Você encontrou o vazamento no PCC? — perguntou Liam.

O sorriso de Gunnar era sombrio. — Sim. Ele está aguardando acusação por traição. Infelizmente, embora não esteja mais em condições de fornecer informações, Ezekiel aparentemente está cansado de esperar e pronto para se mover. Eles também disseram que ele tem agido de forma mais irregular nos últimos dias.

Isso era um monte de informações específicas dadas por pessoas que não eram confiáveis.

— Técnicas de interrogatório criativas? — perguntei.

O rosto de Gunnar era completamente neutro. — No interesse da segurança pública.

Considerando o que eles fizeram, eu não iria discutir com isso.

— Quantas pessoas ele tem? — perguntou Liam.

— As forças armadas não podem sobrevoar a Zona – é muito perigoso se a energia falhar. Mas, com base em imagens de satélite, pensamos em duas mil pessoas.

— Droga — disse Liam.

Gunnar sorriu. — Eu sempre amei essa palavra, droga. Diz tanto em tão poucas sílabas.

— Droga — disseram Liam e Gavin juntos.

— Então, o exército, os fuzileiros navais, seja o que for, enviaram tropas? — perguntou Tadj.

— Eles estão tentando enviar tropas desde o bombardeio — disse Gunnar. — O PCC está pressionando novamente para as tropas de Jackson, Birmingham. Mas não sabemos se eles chegarão a tempo. Acho que temos que supor que eles não chegarão.

Isso explicava por que Gunnar parecia não ter dormido.

Tadji sentou-se pesadamente. — Ezekiel está trazendo guerra, e ninguém virá para lutar contra isso?

— Contenção ainda está aqui — disse Gunnar asperamente, e imaginei que ele disse isso hoje mais vezes do que queria. Então ele ergueu a mão e esfregou a outra no rosto. — Desculpe, desculpe. Longa noite.

— Você ainda está rastreando com satélite? — perguntou Gavin.

— Como podemos. E ainda temos batedores pela cidade — disse ele, apoiando o cotovelo na mão e passando a mão pelo cabelo. — Mas isso não foi bem sucedido até agora. Eles são nômades operantes, mudando de um lugar para o outro. Não temos a mão de obra para rastreá-los.

— Então, o que fazemos? — perguntou Tadji. — Não podemos simplesmente sentar por aqui, esperando que alguém apareça para nos matar. Esperando pelo exército deles.

— Podemos evacuar — disse Gunnar, três palavras pesadas que as pessoas da Zona ouviram vez após vez, pelo menos até fecharem as fronteiras para evitar que a violência e a magia se espalhassem.

— E a sua opção realista? — perguntei. — Porque você sabe que as pessoas não vão sair. Os que estão aqui já decidiram não ir.

— Podemos usar o resto de vocês na Ilha do Diabo. Não para proteger a prisão — disse Gunnar, estendendo a mão para antecipar a provável discussão. — Para proteger os Paranormais. É de longe o melhor lugar que temos para mantê-los seguros.

— Você perguntou se eles querem ficar? — perguntou Liam.

O rosto de Gunnar ficou tenso. — Eles são prisioneiros de guerra. Independentemente do que querem, não há outro lugar que possamos levá-los e chegar perto de garantir sua segurança. — Ele não parecia feliz com isso.

Ele olhou para mim. — Vamos oferecer uma reunião na prefeitura para falar sobre o que está acontecendo, explicar o processo. Talvez responder algumas perguntas — acrescentou, a contragosto.

— Bom — falei. — Isso é muito bom.

— Reveillon vai caçá-los — continuou. — Nosso plano é movê-los para o centro do Marigny. Isso cria um perímetro que Reveillon terá que atravessar para chegar até eles – além das muralhas da própria Ilha do Diabo. A Contenção, e qualquer outro ramo que apareça para lutar, permanecerão dentro daquele perímetro, mantendo-os afastados até que possam ser derrotados ou contidos.

Ele olhou para nós. — Poderíamos precisar de voluntários para ajudar no processo de transferi-los para os abrigos temporários que estamos montando agora. E quando Reveillon vier, para ajudar a protegê-los.

— Sabemos que não é o trabalho de vocês — acrescentou ele. — É da Contenção. Mas Reveillon sabe o que está fazendo. Eles estão construindo uma rede há anos, trabalhando para nos espalhar a fim de criar a oportunidade perfeita de dizimar os Paranormais restantes. Se as caravanas militares não conseguem passar, estamos por conta própria.

Olhei em volta, verificando os rostos dos meus amigos, depois olhei de novo para Gunnar. — Acho que falo por todos quando digo que faremos o que pudermos, mas não lutaremos pela Ilha do Diabo. Não vamos lutar por um sistema ruim. Vamos lutar pelos Paras que foram trazidos para este mundo contra a vontade deles, pelos sensitivos que não tiveram a chance de sobreviver. Vamos lutar por eles.

Liam assentiu. — Concordo.

— Concordo — disse Burke, e olhou para Tadj.

— Concordo — disse ela.

— Concordo — disse Gavin.

Gunnar olhou para mim por um longo momento. — Entendido — disse ele, e ofereceu sua mão.

Quando nos cumprimentamos, eu não sabia se estava fazendo um acordo com Gunnar ou com a Contenção. E, considerando as circunstâncias, provavelmente não importava muito.

— Há mais uma coisa — disse Gunnar. — Se eles atravessarem, eles podem tentar destruir a loja.

Tadji cruzou os braços. — Sobre o meu cadáver, eles colocarão um pé na minha loja.

Eu não queria sorrir, mas não pude evitar depois do comentário *minha loja*.

— Isso causará danos — disse Gunnar. — Isso é inevitável, especialmente porque Ezekiel sabe quem são Liam, Claire e Eleanor. Há um furacão se movendo em direção à cidade, e isso não deixará que as paredes fiquem no caminho da destruição e do caos.

Tadji olhou para mim. — Queríamos reunir a comunidade. Eu digo que nós os reunimos, exatamente como planejei. Vamos tirar os lençóis e abrir as portas. Usar este local como um ponto de verificação da comunidade. Eu sei que é perigoso — adicionou —, mas é melhor do que ficar trancada e sozinha para que Reveillon venha invadir.

— Isso é bom — disse Gunnar. — Provavelmente, eu posso poupar um agente, alguém que possa ajudar com o público.

Levantei um dedo. — Não Broussard.

Foi aí que bati meu pé no chão.

* * *

Nós nos abastecemos, planejamos estratégias, e tiramos os lençóis das janelas da loja. Gavin levou o Hummer para a patrulha. Burke concordou em atualizar a Delta, pedindo que fizessem o que pudessem. Tadji encontrou uma lata de biscoitos dinamarqueses para nós e o ataque de clientes curiosos e preocupados que ela estava esperando.

— Terei que pedir desculpas pela falta de progresso na reabertura — disse Tadji severamente enquanto trabalhávamos juntas para dobrar um dos lençóis.

— Acho que a guerra supera a reabertura — disse eu. — Eles vão entender. Ainda vão reclamar, porque são pessoas, mas eles vão entender.

Gunnar entrou com uma mulher que não reconheci. Magra, com pele clara e cabelos loiros. Ela tinha o nariz fino e boca larga, e olhos cor de avelã que olhavam ao redor da loja com curiosidade.

— Esta é a agente Alice Colfax — disse Gunnar quando chegaram até nós. — Ela é especialista em relações com a comunidade e logística da PCC, e foi destacada para a Contenção nos últimos dezesseis meses. Ela adora feijão e arroz, é uma jogadora infernal, e está disponível para a Royal Mercantile hoje para responder a quaisquer perguntas que os clientes possam ter. — Gunnar olhou para ela. — Esqueci alguma coisa?

Ela franziu a testa, considerando. — Eu amo brócolis, sou alérgica a gatos e corro uma caminhada de cinco minutos.

Tadji piscou. — Como, de propósito?

Colfax sorriu, encolhendo os ombros. — Eu gosto de um desafio.

— Então você veio ao lugar certo — disse Tadji, apontando para o balcão. — Deixe-me contar sobre a Sra. Proctor.

Não pude deixar de rir.

* * *

Encontrei um par de mochilas da Contenção, e enchi com ataduras, água, barras de proteína, as fichas que eu devia a Salomon. Tadji me ofereceu um lápis e um caderninho.

— Só para o caso de você ouvir alguma coisa interessante — disse ela, e bateu nas versões maiores que colocara no balcão. — Uso da linguagem em tempo de guerra, novos palavrões, esse tipo de coisa.

— Sempre uma linguista — disse eu, dando-lhe um abraço.

— Mas é claro. — Ela pressionou um beijo na minha bochecha. — Tenha cuidado lá fora.

— Tenha cuidado aqui. E se o pior acontecer, saia da loja. Vá para o Cabildo ou sua casa. Apenas vá para um lugar seguro. Eu amo este lugar, mas você é a coisa mais importante aqui.

— O que ela disse — disse Liam, dando-lhe um abraço também. — Entraremos em contato quando pudermos.

— Vou acompanhá-lo até o Cabildo — disse Gunnar quando nos dirigimos para a porta. — Preciso falar com o comandante. Então eu encontrarei vocês na Ilha do Diabo.

— Quanto tempo nós temos? — perguntou Liam.

— Com base nas imagens de satélite, estimativas de movimento de tropas, menos de vinte e quatro horas. Se eles são espertos, ficarão dispersos, atacando de todos os lados, talvez com a força mais forte no portão.

— Eles usarão o C-4 do Acampamento Couturie — disse eu. — Tentarão derrubar as paredes.

— Sim — concordou Gunnar. — As paredes, o Cabildo, o quartel. Nós colocamos segurança extra como podemos. Mas sem backup, se as caravanas não conseguirem passar, não teremos pessoas suficientes para impedir que atinjam todos os alvos.

— Haverá perda de vidas — disse Liam.

— Sim — disse Gunnar. — Lizzie está preparando a clínica. Eles terão que fazer triagem como podem. Realmente, todas as mãos estão no convés.

Chegamos ao Cabildo, o belo prédio à cabeceira da Jackson Square, o único prédio que sobrevivera as três guerras que um dia ocorreram ali.

Gunnar estendeu a mão, deu-me um abraço e ofereceu a Liam um aperto de mão. — Tente mantê-la fora de problemas.

— Farei o meu melhor.

— Não preciso de um acompanhante.

Ambos apenas olharam para mim. O que não era especialmente lisonjeiro.

Com as mochilas nas costas, Liam e eu andamos o resto do caminho até o portão da Ilha do Diabo.

Eu queria dizer alguma coisa, romper o silêncio sociável e perguntar sobre nós. Eu não queria que a noite passada fosse minha única noite com Liam. Por outro lado, eu não poderia culpá-lo por quem ele era, ou culpá-lo por aceitar minha palavra. Eu disse a ele que não haveria expectativas. É assim que teria que ser.

— E mais uma vez — disse eu, fingindo alegria que eu supunha que ambos precisavam —, eu entro na Ilha do Diabo e espero sair novamente.

— Vamos sair novamente — disse Liam e pegou minha mão. — Juntos. Isso era alguma coisa. Eu aceitaria isso.

Duas dúzias de voluntários – alguns agentes da Contenção, alguns funcionários da Ilha do Diabo, alguns civis – reuniram-se perto do velho e ao ar livre Marigny Market Building. O capitão Reece aparentemente se ofereceu para liderar esta parte da preparação. Ele estava ao lado de um grande mapa pregado a uma tábua giratória.

— Qual é o plano? — perguntou um agente.

Reece apontou para um mapa e um quadrado vermelho em torno de vários quarteirões no meio do bairro. — Queremos mover todos nessa área. Isso nos permitirá criar um segundo perímetro de segurança em torno dos moradores. Cada residente ou unidade familiar tem um local ou unidade designada. Vamos ajudá-los a chegar lá da maneira mais organizada e eficiente possível.

Havia algo de errado em chamar os prisioneiros de *residentes* mesmo que eu entendesse o motivo.

Fomos separados e designados a *grupos de residentes*. O meu grupo de adultos e crianças era uma dúzia de membros: uma família extensa, até onde eu sabia. Os adultos, cuja pele pálida e sem pelos, manchados de laranja claro, os marcavam visualmente como Paranormais, não falavam inglês.

Eles carregavam apenas algumas necessidades – um saco de comida que restava em suas casas, fraldas para crianças, seus papéis atribuídos pela Contenção. – para a caminhada até o quartel de emergência.

Fiz uma varredura final na pequena casa, encontrando quartos com tinta de cores vivas, brinquedos e jogos que pareciam completamente estranhos, um jardim impressionante de ervas e vegetais. E quando pisei no limiar novamente, eu olhei para a luz brilhante.

Uma pequena mão pegou a minha. — Haverá outra guerra.

Eu olhei para baixo. A criança não poderia ter mais do que seis ou sete anos, uma coisinha pequena com a mesma pele pálida e manchada que sua

família. Ela usava um macacão rosa e uma faixa de cabeça combinando sobre a cabeça lisa, e sua voz carregava um sutil sotaque de Nova Orleans, provavelmente porque aprendeu inglês com os agentes e trabalhadores da Contenção.

— Talvez não seja uma guerra — disse eu. — Mas provavelmente uma briga.

— Como assim?

— Porque às vezes as pessoas tomam decisões muito ruins.

— Humanos, ou pessoas como nós?

Essa não era a grande questão? — Tanto quanto eu posso dizer, praticamente qualquer um.

— Isso é muito estúpido — disse ela, e apertou a mão livre sobre a boca. — Não posso dizer *estúpido*.

— Eu não vou contar — disse eu com um sorriso. — Porque você está absolutamente certa.

— Ok! — disse ela em um sussurro alto para que a mãe dela – e qualquer outra pessoa em um raio de três metros – pudesse ouvir.

Nós nos juntamos à inundação de Paranormais fazendo a mesma caminhada mais fundo na prisão. Alguns pareciam preocupados; alguns pareciam não se incomodar. Outros pareciam francamente chateados. Eu não poderia culpá-los por isso. O prédio para o qual fomos designados era uma sala vazia com dezenas de fileiras de catres. A família que ajudei a se mover acenou para mim, em seguida, saiu para encontrar o local designado.

Nedra, Thora e as meninas pegaram um conjunto de catres no canto oposto, as meninas saltando em suas camas de lona temporárias com visível excitação. Nedra e Thora compartilhavam um olhar de preocupação óbvia, depois apertaram as palmas das mãos antes de organizar a área.

Era um campo de internação dentro de um campo de confinamento.

E isso não me fez sentir melhor em relação à Ilha do Diabo.

Eu andei até Reece, que estava no final do prédio, observando os *residentes* encontrar seu novo lar. — Você acha que podemos mantê-los seguros?

Demorou muito tempo para ele responder. — Não sei. Mas hoje temos um inimigo comum. E é nossa obrigação tentar.

Eu não podia discutir com isso.

* * *

Havia alguns milhares de Paranormais na Ilha do Diabo, e levou horas para movê-los, situá-los. Havia disputas a serem resolvidas – camas insuficientes, cobertores insuficientes, muito perto da saída, não perto dos banheiros, e ocasionalmente um par de sapatos ou um saco de arroz que faltava.

O sol estava se pondo quando os voluntários se dispersaram. Naquela época, a Contenção criara seu perímetro de segurança, organizando pessoas e postes de amarração de concreto em um círculo ao redor da praça de prédios.

Encontrei Liam esperando do lado de fora. Nós voltamos juntos para o portão, onde o perímetro frontal do anel estava sendo montado. Mais perto do portão, agentes sentavam-se na calçada sob os beirais do prédio do mercado. Dentro havia mais dúzias de agentes, um modelo em escala da Ilha do Diabo, caixas de água engarrafada e uma chaleira de sopa em cima de um tanque de propano flamejante.

A Contenção estivera ocupada.

— Acho que é o jantar — murmurou Liam, farejando o ar. — Ou lavanderia.

Gunnar ficou perto da maquete, respondendo a perguntas. Esperamos até que ele nos reconhecesse, só assim ele saberia que estávamos lá, depois pegamos garrafas de água e nos preparamos para esperar por instruções.

Havia uma comoção do lado de fora, comentários sarcásticos e vozes elevadas, incluindo uma que era muito familiar.

Liam deve ter reconhecido também. — Filho da puta — disse ele, e nós seguimos para fora.

Moses estava entre dois agentes da Contenção, e as mãos deles em seu ombro.

— Que porra é essa? — disse ele, sacudindo-os.

— Há algum problema? — perguntou Gunnar, entrando na briga.

— Este Para não quer ir embora — disse o agente.

Gunnar levantou as sobrancelhas. — Moses?

Moses se encolheu, soltando-se dos agentes, avançou. Quando eles se moveram para segui-lo, Gunnar levantou a mão para pará-los.

Moses havia voltado para a Ilha do Diabo.

— Não gosto da ideia de todos vocês estarem aqui fora sem mim — disse Moses. — Eu tenho boas habilidades.

— Eu não duvido de jeito nenhum — disse Gunnar, e olhou para os agentes que seguraram Moses. — Uma milícia de assassinos e traidores para este país e para a humanidade está vindo para matá-lo, para destruir a cidade que salvamos e matar todos os Paranormais dentro dela. Parece sensato para vocês recusarem alguém, alguém que deseja ficar de pé conosco? Que quer lutar junto com a gente?

O agente molhou os lábios e desviou o olhar. — Não, senhor.

— Não — disse Gunnar —, não é. — Ele olhou para a multidão de agentes que se reuniram para assistir. — Alguém quer participar dessa luta, dizemos sim. Eu não me importo se vocês se opõem à altura, a religião, a preferência em Bourbon, ou se eles vieram de Boston, Bermudas, ou do Outro Mundo. Eles querem lutar, eles lutam. Entendido?

— Sim, senhor! — gritaram os agentes.

Gunnar reconheceu com um aceno de cabeça. — Agora, se vocês não se importam, eu voltarei a planejar esta guerra que em breve estaremos lutando. — Ele olhou para Moses. — Claire e Liam podem cuidar de você?

— Claro — disse ele.

— Você agita meu mundo — sussurrei para Gunnar.

Sua expressão era sombria. — É fazer ou morrer agora, para todos nós. E espero em Deus que saibamos o que estamos fazendo.

— Eu gosto desse garoto — disse Moses quando Gunnar voltou ao mercado. — Ele tem coragem. Nem sempre concordo com ele, mas você supera.

Quando Moses olhou para Liam, a expressão de Liam estava fria como pedra.

— Que diabos você está fazendo aqui? — sussurrou ele. — Você deveria estar muito longe agora.

— Eu voltei andando.

Nós olhamos para ele. — Você voltou andando. De Freret ao Quarter. — piscou Liam, obviamente estupefato. — E então você apenas entrou na Ilha do Diabo?

— Sim. E meus pés estão me matando.

Nós olhamos para os dedos calejados. Eles pareciam praticamente os mesmos de antes, tanto quanto eu era qualquer juiz das coisas.

— Deixe-me perguntar de outra maneira — disse Liam, uma sílaba falada de cada vez. — Você voltou do Freret ao Quarter sem um disfarce? À vista de todos?

Os olhos de Moses mostraram desprezo. — O que há de errado com a minha aparência? Pelo menos não sou um idiota desengonçado e gordo.

Não pude deixar de bufar.

— Não é a hora — disse Liam. Ele não olhou para mim, mas o tom severo estava claramente direcionado à minha direção. Ele estava absolutamente lívido. Eu entendi a emoção – a frustração com o risco que tomamos para tirar Moses daqui. Por outro lado, se pudemos tirá-lo uma vez, poderíamos tirá-lo de novo.

— Olha — disse Moses, olhando para Liam, depois para mim. — Você me fez um favor, me tirando daqui. Eu agradeço por isso. Mas isso foi antes de eu saber que um maldito exército estava a caminho. — Ele chutou o solo. — Você acha que depois de toda essa merda de despedida chorosa eu deixarei vocês aqui para lutarem sozinhos?

A guerra poderia fazer inimigos de aliados. Eu também imaginei que poderia trazer aliados de volta.

Coloquei uma mão nas costas de Liam. O que quer que seja *nós* isso pareceu aliviar a tensão. — Moses, você quer água ou sopa?

Moses cheirou o ar. — Eu poderia comer uma sopa.

Moses não foi o único que se juntou a nós. Civis vieram do Quarter, de Mid-City, de Tremé, com comida, armas e suprimentos. Eles viram os sinais de Ezekiel, e a notícia se espalhou sobre a próxima batalha. Nova Orleans ainda era a casa deles; Paranormais ou não, eles não queriam ninguém destruindo a cidade que amavam.

Alguns vieram com penas e miçangas, com as tradições dos índios do Mardi Gras.

Tony Mercier, alto e magro, tinha pele escura e cabelos curtos, e um tapa olho em um dos olhos. Ele lutara com uma companhia do Lower Ninth na guerra e agora liderava a Vanguarda, uma organização de veteranos de Nova Orleans. Ele trouxe uma dúzia deles com ele esta noite.

Seu traje estava em sua cor de assinatura – penas de fundo, amarelodourado, em camadas da cabeça aos pés. Havia desenhos feitos à mão em seu peito, canelas e braços, os quais mostravam cenas da vitória da segunda batalha de Nova Orleans. O conjunto era encimado por um enorme toucado que se estendia a quase um metro de sua cabeça.

Sua fantasia era a maior, a mais impressionante, porque ele era o grande chefe da Vanguarda. Seus companheiros também usavam roupas de penas, mas sem toucas. E não havia nada remotamente decorativo sobre suas armas – armas grandes e pequenas; facas; espadas; e praticamente qualquer outra coisa.

Isso, eu pensei. Foi por isso que ficamos na Zona. Porque apesar de todos os problemas de Nova Orleans, suas questões, suas desigualdades, as pessoas dessa cidade se uniam. Nós éramos a comunidade, a unidade que Ezekiel queria, mas ele e Reveillon nunca entenderiam.

Gunnar encontrou Tony orgulhosamente, e ofereceu uma mão. — Chefe Mercier. É um prazer vê-lo aqui.

Tony sorriu. — Estamos realmente ajudando outro chefe hoje à noite — disse ele, e se afastou.

Todos os agentes observando ficaram imediatamente em atenção quando o Comandante se aproximou.

Ele tinha pele escura, cabelos grisalhos quase tosados e olhos muito sérios e escuros. Seus lábios eram generosos, mas levemente abaixados nas

bordas, como se estivesse imerso em pensamentos e infeliz com os resultados. Gunnar havia chamado isso de seu *rosto de cadela de repouso* e pensei que ele estava certo.

Ele usava o uniforme escuro da Contenção, com estrelas ao longo do ombro para demonstrar a posição dele. As botas pretas estavam brilhantes, as mangas da camisa enroladas na metade dos antebraços, como se estivesse pronto para o trabalho. Ele parecia tão majestoso quanto o grande chefe da Vanguarda, com os ombros erguidos enquanto olhava para baixo a partir de sua altura.

— Senhor — disse Gunnar, oferecendo uma saudação. O Comandante respondeu da mesma forma.

— Gunnar. — Ele olhou para mim, para Liam, para o grupo de agentes ao seu redor, seu olhar caindo para Moses, que estava bebendo sua terceira (ou talvez quarta?) xícara de sopa bem cozida.

— Moses — disse ele. Imaginei que não deveria ter ficado surpresa que Moses conhecesse o Comandante, e vice-versa.

Moses acenou com a colher. — Comandante.

— Parece que os rumores de sua morte foram exagerados.

— Eu ouvi sobre isso — disse Moses. — Coisa louca, desde que pareço estar bem vivo aqui.

— Estou contente de ouvir isto. — O Comandante olhou para Gunnar. — Ocupando todos os cantos?

— Essa é a minha teoria, senhor. Sujeito a sua proibição.

O Comandante sorriu astutamente de volta a Gunnar. — Isso me coloca em uma posição muito legal, não é? — sussurrou ele, muito baixo para o resto dos agentes ouvirem.

O rosto de Gunnar permaneceu inexpressivo. — Você me ensinou estratégia, senhor.

— E jogar pôquer, aparentemente. No entanto, eu tenderia a concordar com você. — Ele olhou para Moses. — Como sou obrigado pela Lei mágica, não posso lhe fornecer uma arma. Entretanto, como você é cidadão de uma terra estrangeira, e a Zona é um território sem nenhum estado particular,

pode-se argumentar que você está legalmente em uma terra de ninguém, e a Lei Mágica não se aplica a você.

— Magia é ilegal, e não deveria existir, mas eu existo, portanto...

— Algo assim — disse o comandante com um sorriso. — Mas se você encontrasse uma arma sem uso pelas minhas tropas e usá-la contra Reveillon, eu não acredito que haveria qualquer coisa para reclamar.

— Eu poderia achar um lançador de granada?

— Não force.

* * *

O Comandante fez um discurso sobre dever e honra, com muitas metáforas sobre chutes e vitória. E então ele se mudou para o mercado para discutir estratégia com sua equipe.

Burke se juntou a nós, e ele, Liam e eu nos sentamos com o resto dos soldados do lado de fora do mercado, e então ficamos juntos sob o beiral quando o céu se abriu e caiu água, trazendo sofrimento e mosquitos. Moses pairou ao redor da panela de sopa.

— Da próxima vez que tivermos uma guerra — disse Liam —, vamos fazê-la no deserto.

— Homens do caralho — disse Burke, enxugando o rosto com uma bandana já úmida. — Eu aceitaria um pouco de calor sobre este maldito pântano.

— Você ama este maldito pântano — aponte. — É por isso que você está sentado na chuva, golpeando mosquitos grandes o suficiente para usar calças.

— Acho que um mosquito acabou de levar Rogers! — Veio a voz de uma mulher da escuridão. As tropas em volta dela riram.

O tempo passou enquanto esperávamos, nervos e adrenalina lutando contra o tédio e a fadiga. Eu vi a guerra, e fui arrastada para isso, mas não como soldado. Não alguém preso na longa espera antes do abatimento, onde a tensão e a hiper-consciência se tornaram tão monótonas quanto prestar atenção.

— Senhoras, senhores e não filiados, acredito que tenho algo para curar o que os aflige.

Senti o cheiro de café antes de olhar para cima, e vi Gunnar e outro agente carregando bandejas de copos de isopor.

— Duas vezes em uma semana — disse eu, levantando enquanto ele estendia a bandeja. — Você é meu herói pessoal. — Peguei o copo de café e leite cor de caramelo, o calor afastando um pouco do frio dos meus dedos.

Era café com chicória, uma tradição de Nova Orleans e de guerra. Quando o café não estava disponível, a raiz de chicória era fervida para fazer algo parecido com café. E mesmo quando o café estava disponível, usamos chicória para melhorar o sabor.

— Até agora — disse eu —, o café servido na chuva antes de uma batalha com cultistas loucos sobre o futuro da Zona é o melhor tipo de café.

— Acho que não vai caber na caneca — disse Gunnar. — E esperemos que esta seja a única vez que precise ser servido.

Palavras mais verdadeiras

— Eu gostaria de ter um hambúrguer para ir com isso — disse Burke, e seu estômago roncou para dar ênfase. — Tomates, cebola roxa pequena, um pouco de mostarda, um pouco de brilhante queijo americano amarelo²¹.

— Heresia — disse Liam. — Se você precisa de tudo isso em um hambúrguer, não é um hambúrguer muito bom.

— Hambúrgueres e café de chicória é heresia — disse eu. — Isso exige croissants. Carolinas²².

— Com montanhas de açúcar refinado — concordou Burke.

— Há um resto no pote — disse Liam. — Você pode pegar.

— Você está arruinando minha fantasia, Quinn.

— Provavelmente não é a primeira vez que isso acontece — murmurou Moses, então soltou um *oof* quando Liam bateu no braço dele.

21 O queijo americano é um tipo de queijo processado. Pode ser de cor laranja, amarela ou branca, é leve, salgado e levemente adocicado, tem consistência média-firme.

22 Carolina é um doce derivado do éclair, tradicional doce francês, a carolina é uma minibomba recheada com creme de chocolate, doce de leite ou creme de confeiteiro. Carolinas são especialmente comuns no estado de São Paulo, onde são encontradas facilmente em padarias.

— Está certo — disse eu —, quando estivermos todos seguros novamente e ninguém estiver marchando em nossa direção com um exército, faremos uma festa. E vamos ter hambúrgueres – hambúrgueres reais e verdadeiros.

— E batatas fritas — disse Liam.

— Rodelas de cebola.

— Cookies! — gritou alguém à nossa direita. — Cookies são o único caminho a percorrer.

— Cookies são para bebês, Rogers! — gritou alguém. Rogers estava tendo uma vida difícil.

— Nós faremos as duas coisas — prometi, alto o suficiente para o pobre Rogers ouvir. — Vamos dar uma festa no Royal Mercantile. E os drinques serão por conta da casa.

Isso foi tão aplaudido quanto você esperaria.

Capítulo 22

Reveille soou pouco antes do amanhecer para os gemidos coletivos de todos que finalmente conseguiram escapar e tirar alguns minutos para dormir. Eu caí duas vezes contra o ombro de Liam, sua mão no meu joelho. Moses estava do meu outro lado; Burke estava ao lado de Liam.

Na primeira vez, quando a trombeta soou, eu pensei que era apenas algo que aconteceu na Ilha do Diabo pela manhã. Mas então vi o grupo de oficiais – incluindo Gunnar e o Comandante – conversando à nossa frente, com expressões graves.

Pisquei acordando, observei-os por um momento, depois olhei para Liam ao meu lado. — Oi.

— Bom dia. — Ele apontou para o mercado. — A sopa foi substituída pelo cheiro de algo que os londrinos serviam aos órfãos do século XIX.

— Prefiro ver isso, eu acho. — Puxei meus joelhos e balancei a cabeça para o grupo. — Há quanto tempo eles estão conversando?

— Tempo suficiente para parecer sério.

E essa não foi a única coisa séria a se ver. Quando a luz do sol começou a mudar através da Ilha do Diabo, Malachi caminhou em direção ao mercado.

— Droga — sussurrou uma agente feminina em algum lugar abaixo da linha.

— Por que as mulheres sempre olham para ele? — perguntou Moses rabugento. — Ele é apenas um cara com asas nas costas.

— Não são apenas as asas — disse outra pessoa. — E não são apenas as mulheres.

Segurei uma bufada. Eram as asas – e a armadura dourada, escudo e cajado, o couro vermelho que ele usava embaixo dela. Ele parecia o guerreiro que era.

Ele deixou suas asas abertas, um lembrete de quem e o que ele era, e uma exigência para que a Contenção tivesse conhecimento e lidasse com isso. Era indescritivelmente valente e terrivelmente perigoso.

Tony saiu do mercado, com o copo de isopor na mão, ainda vestido com suas roupas de plumas. — Acho que minhas penas acabaram de sair do palco — disse ele, para a risada dos agentes ao longo do prédio.

Liam, Moses, Burke e eu nos levantamos e caminhamos até Malachi. Ele balançou a cabeça para cada um de nós, deixando seu olhar cair em Moses, onde ficou duro.

— Engraçado — disse Moses, arrastando os pés. Eu adivinhei que Malachi não havia aprovado o plano de Moses de voltar à Ilha do Diabo, ou não sabia sobre isso.

— Vamos discutir isso mais tarde — disse Malachi.

— Eu acho que farei as apresentações — disse Gunnar. — Comandante, este é Malachi, do exército Consularis.

— Malachi — disse o Comandante. — Como eu suspeito que você não esteja aqui para se render à Contenção, o que o traz para o Distrito?

— Guerra — disse Malachi. — Nós temos um inimigo comum.

— Humanos? — perguntou o Comandante, um teste óbvio.

Malachi, é claro, não estava confuso com a pergunta ou o insulto. — Aqueles que fazem guerra por terem feito guerra. Aqueles que matam para provar um ponto. Porque eles destruiriam Nova Orleans e aqueles dentro dela. Eu vim para cuidar de ambos. E eles não têm mais direito de matar do que a Corte fez em primeira instância.

O Comandante assentiu. — E quando a batalha terminar?

Os olhos de Malachi se endureceram. — Eu não fiz guerra contra você de bom grado, e não serei punido pelos crimes dos outros. Vou ajudar nessa luta, mas não ficarei aqui depois disso. E farei tudo em meu poder para subverter a operação desta prisão.

Se o Comandante achou o plano ou a franqueza surpreendente, ele não demonstrou.

— Ele está certo.

Sobrancelhas levantadas, o Comandante olhou para Gunnar.

— Eu vou defender a Zona — disse Gunnar. — Pelo estado de direito. Mas não vou mentir, não mais. Não podemos fingir que o mundo é tão simples quanto queremos que seja, como preto e branco.

Aparentemente, toda a Ilha do Diabo ficou em silêncio enquanto o Comandante olhava para seu segundo em comando. — E se eu pedir sua renúncia?

Gunnar tirou seu distintivo e ofereceu. — Então é seu. Eu estou de pé dentro da Ilha do Diabo. Landreaus tem estado nesta cidade por um longo tempo, e nós faremos isso de novo hoje. E quando tudo terminar, se você quiser me manter aqui, eu provavelmente não vou poder pará-lo. Mas tudo bem, porque esta é a coisa certa a fazer. O curso certo de ação, e você nunca dirá outra coisa para mim. O Congresso nunca dirá de forma diferente.

O silêncio caiu novamente quando o Comandante e Gunnar se entreolharam.

— Como se vê — disse o Comandante depois de um momento. — Eu acho que você está certo. — Ele olhou para Malachi, oferecendo uma mão. — Nós agradecemos a sua ajuda, senhor.

— Nós vamos ajudar — disse outra voz. Nedra andou na nossa direção, uma dúzia de Paras atrás dele. Homens e mulheres, pele pálida e suave. Chifres e penas. Orelhas pontudas e cabelos fluindo como água. Alguns altos como árvores, outros pequenos como pássaros, com asas que se moviam com velocidade. Aqueles, eu apostava, que eram peskies. Liam os chamara, eu acho, de *idiotas irritantes*. Mas enquanto eles lutassem pelo nosso lado...

— Não vamos nos sentar enquanto nossas famílias são alvejadas — disse uma mulher magra de quase dois metros e meio de altura, cuja pele negra como carvão brilhava como granito sob as luzes do teto.

Os outros Paras murmuraram em concordância.

— Você sabe como se proteger? — perguntou o comandante. — Como lutar?

— Eles sabem — disse Malachi. — Eu dou a você essa garantia, de um comandante para outro.

O comandante assentiu, em seguida, olhou para o seu povo humano e Paranormal.

— Eu serei franco — disse ele. — Houve mais escaramuças durante a noite. Reveillon matou mais vinte pessoas. Alguns agentes, alguns civis. Não há rede elétrica na metade sul da Zona, possivelmente por sabotagem da Reveillon. Os federais não podem deslocar pessoal, exceto a pé, até que a energia volte a funcionar, não importa quanto tempo leve.

— Então o que isso significa? — perguntou um dos agentes uniformizados.

— Significa que estamos sozinhos — disse o comandante. — Significa que esta batalha é nossa para ganhar ou perder. Esperamos que eles comecem o ataque hoje, e aparentemente, enfrentaremos isso sozinhos.

Ele deixou seu olhar cair para Malachi e Moses, para os soldados humanos reunidos na frente, e para as dezenas de homens e mulheres Paranormais que se juntaram a linha no meio da noite, que estavam dispostos a lutar.

— Parece que hoje que nós, humanos e Paranormais, temos um inimigo em comum, os humanos que querem destruir a todos nós. — Ele olhou em Malachi. — Eu não te insultarei com promessas sobre o que acontecerá quando isso acabar. Mas dou minha palavra que farei o que puder para buscar direitos e proteções para qualquer um que lute conosco e lute honradamente.

Não era uma promessa de liberdade. Mas foi, pelo menos, um passo nessa direção.

* * *

— Como uma demonstração de boa fé — disse Malachi —, deixe-me oferecer informações. — Ele olhou para o mapa da Ilha do Diabo.

— Por favor — disse o Comandante; e nós entramos.

— Vi o avanço deles do ar — explicou Malachi, e começou a apontar as operações. — Há quatro grupos, pelo que eu vi. Um vindo do rio, um do leste em Chalmette, um do norte da direção do acampamento Couturie... Ou do que resta dele, e um se aproximando do oeste, perto de Metairie.

— Quantos? — perguntou Gunnar.

— Pelo menos um mil. Provavelmente trezentos em cada grupo de terra, mais cem no rio. Acredito que haja mais no perímetro à espera de ser chamado, se necessário.

Liam colocou uma mão reconfortante nas minhas costas, e instintivamente me inclinei contra ele, grata por seu conforto.

— Essa é a melhor informação que obtemos durante toda a semana — murmurou o comandante. — Artilharia? Equipamentos?

— Eles têm vários veículos que parecem ser militares. Estão naquela coisa verde que os humanos parecem preferir. — Havia perplexidade em seu tom, o que me fez esconder um sorriso.

— Vários veículos grandes com armas montadas — acrescentou. — Vários mais com coberturas.

— Podem estar carregando pessoas, armas ou C-4 — disse Gunnar.

Malachi assentiu. — Ele parece ser um comandante muito organizado. Ou há ex-militares suficientes em sua organização para ensinar-lhe o que ele não sabe.

— Há rumores de que ele está ficando instável — disse Gunnar. — Pelo menos, é o que relataram os membros do Reveillon que capturamos até agora.

— Isso servirá para nós — disse Malachi.

— Devemos atacá-los? — perguntou o comandante.

— Sem o centro não podem aguentar — disse Gunnar. O comandante deslizou seus olhos escuros para Gunnar. — Elabore. — Se ele cair, eles desmoronam. Eles estão comprometidos, sim. Mas tanto para Ezekiel quanto para a ideia. Se nós pudermos tirá-lo, o resto perderá o foco, se separará.

— Ou criamos um mártir — disse outro conselheiro —, e eles lutam ainda mais ferozmente. Esse é o risco quando se trata de um culto à personalidade.

— Temos que tirá-lo, de qualquer maneira — disse eu, e não senti um pinga de culpa sobre isso. — Ele é um assassino em série com um exército, e vem com armas para nos matar.

Um estrondo ecoou pela Ilha do Diabo, o chão tremendo com ele. Ordens foram gritadas e homens e mulheres começaram a correr para suas

posições. Adrenalina paralisada por tantas horas de espera começou a correr por mim.

— Relatório! — gritou o Comandante, e um homem correu para ele.

— Explosão no Marriott — gritou o agente. — Granada, por relatórios preliminares. O prédio estava vazio.

A loja ficava entre o Marriott e a Ilha do Diabo. E pelo olhar no rosto de Burke, ele também sabia.

— Eles querem nos tirar de nossas posições — disse Gunnar. — Nós não vamos fazer isso. Todas as posições se mantêm ou avançam conforme designado. Ele olhou para mim, e sua expressão se transformou em pedra. Este era o rosto de um soldado, uma máscara de batalha. — Você pode acertá-lo?

Eu poderia matar a sangue frio? Ele quis dizer.

Olhei para Liam, pensando na confissão que eu fiz uma vez, na Valquíria que eu matei na casa que compartilhei com meu pai, dos dois Paras que eu matei depois disso. Eu não queria matar. Não *queria* ter que matar. Mas essas pessoas estavam determinadas a trazer guerra para a nossa porta, a matar inocentes para satisfazer o ego de um homem. Eu faria o que fosse necessário para protegê-los.

— Eu posso fazer o que precisa ser feito — disse eu.

Gunnar olhou para mim por um momento, depois assentiu. — Volte para os abrigos.

Nós assentimos. — Vamos fazer o nosso melhor — disse eu, e a companhia se separou para pegar seus postos.

— Um minuto — disse Liam, e pegou minha mão, levando-me ao fim do mercado. — Se algo acontecer...

— Vai acontecer — disse eu. — Está praticamente destinado a dar errado. Nosso trabalho é manter isso o mais longe possível.

— Então, apenas no caso disso acontecer... — Liam segurou meu rosto, beijando-me até que meu corpo se fundiu contra ele. Quando minha respiração ficou pesada, ele recuou, mas manteve as mãos nas minhas bochechas. Seus lábios estavam inchados, seus olhos escuros com desejo, com possessividade, com tristeza.

Quando assenti em compreensão, Liam baixou a testa na minha, e ficamos lá por um momento.

Quando levantei meu rosto para ele, ele pegou minha mão. Apertou-a no coração dele. — Isso é seu — disse ele. — O que quer que esteja entre nós, seja o que for que aconteça hoje, é seu.

De mãos dadas novamente, nós caminhamos para as nossas posições, para proteger aqueles que já lutaram contra nós, porque os inimigos nos tornaram aliados.

* * *

Quando Liam e eu chegamos ao prédio baixo e retangular, outro estrondo sacudiu o Marigny. Desta vez, o terremoto foi forte o suficiente para nos derrubar no chão. Sirenes de ataque aéreo começaram a soar, o som era ensurdecedor.

Os Paranormais começaram a gritar lá dentro, e as enfermeiras e o pessoal civil fizeram o melhor que podiam para manter a calma.

— O portão foi violado! — gritou o agente sobre a cacofonia do barulho. — Eles estão vindo!

Esperamos pelo que pareceu uma eternidade enquanto a luta se desenrolava à nossa frente, e a Contenção lutava contra o ataque do Reveillon. Tentamos nos manter alertas, nossos olhares esquadrinhando as ruas, procurando por membros de Reveillon que passassem pelo perímetro. Imaginando se eles viriam em uma onda, um tsunami de violência, ou um ou dois de cada vez, enquanto perfuravam a resistência da Contenção.

O som da batalha gradualmente ficou mais alto, mais perto.

Eu olhei para Liam, encontrando seu olhar em mim. Ele assentiu. — Você o encontra, ele tenta machucá-la, atire.

Não há necessidade de perguntar quem *ele* era.

Dois membros de Reveillon emergiram de um beco do outro lado da rua; ao mesmo tempo, um grito de mulher irrompeu à minha direita, sua linguagem desconhecida.

— Eu a pegarei — disse eu, e Liam assentiu.

— Vá! — disse ele enquanto se movia para encontrar os membros do Reveillon, entusiasmo em seus olhos.

Eu me mudei para o canto, em seguida, olhei ao redor da borda do prédio. Três mulheres do Reveillon apontavam para uma mulher Para – curvilínea e com pele lavanda – contra uma parede de tijolos. As três tinham pistolas e uma faixa de sangue manchava a bochecha do Para.

Dei um passo à frente e ergui a pistola. — Afastem-se! — ordenei, e esperei até que elas olhassem para mim.

— Vá em frente, traidora — disse uma delas, antes de voltar imediatamente para sua presa imaginária.

— Eu não sou a traidora aqui, mas tenho uma pontaria infernal. Vocês voltam para o portão, ou posso colocar buracos em suas roupas de linho muito bonitas. — Minhas mãos estavam tremendo, mas eu soava como Eastwood, então eu estava bem com isso.

Ela se virou para mim novamente. — E purificaremos a terra com sangue — disse ela, e levantou a arma.

Dei-lhe um rápido olhar. Ela tinha unhas e sapatos legais sem um único arranhão. Ela usava a calça e as roupas como os outros membros do Reveillon, mas os dela eram limpos e ajustados. Apostava cinco dólares que ela nunca disparou uma arma, provavelmente nunca viu um combate até se juntar a Ezekiel.

— Há sempre um — murmurei, e apontando para seu braço direito, disparei.

Ela caiu quando a bala a atingiu, derrubou a arma, agarrou o seu braço e bateu no chão. — Sua puta! Você *atirou* em mim.

— Sim, isso é o que a guerra faz com você — disse eu, e chutei a arma que ela havia largado, mantendo minha arma apontada nela enquanto eu me agachava para agarrá-la. — Todas vocês se afastem e se afastem da mulher.

Ignorando minhas ordens, uma mulher correu para aquela em quem eu atirei. A outra correu para mim, arma apontada e gritando como uma banshee.

Meu instinto era correr, então precisei me forçar a ficar de pé e encará-la, para levantar minha arma novamente. Eu atirei, acertando na coxa dela. E quando ela caiu, caiu com força.

— Sua puta do caralho! — gritou, gemendo e agarrando a perna. — Você atirou em mim. Sua fodida traidora.

— Não sou uma traidora — falei. — E ao contrário de você, nem uma idiota. — Olhei para a terceira mulher, a que ainda não havia avançado.

Eu esperava que a mão dela tremesse ou visse alguma hesitação em seus olhos. Mas a mão que levantou a arma era firme, e seus olhos estavam cheios de raiva.

— Você está arruinando isso. Está arruinando nossa chance de algo diferente. Eles arruinaram nossas vidas. Criaram a Zona. — Ao contrário da amiga mais chamativa, essa mulher parecia genuinamente irritada, genuinamente triste, e cem por cento mais disposta a morrer pelo que acreditava.

— A guerra arruinou a Zona — falei. — Mas a guerra acabou. Estamos tentando melhorar, e o Reveillon está tentando destruí-lo completamente. Agora você pode largar a arma, e não terei que atirar. Ou você pode ficar aí, e eu terei que atirar. Porque você escolheu o seu lado, e eu escolhi o meu.

Sem uma palavra de discussão, ela caiu no chão.

Eu pisquei.

Não achei que tivesse sido tão convincente. E então olhei para trás dela, para a Para com o tijolo na mão.

Ela soltou um suspiro forte e estridente.

— Bem — disse eu, olhando as mulheres de Reveillon no chão —, isso foi muito bem feito.

* * *

Ajudei a Para a voltar para o abrigo, depois saí novamente para me juntar a Liam, mas ele havia desaparecido. A construção estava silenciosa, os sons de luta ecoando de algum lugar ao leste.

Liam não teria deixado seu posto sem um motivo. Alguém ficou ferido ou alguém estava aqui...

Fui até o cruzamento e observei as ruas, o avistei virando uma esquina. Corri para o lado, percorrendo o prédio e espiando pela borda do prédio.

Ezekiel e Liam estavam no meio do parque comprido e estreito no meio da Ilha do Diabo, havia poucos metros entre eles e um grupo de membros de Reveillon ao redor deles.

Ezekiel usava roupas limpas, ajustadas e sem sangue ou sujeira. Ele ficou limpo, ele exigiu que outros matassem em seu nome.

Havia uma mancha de sangue no rosto de Liam. Com a barba escura ao longo do queixo, a camisa rasgada e solta, os olhos brilhando com a batalha, ele parecia um guerreiro mitológico, um príncipe irlandês cujo reino estava em jogo.

Eu me aproximei, procurando um lugar onde pudesse mirar, um tiro claro. E foi aí que eu vi – aquele olhar nos olhos de Ezekiel. O ódio, claro. A raiva. Mas também a fome.

Era a mesma fome que eu vi nos olhos do jovem espectro que nós levamos de volta à clínica. A fome pelo poder... E a fome de magia.

As palavras de Matachi ecoaram na minha cabeça, tão claramente como se estivesse ao meu lado. *Você tem que estar preparada para o inesperado.*

Ezekiel era um Sensitivo, e ele estava bem em seu caminho para se tornar um espectro.

De repente eu entendi o assassinato do anjo na Praça do Congo, por que Eleanor viu a mancha de magia. Ezekiel foi espectral o suficiente para matar o Para, para destruir o corpo dele na tentativa fútil de obter a magia.

Ela viu o poder sombrio de Ezekiel, o derramamento do sangue do anjo.

Todo esse tempo – todo esse ódio – e Ezekiel tinha o mesmo poder e magia contra o qual se opusera. Ele odiava a magia porque a possuía ou a despeito disso? Ele nos odiava por causa de sua própria auto-aversão, ou estava em negação de que ele se tornaria seu próprio inimigo?

Não havia nada mais perigoso do que um homem que não pudesse reconhecer sua própria hipocrisia... A menos que fossem os seguidores que

percebessem que ele era um hipócrita. Eu estava perto o suficiente para atirar em Ezekiel, mas, como o conselheiro havia sugerido, isso poderia apenas criar um mártir.

Eu precisava destruir a ilusão que ele criou primeiro. Isso poderia fazer com que seus seguidores se voltassem contra ele, e poderia acabar com a guerra.

Com a arma ao meu lado, atravessei o círculo de membros de Reveillon e entrei no gramado. Seus olhares fluíram na minha direção – Liam com preocupação, Ezekiel com excitação.

— Bem, bem, bem. Claire Connolly. Vocês dois gostam de resgatar um ao outro, não é?

Dei a ele um olhar confuso. — Não vejo nenhum de nós precisando de resgate.

Ezekiel sorriu descontroladamente. — Vocês traidores estão cercados. Isso acabou, embora eu permita que você confesse seus pecados antes de ir, se quiser.

— Você iria? Quão atencioso. Que pecados seriam esses?

Liam me observou com cuidado, obviamente tentando descobrir o que eu planejava.

Eu me movi um passo mais perto de Ezekiel, apenas perto o suficiente para deixar que ele percebesse a magia que ele sentiu no Acampamento Couturie – mas não reconheceu. E, assim como eu suspeitava, a fome brilhou em seu olhar novamente.

— Filho da puta — murmurou Liam. Ele também descobriu.

Mantive meu olhar no assassino. — Um homem muito sábio me disse que o centro não pode segurar.

— Isso significa o quê? — A voz dele estava rouca de desejo, e ele engoliu em seco.

— Significa que se você confessar seus pecados, o que acontece com aqueles que seguem você? — Dei um passo para mais perto, tornando o olhar em seus olhos voraz. — Se você disser que é um Sensitivo?

Sua expressão ficou fria. — Traidora. Prostituta.

— Talvez. Mas isso não muda o fato — dei dois passos para trás —, você tem magia.

Os membros do Reveillon olhavam de um lado para o outro entre nós, debatendo em quem acreditar.

— Eu não tenho magia! — gritou Ezekiel. Então rasgou sua camisa, revelando uma rede de cicatrizes em seu abdômen e costelas, algumas delas frescas. — Esses demônios foram extirpados.

Raiva borbulhou em mim, raiva que a recusa em lidar com Sensitivos levou a isso, que ele realmente se cortou em alguma tentativa delirante de se livrar da magia. E ao fazer isso, decidindo que havia se curado, ele eliminou qualquer chance que tinha de aprender a controlá-la, de encontrar o equilíbrio que o teria salvado.

— O demônio foi retirado! — repetiu ele, seus olhos desmentindo as palavras.

— Vamos testar essa teoria — disse eu, e enfiei a mão na magia ainda dentro de mim.

— Claire, não!

Liam sabia o que eu pretendia, e sua voz estava tingida de preocupação. A Contenção descobriria exatamente o que eu era, e eu teria que enfrentar as consequências disso.

Ele estava certo. Era um risco. Mas eu estava cansada de me esconder. Estava cansada de fingir ser algo diferente. Isso era necessário para mostrar o que Ezekiel realmente era, e eu seria amaldiçoada se a covardia me afastasse disso.

Balancei a cabeça, mas não tirei meu olhar de Ezekiel. — Está na hora, Liam. Tem que ser. É assim que isso acontece.

Como se ele sentisse a magia que eu reuni, os olhos de Ezekiel ficaram quase frenéticos de desejo. Envolvi a fúria – tingida de pena – em torno desses fios de magia, e usei-os para chicotear um facão das mãos de um membro do Reveillon, mandando-o girando em Ezekiel. Ele se abaixou e bateu no carvalho atrás dele, estilizando lacas no vento.

Antes que Reveillon pudesse objetar, pudesse amaldiçoar meu nome e minha magia, Ezekiel gritou, o som era horrível como de qualquer espectro. E

quando cantou aquela nota profana, fogo explodiu de sua boca, chamuscando uma linha na grama.

O homem podia *cuspir fogo*.

Por um momento, houve apenas choque – os membros de Reveillon horrorizados pelo homem que eles acreditavam que levaria a acusação contra magia, e agentes da Contenção confusos com a ironia. Eles imaginaram que Ezekiel estava lutando contra seu demônio da melhor maneira que ele sabia – ao extirpá-lo não apenas de seu corpo, mas de tudo.

Evitei a linha de fogo, juntando a magia para outro tiro. A raiva me deu controle, ajudou a deslocar um banco próximo para o ar e girá-lo em direção a Ezekiel. Ele se jogou no chão para se esquivar, cuspendo sua arma de fogo.

Desta vez, o fluxo foi quase rápido. Eu me esquivei, mas não rápido o suficiente para evitar as faíscas de fogo ao longo da minha perna. Eu já me queimei antes, mas isso não era uma queimadura comum. Era com raiva e farpado, como se cada lampejo de fogo fosse infinitamente bifurcado para raspar e cauterizar.

Talvez fosse hora de um plano diferente.

Ezekiel e eu nos enfrentávamos, mas a batalha ainda continuava à nossa volta. Olhei para ele, parecendo propositalmente sem esperança, mesmo enquanto reunia mais magia para outro ataque. Ou, mais precisamente, para outra saraivada.

Quando ele abriu a boca para gritar, eu forcei minha magia contra a dele, envolvendo os elos trançados de poder ao redor do fluxo de fogo. Faíscas surgiram da junção de sua magia e a minha, quando o poder lutou contra o poder.

Ele empurrou e eu empurrei, o suor escorrendo pelas minhas costas, meus braços trêmulos enquanto lutava para manter a magia voltando para mim. Ezekiel era poderoso, mas eu duvidava que ele entendesse sua própria força, soubesse como controlá-la. Não após negá-la por tanto tempo. Ainda assim, ele guerreou ferozmente, mudando o tom de sua magia para mudar sua temperatura, sua vibração, então eu tive que reagir com meus próprios movimentos. Era como controlar uma pena no meio de um furacão.

Eu estava ficando tonta, adrenalina, magia e exaustão cobrando seu preço. Um último empurrão, eu me disse. Um empurrão final, e ele cairia, e o centro teria partido. Ele estaria acabado, e com ele, o resto.

Recolhi cada grama de magia, cada fio de raiva e frustração, amarrei-os com vontade e determinação. E quando aquela trança era forte o suficiente, apertada o suficiente, eu a empurrei para ele.

Ezekiel ficou pálido... E vacilou. Telecinesia dominou o fogo, empurrando a magia dele para trás, para ele. Ela bateu nele como um ônibus, jogando-o contra o carvalho vivo atrás dele, onde caiu no chão.

Eu caí de joelhos, peito arfando.

Ezekiel estremeceu quando agentes da Contenção se aproximaram dele, e do resto dos membros do Reveillon. Mas ele ergueu os olhos ensanguentados e sorriu para mim, a mancha da morte nos cantos da boca. — Você está tão atrasada — falou ele, e apontou para algo atrás de mim, seus olhos se fechando enquanto os agentes o cercavam.

Enquanto a batalha explodia novamente ao meu redor, membros de Reveillon brigando com os agentes que tentavam detê-los, eu olhei para trás.

Liam estava sozinho no chão a seis metros de distância, o corpo estremeceu da força da magia de Ezekiel. Um tiro destinado a mim deve ter ricocheteadado, ou Liam havia entrado para me proteger disso.

— *Liam!* — gritei e corri para ele, caindo na grama ao lado dele, o medo me perfurando como a lâmina de um Paranormal.

O ombro esquerdo estava queimado, a camisa chamuscada, mas ele ainda estava respirando, o pulso batendo visivelmente em seu pescoço, o peito subindo e descendo a cada respiração. Lágrimas de alívio correram pelo meu rosto enquanto eu cuidadosamente afastava a camisa da ferida. Precisaria de uma limpeza completa e bandagem, mas Lizzie cuidaria disso. Ele estava bem.

Ele ficaria bem. Ele precisava estar bem.

Meus dedos roçaram sua pele novamente... e foi aí que senti – por baixo e por trás, passando por aqueles tremores, havia algo estranho, e no entanto, totalmente familiar. Os cílios de Liam tremularam e ele abriu os olhos, piscando para ajustar, para se concentrar. E quando seus olhos finalmente se voltaram para mim, eles brilharam dourados.

Ele estava vivo e estava... Com magia.

Não pude impedir minha voz de tremer quando disse o nome dele. — Liam.

Olhos ainda fixos nos meus, medo transformando em percepção, ele agarrou minha mão, e magia – poder – pulou como uma faísca visível entre nós. Ele apertou minha mão com força, apertou até meus ossos doerem, enquanto faíscas de magia brilhavam no ar.

— Claire — disse ele, sua voz irregular com magia, com o poder, e com o que parecia ser a crueldade do que passou por ele.

Ele era como eu agora. — Você foi atingido pela minha magia... — disse eu a ele, vendo ondas passarem pelo seu corpo —, e acho que você tem magia agora. Como Eleanor.

Retornei meu olhar para seu rosto, mas não consegui reconhecer a emoção em seus olhos.

— Magia?

Assenti. — Você ficará bem, Liam. Você está vivo — disse eu, e pressionei minha boca na dele. — Você ficará bem. — Eu olhei em volta em busca de ajuda, mas agentes da Contenção seriam inúteis aqui. — Eu vou encontrar Lizzie. Ela cuidará de você. Fique aqui e não se mova. Eu já volto.

Ele pegou minha mão, apertou-a com força suficiente para machucar. — Não, Claire... Eu não posso... Sair...

Pensei que ele não queria que eu fosse embora. — Eu já volto — assegurei a ele. — Eu prometo. Preciso buscar Lizzie.

Procurei por cinco minutos, mas não consegui encontrá-la no meio da multidão. Com medo por Liam, desisti e corri para ele. Eu esperaria com ele até que alguém viesse, alguém viria eventualmente. Ele estaria bem até então.

Mas quando cheguei ao local onde ele estava deitado, a grama estava vazia. Ele havia partido, e os agentes da Contenção lidando com os membros do Reveillon que capturaram lá, agora olhavam para mim com desconfiança.

Eles viram a minha magia.

Eles sabiam o que eu era.

Balancei a cabeça, desejando parar, pensar. Isso era para mais tarde. Liam estava aqui agora. Onde ele foi? Lizzie havia chegado primeiro a ele? Levou-o para a clínica?

Instintivamente, eu olhei nessa direção, encontrando Malachi no meio da rua. Liam estava ao lado dele, segurando seu braço ferido. Os dois olharam para mim, o olhar de Liam duro e de alguma forma estranho, Malachi, ilegível.

Lá no meio da rua, Malachi esticou as asas e colocou o braço bom de Liam no pescoço, como se estivesse se preparando para erguê-las no ar.

Mas por que ele levaria Liam? Por que não apenas esperar que Lizzie o examinasse, levá-lo à clínica?

Olhei para Liam, observei seu olhar dourado – muito parecido com o de Malachi – ficar zangado e depois se virar.

Entendimento me atingiu. Malachi não estava levando Liam para ajudar, eu percebi, os joelhos quase falhando.

Ele estava ajudando Liam a fugir.

Liam se tornara mágico, a coisa que ele odiava e temia, a razão pela qual Gracie estava morta. A razão pela qual Eleanor ficou ferida. Ele se tornaria o inimigo que caçava desde o início da guerra. Nem Paranormal e nem Sensitivo, mas certamente não um humano.

Liam se tornara um dos demônios que ele perseguia, e estava fugindo.

E estava fugindo sem mim.

Capítulo 23

Ezequiel era um Sensitivo, e ele se tornou um espectro, ou perto o suficiente para que a Contenção não se importasse muito com a diferença. Ele fez guerra contra humanos, Paranormais, Contenção. O ato de ajudar a combatê-lo seria diminuído por esse simples fato – o que quer que eu fosse, ainda era um monstro. Eu era um demônio ainda não solto, e Gunnar não podia me proteger para sempre.

Liam havia escolhido fugir. Eu não tinha mais escolha.

Gunnar estava certo sobre Ezekiel. Sem sua liderança, e com um novo entendimento de quem ele era e como mentiu, o grupo perdeu força e os sons da batalha recuaram novamente. Sem o medo de perder terreno para Reveillon, agentes da Contenção começaram a reunir seus inimigos.

Desde que provei que eu era um deles, eu precisava ir.

Corri para o Royal Mercantile, passando pelos foliões que já se reuniam em Jackson Square para celebrar com bebidas, velas e música. Alguns estavam subjugados e quietos; outros cantavam uma versão rouca de *Quando os santos entram em marcha*.

Passei correndo por eles, passando pelos Apartamentos Pontalba para o Royal, passando pelas lojas antigas e por lotes vazios, empurrando o fluxo de humanos em direção à Praça para participar da celebração.

Por mais que quisesse ser como eles, eu não era. E eu fizera isso, me expus para o mundo.

Eu estava a um quarteirão de distância da loja quando percebi quão pouco havia para voltar.

Parei na frente do que restava do Royal Mercantile, e olhei fixamente.

Eles quebraram o vidro da porta da frente, mas deixaram a correia de couro com o sino. As janelas da frente sumiram; vidro se espalhava pela calçada como neve. A loja foi destruída, esvaziada. Os bens foram roubados ou quebrados, o que era inútil e horrível.

Eu entrei do outro lado da porta, fazendo um barulho de vidro sob os meus pés, e olhei para a devastação.

Eu sabia que isso poderia acontecer, era provável que acontecesse. Mas havia uma grande diferença entre saber e realmente ver.

Tajji estava varrendo o vidro e a areia no meio da loja. — Claire! — Ela largou a vassoura e correu, me abraçando forte. — Graças a Deus. Você está bem.

Balancei a cabeça, muito dormente para reagir. — Você está bem?

— Eu estou bem. Estou bem. — Ela olhou ao redor da loja. — Quero dizer, você pode ver o que aconteceu aqui.

— Reveillon?

Ela assentiu. — Os que têm muito medo de lutar, eu acho. Eles quebraram as janelas, pegaram muito. Eram muitos. Não deixei os clientes lutarem. Eu não queria que mais ninguém se machucasse, Claire. Não pelas coisas.

— Bom — disse eu. — Bom. Você fez a coisa certa, porque você está certa... São apenas coisas. Não importa.

Alguma coisa importava agora?

— E quanto a Burke? Gunnar? Gavin? Liam? Eles estão bem?

A culpa se assentou em meus ossos. — Não sei — admiti. Eu não os vi, sabia apenas que ganhamos a batalha, que Liam partiu e que eu precisava fugir. Todo o resto era um borrão nas bordas.

Eu fui para as escadas, subindo dois degraus de cada vez para a sala de armazenamento.

— Claire! — chamou Tadjji atrás de mim enquanto eu pegava a bolsa do meu armário. Ela chegou à porta quando me levantei novamente, e olhou para a bolsa com os olhos arregalados.

— Claire, pare — disse ela com firmeza, levantando a mão. — Pare e me diga o que aconteceu.

— Nós os vencemos. Nós ganhamos. Não sei o que vai acontecer com a Ilha do Diabo, com o Paras que ajudaram. Mas nós derrotamos Reveillon. Ezekiel está morto.

— Então por que você está fugindo?

— Eu usei magia na frente da Contenção.

Ela parecia confusa. — Mas depois de tudo isso, depois de tudo, eles vão entender agora. Eles vão entender.

Balancei a cabeça. — Ezekiel era um Sensitivo.

Levou um momento para ela entender o que aquilo significava e por que isso importava. — Jesus. Ele estava virando um espectro?

Assenti. Ele estava perto o suficiente disso. — Contenção sabe que ele tinha magia, o que ele fez com isso. A destruição e a morte que ele trouxe. Para derrotá-lo, eu tive que mostrar a eles. Mas eles não mudaram de opinião sobre Sensitivos. Não agora.

Reveillon foi em sua maior parte vencido. Os Paranormais mostraram que poderiam ser úteis.

Seríamos o novo inimigo.

Tadji balançou a cabeça. — As coisas vão mudar, Claire. Elas vão. Gunnar cuidará disso. Gunnar vai ajudá-los a entender.

Gunnar faria o que pudesse dentro dos limites da lei.

— Elas podem mudar um dia — disse eu —, mas não mudarão hoje. E não posso me tornar uma prisioneira. Eu tenho que ir — disse eu, e passei por ela. Desci de novo as escadas e fui para a cozinha.

Reveillon também estivera aqui. Eles limparam quase tudo que não estava pregado. Puxei uma tábua solta, puxando a fronha de linho que continha meu estoque de emergência de arroz, feijão, cebola e água, e verifiquei se nada havia derramado. Eu me levantei e entreguei a ela.

— O que é isso?

— Comida para você e Burke. Volte para sua casa e fique lá. Gunnar ou Gavin vão procurar você, encontrar você.

— Eu não entendo, Claire — disse ela, pegando a fronha e colocando-a no balcão. — Não entendo o que está acontecendo. Onde está Liam? Ele não a deixará ir sem ele. Ele vai querer ter certeza de que você está bem.

— A magia de Ezekiel o atingiu.

Tadji pressionou a mão contra a boca, horror em seus olhos.

Minha voz soou distante, pequena. Eu estava em choque? — Ele está vivo — disse eu. — Mas... A magia o mudou. Os olhos dele... — engoli em seco, querendo me manter forte. — Eles ficaram dourados.

— Eles ficaram... — começou ela, parando ao perceber a implicação. Ela abaixou a mão. — Ele tem magia.

— Ele foi com Malachi. Partiu sem mim. Acho que talvez ele pense que é um monstro. Ou não sei...

— Não, Claire. Ele não deve ter visto você. Ele saberia que você voltaria aqui. Ele provavelmente está a caminho.

— Ele me viu. Eu o vi partir. — *Ele se afastou de mim*, eu queria dizer. Eu queria gritar. Mas essas palavras eram muito insuportavelmente tristes para expressar. Então, em vez disso, deixei o silêncio cair pesadamente entre nós.

— Ele se foi — me obriguei a dizer. — E preciso aceitar, ou não farei isso. — Engoli um soluço que queria me sufocar. — Então, vou me concentrar no próximo passo. Vou fugir. E então eu vou tirá-los de lá. Os Sensitivos, os Paras do Consularis. Não sei como, e não sei quando, mas vou tirá-los de lá. Eu não posso fazer isso se estiver na clínica.

— Aonde você vai?

Havia um lugar onde eu ainda podia ir – o lugar que apenas Liam conhecia. E onde quer que ele estivesse agora, qualquer futuro que estivesse enfrentando, ele não diria. Ele não queria pensar em mim.

— Não posso te dizer. Se eu não te disser — acrescentei quando podia vê-la se preparando para discutir —, você não terá que mentir por mim.

Fui para trás do balcão, peguei a arma e as munições do cofre, e coloquei na minha bolsa.

— E a loja?

Fechei a bolsa, olhei em volta para os restos de Royal Mercantile, do legado da minha família. Meu olhar caiu no relógio de cuco do outro lado do balcão, suas peças ainda em pilhas organizadas. Mas era apenas uma coisa, como tudo o mais na loja.

Eu olhei para Tadj. — Dê a Lizzie o que ela puder usar. Você pega a comida – entregue no Quarter, se quiser, ou leve para casa. Certifique-se de que a Sra. Proctor tenha o que precisa. Tony, talvez, caso ele precise de alguma coisa. Deixe o resto. Apenas tranque-a.

Ela parecia horrorizada.

— Não estou preocupada com a loja, Tadj. Estou preocupada com você, com Gunnar, com Burke, Liam e Eleanor. Com Moses e Malachi. O Royal Mercantile existiu antes e existirá novamente. Se não pode existir agora, que seja.

— Como você está tão calma sobre isso?

— Não estou calma. Estou com raiva e com medo de perder tudo o que significa alguma coisa para mim. Liam... — olhei para ela e não consegui impedir as lágrimas que encheram meus olhos. — Eu o amo, Tadj. Eu não queria, não com tudo... Mas eu amo.

Ela veio até mim, colocando as mãos nos meus braços. — Se ele tem magia, se ele é mágico, isso não está mais entre vocês.

— Ele fugiu, Tadj. Ele fugiu de mim, e não sei se ele voltará.

— E você? — disse ela. — Você vai voltar?

— Não sei. Quando puder. Se eu puder. — Balancei a cabeça. — Não sei.

Tadj se lançou para frente e me abraçou com força suficiente para que eu pudesse sentir os soluços que a atormentavam acariciando meu cabelo.

— Eu pensei que acabaríamos com isso, com tudo isso — disse ela. — Quando a luta terminasse, quando o Reveillon estivesse desmantelado, nós reconstruiríamos novamente, eu trabalharia na loja, Liam se apaixonaria por você, e seria isso. Nós faríamos nosso caminho, assim como fizemos o nosso caminho antes.

Não se atreva a quebrar, eu disse a mim mesma. *Ela precisa de você, então antes de se afastar, é melhor você não quebrar aqui e agora.*

Eu recuei, escovando as lágrimas de suas bochechas. — Nós vamos fazer o nosso caminho, Tadj. Nós fizemos antes, e nós faremos novamente. Mas terá que ser um novo caminho. Se você precisar de mim, se houver alguma emergência, entre em contato com Malachi. Ele pode ser capaz de me

encontrar. — Se alguém poderia encontrar um esconderijo de objetos mágicos, seria ele.

Gunnar entrou na loja. Ele parecia um pouco abatido, mas estava de pé e se movendo. O sofrimento me inundou. E depois medo e arrependimento.

— Graças a Deus — disse ele. — Eu não consegui encontrar você...

— Como está Gavin? — perguntei. — E Burke, Moses, Lizzie, Tony... Todos estão bem? Eu voltei rápido e não vi...

Eu sabia apenas sobre Malachi. Sobre Malachi... E Liam.

— Tony levou um golpe de um facão, mas ficará bem. Moses ainda está comendo sopa, eu acho. Gavin e Burke estão ajudando a Contenção a reunir o resto dos membros do Reveillon. Lizzie está na clínica. Um batalhão de Birmingham conseguiu, e eles estão a caminho. — Ele quase sorriu, mas essa esperança sumiu quando olhou para o meu rosto, depois para a bolsa em minhas mãos. — Aonde você vai? E onde está Liam?

Não consegui impedir as lágrimas que encheram meus olhos novamente. — Ele está vivo. Tadjì pode te contar o resto. Eu tenho que ir. Você sabe que eu preciso. Eu vou, ou você fica e me prende.

— Eu não vou prendê-la. — A voz dele era feroz.

— Se você não prender, então Broussard, ou Reece, ou o Comandante, ou outra pessoa. Não importa quem. Alguém estará aqui para me prender. Depois de Ezekiel, Gunnar, você sabe que eles precisam fazer isso. Pode ser uma Ilha do Diabo mais agradável e gentil, mas ainda assim será a Ilha do Diabo.

Eu podia ver que ele queria discutir, mas sabia que não havia nenhum argumento a ser feito. — Aonde você vai?

— Não posso te dizer. Há um lugar para onde eu posso ir, e estarei a salvo lá. Mas não posso dizer a você onde é.

Raiva, medo e compreensão pareciam cruzar seu rosto em turnos.

— Negação plausível, Gunnar. Você sabe que é melhor assim.

Seus lábios se apertaram, mas ele assentiu. — Como saberemos que você está segura?

— Entrarei em contato quando puder. Mantenha Tadjì segura. E a si mesmo.

Gunnar assentiu, seus próprios olhos avermelhados. — Eu te amo, Claire. Por favor, tenha cuidado.

Eu só pude acenar com a cabeça, e me obriguei a colocar um rosto corajoso para nós dois. — Eu também te amo, Gunn. Talvez isso seja apenas temporário — disse eu, pensando no que Moses dissera, na ironia de nossas posições. Ele veio de bom grado para a Ilha do Diabo; eu estava fugindo dela.

Gunnar me acompanhou até a porta, deixando Tadjì na frente do balcão. Eu olhei para ela e ofereci um pequeno aceno. Ela assentiu e levou os dedos aos lábios enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

Tudo estava mudando. A vida que eu construía para mim, arrastada por mim mesma para fora da guerra e do sofrimento, mesmo que fosse uma vida pequena, era minha. Eu tinha meu lugar, meus amigos, minha rotina, minhas concepções de quem eu era, quem era meu pai, quem eram os Paranormais. E agora tudo isso acabou. Cada pedaço foi quebrado.

Os óculos cor-de-rosa foram arrancados e pisoteados.

Mas eu estou viva, lembrei-me. Eu estava viva e fora da Ilha do Diabo, onde poderia mudar as coisas. Por enquanto, isso era o que importava. Era o que precisava importar.

O sol estava se pondo quando saímos.

E à nossa esquerda, ainda a um quarteirão de distância, três agentes da Contenção desciam em direção a Royal, indo para o que restava de Royal Mercantile. O capitão John Reece liderava a investida, e todos tinham armas aos lados.

O olhar de Gunnar se aguçou e ele se virou para eles, protegendo meu corpo com o dele. — Vá, Claire. Agora. Pelos fundos.

Entrei no beco enquanto ele gritava: — Capitão Reece. O que posso fazer por você?

* * *

Eram três quilômetros até o Apollo. Andei devagar, fiquei nas sombras e parei a cada poucos quarteirões, esperando que um carro passasse, ou um

holofote se apagasse, procurando por membros de Reveillon ainda à solta, ou pelo Sensitivo que mostrara sua magia.

Quando cheguei à estação, esperei atrás da cerca da casa vazia ao lado por quinze minutos, imaginando que qualquer um que tivesse me rastreado até ali teria se mostrado. Mas o silêncio só foi quebrado pelo zumbido dos grilos, a brisa nas folhas de palmeira.

Corri até a porta, desbloqueei a fechadura e deslizei para dentro, trancando-a atrás de mim.

Fiquei em silêncio por alguns minutos – cinco ou dez – esperando que Liam saísse da escuridão e me encontrasse, que nos consolariamos um ao outro, que ele perceberia que finalmente poderíamos estar juntos.

Que éramos o mesmo tipo de monstro.

Mas o prédio estava completamente e totalmente silencioso. Não haveria regresso a casa. Não agora.

Larguei minha bolsa no chão e a segui, deslizando até o concreto. Eu chorei até meus olhos queimarem e meu peito doer. Chorei pelas almas que perdemos naquele dia, pelos seres humanos que foram vítimas de ódio e violência, e que pagaram o preço por suas escolhas.

Chorei até estar exausta de lágrimas e emoções. Depois esfreguei o rosto com as mãos, afastei o cabelo do rosto e respirei fundo.

Não havia sentido em desperdiçar energia em arrependimentos.

Liam viria. Ele precisava.

Levantei a cabeça, olhei para o espaço e os objetos que o preenchiam. Havia tanta magia, muito potencial aqui. E muita ironia, eu pensei, que a Contenção não só não conseguiu me prender, mas eles conseguiram me mandar para o maior esconderijo de magia em Nova Orleans, talvez até na Zona.

Caminhei até a mesa mais próxima e peguei um livro de rituais de vodu e hoodoo.

Eu poderia organizar essas coisas. Poderia catalogá-las. E poderia aprender a usá-las.

Eu só precisava de um plano.